47º Festival do Folclore

Olímpia-SP

ANUÁRIO

ubileu de
axemira

ESTADO HOMENAGEADO
RIO GRANDE DO NORTE
Grupo Parafolclórico Pastoril Dona Joaquina
São Gonçalo do Amarante-RN

23 a 31 de Julho de 2011

Recinto dos Festivais do Folclore

ANUÁRIO DO

47º Festival do Folclore de Olímpia

JUBILEU DE CAXEMIRA

OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

ANO XXXVIII - Nº 41 - JULHO DE 2011

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Avenida Menina Moça, n.º 800, Vila Hípica - CEP: 15400-000 – Olímpia – SP
Telefone: (17) 3281-6786 – Fax: (17) 3281-6941
Diretor: José Sant'anna (in memorian)
Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura
Coordenadora Geral do Setor de Folclore: Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Ricardo Gonçalves - Tel. (17) 9201-9333
Impressão e Acabamento: RP Indústria Gráfica Ltda. - Gráfica São Sebastião
Rua Ângelo Fabrini nº 383 - Jd. Urupês - S.J. Rio Preto-SP - Tel. (17) 3215-0700
Fotos: Jonas Olmos - Tel. (17) 3281-8145

Edição da Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.
Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, contanto que citada a fonte.

SUMÁRIO

CHOCARRICES
Página 09

OS OLIMPIENSES E OS SONHOS
VISÃO PRELIMINAR
Página 23

O CAFÉ
Página 38

CONTOS DE ASSOMBRO
Página 31

O RIO GRANDE DO NORTE E
SEU FOLCLORE
Página 48

MENSAGENS E CONTOS
PARA VOCÊ
Página 51

O 46º FESTIVAL DO FOLCLORE
DE OLÍMPIA-SP
Página 87

ÚLTIMAS OCORRÊNCIAS RELATIVAS
AO NOSSO FOLCLORE
Página 120

RIO GRANDE DO NORTE- ESTADO HOMENAGEADO NO 47° FESTIVAL DO FOLCLORE!

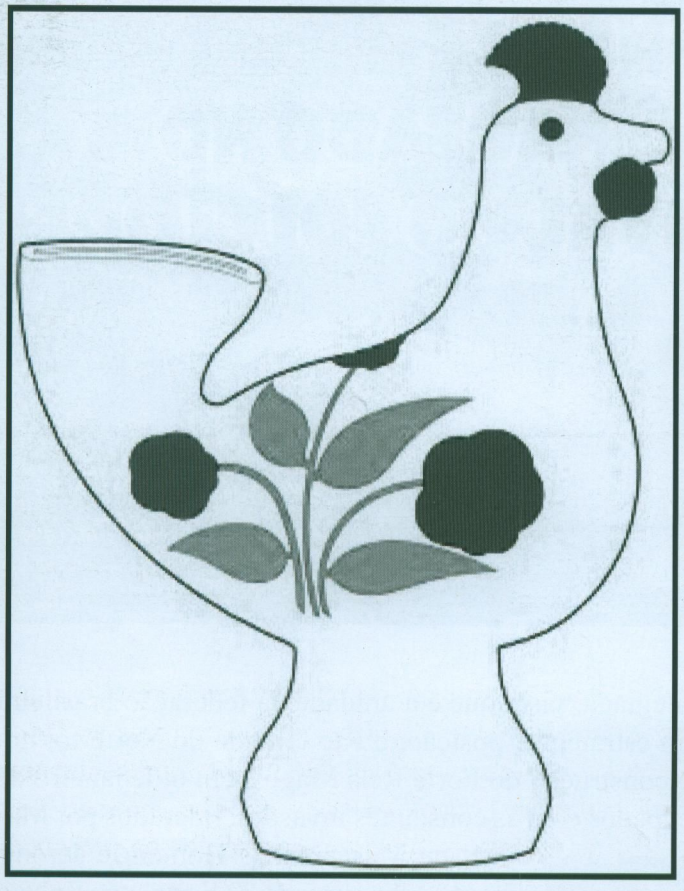
André Luiz Nakamura
Departamento de Folclore
Olímpia/SP

Em virtude de sua localização privilegiada, visto que é a unidade da federação brasileira mais "próxima" da Europa, adquirindo assim estratégica posição, o Rio Grande do Norte foi um dos primeiros Estados a ser povoado, com a construção do Forte Reis Magos, em 6 de janeiro de 1598 (Dia de Reis), pelos portugueses, preocupados com as constantes invasões, liderados por Manuel de Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque. O Forte, que tinha o propósito de assegurar a posse das terras, terminou com o domínio dos franceses, que traficavam o pau-brasil na ocasião. A supremacia dos portugueses permaneceu até 1634, quando o Forte foi tomado pelos holandeses, que só foram expulsos em 1654, depois de terem, no entanto, destruído os arquivos, documentos e registros do governo lusitano, causando dificuldades, até hoje, para a reconstituição da história da época. Em 1701, depois de dirigido pelo governo da Bahia, o Rio Grande do Norte foi submetido ao controle da Capitania de Pernambuco. Em 1817, tendo a Capitania aderido à Revolução Pernambucana, instalou-se na cidade de Natal uma junta do Governo Provisório. Fracassada a rebelião, juntou-se ao Império e veio a ser província em 1822. Com a proclamação da República, em 1889, tornou-se Estado.

Durante a fase decisiva Segunda Guerra Mundial, várias cidades do Rio Grande do Norte foram utilizadas como bases, denominadas pontes aéreas para os continentes europeu e africano.

Atualmente, segundo o último Censo do IBGE, a população do Estado homenageado no 47º FEFOL é de 3.121.451 habitantes.

Natal, a belíssima capital potiguar, abriga o maior o acervo do eminente e inesquecível folclorista Luís da Câmara Cascudo.



GALO BRANCO

O Galo Branco, símbolo do folclore do Rio Grande do Norte, é uma peça zoomórfica, uma bilha para esfriar água, em forma de galo, criada pelo artesão Antônio Soares, do povoado de Santo Antônio dos Barreiros (do Potengi), pertencente ao município de São Gonçalo do Amarante.

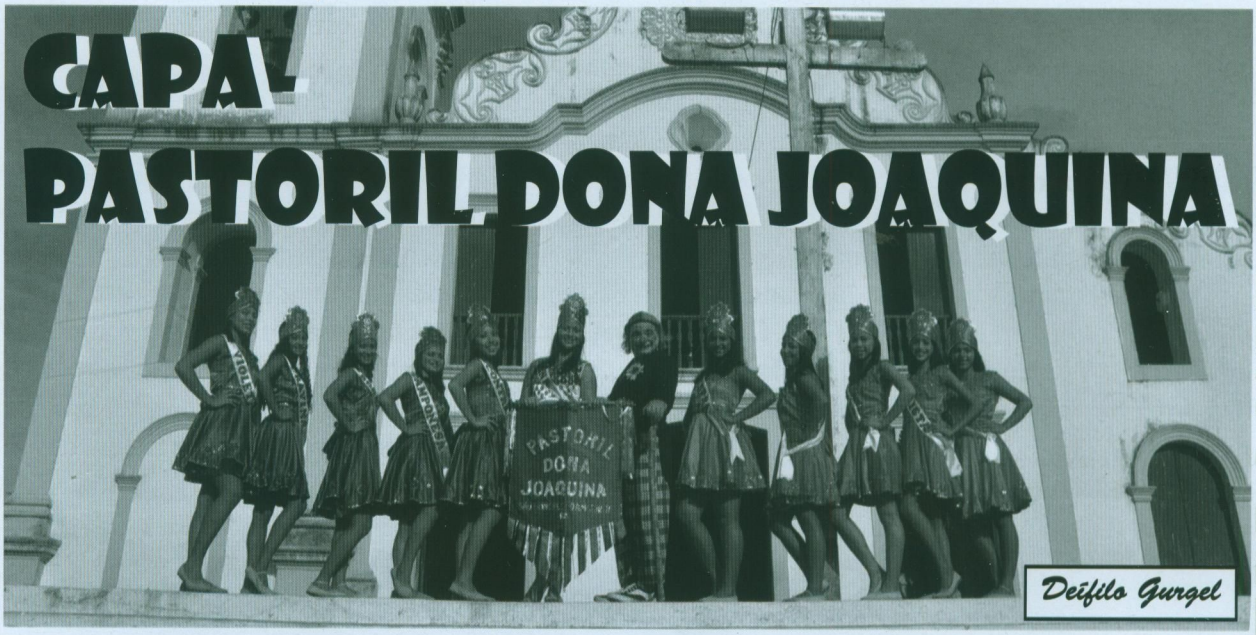
Essa obra do mencionado artesão foi escolhida para tal propósito, no final da década de 50, pelo então Prefeito da cidade de Natal, Djalma Maranhão, tendo sido oficialmente legitimada pela Comissão Norte-rio-grandense de Folclore, em 1996.

A justificativa para essa escolha é a de que o canto do galo simbolizaria a tradição lúdica e festiva do folclore potiguar.

Folguedo pertencente ao chamado "ciclo natalino", o Pastoril faz referência à adoração dos pastores ao Menino Jesus, por ocasião de seu nascimento. As "pastoras" (como são chamadas as integrantes desse folguedo) dividem-se em dois "cordões", o Azul e o Encarnado. Usam saias, blusas, aventais, portando pandeiros. Da indumentária das pastoras pertencentes a cada um desses cordões, faz parte alguma peça da respectiva cor, azul ou encarnada. Há bailados, cantos, recitativos e diálogos homenageando o nascimento do Messias. É um folguedo muito conhecido no Nordeste.

CAPA!

PASTORIL DONA JOAQUINA



O Natal é para o povo nordestino um período de festas e representações dramáticas que vão do anúncio do nascimento do Menino Jesus aos Pastores, a adoração dos pastores ao Doce Infante, a adoração dos Três Reis Magos e o Massacre dos Inocentes. Dramas e representações, numa mistura de elementos pastorais, alegóricos, bailados, textos e canções, que chegaram ao Brasil pelas mãos dos colonizadores, havendo registros destes em frente aos presépios na província pernambucana no século XVI.

Para importantes estudiosos, como é o caso do paulista Mário de Andrade, os Pastoris nunca tiveram repercussão verdadeiramente nacional. Conservaram-se na sua terra de fixação primeira: o nordeste brasileiro. Se em todo o Brasil há festas para celebrar o Natal e o presépio é utilizado em todas as regiões, os pastoris e seus dramas não se estenderam para outras regiões. É também no nordeste que ele se recria e adquire características mais populares e alegres. Ainda que permaneça uma brincadeira de mocinhas e pertencente ao ciclo de festejos natalinos, traz como marca principal a herança recebida de avós, bisavós e todas as matriarcas da região de onde se origina o grupo.

O Pastoril do Rio Grande do Norte guarda alguma coisa do espírito religioso que o caracterizou através dos anos. Dois cordões de pastoras, vestidas de azul e encarnado, cantam jornadas de saudação ao público, louvação ao Messias e exaltação ao próprio Pastoril. Sendo esta, aliás, a característica maior dos pastoris potiguares: o espírito de emulação entre grupos da mesma cidade, manifestado nas jornadas de desafio ao rival e, também, entre as duas cores com as quais se vestem. À frente dos cordões estão a Mestra – no cordão encarnado – e a Contramestra – no cordão azul – mediadas por uma pastora vestida de branco, azul e encarnado ou somente azul e encarnado, chamada Diana, que tem a função de apaziguar os ânimos. Na realidade, o caráter religioso é cheio de teatralidade, mas é nos elementos sociais profanos que ele se enche de riso e da participação popular. O sentido mais extraordinário

do folguedo é sua representação, no cortejo, nas danças ou cantorias, despertando o riso, a alegria e a participação dos que o assistem e torcem por suas cores.

Desde os tempos mais remotos, o Pastoril caiu no gosto do povo do nordeste brasileiro, e, no Rio Grande do Norte, notadamente em São Gonçalo do Amarante, cidade de origem do Pastoril Dona Joaquina, responde por uma importante parte de sua força e tradição, cuja história é motivo de orgulho para seus habitantes, permanentemente citada pelos maiores estudiosos de folclore como de uma autenticidade ímpar.

Essa recriação brasileira dos autos vindos da Península Ibérica, trazidos pelos portugueses durante a colonização, chegou a São Gonçalo do Amarante pelas mãos das famílias portuguesas advindas de Pernambuco e fundadoras da cidade, pelos anos de 1700, encontrando no solo fértil dessa região, força para persistir até os dias atuais. Oriundo dos dramas litúrgicos representados nas Igrejas, aos poucos se desvinculou dessa característica natalina, tornando-se o folguedo de maior aceitação popular no Município.

O Pastoril do município de São Gonçalo do Amarante tem uma história de mais de cem anos e o Pastoril Dona Joaquina retomou as atividades dessa manifestação há cerca de sete anos, após um período de "adormecimento" da brincadeira, trabalhando com as velhas mestras e com a autenticidade exigida pelo folclore, objetivando recuperar a paixão pela brincadeira, totalmente formado por netas e bisnetas tanto do Pastoril Estrela do Norte (décadas de 60, 70 e 80) quanto do Pastoril Flor de Lírio (décadas de 30, 40 e 50), como forma de homenagear suas mães, avós e bisavós.

Faz-se importante mencionar que em São Gonçalo do Amarante não somente persiste o Pastoril Tradicional Religioso com jornadas contando o Anúncio do Nascimento do Menino Jesus, a ida à Belém e a Adoração dos Pastores ao Doce Infante, mas também o Pastoril Profano com suas brincadeiras e canções apimentadas. Este último, no entanto, diferencia-se da versão pernambucana do auto porque, apesar das deturpações, da inclusão de música e textos profanos, nunca chegou a incorporar a licenciosidade, a imodéstia dos trajes, gestos e costumes que caracterizam o Pastoril popular de Pernambuco.

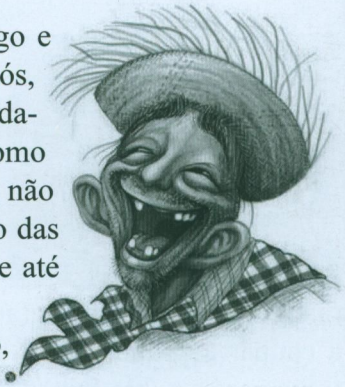
CHO CA RRI CES

Iseh Bueno de Camargo
Departamento de Folclore - Olímpia/SP

Jamais ouvi falar ou vi escrita essa palavra. No entanto, vasculhando o dicionário, atrás de vocábulos menos desconhecidos, descobri que a chocarrice vinha a calhar no contexto do que pretendo escrever para o Anuário do Folclore. Chocarrice lembra choque, tem um jeitão de coisa bizarra, risível, engraçada. Eis aí o fio da meada.

Quero fazer o riso aflorar na boca e nos lábios de todos que possuem a paciência necessária para ler de cabo a rabo os meus escritos. Não sou bem a pessoa indicada para isso. Nunca fui boa contadora de piadas, levo segundos longos e aflitivos à espera de um risinho frouxo ou gargalhada fácil, não capto o espírito do que contam com o intuito de provocar riso, não acho graça onde muitos "rolam" de rir, fico azeda com grosseiras manifestações que pedem gargalhadas _ enfim, de piadista nada tenho.

Mas, bem no fundo, sempre gostei de "contar um conto aumentando um ponto", o que levava, invariavelmente, o(s) ouvinte(s) a encarar-me como a palhaça do pedaço. E passei os quase oitenta e oito anos da minha vida rindo das fraquezas e fracassos que ouvia, fazendo alarde de fatos diferentes do esperado, arrancando risos onde menos esperava. Não sou boa contadora de anedotas. Para tal, acho que o bom contador já nasce feito ou, pelo menos, com a pinta de quem sabe arrancar risos das pedras. Todo o organismo do feliz contador de anedotas se manifesta, a fim de que o desfecho do que contou seja o mais surpreendente de todos. Aí, o riso brota fácil, a gargalhada surge quase que obrigatória. É uma arte milenar, pode até ser adquirida, desde que haja raízes para o hilário, para o risível.



Encontrei a palavra anèkdotos como sendo oriunda do grego e "mãe" da palavra anecdote que, por sua vez, serviu de berço para nós, significando "relato sucinto de fato jocoso ou curioso, particularidade engraçada de figura histórica ou lendária". E "anedotário", como coleção de anedotas. Como relaciono anedota a tudo que faça rir, não vou me ater às particularidades específicas, mas ao infinito mundo das peculiaridades que mostrem a riqueza psicológica, moral, social, e até física, impostas por uma singela anèkdotos.

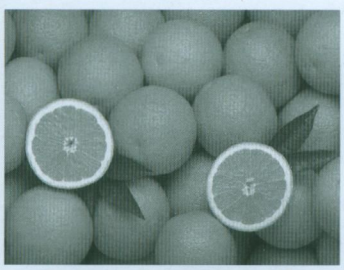
"Piada", diz o dicionário, é "um dito engraçado e espirituoso, pilhéria, chiste, chalaça picante, picuinha, ironia, remoque, conversa fiada, lorota".

"Chalaça" é "dito zombeteiro, gracejo de mau gosto ou insolente, graçola, caçoada, troça". E tudo isso apenas para falar de coisas corriqueiras que, fugindo do que se espera, levem a uma espécie de espanto e, consequentemente, ao riso, à gargalhada, como resposta positiva ao que foi falado.

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano deve ter se comunicado com seus semelhantes, procurando amenizar os fatos corriqueiros, mostrando sob uma luz mais suave os erros que constam do dia-a-dia. Escritos arcaicos contam que os grandes senhores cercavam-se de "bobos da corte", de "palhaços", de "contadores jocosos de fatos ocorridos fora do ritual".

Estudos têm sido feitos por religiosos, por filósofos, por educadores, por sociólogos, por governantes, por empresários, por comerciantes, até por pessoas de altos escalões militares, chegando, quase todos, à certeza de que "rir é o melhor remédio". Assim, é sorrindo que se vende o produto do dia, rindo é que se minimiza o sofrimento de crianças em hospitais, rindo é que os velhinhos de asilo enfrentam sua solidão. Portanto, vamos rir um pouco da desgraça alheia _ pelo menos, um sorriso torto.

É costume dividir-se as anedotas ou piadas, a fim de melhor entender o assunto. Piadas grosseiras de piadas de salão. Piadas sobre sogras, sobre padres, piadas racistas, piadas de humor negro, piadas de sexo, piadas macabras, trocadilhos, piadas de salão ou de sarjeta, uma infinidade de divisões. Como sempre gostei de misturar alhos com bugalhos, deixarei que tudo seja servido em um só prato, isto é, salada mista. Tudo na mais frontal promiscuidade. E, como não poderia deixar de ser, algumas palavras pouco delicadas irão fazer parte do mexido, não há como atenuar o impacto. É preciso fazer de conta que não foram escritas. Selecionei as menos bravas, ou seja, as mais "leves" que encontrei, que me contaram ou que eram minhas conhecidas desde tenra idade.



CULPA DAS LARANJAS

Uma mulher muito feia comprou meia dúzia de laranjas na feira. Sentou-se em um degrau de escada e pôs-se a chupar a primeira que descascou. Olhando firme para a pobre feia, o vendedor acercou-se dela e disse:

_ Minha senhora, faça o favor de chupar suas laranjas longe daqui. Pela sua cara, os demais compradores vão pensar que elas são muito azedas.

LIÇÃO ANIMAL

A professora pediu aos alunos da sua classe bem adiantada que fizessem uma pesquisa sobre diversos animais que estavam na pauta do dia. Para reavivar as ideias, começou a fazer perguntas à turma.

_ Martinha, o que fornece a ovelha?

_ Lã, professora.

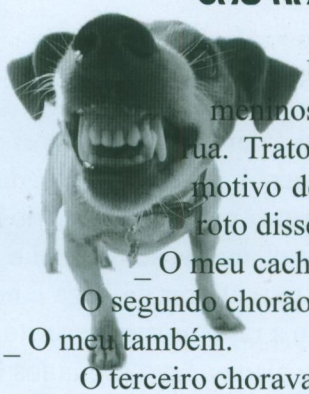
_ Muito bem! Pedrinho, o que fornecem as galinhas?

_ Ovos, professora.

_ Parabéns! Joãozinho, o que dão as vacas?

_ Lição de casa, "fessora".

CÃO RAIVOSO



Uma senhora viu três meninos chorando no meio da rua. Tratou de lhes perguntar o motivo de tanto pranto. Um garoto disse:

_ O meu cachorro foi morto.

O segundo chorão retrucou:

_ O meu também.

O terceiro chorava mais do que os outros. Daí a mulher perguntou a ele:

_ O seu cachorro também foi morto?

Ao que o menino respondeu:

_ Não, ele morreu engasgado.

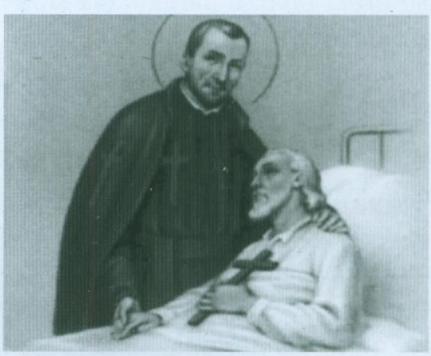
_ Engasgado com o quê?

Comovido, o menino falou:

_ Com os cachorros dos dois ali.

SEGURO MORREU DE VELHO

O velho estava nas últimas. O padre ali



ao seu lado, com a finalidade de lhe dar a extrema unção. Disse este ao velho:

_ Antes de morrer, reafirme sua fé em Deus e renegue o Demônio.

O velho nem se mexeu, só fitou o padre com tristeza. O sacerdote insistiu:

_ Filho, glórias ao Senhor, não ao Demônio.

Nada. Estranhando o silêncio do quase defunto, fez ao mesmo a pergunta:

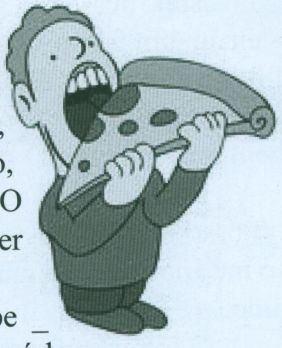
_ Por que você não canta loas ao nosso Deus e renega o Demo?

Diz o velho:

_ Enquanto não souber para onde vou, não me arrisco a ficar mal com ninguém.

CURA PASSAGEIRA

Muito abalado, um homem chega diante do médico e diz:



_ Dr., tenho um montão de doenças, tudo está ruim: rins, pulmão, bexiga, fígado, coração, cabeça, pernas, tudo. O que o senhor pode fazer por mim?

_ Não se preocupe _ diz o médico_ Vou interná-lo e receitar cinco diferentes pizzas. É a chamada "dieta da massa".

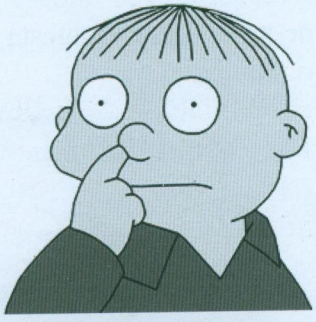
_ Pizza? Mas isso cura, doutor?

Sério, o médico responde:

_ Curar, não vai, mas é a única coisa que podemos fazer passar por baixo da porta do seu isolamento.

O DEDO DO JUQUINHA

Uma senhora ralhava com o filho:



_ Menino, tira o dedo do nariz!

Dois minutos depois, exclamou mais alto:

_ Tira o dedo do nariz do seu avô!

Poucos instantes depois, já muito brava, gritou:

_ Juquinha, tira o dedo do nariz do seu avô, se não eu fecho o caixão e tiro você do velório!

CONSERTO DE TELEVISÃO

Um técnico de televisão foi a um apartamento, atendendo a um chamado de emergência. É recebido por uma bela morena enrolada numa toalha. Ele quase não consegue fazer o seu trabalho, porque a morena não se afasta um passo. A duras penas, conserta a televisão. Aí, ela se curva para assinar o cheque, deixando aparecer quase todo o farto seio. O homem estava até verde. Ronronando, a gata lhe diz:

_ Posso pedir-lhe um favor?

Gaguejando, ele responde:

_ Pode, seja lá o que for.

E a beldade então diz, toda suave:

_ É que meu marido é fraquinho demais, doentinho...

O técnico, suando frio, quase grita:

_ Vamos, dona, vamos já ao que tem que ser feito!

Rápido, a mulher complementa:

_ Arrasta o armário de roupas do meu quarto?

PIADINHAS CURTAS E DIRETAS

1.Você sabe qual é a diferença entre a lagoa e a padaria?
R. Na lagoa, há sapinho. Na padaria, assa pão.

2.Você conhece a piada do fotógrafo?
R. - Ainda não foi revelada.

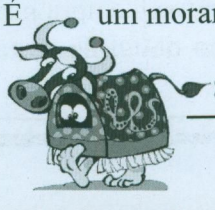
3.O gago aborda um transeunte na rua:
_ O se... senhor sa... sa... sabe on... on... onde fi... fi... ca a esco... co... cola, escola de ga... ga... gagos?
R. _ Mas para quê? O senhor já gagueja tão bem!

4.A tia pergunta à sobrinha:
_ O que você vai fazer quando tiver a minha idade?
R. _ Um bom regime.

5.O que é um ponto róseo no céu?
R. É uma gayvota.

6.O que um canibal vegetariano come?
R. A planta do pé e a batata da perna.

7. O que é um ponto vermelho pulando de galho em galho nas árvores da floresta?
R. É um morangotango.



8.Qual é a comida que se

liga e desliga?
R. É o STROG - ON - OFF (estrogonofe).

9.O que disse a banana suicida?
R. Macacos me mordam!

10.O que disse um cromossomo ao outro?
R. Ó, cromo somos felizes!

11.Por que a vaca foi pro espaço?
R. Para se encontrar com o vácuo.

12.Como as enzimas se reproduzem?
R. Uma enzima da outra.

13.Qual é o ser vivo que é um leão na cama?

R. É o camaleão.

14.Um rapaz tinha um gato chamado Tido. Estava sempre na cesta onde dormia. Uma noite, o dono chegou em casa e viu que o Tido não estava no cesto. Qual o nome do filme a que ele assistiu?
R. O cesto sem tido.

P.S.: Há muitas desse tipo. Espero trazer à baila algumas tão charmosas quanto estas.

ESTRANHO DESEJO

Um homem contou à esposa que andava louco de vontade de colocar seu órgão masculino na cortadora de pepinos da fábrica onde trabalhava. Preocupada, a mulher o aconselhou a procurar um bom psicanalista e ele prometeu pensar no assunto. Como nada resolvia, com o passar dos dias, muitos dias, a mulher, vendo-o sempre triste, disse:
_ Olha aqui, se for para viver sempre jururu, é melhor botar o seu órgão na tal de cortadeira de pepinos.

Ele olhou bem para ela, nada respondeu. Foi trabalhar normalmente e, poucos dias depois, voltou para casa mais abatido do que nunca. Assustada, a mulher gritou:
_ Céus! Você fez o que sugeri?
_ Fiz, e fui despedido.
_ Meu Deus! E a cortadora de pepinos machucou você?
_ Não sei. Ela também foi despedida.

ARMA BRASILEIRA

Três pessoas estavam em um bar: um alemão, um francês, um brasileiro. Resolveram fazer uma aposta: não pagaria nada dos grandes gastos aquele que apresentasse uma vantagem bem cabeluda.

Disse o alemão:
_ Posso ficar alguns minutos de ponta-cabeça, só me apoiando em cinco dedos. Fez, foi aplaudido.

O francês afirmou:
_ Sou capaz de plantar bananeira cantando a Marselhesa. Plantou, foi aplaudido.

O brasileiro, que não sabia fazer nada daquilo, virou-se contra a porta e soltou um estrondoso pum. Os dois estrangeiros disseram:
_ E daí?

Disse o nativo:
_ Aguardem.

Na televisão, a presidente da Argentina, Cristina Kirchner, questionava a brasileira Dilma Rousseff:
_ Que raio de arma é essa que está quase acabando com o meu povo?

SAI, LULU

Uma refinada jovem, enquanto aguardava a chegada da noiva, dedilhava músicas ao piano. Estendendo-se a demora, levantou-se de leve e soltou um

pum. Suspirou e, com gesto dengoso da mão, reclamou:

_ Sai, Lulu!

De repente, quando foi a vez do décimo pum, uma voz lá do fundo gritou:

_ Sai, Lulu, se não ela faz em cima de você!

AI, JESUS!

Tudo igual à anterior. O noivo não chega, a moça vai ao piano, só que não tem um cão. Assim, a cada desabafo, exclama:

_ Ai, Jesus!

E por aí vai. Quando chega ao décimo, vira-se ao perceber leve ruído e dá de cara com o noivo. Assustada, pergunta:

_ Desde quando você está aí?

_ Desde o seu primeiro "Ai, Jesus!"

PESANDO A MERCADORIA

Um mineiro foi conhecer a capital do Estado de São Paulo. Quando passou pelo centro velho, sentiu enorme dor de barriga. Naqueles tempos não havia sanitários públicos. Pediu para entrar no saguão de um hotel onde trabalhava um amigo. Este, por gentileza, levou-o a um quarto desocupado. Fez o que devia sobre uma folha de jornal, por não saber que aquele fino móvel de porcelana era próprio para isso. Embrulhou bem o feito no jornal e saiu para a rua, procurando uma lata de lixo. Viu um ajuntamento de pessoas, foi ver o que era. Um moço vendia balanças.

_ Meu senhor, vamos pesar o seu pacote. Aposto que foi roubado, como os outros que aqui estão já comprovaram.

Pesou, deu menos de 800 gramas. Disse o vendedor:

_ Viram, roubado em 200 gramas. Vamos ver o que ele comprou?

Abriu o pacote. Foi um sururu. O mineirinho apanhou pra caramba.

Voltou rápido para a sua terra. Ao amigo que o interpelou pelo porquê da repentina volta, exclamou:

_ Nunca mais São Paulo. Lá, se você não botar pra fora um quilo certinho, leva paulada.

AQUI, GENARO!

Maricota ficou viúva. Amava o marido. Assim, antes que o preparassem para a viagem eterna, decepou-lhe o órgão sexual e o guardou em um vidro cheio de formol, num lugar em que pudesse vê-lo, pelo menos. Certo dia, uma empregada pouco cuidadosa, espanando o pó da prateleira, derrubou o vidro e o seu conteúdo começou a saltar pela sala. A mulher não teve dúvida: arrepanhou a saia e, de pernas abertas, pulava sobre o saltador, gritando:

_ Aqui, Genaro! Aqui, Genaro!

(Esta exige gestos para a plateia).

DESNÍVEL

Dois bêbados andavam por uma rua mal iluminada, reclamando da vida que levavam. O primeiro dizia:

_ O prefeito não presta. A rua está que é só buraco. Acho que fiquei aleijado. Ando de pulo em pulo.

O outro observou bem, cambaleou e acabou gaguejando:

_ Compadre, você está andando com um pé na guia da calçada e outro na rua.

O primeiro então retrucou:

_ Puxa, o prefeito ficou com medo e fez rápido o conserto!

TAMANHOS VARIADOS

Um japonês idoso entrou em uma loja feminina e, envergonhado, pediu um sutiã. A vendedora, meio sem jeito, perguntou:

_ Qual é o seu número?

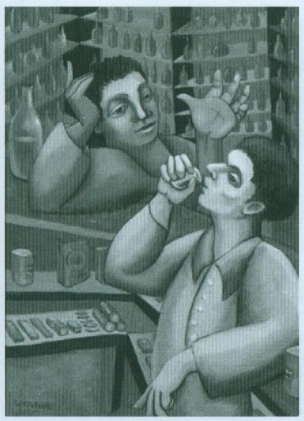
Ao que o japonês respondeu:

_ Chi! Japonês não perguntou à mulher.

A moça, percebendo o equívoco, falou solícita:

_ Seria do tamanho de duas jacas?
_ Não _ disse o japonês _ Menos...
_ Do tamanho de dois melões?
_ Menos...
_ Tamanho de duas maçãs?
_ Não... Não... Muito menos... Tamanho de ovo frito!

OUTRA DE BÊBADO



Um bêbado entrou no bar e falou:
_ Uma pinga pra mim, uma para todos os presentes, outra pro dono do bar.

Bebeu, beberam, de fininho ele se mandou. No dia seguinte, repetiu a façanha. Quando ia saindo, o dono o agarrou e deu-lhe uma pisa pra valer. O bêbado sumiu, mas, algum tempo depois, voltou. E novamente pediu:
_ Uma pinga pra mim, outra pra todo mundo.

Daí, o dono do bar perguntou:
_ E para o dono do bar, nada?
_ Não _ disse o bêbado.
_ Você, quando bebe, fica muito violento.

O MACAQUINHO ESPERTO

Um macaco subiu em uma árvore da rua e de lá não descia nem a muque. Todos imploravam:
_ Desce, macaquinho!

Ele não descia. Nada o demovia. Alguém saiu e foi atrás do padre, tido como sabido. O padre chegou, viu o que havia, tomou sua decisão: colocou a mão direita na testa, desceu para o umbigo, bateu no ombro direito e foi rápido para o esquerdo. Num zás, o macaco desceu.

No meio da multidão aturdida, alguém perguntou:
_ Padre, que reza brava o senhor fez?

Disse o padre:
_ Não fiz reza nenhuma. Só fiz o gesto: sai daí de cima, desce, se não vou serrar a árvore (O sinal-da-cruz deve acompanhar a fala).

CURA DE VIVOS

Um casal de velhinhos entrou na fila da igreja, onde um padre dizia que curava qualquer doença. Bastava que o doente pusesse a mão no lugar da doença. A velha pôs a mão no ombro, onde a dor da bursite era forte, e sarou na mesma hora. O marido perguntou:
_ Sarou de verdade?
_ Milagre! _ disse ela _ Nada de dor!

O marido, que não fora curado, correu para o milagreiro e reclamou por não ter sido curado. O padre perguntou onde ele botara a mão. Ele mostrou que era abaixo do umbigo. O padre então disse:
_ Minhas preces só curam os vivos, nunca os mortos.

QUANTOS SÃO OS MANDAMENTOS?

O bêbado foi se confessar. O padre perguntou:
_ Quantos são os mandamentos?

O bêbado disse:
_ São cento e vinte.

Disse-lhe então o padre:
_ Filho, vai para casa, leia a Bíblia e depois volte aqui.

À saída da igreja, o bêbado encontrou um amigo que também ia se confessar. Ele então perguntou ao companheiro:
_ Você sabe quantos são os mandamentos?
_ São dez, respondeu o outro.
_ Ah! Ah!, fez o primeiro. Pode voltar, pois eu, que falei que eram cento e vinte, fui reprovado. Imagina você com esses pobres dez!

PROVAVELMENTE

A professora ensinava os alunos a usar a palavra "provavelmente". Explicou que era algo que podia ou não acontecer.

_ Vamos ver se alguém pode

me dar um exemplo _ disse ela.

O menino rico disse:

_ Minha mãe pegou o Cadillac, foi ao supermercado. Provavelmente, foi fazer compras.

O de classe média disse:

_ Minha irmã pegou o Fusca, foi ao açougue. Provavelmente, foi comprar carne.

O pobrezinho falou:

_ Minha mãe pegou o jornal de cima da mesa, saiu correndo, subiu o morro. Como ela não sabe ler, provavelmente foi fazer suas necessidades.

PARENTE DO PROVAVELMENTE

Na escola, a professora quis ver quem saberia formar frases com o termos "óbvio". Falou:

_ Joãozinho, diga logo o que sabe.

E o sabidinho:

_ Minha avó pegou o rosário em cima do armário e foi para a outra sala. É óbvio que foi rezar.

_ E você, Paulinho?

_ Meu pai pegou o embornal e a vara de pescaria. É óbvio que foi pescar.

_ Carlinhos, é a sua vez.

_ Minha avó pegou o jornal e foi para o banheiro. É óbvio o que ela foi fazer, pois não sabe ler.

ROUPAS DESNECESSÁRIAS

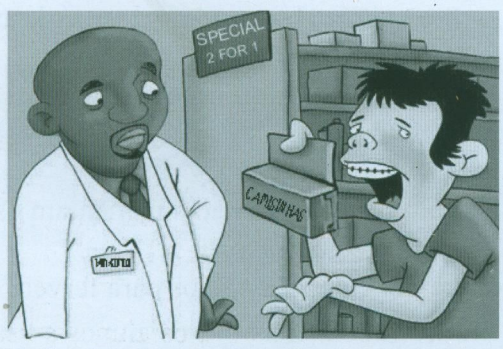
A mulher foi com o marido a uma loja e comprou um sutiã. O marido, ao ter que pagar a conta, disse:

_ Por que gastar dinheiro com sutiã, se nem peito você tem mais?

Ao que ela retrucou

_ E por que você usa cueca, se não tem nem o Joãozinho para encobrir?

A CASA DO FARMACÊUTICO



Um jovem, mal conheceu uma moça, já foi convidado para ir a uma festa na casa dela. Pelo sim, pelo não, foi até uma farmácia e comprou uma camisinha. Explicou que ia à festa de certa casa e que era bom prevenir-se. Foi à casa da moça cedo, conheceu a bela irmã, pediu licença, voltou à farmácia e pediu mais uma camisinha. O farmacêutico falou:

_ De novo?

O jovem explicou:

_ A moça tem uma linda irmã, mato dois coelhos de uma cajadada só.

Não demorou muito, retornou à farmácia. O farmacêutico disse:

_ Rapaz, que tesão!

E ele avisou:

_ É que a mãe dela é um mulherão, acho que dou conta.

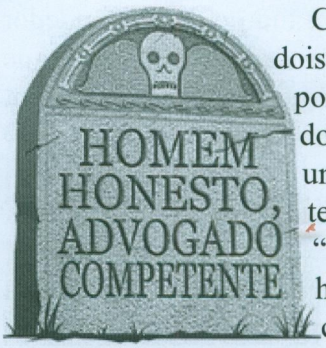
Daí a pouco, voltou à festa e ficou feito um bobo. A jovem lhe disse:

_ Puxa, você estava tão animado e agora murchou?

O infeliz então respondeu:

_ É que eu não sabia que o dono da casa era o farmacêutico!

MORTO NÃO MENTE



Certo dia, estavam dois homens caminhando por um cemitério quando se depararam com uma sepultura recente. Na lápide, lia-se: "Aqui jaz um homem honesto e advogado competente". Ao terminar a leitura, um deles virou-se para o outro e indagou:

_ Desde quando estão enterrando duas pessoas na mesma cova?

HISTÓRIA DE SÃO FRANCISCO

O bêbado entra na igreja, agarra o sacristão pelo braço e grita:

_ Me dê uma pinga!

_ Aqui não vendemos pinga, meu senhor.

_ Então eu quero um conhaque.

_ Também não temos conhaque.

_ Como não tem? Afinal, que tipo de bar é este?

_ Isto não é bar, é uma igreja!

_ Ah!... então me dê logo uma São Francisco!

MUNDO MACHISTA

Num seminário do

Movimento Feminista, uma americana fez o seu depoimento:

_ Na semana passada, cheguei em casa e falei para o John que, a partir daquele momento, ele cuidaria da casa, cortaria a grama e faria o jantar. No primeiro dia, não vi nada. No segundo, não vi nada. Mas, no terceiro, a grama estava cortada e a casa era um brinco.

A alemã contou:

_ Na semana passada, eu disse ao Hans que, a partir daquele dia, ele compraria a cerveja e cozinharia seu próprio chucrute. No primeiro dia, não vi nada. No segundo dia, nada. No terceiro, a cerveja estava geladinha no frasco e o chucrute cheiroso, na mesa.

A brasileira então disse:

_ Na semana passada, cheguei pro Zé e falei: A partir de hoje, você vai lavar a roupa, limpar o banheiro e fazer as compras. No primeiro dia, não vi nada. No segundo, nada. Só no terceiro consegui ver quanto meu olho estava inchado.

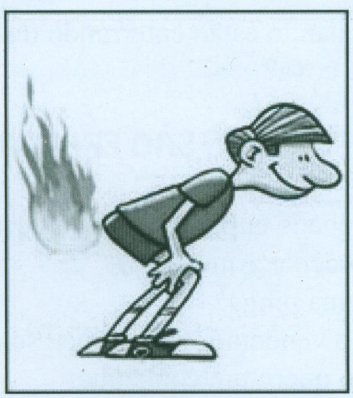
HOMEM MACHO

Um homem chegou num bar e pediu uma bebida bem forte, com tudo o que o vendedor pudesse colocar. O vendedor procurou o que havia de mais forte e, junto, colocou pimenta, pólvora e uma bala de revólver como gelo. O machão bebeu e falou:

_ Bebi tudo porque sou macho!

No outro dia, retornou e disse:

_ Quero mais da bebida forte, só que sem a bala. Porque, ao sair, soltei um pum e matei o meu cavalo.



ASSALTANTE AZARADO

Um bebum invadiu um estabelecimento comercial, apontando um revólver para o caixa. Este, todo trêmulo, disse:

_ Não! Não atire! Não temos nenhum dinheiro em caixa.

_ Não faz mal. Isto é um treino. O assalto vai ser amanhã.

PAPO DE LOIRAS

Numa conversa entre duas loiras, uma pergunta:

_ Será que faz mal eu tomar uma pílula com diarreia?

E a outra:

_ Não sei! Eu sempre tomo com água.

BAR DE MULHERES

Por engano, um bêbado entrou num bar só para mulheres. Pediu uma pinga e disse:

_ Vou contar uma piada de loira.

Uma mulher que estava ao seu lado disse:

_ Antes de contar, saiba que eu sou uma loira que mede 1,75cm de altura e pesa 90 kg. Logo ali tem outra loira, professora de kung-fu. Lá mais abaixo, há uma loira campeã de karatê. O barman é uma loira, e quem vigia a porta é uma loira com uma AK47. Você ainda quer contar a piada?

O bêbado diz:

_ Deixa pra lá, explicar a piada cinco vezes vai ser complicado!

PIADINHAS CURTAS E DIRETAS SOBRE

LOIRAS

1. Por que as loiras não gostam de usar computador?

R. Porque elas não conseguem sintonizar a Globo.

2. Por que as loiras não amamentam os filhos?

R. Porque dói colocar os seios para ferver.

3. Uma loira e uma morena foram passear no parque. A morena diz:

_ Olha, um passarinho morto! Que

judiação!
A outra loira, olhando para o céu, pergunta:
_ Onde? Onde?

4. Duas loiras estão num sítio, admirando a lua. Diz uma delas:
_ Que lua mais linda!
A outra responde:
_ É mesmo, linda demais. O que será que fica mais longe, a lua ou Londres?
A amiga então lhe diz:
_ Essa é muito fácil, sua tonta. Você por acaso está vendo Londres daqui?

5. Durante um passeio, uma loira olha para cima e vê uma pomba voando. Ao passar bem por cima dela, a pomba solta uma "bomba". Falando de um jeito meio esquisito, a loira então diz:
_ Caramba! Ainda bem que eu estava com a boca aberta, se não ela teria acertado a minha cara!

6. A loira trancou o carro com a chave dentro. Em desespero, tentando abrir a porta com um grampo de cabelo, ela diz:
_ Mas que droga! Preciso abrir logo este carro, pois está começando a chover e deixei o teto solar aberto!

7. Uma loira vem andando pela rua com um porco debaixo do braço. Uma pessoa pergunta:
_ Onde você arrumou isso?
O porco então responde:
_ Ganhei numa rifa.

8.A loira pede uma pizza por telefone. A pessoa que atende na pizzaria pergunta:
_ A senhora quer que eu corte em quatro ou oito pedaços?
Responde a loira:
_ Em quatro, por favor. Eu não aguento comer oito pedaços.

O HELICÓPTERO

Duas jovens estão no estacionamento de um shopping. Conversam animadamente. De repente, uma olha para cima e vê um helicóptero parado no ar. Exclama:
_ Olha! O helicóptero está parado no ar!
Diz a outra:
_ Será que acabou a gasolina?

TELEFONEMA

Um cara pega o telefone e liga para o hospício. Quem atende é um louco. O cara pergunta:
_ É do hospício?
E o louco:
_ Não, aqui nem tem telefone.

A CARTA

Um louco estava sentado na mesa do hospício quando chegou outro louco, perguntando:
_ O que você está fazendo?
_ Escrevendo uma carta.
_ Para quem é a carta?
_ Para mim mesmo.
_ E o que é que diz a carta?
_ Como vou saber? Ainda não recebi.

CIRURGIA DA SOGRA

Na sala de espera do hospital, o médico chegou para um sujeito que estava muito nervoso e foi logo dizendo:
_ Tenho uma péssima notícia para lhe dar... A cirurgia da sua mãe...
Rápido, o homem cortou-lhe a palavra, retrucando:
_ Não é minha mãe, é mi-

nha sogra!
_ Nesse caso _ disse o médico _ tenho uma ótima notícia para lhe dar.

SUICÍDIO

Num repente, um cara entra correndo em casa, pega o telefone e liga para o carpinteiro. Diz:
_ Socorro! Socorro! Minha sogra quer se matar. Disse que vai saltar pela janela!
O carpinteiro, sem entender o chamado, retrucou:
_ Aqui não é do Corpo de Bombeiros...
_ Eu sei, retruca o genro. É que a janela está emperrada e não abre nem a muque!

O PAPAGAIO E O MÁGICO

Um mágico trabalhava em um navio, fazendo seus truques. O comandante levava a bordo um papagaio. O mágico repetia os truques em todas as viagens, pois era sempre um novo público. E o papagaio percebeu o que o mágico fazia. Assim, no meio do show começava a dizer:
_ Vejam, ele está escondendo as flores debaixo da mesa... Vejam, ele só tem ás de espada... Olhem bem, ele escondeu o coelho na cabeça...
O mágico ficava uma fera, mas nada podia fazer contra a ave.
Um dia, o navio afundou. O mágico salvou-se em uma boia onde o papagaio se empoleirou. Nenhum falava nada. O tempo passava. Uns dias depois, o papagaio gritou:
_ Eu desisto! Onde foi que você escondeu o navio?

BOM DE BRIGA

O dono de um papagaio tinha dois bons galos de briga, aves que se pegavam e chegariam à morte se não fossem separadas. Bastava o dono gritar: pru titi pru titi, que a briga recomeçava. O papagaio, vendo os dois calmos e ninguém por perto, gritou: pru titi pru titi, e foi aquele fuá. Por azar, ele caiu entre os dois galos, foi surrado, ficou peladinho da silva. Chegando o dono, viu os galos desmaiados de um lado e, do outro, o papagaio sem penas. Perguntou:
_ Como é que um porqueira como você derruba dois grandes lutadores?
_ Ah, quando eu tiro a roupa, dois pra mim é pouco!

MUITO SUOR

O forró ia animado. Um cara desdentado, muito desengonçado, tirou a bonita filha do prefeito para dançar. Dançaram um bom trecho da música, mas a jovem o empurrou, dizendo:
_ Você sua, meu amigo.
Todo sorrisos, ele revidou:
_ Também serei seu, princesa.

O CAIPIRA E O PAULISTANO

Um quatrocentão, suado, trabalhando de sol a sol, viu um caipira folgadão se balançando na rede, pra lá e pra cá. Não resistiu e falou:
_ Você sabe que a preguiça é um dos pecados capitais?
_ Sei sim _ disse o caipira _ E a inveja também.

FEIÚRA PEGA

O bêbado chegou em casa e disse à mulher:
_ Puxa! Você é feia, hein?
A mulher respondeu:
_ Mais feio é você, bêbado do jeito que está.
Ele então retrucou:
_ É, mas amanhã eu saro. E você?

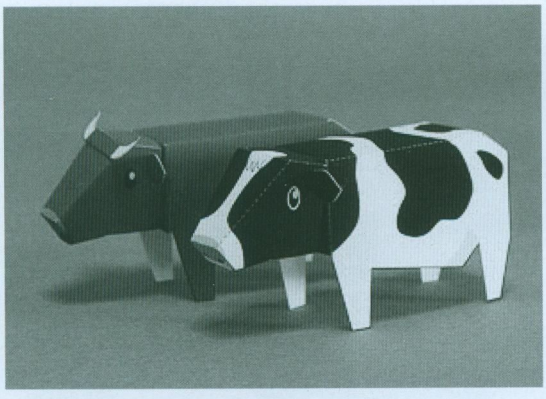
SE AJOELHAR...

Um padre ia uma vez por mês rezar missa em uma paróquia distante. Com as chuvas, a ponte rodou. Quando chegou o dia, o prefeito mandou buscar o padre, a

fim de atravessar o rio a cavalo. O padre não sabia nadar, nem era bom cavaleiro. Não queria arriscar a pele de jeito nenhum. Mas, devido às palavras firmes do sacristão, montou o cavalo e começou a atravessar o rio, rezando sem parar. O sacristão disse nessa hora:

_ Padre, é bom rezar menos. Vai que o cavalo escuta e resolve se ajoelhar!

O BOI OU A VACA



Nos tempos em que os vigários costumavam visitar os paroquianos em suas fazendas, no meio do caminho, um deles encontrou uma mocinha puxando uma vaca por um cabresto. Ela logo foi dizendo:

_ À benção, seu padre.

E ele respondeu:

_ Deus a abençoe, minha filha. Aonde é que você vai com essa vaca?

_ Vou levar no sítio vizinho para cruzar.

Preocupado, o vigário perguntou:

_ Seu pai não podia fazer isso?

Tímida, a menina respondeu:

_ Não, só o boi pode fazer isso.

BOM DOS OLHOS

Um caipira estava mal das vistas. Não tinha dinheiro para comprar óculos. Resolveu passar em uma ótica que vendia óculos usados. Havia um montão deles em uma caixa. O caipira procurou até encontrar um do seu gosto. Gritou, feliz da vida:

_ Este deu certo!

Nesse momento, passou um menino vendendo limão galego. Foi quando o caipira perguntou:

_ Menino, quanto custa cada abacate?

DEPENDE DO ESPAÇO DE TEMPO

Uma velha e uma moça foram fazer compras no Paraguai. Ao regressarem, o guarda revistou primeiro a mala da moça, onde encontrou sete calcinhas. Ele disse:

_ Nossa! Mas quantas calcinhas!

Ao que ela retrucou:

_ É que eu uso uma na segunda, outra na terça...

Daí o guarda foi examinar a mala da velha e lá encontrou doze calças. Falou:

_ Puxa! Quantas calcas! Vou lascar uma multa.

Foi então que o papagaio que sempre viajava com a mulher replicou:

_ É que ela usa uma em janeiro, outra em fevereiro...

JOGO DE TRUCO

Pai e filho jogando truco. O filho, entusiasmado, falou para o pai:

_ Truco, seu corno!

Ao que o pai retrucou:

_ Seis, filho de uma égua!

DOIS NA BRIGA

Pai e filho estavam bebendo no bar. Ficaram tão bêbados que um não conseguia reconhecer o outro. O dono falou que ia fechar o bar, os dois saíram porta afora, discutindo aos berros. Ao chegar diante de uma casa, o pai disse:

_ Vou entrar.

Disse o filho:

_ Não, quem mora aqui sou eu.

O pai afirmou:

_ Sou eu!

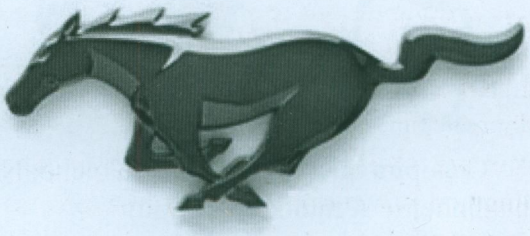
O filho berrou:

_ É minha casa!

Nisso, apareceu uma senhora à porta e disse:

_ Pouca vergonha, pai e filho brigando na porta de casa...

CAVALO VELOZ



Um homem tinha um cavalo tão veloz, tão ve- loz que, ao vir um temporal, ele c h e - gou a espora no coitado, que p r a - ticamente voava. Mas

corria tanto, tanto, que as patas da frente jogavam poeira e as de trás jogavam barro e o cavaleiro nem se molhou, tão veloz era o bicho.

O TIRO SAIU PELA CULATRA

O compadre foi à casa do amigo e cantou a comadre na sua ausência. Ela apenas pediu a ele que desse o fora, pois era hora do marido retornar. Sem jeito, ele foi dando o fora, mas o compadre o viu de longe e perguntou à mulher:

_ O que ele queria aqui?

Ela respondeu:

_ Ele só queria a sua espingarda emprestada.

Então o marido saiu atrás do compadre, espingarda para o alto, gritando:

_ Aqui pro cê!

E o compadre se escafedeu num zás-trás...

MELANCIA QUE QUASE SAIU CARA

O caipira chegou na quitanda e pediu meia melancia. O empregado não queria vender nada para esse tal e foi falar com o patrão. Não viu que o caipira foi atrás dele. Disse:

_ Não vou vender nada ao filho-da-puta que quer meia melancia.

Quando deu de cara com o caipira, que o fuzilava com o olhar, acrescentou, tremendo:

_ E este cidadão honesto também quer meia melancia.

O FOFOQUEIRO

O caipira queria jogar alto no bicho. Não tinha dinheiro. A mulher o avisou:

_ Não pode gastar o que não tem.

Daí, ele foi à igreja e se pôs a rezar diante da imagem de São Benedito. Prometeu devolver logo o dinheiro que ia levar e trazer mais um maço de velas.

Atrás do altar, havia um policial que ouviu tudo e, com pena do homem, jogou uma cédula de R$50,00. O caipira catou, correu, jogou, ganhou uma bolada. E lá se foi para o bar pagar bebida pra todo mundo. Nada de voltar à igreja. Então o policial lhe perguntou:

_ Você está se esquecendo da promessa a São Benedito?

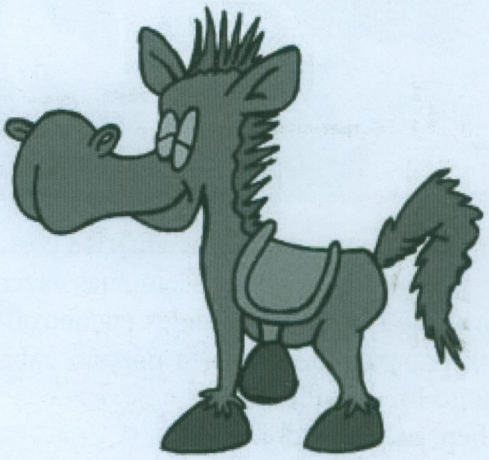
O caipira disse:

_ Já vou comprar as velas e levar à igreja.

Foi. Olhou bem para o santo e falou:

_ Tá bão! Não percisava sê tão fofoqueiro e dar parte na polícia!

DEMÃO DE TINTA



O caboclinho morava no sítio. A mulher pediu para ele ir à cidade comprar mantimentos. Ele entrou na venda, amarrou o cavalo em um pau e pediu para um homem tomar conta. Foi beber umas pingas. Quando voltou para pegar o cavalo, este estava todo pintado de verde. Louco da vida, pôs-se a gritar:

_ Quem pintou meu cavalo de verde?

Nisso, surgiu um bêbado forte, grandalhão, que disse:

_ Fui eu, e daí?

_ Bem, eu só queria avisar que pode passar a segunda mão de tinta, porque a primeira já secou.

O VALENTE AZARADO

Em um açougue da cidade, sempre chegava um valentão que pedia que lhe fornecessem dois quilos de carne, se não... Se não! A dona do açougue cansou-se de entregar carne de mão beijada e resolveu vender o açougue a um mineirinho esperto. Não lhe falou do valentão. Lá chegou ele à hora de sempre:

_ Dois quilos de carne! Se não... Se não...

O mineirinho afiou a faca e perguntou, furioso:

_ Se não o quê?

Respondeu o valentão:

_ Se não eu fico sem comer a carne.

CAMINHO DO CÉU

Chegou um padre novo à cidade. Não sabia onde ficava a igreja. Viu um bêbado na calçada e perguntou onde era. Ele explicou muito certinho. O padre agradeceu, andou um pouco e voltou, dizendo ao bêbado:

_ Filho, largue desse vício e eu lhe ensino o caminho do céu.

O bêbado lhe disse:

_ Se o senhor não sabe nem o caminho da igreja, como vai saber o caminho do céu?

FÁBRICA E FÁBRICAS

Um cara inventou uma máquina de fazer linguiça de carne de burro. Colocava um burro na máquina, do outro lado saíam linguiças prontinhas. Foi mostrar a máquina para o filho, que chegara do exterior. Ficou por ali, à espera de qualquer elogio, mas o que ouviu foi:

_ Por que o senhor não inventa uma máquina onde, se colocando uma linguiça, sai um burro?

Ao que o pai respondeu:

_ Mas essa já foi inventada por sua mãe. Coloquei nela a linguiça e saiu você.

À LUZ DE VELAS

O casal de pobres moradores de ermo rincão não tinha eletricidade na casa. Dormiam cedo. Logo que comeram o parco jantar, fizeram dois cigarros de palha e ficaram em um banquinho junto à porta, esperando passar alguém para lhes acender os mesmos, pois não encontraram um único palito de fósforo. Nada. Ninguém passou. Horas depois, o homem disse à mulher:

_ Vamos pra cama, velha. Não passa ninguém por aqui. Apaga a vela e vamos dormir sem pitar.

UM VEREADOR MUITO FRÁGIL

O vereador saiu pelos sítios a fim de angariar votos para se reeleger. Cansado, altas horas do dia, resolveu pernoitar na casa de uma senhora, cujo marido estava viajando. Disse à mulher que ficasse sossegada, ele era um homem de bem, saberia respeitá-la. Lá pelas tantas da madrugada, a mulher, querendo agradá-lo, foi tentar atraí-lo, sem resultados. Ele se manteve firme, dormiu o quanto quis.

Cedo, ao levantar-se, viu que no galinheiro havia apenas uma galinha e dez galos. Perguntou:

_ Por que tantos galos e tão pouca galinha?

Desanimada, ela respondeu.

_ Galo, é só aquele vermelhão. Os outros são todos vereadores.

ALELUIA! ALELUIA!

Um bêbado morava num sítio e, para lá chegar, passava por uma igreja evangélica. Nela, todas as vezes que aparecia um novo crente, todos batiam palmas e gritavam: "Aleluia!"

Perto da igreja, em velha árvore, havia um grande enxame de abelhas. Quando o bêbado passava por ali, uns moleques atiraram pedras no enxame e foi um bafafá. O bêbado, já picado, correu para dentro da igreja e o povo lá de dentro aplaudiu e gritou: "Aleluia!", ao que o bêbado revidou:

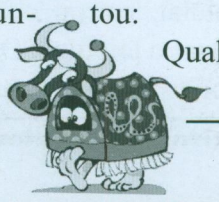
_ Aleluia coisa nenhuma, é abelha africana mesmo!

RECRUTAS DA VIRADA

Dois primos que viviam no sítio foram se alistar. Um era o Antônio, o outro o Sebastião. No quartel, o sargento chamou o primeiro e pergun- tou:

_ Qual é o seu nome?

Disse ele:



_ Meu nome é Tonho.

O sargento replicou:

_ É Antônio, seu burro. Tonho não é nome. O que veio fazer aqui?

Resposta:

_ Vim se alistar.

E o sargento:

_ Vim me alistar, pamonha.

Apontando a bandeira, disse:

_ A partir de hoje, a bandeira que aqui está será a sua mãe, retrato da sua pátria.

E o primo de ouvido em pé. Chegou a sua vez. O sargento:

_ Qual é seu nome?

_ Sebastião, senhor.

_ Muito bem _ diz o sargento _ Que veio fazer aqui?

_ Vim me alistar. O sargento achou que ele era bem melhor que o outro e tratou de apontar para a bandeira, perguntando:

_ O que é isto?

Respondeu o Sebastião:

_ Se ela é mãe do Tonho, é minha tia, sim senhor!

O PREFEITO E O PAPAGAIO

Um candidato a prefeito passava todos os dias por um estabelecimento que possuía um papagaio muito falante. O candidato passava, o papagaio dizia:

_ Bom dia!

E ele, gentil, respondia:

_ Bom dia, papagaio!

Venceu nas eleições e, já prefeito, não respondia mais o bom dia da ave. Daí, o papagaio passou a xingá-lo todos os dias, com palavrões da pesada. Certo dia, tendo que acompanhar um poderoso chefão, resolveu responder ao cumprimento. E foi a vez do papagaio berrar no seu poleiro:

_ Agora você aprendeu, seu filho-da-puta!

ALÉM DE BOBO, SURDO

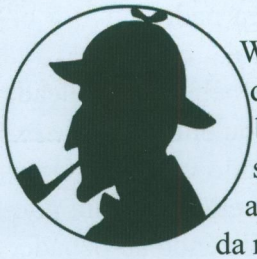
BÊBADO AO TELEFONE

Um bêbado queria ligar para casa com urgência. Não tendo celular, entrou num bar conhecido e pediu para usar o telefone. O dono mostrou-lhe uma porta onde ficava o aparelho. Ele não reparou, entrou em um banheiro. Puxou a cordinha da descarga, gritou algo e saiu.

_ Falou? _ perguntou o dono do bar.

_ Falei, mas deu um temporal lá e o barulho da água não me deixou ouvir a resposta.

PIADA VITORIOSA EM PESQUISA



Sherlock Holmes e o Dr. Watson vão acampar. Depois de um bom jantar regado a bom vinho, enfiaram-se em seus sacos de dormir e se apagaram. Lá pelas tantas da madrugada, Holmes acorda e sacode o amigo:

_ Watson, veja só que céu estrelado! O que você deduz disso?

Depois de ponderar um pouco, Watson diz:

_ Bem, astronomicamente, estimo que existem milhões de galáxias e, potencialmente, bilhões de planetas; astrologicamente, posso dizer que Saturno está em Câncer. Teologicamente, creio que Deus e o universo são infinitos. Também, dá para perceber, pela posição das estrelas, que são 3h15 da manhã. O que você me diz, Holmes?

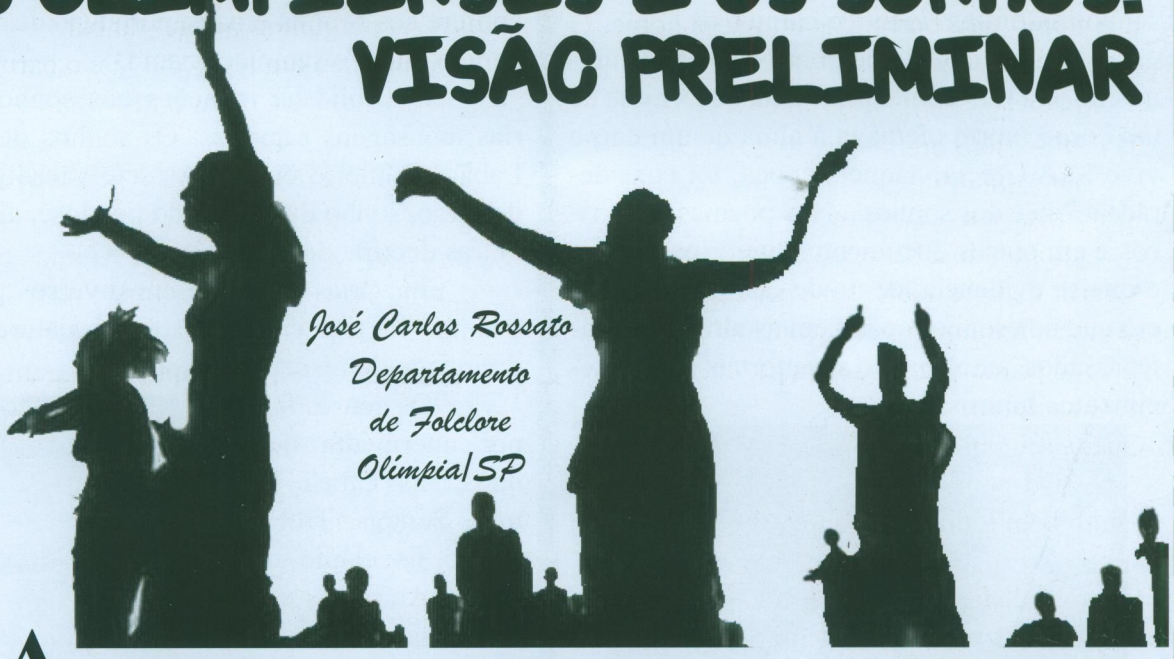
_ Elementar, meu caro Watson. Dedução: roubaram a nossa barraca!

Assim, mais de meio cento de piadas ou anedotas, com o único objetivo de, através de um simples sorriso, tornar mais leve o fardo das nossas vidas. O riso, mesmo para importantes teólogos e filósofos, é o meio mais barato de nos curar da depressão, do desespero. Se, escritas, elas perdem muito do seu rico valor, haverá sempre aqueles que, estando a seu lado, serão capazes de captar o sentido sutil de cada uma, revelando-se mais milagrosas que poções de alto custo ou clínicas psiquiátricas do mais alto nível.

É rindo que a grande maioria dos que se envolvem em lides folclóricas leva a vida. Vamos rir enquanto pudermos, não é melhor?

P.S.: Para este trabalho, recebi centenas de piadas, selecionei aquelas menos batidas, oferecidas por Alberto Luiz Massabni, pelo Sr. Luiz Sciarra, do Pesqueiro de Taiaçu, e por Jeferson Luiz Camargo, que encontrou algumas na Internet.

OS OLIMPIENSES E OS SONHOS: VISÃO PRELIMINAR



José Carlos Rossato
Departamento
de Folclore
Olímpia/SP

A circunscrição territorial olimpiense possui o total de 50.024 habitantes, consoante o recenceamento (2010) executado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupando a área de 802,7 km2 determinando a densidade demográfica de 62,32 hab./km2.

A população fixa é irregularmente distribuída(1) pela terra amada do incomparável e inesquecível cientista social, o mestre José Sant'anna (1937-1999), de forma bem visível(2).

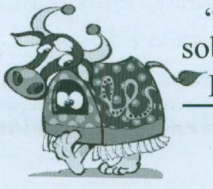
O encontro de duas linhas imaginárias cruzando-se entre si determina a posição geográfica da cidade "Menina-Moça" (3) no norte do estado de São Paulo.

Olímpia está separada fisicamente da capital cerca de 450 km lineares, através de rodovias pavimentadas e conservadas, satisfatoriamente.

Após essas singelas considerações indispensáveis, notadamente para os leitores que desconhecem a "Capital do Folclore Brasileiro", adentramos ao assunto propriamente dito.

O SONHO E O POVO

O sonho é o resultado de ideias ou imagens que se apresentam ao espírito durante o sono. O sonho (do latim somnium) é a recordação de algo efêmero; é o fenômeno, de natureza psíquica, que ocorre no inconsciente, durante o sono.



"Na antiguidade, os sonhos, eram tidos como mensagens que alguma potência sobrenatural enviava ao homem, prevenindo-o sobre determinadas ocorrências. Entre os povos primiti-

vos em que a oniromancia (adivinhação através dos sonhos) exerce papel importante, os sonhos assumiam idêntico caráter"(4).

"O sonho, visto do ponto de vista do animismo, era tido como uma visita que a alma de um corpo morto efetuava à alma de um corpo vivo"(5). A Grécia, naquela época, foi considerada a "mãe dos sonhos". Nos poemas homéricos e em outros documentos literários gregos, o que se evidencia, de modo claro, é a crença em que nos sonhos aparecem as almas dos antepassados, antecipando aos mortais os acontecimentos futuros.

A obra Eneida, célebre poema épico de Virgílio (71-19 a.C.), poeta latino, "mostra que os gregos acreditavam que os sonhos verdadeiros saíam antes e os sonhos falsos, após a meia-noite"(6).

Nos poemas homéricos, "os sonhos eram encarados como mensageiros de Júpiter"(7). Acreditava-se no caráter profético dos sonhos, crença que foi mantida de modo acentuado entre os gregos, durante longo tempo.

A sua interpretação constituía uma arte, e aqueles que se dedicassem a tal função ocupavam uma posição de prestígio na escala social.

No Egito, a interpretação dos sonhos também teve grande importância. "Os sonhos eram considerados mensagem de Ísis, deusa venerada no delta do rio Nilo. Mesmo entre os antigos chineses, os sonhos eram encarados como visitas, que as almas faziam entre si" (8).

A teosofia (doutrina religiosa que tem por objeto de estudo o conhecimento de Deus) confere aos sonhos uma importância destacada para explicar o seu mecanismo.

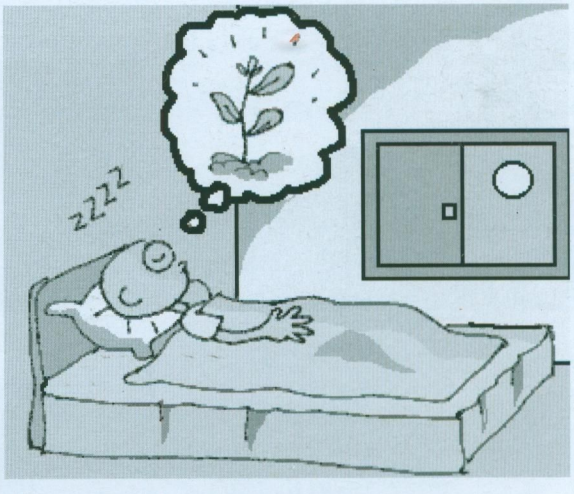
Na Bíblia há menções aos sonhos; várias mensagens sagradas. Os sonhos de Jacó, Labão, Daniel e outros. As sete vacas gordas do faraó, sonho decodificado por José, além de outras decifrações.

Em várias épocas e em diversos povos, o sonho foi tido como aviso sobrenatural e da divindade do respectivo espaço.

"Os deuses falavam por intermédio dos sonhos, Ísis, Cibele, Hemitreu, Serápis, Trobonius, Apolo, Esculápio, os adivinhos Anfiaraus e tantos outros"(9).

A História cita "Demócrito e Epicuro, nos séculos III e IV a.C. fizeram as primeiras especulações sobre os sonhos"(10).

O imperador Constantino (viveu entre os anos de 247 a 327) e foi convertido ao cristianismo por Santa Helena. Ela teve um sonho que a auxiliou na intenção de concretizar o seu intento.



COMO AS PESSOAS SENTEM OS SONHOS

Os teóricos afirmam que nós sonhamos todas as noites, mas nem sempre nos lembramos deles ao levantar. Alguns observadores e estudiosos deste assunto afirmam que não é possível lembrar dos sonhos porque o corpo se encontra bem cansado. O povo diz que se não passarmos a

mão na cabeça, com certeza nos lembraremos do sonho. Ouvimos, em outra oportunidade, de outras pessoas: se o indivíduo, ao acordar, virar o travesseiro, se lembrará após se levantar. Os sonhos ruins, como morte, acidente e assemelhados, indicam o contrário, ou seja, se afiguram presságios muito bons. O inverso é também verdadeiro, ou seja, não é nada bom. Em suma, o sonho deve ser decifrado e interpretado.

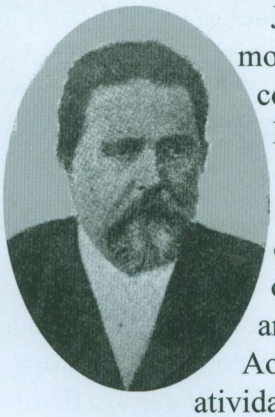
Os nossos colaboradores informaram-nos o valor da decodificação para as pessoas que gostam de jogar em loterias: a federal e as estaduais (poucas unidades federativas mantêm esse tipo de jogo). Existem outras tipologias de apostas, a saber: Lotofácil, Quina, Lotomania, Timemania, Dupla Sena, Lotogol, Mega-Sena e Loteca, conhecida também por Loteria Esportiva.

Além disso, a população tem o hábito do jogo do bicho, por ser mais popular e ter mais de uma extração no dia. Essa modalidade de aposta é clandestina, no entanto, está presente à luz do dia para quem quiser apostar. Está proibido em todo o território nacional, desde 30 de abril de 1946(11).

JOGO DO BICHO

As pessoas de menor poder aquisitivo gostam de "fazer uma fezinha no jogo do bicho" (apostar).

Carnaval, futebol e o jogo do bicho são as três maiores sensações ou tentações que mais empolgam e unem o nosso povo. O samba tem suas raízes na África, o futebol é tido como sendo da Inglaterra, porém, o jogo de bicho é nosso. Não há recanto do espaço brasileiro que desconheça o jogo do bicho e não existe nada melhor que ele para caracterizar o povo brasileiro. Foi criado logo após o advento da República (1889) por um representante da nobreza brasileira, o Barão de Drummond. Tudo indica que esteja nisso o carisma que o envolve e garante a sua preservação.



João Batista Viana Drummond (1825-1897), mais conhecido por Barão de Drummond, fundou o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro (1888). A lei orçamentária privilegiou o zoológico com a verba anual de dez contos de réis. Ao completar um ano de atividades, estavam evidentes as dificuldades financeiras. Com isso, o Barão Drummond autorizou cobrar ingressos dos visitantes. Resultado: a frequência diminuiu radicalmente. A solução não era fácil, no entanto, os frequentadores precisavam voltar. E como?

Foi apresentada a ideia do jogo do bicho, objetivando sanar a precária situação econômica, e, assim, entrou em vigor.

COMO É O JOGO DO BICHO?

Esse jogo nos dias que correm está espalhado por todo o espaço territorial brasileiro, até nos mais distantes rincões. Atinge o povo completamente, folclorizando-se. Abrange vinte e cinco animais, correspondendo, cada um, a quatro dezenas e as respectivas quarenta centenas e quatrocentas milhares.

Os bichos são: 1 - Avestruz (01 a 04), 2 - Águia (05 a 08), 3 - Burro (09 a 12), 4 - Borboleta (13 a 16), 5 - Cachorro (17 a 20), 6 - Cabra (21 a 24), 7 - Carneiro (25 a 28), 8 - Camelo (29 a 32), 9

- Cobra (33 a 36), 10 - Coelho (37 a 40), 11 - Cavalo (41 a 44), 12 - Elefante (45 a 48), 13 - Galo (49 a 52), 14 - Gato (53 a 56), 15 - Jacaré (57 a 60), 16 - Leão (61 a 64), 17 - Macaco (65 a 68), 18 - Porco (69 a 72), 19 - Pavão (73 a 76), 20 - Peru (77 a 80), 21 - Touro (81 a 84), 22 - Tigre (85 a 88), 23 - Urso (89 a 92), 24 - Veado (93 a 96) e 25 - Vaca (97 a 00).

Recorda-se que o jogo do bicho é ilegal, proibido pelas autoridades competentes. Mesmo assim é realizado e os resultados são divulgados por parte da mídia escrita, assim como são afixados em locais públicos, nas paredes para o público-apostador tomar conhecimento. São coisas do Brasil, país que ignora a seriedade. Há leis? Um volume incontável, porém, são cumpridas quando interessa. Quando perguntavam ao então presidente do Brasil: Getúlio Vargas (1883-1954), e a lei? O caudilho respondia: a lei, ora a lei; a lei é para os adversários, para os amigos, não precisa de lei.

O número é tão fácil para o povo, que até os analfabetos o usam; está na cabeça do povo. Seria por esse motivo que nas eleições os números são usados? Nem tenha dúvida, há poucas décadas votavam-se em nomes.

Quem não conhece a Paratodos, abreviada por PT (não é a sigla do partido político)?

Ela é que representa o jogo do bicho. O "bicheiro" (quem anota o jogo que o cidadão pretende e recebe o valor correspondente) passa a aposta para o "banqueiro" (esse recebe, banca o jogo e paga ao "bicheiro" as apostas que acertaram os números, após a extração).

Os viciados em apostar optam pelos números que encontrar, seja da casa de moradia, chapas de carros, motocicletas, bicicletas, caminhões e outros. Mas os sonhos é que representam fortes sinais para em qual bicho apostar, valendo-se os contumazes jogadores das interpretações de seus sonhos para procederem à fezinha no jogo.

ONIROMANCIA POPULAR

Eis a lista de parte dos sonhos levantados e seus significados. Por visíveis motivos, os termos empregados, foram distribuídos em ordem alfabética.

A

ADULTÉRIO Aparecer em adultério, desunião familiar. Presenciar adultério: receberá uma grande ofensa.

ALEGRIA Bom sinal.

ALIANÇA Símbolo sexual feminino.

ALUGUEL Dever aluguel significa perseguição. Pagar aluguel, cuidado com os inimigos. Receber aluguel, sinal de ótimas notícias e novas amizades.

AMEAÇA Novas conquistas no amor. Mudança de casa.

APARTAMENTO Morar em apartamento, indica solidão. Apartamento em desordem, maus presságios. Apartamento bem organizado, solidão.

B

BANHEIRO Se estiver limpo, tudo bem. Banheiro sujo, desordem. Banheiro lindo e sujo, criatividade reprimida. Banheiro bonito e limpo, vitória à vista.

BANHO Ficará livre.

BAR Desavença no lar ou no trabalho.

BARULHO Perturbação.

BISCOITO Comer, lucro, vender, boas notícias.

BRIGA Vingança.

BRINCO Promessa.

C

CACHORRO Lealdade, alegria, satisfação.

CAMA Problemas.

CAMINHO Segurança. Se for tortuoso, insegurança. Perdido em um caminho, o sonhador está indisciplinado.

CANETA Prosperidade.

CARNE Saúde.

CHORO Boas notícias.

CHUVA Fartura.

CARTA Recebê-la é sorte; enviá-la é saúde.

CACHAÇA Viagem para outro estado, ou país vizinho.

D

DESASTRE Cuidado com os invejosos

DESMAIO Cuidado.

DISCUSSÃO Injustiça breve.

DROGA Muito cuidado, evite conversar com pessoas suspeitas.

E

ELEVADOR Progresso.
ENFEITE Lucro inesperado.
ESMOLA Atraso de vida.
EXPLOSÃO Prejuízo.

F

FÁBRICA Progresso.
FARMÁCIA Situação instável.
FAVELA Morar numa, prejuízo. Visitar uma: negócio duvidoso.
FILA Dificuldade financeira.
FOGO Pureza.

G

GANHAR Recuperação de amizades e dinheiro.
GASOLINA Problema.
GAVETA Boas notícias.
GELADEIRA Festa.
GORJETA Suborno à vista.
GRAMA Progresso.

H

HEMORRAGIA Cuidado que algum ruim aparecerá.
HOMEM Se estiver calmo, boas notícias; se estiver bravo, cuidado.

I

IGREJA Sorte em loteria.
INCÊNDIO Más notícias.
INFIDELIDADE Decepção.
INSETO Pessoas indesejáveis à vista.
INVERNO Decepção no amor.
IRMÃO Necessidade de proteção.

J

JARDIM Se estiver florido, felicidade; se não tiver flores, situação difícil.
JUIZ (autoridade) Prosperidade.
JURAMENTO Paz no bar e no trabalho.

L

LÁGRIMAS Dificuldade à vista.
LAMA Alegria.
LANTERNA Dificuldades.
LÁPIS Progresso financeiro.
LIVRO Desentendimento no lar e no serviço.

M

MACHUCADO Tristeza no lar e no trabalho.
MANSÃO Será molestado.
MEDALHA Progresso.
MÉDICO Dinheiro à vista.
MEL Cura de moléstia, prosperidade.
MILAGRE Recuperação da saúde.
MILITAR Decepção inesperada.
MOTEL Vida inconstante.
MURO Aborrecimento no lar e no trabalho.
MÚSICO Tristeza.

N

NASCIMENTO Futuro bom.
NOITE Dificuldades financeiras.
NOIVA Casamento de pessoa próxima.
NÚMEROS Cada número tem o seu valor específico.

O

OFICINA Lucro.
ÓLEO Prejuízo à vista.
OVO Futuro excelente.

P

PALCO Felicidade.
PÃO Vida longa, progresso, estabilidade econômica.
PARQUE DE DIVERSÃO Paz, felicidade e bons negócios. Andar em brinquedo, novidade.
PARTO Assistir a um parto, boa sorte, notícias agradáveis. Parto feliz, fim de sofrimento, felicidade.
PAZ Discussão, discórdia.
PEDREIRO Coloque a vida em dia.
PENTEAR Paciência. Pentear-se, boas oportunidades de trabalho.
PERFUME Alegria em casa e no trabalho. Vender um perfume, progresso. Ganhar um perfume, boa saúde e felicidade no amor.
PE-RIGO Bom projeto, boa administração.

PESADELO Traição.
PESCAR Acidente onde poderá perder pessoa próxima.
POLÍCIA Saúde boa, porém, a pessoa ficará debilitada, se não se precaver.
POLÍTICO Ambições ilimitadas.
PONTE Mudanças benéficas. Atravessá-la, ruínas. Vê-la apenas, obstáculos surgirão em sua vida.
PORTA Mudança no trabalho. Se estiver fechada, obstáculos.
PRISÃO Solidão.
PROCISSÃO Bom sinal, sorte, vida honesta.

Q

QUEDA Muitas atividades, ganhará brindes e poderá até ser premiado pela loteria.
QUINTAL Felicidade em família, receber visitas.

R

RÁDIO Boas notícias de amigos distantes, visita inesperada.
RECONQUISTAR Más notícias da pessoa amada.
REFEIÇÃO Ambiente familiar sadio.
REFRIGERANTE Será convidado para festa.
REMÉDIO Problema com difícil solução.
RUA Vazia, dificuldades, repleta, boas amizades.

S

SABÃO Sucesso. Lavar as mãos com sabão, vida sem problemas.
SALA Estando em uma sala, romance à vista. Escorregar em sabão, dificuldade econômica. Lavar roupas com sabão, vencer na vida.
SALÁRIO Alegria, felicidade.
SANTO Pense melhor para resolver o seu problema. Se o santo for de sua devoção, tomará importante solução.
SINO Ouvi-lo é sinal de desavenças entre amigos ou familiares.
SOLDADO Falsas amizades, perda de amigos em acidentes.
SUICÍDIO Tristeza profunda que fará restabelecer amizades consideradas impossíveis.

T

TÁXI Desilusão na família.
TELEFONE Receberá boas notícias de pessoas que residem fora do país.
TELEVISÃO Boas notícias. Sonhar com televisor: má notícia.
TINTA Falha difícil de corrigi-la.
TIRO Momento difícil. Se forem vários, problemas acontecerão.
TOALHA Felicidade, se ela for de banho; se pequena, momentos agradáveis. Se for uma toalha molhada, sorte. Seca, dificuldades.
TRAIÇÃO Surpresa desagradável.
TROFÉU Sucesso à vista.

U

UMBIGO Sorte, felicidade, boas notícias.
UNIFORME Boa sorte nos jogos.
URINA Fim de problemas desagradáveis.

V

VAGABUNDO Desentendimento no lar.
VAGA-LUME Realização de um desejo antigo.
VELA Sucesso em tudo que for fazer.
VELHO Fim dos problemas.
VENDEDOR Receberá as contas em atraso.
VIDRO Se estiver limpo, receberá o apoio dos familiares e no serviço. Se estiver feio, sujo, terá obstáculos difíceis.
VISITA Visitar um asilo, desapego e prosperidade. Receber visitas, melhoria no ambiente familiar.
VITRINE Decepção amorosa, sensação de derrotado.
VOAR Despreocupação com a dívida e os problemas financeiros.

X

XINGAR Vingar-se das pessoas que o prejudicaram, recentemente.

Z

ZELO Enfrentar problemas insolúveis.

OS SONHOS NA COZINHA TRADICIONAL

Um doce muito conhecido é o Sonho, preparado basicamente à base de farinha de trigo, ovos, manteiga. É bem divulgado em Portugal; é muito provável que os colonizadores trouxeram o sonho para enriquecer a culinária brasileira.

Uma iguaria bem ao sabor do povo olimpiense é conhecida por sonho. Será que há uma pessoa nesta cidade que não tenha consumido sonho? Certamente é muito difícil. Coletamos receitas entre as doceiras. No entanto, apresentamos apenas duas.

SONHO

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de farinha de trigo, 2 xícaras (chá) de água, 6 ovos, ½ colher (chá) de sal, ½ colher (chá) de canela em pó, ½ colher (chá) de açúcar mascavo, 2 xícaras (sopa) de manteiga.

Preparo: Ferver a água com o sal. Juntar a manteiga; em seguida a farinha de trigo peneirada, de uma vez. Mexer sem parar, até desgrudar do fundo da panela (ponto de angu). Após o cozimento, tirar do fogo e deixar esfriar. Acrescentar os ovos, um de cada vez, sovando até que a massa fique lizinha. Fritar em óleo quente as colheradas, em panela de alumínio fina. Retirar, quando as bolinhas estiverem douradas, e passar no açúcar misturado com a canela.

Observação: Caso goste pode cortar as bolinhas ao meio e recheá-las com doce de leite, goiaba ou outro.

Informante: Maria Jesus de Miranda, em 1987.

SONHO 2

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de manteiga, 7 colheres (sopa) de açúcar bem cheias, 1 colher (café) de bicarbonato, ½ kg de farinha de trigo, ou pouco mais, se necessário, 4 ovos, 1 colher (café) de canela moída.

Preparo: Misturar bem o açúcar, a manteiga, a canela, o sal com os ovos. Juntar devagarzinho e aos poucos, a farinha de trigo, bem peneirada, sovando até dar o ponto de enrolar. Levar ao forno. Após bem assado, enrolar bolinhas pequenas (porque crescem muito). Colocar em uma caçarola, ½ litro de óleo, misturado com uma colher (sopa) de álcool, longe do fogo. Após o álcool e o óleo, levar ao fogo para fritar os sonhos, em óleo quente, mas não excessivamente.

Observação: Se preferir pode rechear os sonhos com geléia.

Informante: Zaida Maria Ferraz Arruda (mais conhecida por Zaidinha, para diferenciar da mãe dela), em 1994.

PALAVRAS FINAIS

Como fizemos a recolha de diferentes pessoas, em circunstâncias antônimas, por vezes, para uma palavra ou sonho, o resultado foi oposto. Não houve, em determinadas situações, unanimidade. Aliás, Nelson Rodrigues (1912-1980) afirmou:

"Toda unanimidade é burra".

Sentimos que estamos percorrendo o caminho correto. Neste ensaio preferimos não adentrar na dicotomia dos opostos. Esses exemplos estão em nossos arquivos para futuro aproveitamento. Nem por isso deixamos de aceitar a realidade em que inquirimos. Assim, os sonhos são, por vezes, relativos ao modo de vida e do nível socioeconômico; as mulheres podem ter sonhos diferentes dos homens; as crianças têm sonhos que não são iguais aos dos adolescentes; também há desigualdades entre os sonhos do terceiro e do quarto sexo; os sonhos dos pobres diferem das outras classes sociais; os rurícolas produzem alguns sonhos opostos aos citadinos, e assim por diante. É bem interessante. Exemplificando: em todas as classes socioeconômicas os indivíduos de faixas etárias diferentes, de sexo desigual, e de outras eventuais desigualdades podem sonhar com uma matilha, no entanto, podem ter explicações anômalas. A criança poderá sentir, pelo cão, um companheiro para brincar; o adolescente,

tê-lo como acompanhante em uma caminhada; o adulto poderá sentir o cachorro com um acompanhante à caça ou à pescaria; uma mulher poderá sentir o animal pela fidelidade. Um indivíduo que pensa em opulência, sentirá o cão como aumento do patrimônio; e assim por diante. Os sonhos, em suma, dependem, em tese, do meio ambiente em que as pessoas estão inseridas. Naturalmente poderão ocorrer exceções, já que toda regra não está isenta de reconhecer uma ou mais exclusões ou inclusões. Certamente por esse viés o estudo desse assunto é tão fascinante, deslumbrante, sedutor. Os estudos oníricos são semelhantes a um sonho que poderá deixar marcas, ou não: ser decodificado, ou não; ser salutar para a pessoa, ou não. Enfim, o povo sente conforme está vivendo.

REFERÊNCIAS

(1) A rigor, a sede municipal, consoante o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística possui 47.244 pessoas, sendo que há 1.678 mulheres mais que os varões.

(2) A população flutuante é proveniente dos turistas atraídos pelas águas quentes das Termas dos Laranjais, Festival do Folclore, festas religiosas ou profanas, outros eventos, além dos indivíduos atraídos pela função do trabalho, especialmente proporcionado pela usina açucareira. Imperam os nordestinos, embora exista também o processo migratório dos municípios adjacentes, como das unidades federativas vizinhas, atendendo a demanda ocasionada pela sazonalidade.

(3) Paralelo 20°44' latitude sul e meridiano 48°55' longitude oeste.

(4) Dicionário do Folclore Brasileiro.

(5) Alayde Hallal.

(6) Genny Alberini.

(7) Aparecida Vieira.

(8) Yolanda Vargas Ferrari.

(9) Clacy Zan.

(10) Padre José Serrat.

(11) Nosso Folclore.

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro, 9ª edição. São Paulo: Global, 2000.

ROSSATO, José Carlos. Nosso Folclore. São Paulo: Soma, 1987.

ROSSATO, José Carlos. O folclórico jogo do bicho in Folclore. Guarujá: Associação de Folclore e Artesanato, 1994.

ROSSATO, José Carlos. Olímpia, Capital do Folclore in Cidades em Prosa & Verso. Varginha: Alba, 2006.

INFORMANTES

Sem contar, evidentemente, os informantes mencionados no interior do texto, contamos com a boa vontade das seguintes pessoas:

1. Ademário Rodrigues (Mário). 2. Aparecida Dias Novais (Cida). 3. Devanir Marques (Deva). 4. Edvaldo Marins (Valdo). 5. Jacira Costa e Silva. 6. Jane Coutinho. 7. Jeanie Kelly Matos (Jani). 8. Jéssica Silva Zuchetti. 9. Jesuína Pascoal. 10. Joana Boaventura (Jô) 11. Josefa Prince Silva. 12. Joice Aline Almeida. 13. José Cláudio Ferreira. 14. Josefa Miranda. 15. Josué Vieira Campos. 16. Judite da Silva. 17. Juliana Neco Pedreira. 18. Juliene Souza. 19. Kamila Alves. 20. Karina Ribeiro. 21. Kátia Lima Souto. 22. Laércio Ruiz Almeida. 23. Lana Cristina Reis. 24. Larissa Melo de Sá. 25. Lázaro Perineli Santos (Lazinho). 26. Laura Laureano (L2). 27. Laurinda Gonçalves. 28. Lautira Carvalho. 29. Leandra Vasconcelos. 30. Leandro Maciel. 31. Leia Ramos. 32. Leila Conceição Santos. 33. Leni Nascimento. 34. Lígia Silva Morelato. 35. Lilian Carvalho. 36. Lindomar Castilho. 37. Lino Medeiros. 38. Lizandra Dezan Birer. 39. Lorival Dutra. 40. Lucas Dan Carneiro. 41. Luciana Campos Brito. 42. Lucineia Ozório Gato (Neia). 43. Luiz Carlos Nunes. 44. Luiza Garcia. 45. Luzia Apolônia Camargo. 46. Magdalena Trindade. 47. Marcela Machado. 48. Manoel Geraldo Amorim (Mané). 49. Roseli Barbosa. 50. Wagner Marques. 51. Vanderlei Gotardo Santiago.

Optamos para colocar os nomes em ordem alfabética para facilitar, se for necessário, consultar esse rol.

Agradecemos a todos e ficamos com a certeza de que sem os informantes não teríamos condições de executar esta tarefa.

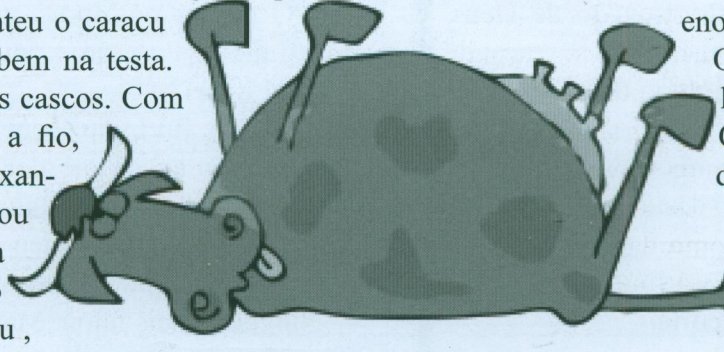
Francisco Gabriel Junqueira Machione
Departamento de Folclore
Olímpia/SP

ENTERRO NO RIO

Chico Tropeiro dormira pouco aquela noite. Levantou cedinho e foi dar rumo ao seu trabalho. Com esforço, jogou o corpo magro do homem morto de través no meio do seu cavalo.

Amarrou pés e mãos bem atados e encilhou então seu matungo testa de estrela com seu lombilho chapeado de prata que fora presente do coronel Seixas.

Aquela encomenda do coronel lhe dera um trabalhão às pampas. Primeiro teve que tocaiar o Mané Bentão, o que não foi fácil. Depois de chumbeado e bem morto, lá na curva da estrada que levava à balsa de travessia do rio, Bentão ficou lá horas até que Chico voltasse depois de arranjar escolhido no pasto um boi "no jeito" para o serviço.



Chico abateu o caracu enorme com um balaço quarenta e quatro bem na testa. O bicho não tugiu nem mugiu. Caiu nos cascos. Com habilidade de açougueiro adquirida anos a fio, Chico tirou as vísceras habilmente, deixan- do limpa a carcaça por completo. Largou ali no pasto o boi abatido e voltou para buscar o morto que seria guardado no seu interior.

Chegou, desceu o cadáver do Bentão, enquanto conversava com o morto alegremente:

_ Então, compadre, cê nunca imaginou que seria enterrado na água, num caixão de carne e osso. Viu que desgraça a vida te reservou.

E com ironia macabra de matador desalmado, começou a costurar, sim, costurar o corpo do morto na carcaça oca. Quando terminou estava lá bem guardado o Mané Bentão no seu ataúde de couro, carne e ossos, pronto para sua viagem final.

Para o rio foi um pulo só, uma baixada suave, amarrou a carga sinistra na cincha do seu cavalo e no cavalo de ajuda outra cincha larga e foi arrastando.

Foi tiro e queda e o boi acabou estirado na correnteza suave do rio. Chico cortou as cordas e lá foram homem e boi.

_ Vai com Deus, excomungado _ gritou Chico.

Voltou, pegou as rédeas de seu cavalo, a corda do barbicacho do outro e seguiu seu caminho.

VELHA MANSÃO

O viajante chegou exausto noite alta naquele casarão de fazenda enorme, escuro e silencioso. Logo no alpendrão fronteiro um empregado o esperava.

Cumprimentou e perguntou pelo dono da fazenda. Este falou: _ Tá aqui não, viajou. Só tô eu mais a companheira. Mas vamo chegá pra diante. Desapeia. Vou dá mio a seu cavalo, enquanto o sinhô ajeita pra janta.

O viajante conhecendo a cortesia daquelas bandas, agradeceu, apeou, entregou as rédeas ao empregado e subiu a longa escadaria para o alpendre.

Antes, perguntou o nome do serviçal. Este disse: _ João Araujo.

Foi recebido ali por uma negra gorda, simpática que lhe serviu café, enquanto não vinha o jantar.

_ Aqui sempre foi do coronel Liças _ a negra enfatizou de maneira tão incisiva, tão profunda, que pareceu que aquele sempre significava eternamente.

_ Sempre, tudo, este mundão de Deus, pertenceu ao coronel Licas, com a graça de Deus, nosso patrão é rico pra lá de afortunado. Se é.

E a conversa descambou nas posses do coronel, da sua parentela, desta pra outras coisas de somenos.

De repente, uma moça linda, um sorriso encantador, apareceu na porta.

_ A janta está servida, mãe.

A mulher apresentou a filha Efigênia e, orgulhosa, arrematou ao recém-chegado: - Êta menina bonita, hein, seu doto!

Uma mesa principesca esperava o visitante. A mulher, na ausência dos patrões, esmerou e desempenhou o papel de anfitriã. Serviu todas as iguarias.

Quando a janta terminou, Pedro Gonçalves, era o nome do moço viajante, regalado com tantas cortesias, expressou seus agradecimentos.

A mulher lhe mostrou seus aposentos, onde ele passaria a noite. Conversaram mais um tanto de depois Pedro pediu licença para se recolher. Estava cansadíssimo.

Dormiu bem, apesar dos contratempos que teve no dia. A noite já ia longa quando acordou com a luz de uma lamparina no seu quarto. Um pigarro, e vislumbrou o vulto adelgaçado de um velho magro, alto, empunhando o lume.

_ Boa noite, estou aqui para perguntar se o senhor está satisfeito com a acolhida.

_ Sim, estou encantado.

_ Ótimo, faça uso de tudo como se fosse seu.

E ele e o velho destravaram conversa sobre um montão de assuntos, sobre a colonização daquela região, ao progresso da mesma. Depois, o velho, alegando que estava atrapalhando o sono de Pedro, pediu licença para ir deitar-se.

Pedro ainda ficou no escuro bom tempo matutando a fidalguia daquele homem. Na manhã seguinte, acordou, tomou café com leite e saciado despediu-se da mulher e da filha. Pegou o cavalo encilhado pelo empregado e estugou espora para frente no caminho.

Hora e meia parou numa venda de beira de estrada. Apresentou-se. Ali morava o senhor Calixto, dono do estabelecimento. Começaram a papear. Quando Pedro falou que pousara no casarão, todos da venda viraram a cara para ele.

_ O senhor po... po... pousou lá?, perguntou Calixto. Po... po... pousou na fazenda do coronel Licas?

_ Posei e fui muito bem tratado. A dona Eufrosina, empregada me deu pouso e quando o coronel Licas chegou altas horas da noite, veio pessoalmente ao meu quarto, oferecer seus préstimos. Homem educado.

Ninguém mais falou. Mas o silêncio sentido, se não era assustador, era medonho. Pedro resolveu tirar dúvidas. Trotou estrada em retrocesso. Voltou à mansão do coronel Licas.

Chegou ao alpendrão. Notou diferenças que o sombreado da noite anterior escondera. O sobradão era ruinoso, vazio, morada em vários pontos de enxames de abelhas. Ninguém lá.

Gritou: "Ô de casa!" uma, duas, várias vezes. Nada.

Apenas o eco de sua própria voz respondeu seu chamado. Numa janela meio arrebentada, pensou ver, viu a silhueta da moça numa breve lembrança. Piscou os olhos e tudo desvaneceu num instante.

Virou o cavalo nas rédeas e saiu do antigo jardim, trotou

seu cavalo. Tinha certeza de que aquela volta era para nunca mais voltar.

A MOÇA DO ALPENDRE

Todas as noites aquela mocinha triste estava ali. Na mesma posição, mesma postura e candura que só algumas jovens possuem.

Desde que os pais mudaram para aquele casarão, vindos de outra cidade, lá naquele canto ela tinha lugar cativo e não arredava pé de seu ponto, custasse o que custasse, na sacada de seu alpendre.

Passasse um vizinho, um transeunte e tentasse entabular conversa, ela ignorava, nem ligava. Fazia de conta que tudo o que a rodeava não existia.

Sempre muito bem vestida, mas com vestido fora da moda do ano. Às vezes, saía ao alpendre o pai, velho de olhar terno, ou a mãe mirradinha, ambos já entrados nos anos, carregando no aspecto o ar de resignação que só os velhos possuem.

Ambos, porém, traziam na postura uma angústia desesperada e realçada. Aquele era um casal esquisito, todos diziam.

E a menina de grandes olhos continuava no seu posto, no alpendre, encantando e desafiando os olhares indiscretos, sempre impassível.

Veio mais um ano e, para surpresa de todos, uma novidade. A menina não se contentava a contemplar a rua, com a chegada da noite. Agora ela ficava horas e horas a fio no alpendre durante o dia, com os cabelos longos se agitando ao vento, sempre com vestidos novos, porém fora da moda.

Então, o pai, às vezes, sentava-se numa cadeira ao seu lado. Ela sempre ocupava a cadeira maior, de espaldar elevado. Se aparecesse alguém ali levando uma carta, um convite, o pai prontamente levantava-se, atendia, voltava, sentava e tudo voltava à normalidade.

Certa vez um homem impaciente bateu no portão principal. Ninguém atendeu. Ele insistiu. Nada. Começou a gritar. A menina sentada na sua cadeira, a tudo assistia. Por que ninguém naquela casa atendia?

Depois de muitos minutos ansiosos, finalmente, o pai da menina abriu a porta da frente. A pessoa que chamava ficou abestalhada ao ser atendida pelo dono da casa, enquanto a poucos passos dali, a filha do proprietário, ignorou o incidente. Muito estranho, pensavam os que viviam mais próximos.

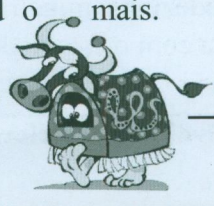
Houve um jovem, filho de dona Elvira, vizinha que morava numa casa fronteira ao casarão que, como todo adolescente, de tanto olhar para a menina, começou a sonhar com ela, fazer de seus sonhos, sonhos dela e dali para um passo estava apaixonado pela menina do alpendre. Dioguinho palpitava de paixão.

O jovem tanto sonhou que um dia enviou uma carta à mocinha misteriosa. Esperou resposta, esperou, e nada.

Por fim a vizinhança passou a apelidá-la de esfinge. Alguns moleques mais caras-de-pau jogavam bilhetinhos no alpendrão. Se ela via e catava, ninguém sabia. O fato é que a "esfinge" continuava contemplativa no seu lugar, e a curiosidade tomava conta de todos.

Dioguinho não se deu por vencido. Foi ao fogueteiro da cidade, comprou todo estoque pirotécnico disponível e ainda por cima contratou banda para o que pretendia.

Enquanto a banda fazia seu repertório dolente de valsas e outras peças musicais, perto da meia noite, o garoto detonou seu estoque inteiro de foguetes, bombas, rojões, lágrimas e tudo mais.



A cidade inteira acordou, ouviu e se deslumbrou.

Só não se deslumbrou mesmo foi a menina de olhos grandes, que nem saiu ao alpendre para melhor saudar sua homenagem.

Dioguinho ficou desconsolado naquela noite, sua homenageada nem dera as caras.

Quando o pai da moça estava debruçado na sacada do alpendre, Dioguinho não aguentou a curiosidade e perguntou ao velho o nome de sua filha. Este, num suspiro, respondeu: Virginia.

Toda cidade ficou sabendo que Virginia era o nome da menina do alpendre. Os compositores locais compuseram quadras e mais quadras homenageando a beleza de Virginia. Depois apareceram as músicas. Umas falando do seu mistério, outras da sua beleza e mais outras de seu silêncio. A cidade só falava dela.

Um dia o casarão não abriu. O povo desconfiado sussurrava nas esquinas. Um sujeito mais entrão foi bater no portão. E nada. Silêncio.

Passados três dias o delegado autorizou as autoridades competentes a arrombarem a porta principal.

O que encontraram na sala esclareceu todo o mistério de tantos anos. Num grosso fichário, repousado na mesa, estavam as respostas.

Dizia ali que o velho era um renomado médico. Possuía uma única filha. Um dia a menina faleceu. Remédio algum trouxe à vida. Ele e a esposa tramaram um feito para burlar o destino. Ele com toda técnica e arte que possuía, embalsamou aquele corpo com amor e desvelo.

De acordo com a esposa procurou um lugar distante, uma cidadezinha longínqua para passar os últimos anos de suas existências.

Comprou um casarão adequado. Como a filha em vida amava ficar embevecida, contemplando o movimento da rua, ele, na morte, deixou-a com sua beleza se deleitar no mundo dos vivos.

Recentemente descobrira que sua esposa tinha um tumor maligno. Fizeram um pacto de morte.

Quando abriram o quarto estavam os três abraçados. Os dois velhinhos serenos, contemplando a eternidade e Virginia, a menina amada, abraçada aos pais, como que aprovando aquela atitude extrema tomada por ambos.

Foram enterrados os três juntos, numa mesma cova, numa cidadezinha mineira, um pouco adiante da fronteira com o estado de São Paulo.

A BACIA DE OURO

Todo dia que Manoelzinho passava em frente à casa de dona Ana, ela vinha com elogios para cima dele. Ela era mulher casada e tinha medo do seu marido, o Zézão Lisboa, ficar sabendo da estória.

Manoelzinho era menino novo e por sua vez tinha medo de apanhar do marido traído. Pois bem: não adiantava nada. Dona Ana continuava "arrastando asas" para o lado do Mané.

Um dia, que o Zézão estava viajando, a mulher convidou o rapaz para tomar um café com bolinhos, etc. e tal, na cozinha. Mané foi. Então ela lhe contou toda sua sina e desgraça na vida.

Anos atrás, tinha sido desencaminhada do bom caminho por um padre. O padre Roque, um nortista barrigudo e abusado. Assim, ela ganhou a maldição de amante do padre e se tornou Mula-sem-cabeça.

Tempo passou, o padre um dia morreu, e ela continuou encantada na sina. Nas noites de sexta-feira, escoiceando porteira e cerca de cemitério. Ela já estava farta desta vida de penitência. Já tinha sofrido o suficiente, de espiar seu erro.

_ Pois é, Manoelzinho, ela insistia, quando te conheci, pensei, está aí um rapaz puro, sem medo e honesto, que pode me livrar deste feitiço. Me ajuda, Mané, que te mostro um tesouro enorme.

A mulher tanto falou, pediu, implorou, que o moço, finalmente, concordou. Ia ajudá-la. Para resgatar o tesouro tinha que ser numa sexta-feira, à noite. A Semana Santa estava próxima e a sexta-feira era a data ideal para o resgate do tesouro.

Veio a Semana Santa e lá foi de novo procurar Manoelzinho. Inventou uma desculpa e conseguiu o que queria. Ninguém notou nada.

_ É hoje, Mané, é hoje o dia nosso. Foi falando ela entusiasmada. _ É hoje que vamos ficar ricos!!!! Ricos!!!

Naquela noite, ela já virada Mula-sem-cabeça, soltando fogo pelas ventas, mais Manoelzinho, foram para os lados da lagoa. Bem no meio daquela, ela era cheia de ramagens aquáticas, mas bem no seu meio havia um círculo grande e

limpo, como se alguém houvesse retirado todos os ramos, todas as plantas dele.

Ali a água era limpinha, dava para ver o fundo cristalino. Ela soltou mais baforadas de fogo que iluminaram toda aquela parte da lagoa.

Manoelzinho viu então a bacia de ouro refulgindo lá no fundo d'água. A mula soltava labaredas, uma atrás da outra, para manter o ambiente iluminado e gritou para Manoelzinho: _ Pula, Mané, pula lá para pegar nosso ouro.

E o Mané que não era covarde, vendo aquela bacia de ouro faiscando lá embaixo, se jogou na água. Fez-se um turbilhão gigantesco, e água tornou-se vermelha e, minutos depois, boiava o corpo destroçado, estraçalhado do jovem.

Em seguida uma cabeça enorme aflorou à superfície. Era uma gigantesca cobra, com a cabeça cor de ouro que até aquela hora repousava lá no fundo.

A mula-sem-cabeça saiu em desabalada carreira pelo pasto afora, o morto foi devorado rapidamente pelo monstro e tudo voltou à normalidade. Nunca mais se ouviu falar do Manoelzinho Seixas por ali. E a família desesperada procurou, procurou e nada.

Apenas em pouco tempo ouvia-se o coaxar dos sapos estugando desafios intermináveis e as corujas piando lúgubres.

O TÚMULO

No início do século vinte, aquele túmulo enorme, de mármore, refletia bem a homenagem da parentela ao morto, dono daquele pedaço de terra. Uma foto na porcelana transmitia aos pósteros o semblante simpático daquele moço que não chegara à velhice.

Dava para avaliar ser filho de família importante, pela fidalguia das linhas daquele jazigo luxuoso. Todo fim de mês, desde a confecção daquele monumento, vinha um senhor ali, fazer suas orações.

No começo, tudo passou despercebido. Cerca de cinco anos completados, o zelador despertou a atenção no retrato e no velho devotado em suas orações. O zelador viu, olhou, mas não comentou nada.

Passados mais alguns anos, um dia, o zelador carpia umas ervas na banda de uma calçada quando viu se aproximando dali o velho, agora bem mais moço. O homem que rezava naquela sepultura em questão.

O zelador apressado fez suas contas e concluiu abismado que desde o sepultamento do jovem até aquela data, tinham se passado doze anos e, incrível, o velho que vinha rezar estava ainda com andar firme, bem mais remoçado.

O homem chegou, ajoelhou, fez suas preces e seguiu seu caminho. Quando saiu, o zelador foi ao túmulo, olhou o retrato, e parecia ser apenas impressão sua, mas o retrato dava uma aparência de um homem bem mais novo que antes.

O tempo passou, os anos rolaram e a vida continuou como antes.

Um dia o zelador estava acidentalmente ali por perto e topou com o velho indo rezar no túmulo daquele moço. Enquanto viu o velho ajoelhado orando, assustado, pôs atenção nas feições do outro. Não, não era um velho rezando, era um homem de meia idade, traços definidos e bem conservados pela vida.

Recuou assombrado imaginando ser aquele um irmão mais novo do que vinha até então rezar naquele túmulo. Estava boquiaberto quando ouviu o homem ajoelhado lhe dirigir a palavra:

_ Então, hein, faz tempo que eu não apareço.

Levantou-se e cumprimentou o eufórico o zelador.

E então o outro

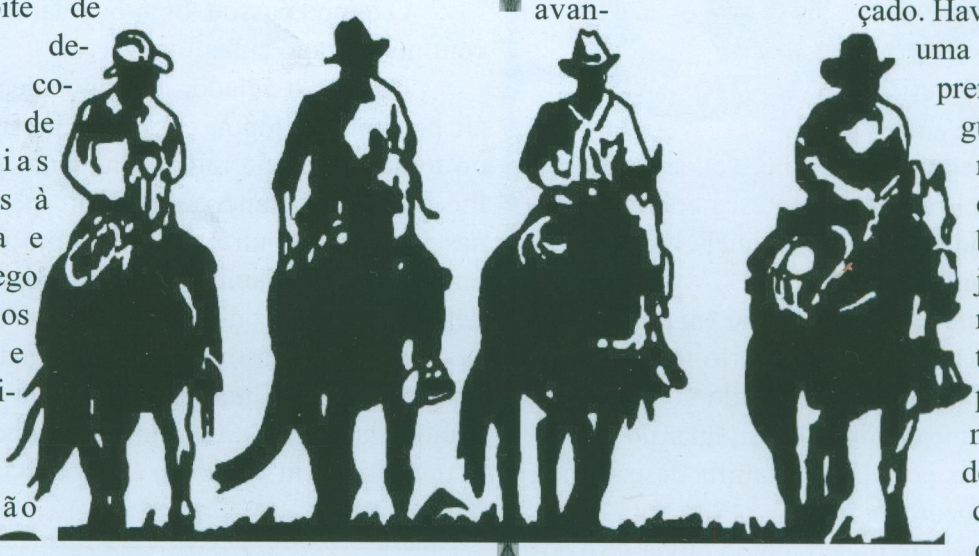
pode avaliar mais detalhadamente. O homem em questão era muito mais moço do que vira até então. Até os cabelos eram mais pretos e não eram tingidos não.

O tempo foi passando mais e mais, inexorável e o zelador envelhecendo. Por fim envelheceu tanto e teimando não aposentar ficou no seu posto por mais alguns anos.

Atualmente, à medida que o tempo passa, a cada ano que se sucede, o retrato do agora moço fica mais jovem ainda. O homem que vem orar por ele tem cerca de cinqüenta anos. Fica cada vez mais jovem. E no retrato de porcelana, do túmulo vê-se hoje uma efígie de um menino de pouco mais de dez anos.

A COMITIVA

O negrume da noite tingia os contornos de tudo, deixando as sinuosidades da estrada, as sombras da mata e as fímbrias do horizonte numa escuridão impenetrável.



Noite de natureza desabrida, comunhão de potências contrárias à harmonia e ao sossego de todos os viventes e das coisas.

A escuridão sufocava os ânimos e a vontade de contemplação. Apenas no céu um trisco momentâneo no caminho de uma estrela candente, atochando com seu rastro de resplandecência súbita de pirilampo perdido na imensidão. Nada mais.

E a noite continuava escura e indevassável como antes. Uma escuridão opressiva, quase pavorosa. Uma luz fraca bruxuleava vacilante, ora quase apagando, depois ressurgindo novamente pelo leito da terra arenosa.

Ali passava o viajante, seguindo seu destino por aqueles ermos daquele caminho desconhecido. Então, um grito estridente, violentamente alto, explodiu rente à beira do caminho derruído ao lado.

Seria grito de assombração debochada, sem medo dos mistérios da noite e sem respeito às horas mortas próximas à grande hora. A meia noite já roçava os ponteiros dos relógios e aquele grito ainda ecoava. Depois o silêncio foi se fechando em si mesmo impondo àquelas paragens o sossego que só a noite pode trazer.

A estrada dobrava numa curva acentuada, topando um porteirão meio estrondado, pendente de lado. Logo à frente dava para vislumbrar algumas fogueiras, todas acesas, que começavam a iluminar o local até então escuro.

Umas maiores, outras menores, vultos laboriosos passavam à volta. Suas silhuetas refletidas pelo fogo impunham suas presenças suarentas no ambiente. Os homens trabalhavam como se não notassem o desuso da hora no meio do pasto.

Era uma cena normal, natural numa fazenda, se não fosse o despropósito do horário avançado. Haviam abatido uma vaca. Esta, prenha, barriguda, ao morrer, soltou a cria fora. O bezerrinho já bem formado, praticamente pronto para nascer, caiu de lado em convulsões de vida.

Os magarefes continuaram sua função brutal de retalhar o corpo da mãe. Enquanto isso o bezerro envolto no muco quente e espesso das entranhas da vaca, estertorava no novo ambiente que lhe era desconhecido. Depois, suas convulsões foram diminuindo, diminuindo, até seu corpo ficar inerte e hirto.

Juvêncio acordou daquele sono hipnótico, letárgico, meio abestalhado. Despertou com a pancada seca da porteira fechando o caminho. Um cavaleiro passava ali. Meio tonto, ainda bocejou, interpelou o cavaleiro que já ia trotando seu matungo numa ida afora.

– Ei, moço!

Ineh Bueno de Camargo
Departamento de Folclore - Olímpia/SP

Como folclorista e grande apreciadora de um bom café, desde minha infância até estes meus longos e bem vividos anos, saí à cata de sua história, de como ele pôde chegar um dia ao Brasil. Fui atrás de boas receitas e de bons lugares para apreciá-lo melhor. Aos poucos, fui percebendo que gostaria muito de escrever sobre o café. Assim, vejamos:"O café, néctar dos deuses, para ser bom há de ser ardente como teus olhos, negro como teus cabelos, tão puro como tua alma, tão doce como teus beijos."

Francisco Villaespesa (1877-1936)
(escritor e aventureiro espanhol)

HISTÓRIA DO CAFÉ E DE SUA CHEGADA AO BRASIL

A bebida mais típica do Brasil, consumida hoje por pelo menos um terço da população mundial, tem suas origens bem longe, na Abissínia (hoje Etiópia), mais precisamente na região de Kaffa, de onde lhe vem o nome. Antes do século XVII, nenhuma muda de café havia sido plantada fora da África e da Arábia, e há três séculos chegou ao mundo ocidental.

Várias teorias tentam explicar o aparecimento do café.

Lendas atribuem o seu descobrimento a vários povos e inúmeras histórias aconteceram ou foram criadas a partir do seu surgimento. Dessas lendas, a mais aceita e geralmente adotada é a que fala de Kaldi, um jovem pastor de cabras da Abissínia. Acostumado a ver suas cabras sempre sóbrias e tranquilas, Kaldi surpreendeu-se certo dia ao notar que, após mastigarem certos frutinhos vermelhos, ficavam em estranho estado de excitação, cheias de um entusiasmo e uma vivacidade incomuns. Decidiu então, ele mesmo, provar os tais frutos. Após fazê-lo, Kaldi tornou-se a pessoa mais feliz da Etiópia, esquecido de seus problemas e dificuldades. O abade de um mosteiro próximo o teria surpreendido nesse estado e, a partir daí, os ofícios e orações noturnas tornaram-se muito mais agradáveis e produtivos. Os monges, antes sonolentos, sentiam-se atentos e felizes depois de fazer o uso daqueles grãos que, com o tempo, aprenderam a secar, pulverizar e tomar como infusão.

Na história documentada, o café tem sua origem na forma turca kahveh, que significa "tostado na panela" e é até hoje o nome da bebida. Da Abissínia, onde floresce naturalmente, o café foi levado para o Egito e para o Iêmen, quando iniciou sua dispersão pelos continentes.

Chegando primeiro a Veneza, o café foi conquistando as cidades da Europa e não demorou a chegar à América.

O DIFÍCIL COMEÇO: DE FRUTO PROIBIDO A BEBIDA UNIVERSAL

Quanto mais a bebida se espalhava, mais hostilidade gerava. Em Londres, no ano de 1674, chegou a ser publicado um "Protesto das Mulheres Contra o Café", queixando-se elas de que os homens, em vez de ficarem em casa, estavam sempre nas Coffee-Houses (cafeterias). Elas protestavam contra "os grandes inconvenientes que resultavam, para o seu

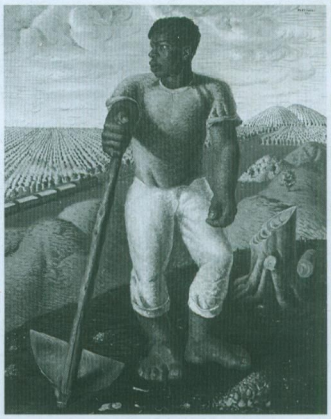
que o café "secava os fluidos cerebrais, levando à exaustão, impotência e paralisia". Na Alemanha, os médicos sustentavam que o café "causava esterilidade feminina e nascimento de natimortos".

Em 1732, Johann Sebastian Bach compôs sua Kaffeekantate ("Cantata do Café"), uma obra cômica que era uma ode ao café, mas também um protesto contra o movimento que tentava impedir que as mulheres o bebessem. Nessa obra, em que Bach trabalhou vários vocais e instrumentos de maneira harmoniosa, buscando o equilíbrio pleno entre os movimentos, ele descreve o conflito entre um pai de costumes rígidos e sua filha, entregue à nova mania de ingerir café três vezes ao dia! A cantata foi encomendada por um homem chamado Zimmermann, dono de uma Kaffeehaus (cafeteria) em Leipzig que era frequentada pelo compositor e por outros músicos. Muito bem pago por Zimmermann, Bach ignorou os "terríveis perigos" do "veneno negro" e musicou essa cantata, que tem trechos assim: "Ah, como é doce o seu sabor. / Delicioso como milhares de beijos, / mais doce que um moscatel. / Eu preciso de café" e "Paizinho, não sejas tão mau. / Se eu não beber meu café / as minhas curvas vão secar / as minhas pernas vão murchar / ninguém comigo irá casar".

Na Itália, os padres chegaram a pedir ao Papa Clemente VIII que a bebida fosse proibida entre os cristãos. A resposta do papa foi contundente: seria lamentável proibir bebida tão deliciosa, deixando aos infiéis o privilégio de usá-la. Em vários outros países, o café encontrou forte resistência. Apesar de tudo, até mesmo da oposição de alguns médicos, que o declararam nocivo à saúde, o café já era um sucesso sem precedentes e as Coffee-Houses sobreviviam a todos os esforços para se acabar com elas, tornando-se verdadeiros centros intelectuais e políticos.

A primeira Coffee-House surgiu em 1652, em Cornhill, uma das principais ruas da City de Londres. Seu proprietário achava que o café avivava o espírito e tornava o coração mais leve. Daí para frente, outras casas semelhantes foram surgindo na própria Londres, mas também em Paris, Berlim e outras capitais ou países europeus.

No Brasil, o café teria entrado em 1727, graças a um oficial do Exército português, Francisco de Melo Palheta. Em visita ao governador de Caiena, Guiana Francesa, ele teria obtido secretamente algumas sementes de café da Senhora D'Orvilliers, que era esposa do governador. Com elas, retornou à colônia portuguesa do Pará. E foi assim que, no final do século, o Brasil havia adquirido a supremacia na produção mundial de café, posição que ocupa até hoje, com seus diversos tipos representando 35% do consumo mundial (O Brasil é o maior produtor de café do mundo, mas seu maior consumidor são os Estados Unidos).



O chamado "Ciclo do Café" passou a comandar a economia brasileira a partir de 1830, imprimindo marcas profundas em nossa paisagem. Grandes fazendas foram surgindo com seus casarões, principalmente nos Estados

do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Todo esse avanço alterou profundamente a paisagem brasileira, graças ao surgimento das grandes e exuberantes fazendas de café. Nasceram cidades, construíram-se estradas de ferro e rodovias começaram a se desenvolver. Foi nesse período de grande produção, a partir do Segundo Império e do advento do ciclo comercial do café, que surgiram os aristocratas do café,

isto é, os grandes cafeicultores que ficaram conhecidos como os "Barões do Café".

Em São Paulo, grandes fazendas cafeeiras surgiram na região de Campinas e do Vale do Paraíba. Com o tempo, essas fazendas foram se multiplicando e invadindo quase todo Estado. Delas, restam ainda muitas, algumas das quais se transformaram em centros turísticos de visitação ou em suntuosas pousadas. No Rio de Janeiro, essas grandes fazendas formaram-se ao redor do Vale do Rio Paraíba do Sul: Valença, Conservatória, Penedo, Vassouras, Paraíba do Sul, Barra do Piraí, Vale do Café e muitos outros lugares.

Em Minas Gerais, a plantação e o progresso das grandes fazendas ocorreram principalmente na região de Planaltina. Hoje, já no século XXI, há nessa região grandes plantações de café e muitas histórias do seu apogeu, desde a metade do século XIX até as duas ou três primeiras décadas do século XX.

Na faixa do Paraná, o café alavancou o grande progresso de cidades como Londrina. Em São Paulo, tendo como centro de irradiação do plantio do café a cidade de Taubaté, no Vale do Paraíba, a produção cafeeira estendeu-se por todo o Estado. Ribeirão Preto e Campinas chegaram a ser chamadas de cidades dos grandes "Barões do Café".

Para todo esse progresso não podemos deixar de evidenciar o poder que teve a imigração de colonos italianos que, após o início do século XX, começaram a chegar aos milhares aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Paraná e outros, buscando sempre as condições favoráveis do clima tropical e das terras roxas, principalmente, no eixo Rio-São Paulo.

No entanto, todo esse progresso também fez com que o volume da produção começasse a provocar crises de superprodução, cujo ápice eclodiu juntamente com a baixa da Bolsa de Londres e dos Estados Unidos, onde houve o colapso da Bolsa de Nova York, afetando diretamente a já capenga exportação do café brasileiro, na época a principal economia do país. Contudo, sejam quais forem os destinos do mercado, o Brasil tem o mérito de ter inventado a melhor maneira de fazer café.

Em 1924, foi criado o Instituto do Café no maior porto de escoamento do produto para o exterior – Santos, onde hoje se encontra esse que é um grande centro de visitação turística, o Museu do Café. Ali, encantados, podemos vislumbrar como era o encontro dos "Barões do Café". As cadeiras em couro avermelhado mantêm sua beleza até hoje. Nelas, apenas os chamados Barões (grandes plantadores) podiam se sentar para discutir os preços das sacas, como e para quem exportar. No museu, o visitante faz uma viagem no tempo que lhe permite acompanhar a história do café no Brasil, desde a chegada das primeiras mudas da planta ao País até a profissionalização das plantações e da mão de obra. Fotografias, maquetes e painéis ajudam a contextualizar a riqueza trazida pelo café e o desenvolvimento impulsionado pela cafeicultura. Ali também podemos ver dezenas de tipos diferentes de café – do pior ao melhor –, além de degustar vários tipos de café, do mais barato aos mais caros. Podemos também comprar quilos de café, cujos preços

vão de sete a oito reais até preços por volta de quatrocentos reais.

Quem puder, não perca essa visita. Em geral, ela é organizada mensalmente pelo SESC de São Paulo

ou por excursões turísticas de todo o Estado.

O café é um arbusto do gênero Coffea, pertencente à família das rubiáceas, com folhas semelhantes às do louro e flores brancas de intenso perfume. O café apresenta, enquanto fruto, coloração verde, tornando-se, depois, amarelo-vivo, vermelho e, finalmente, escurecendo até secar. Possui polpa e, no centro, dois grãos característicos que, trabalhados, transformam-se no café que conhecemos. A variedade de café mais procurada é a do tipo Santos, seguindo-se os tipos Moka e Guatemala.

Consumido em larga escala em quase todas as partes do mundo, o café aparece sob inúmeras formas e é aproveitado de infinitas maneiras, tornando-se ingrediente sob medida para o preparo de licores, refrescos, doces, sorvetes e, até mesmo, temperos. Há comprovação científica de que o perfume de um café recém-passado é um dos cinco odores capazes de provocar uma sensação de grande felicidade nas pessoas. Confira suas infinitas aplicações culinárias. Elas estão ao alcance de todos e há muito seu uso deixou de ser restrito ao popular cafezinho. Para isso, basta conferir algumas das receitas extraídas do livro Café, o Sabor e o Prazer, publicado em 1982 pela Companhia União dos Refinadores de Açúcar e Café, que detinha grandes marcas (como Pilão, Caboclo e União, hoje parte do portfolio da Sara Lee do Brasil). Esse livro é muito interessante porque, além de receitas, drinques e sobremesas de café, tem uma boa introdução histórica.

Antes da apresentação das receitas, convém lembrar que os especialistas consideram fundamental, para o preparo de um bom café, que a água usada seja filtrada ou mineral. Essa água tem o seu ponto ideal de temperatura, não devendo nunca atingir o ponto de fervura. Portanto, o fogo deve ser baixado ou desligado quando a água estiver na fase de pré-ebulição (isto é, quando as bolhas maiores começarem a ser formar).

Como esse não é um hábito tradicional dos brasileiros ao prepararem seu café, nas receitas abaixo vai aparecer sempre a indicação do uso de "água fervente". Lembre-se, porém, que não é essa a opinião dos grandes conhecedores...

RECEITAS

CAFÉS À MODA BRASILEIRA

(Em coador de pano, geralmente de flanela)

Para fazer 1 litro de café, meça 5 colheres (sopa) de café de sua preferência, junte 1 litro de água fervente, mexa e jogue no coador, previamente escaldado.

OBS: Se quiser café adoçado, coloque na água fervente 5 colheres (sopa) de açúcar ou, se preferir adoçante, coloque em cada xícara quantas gotas desejar. A propósito, o ideal é que a água do café esteja quase em ebulição, um pouco antes de levantar fervura.

Esta é a mais simples das receitas de café conhecidas.

Em coador de papel, a mesma medida de pó e de açúcar ou adoçante, à vontade do freguês.

Os cafés são diferenciados por quatro atributos; aroma, sabor, corpo e acidez. Para avaliá-los é preciso aprender a degustar a bebida de modo correto.

Primeiramente, a xícara é aproximada do rosto para se sentir os aromas exalados. Em seguida, deve-se manter o café na boca por alguns segundos, sentindo seu sabor. A doçura é percebida na ponta da língua e a acidez na lateral. O sabor que persiste na boca é o corpo do café (extraído de um cardápio do "Café Empório Santo Antônio", localizado na cidade de Pirangi/SP, inaugurado neste ano de 2011 em um antigo Posto de Gasolina que, por muitas décadas, ficou desativado em frente à Praça Dr. Clementino Canabrava Filho.). Esse lugar, hoje bem reformado, está atraindo jovens, crianças e adultos que buscam apreciar tudo de bom que o café tem a nos oferecer.

CAFÉ TURCO (1)

INGREDIENTES

1 litro de água fer-

vente

6 colheres (sopa) de açúcar (ou adoçante a gosto)

8 colheres (sopa) de um bom café.

MODO DE PREPARO

Utilize uma cafeteira (ou caneca) alta e estreita, com capacidade de pouco mais de 1 litro.

Coloque o açúcar e o café e acrescente a água fervente.

Leve ao fogo e deixe levantar fervura por 3 vezes. Retire do fogo e jogue algumas gotas de água fria para ajudar o pó a descer para o fundo.

Aguarde um pouco e sirva em pequenas taças de porcelana ou em xícaras comuns. As porções também podem ser ajustadas conforme

se preferir, mais ou menos fortes ou mais ou menos doces.

CAFÉ TURCO (2)

Para o preparo desta receita, tida como "o verdadeiro café turco", o ideal seria usar uma caçarola especial (que se chama cevze em turco), e o café deverá ser o mais fino possível, tão fino como o açúcar de confeiteiro. Como quase ninguém tem essa caçarola, você pode substituí-la por um recipiente semelhante.

Tomando como medida a colherinha de café, coloque, para cada xícara de café, 2 colheres cheias de pó na caçarola. Por exemplo: se você pretende preparar 4 xícaras, deve colocar 8 colheres de café. Em seguida, encha cada xícara com água fria e transfira para a caçarola essa água mais 2 colherinhas de açúcar para cada xícara, isto é, 8 colherinhas. Lembre-se: neste caso, estamos preparando 4 xícaras de café.

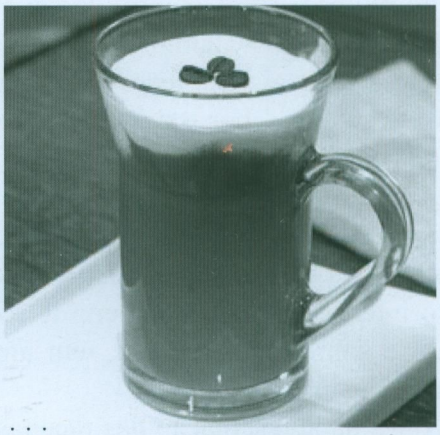
Como você já adicionou a água, o pó de café e o açúcar, agora basta levar a caçarola ao fogo e ir mexendo até que o café comece a ferver. Retire a caçarola do fogo, mexa e retorne ao fogo para ferver uma segunda vez. Preste atenção, pois o café pode derramar e sujar seu fogão! O bom café turco deve ficar sob uma camada de espuma.

Reparta o café nas quatro xícaras e sirva. Como o café turco contém o pó do café (não é coado), beba-o bem devagar, apreciando seu sabor e dando um tempo para que a borra se assente no fundo da xícara. Em geral, quando as pessoas terminam de tomar seu café, começa o processo de leitura da borra.

OBS: Muitas mulheres turcas, ou árabes em geral, usavam a borra para "ler a sorte". Ao agitarem a xícara, formam-se figuras que servem para prever o futuro dos consulentes. Cada figura tem um significado: peixe (sorte grande, felicidade ou dinheiro); gato (egoísmo); cobra (traição); anel (casamento); pássaro (boas notícias) e assim por diante.

***

Como Auxiliar de Programas da Associação Cristã de Moços (A.C.M) de São Paulo, participei de muitas Festas Árabes ou Festas das Nações, nas quais a maioria das pessoas, depois de tomar o café turco, corria para a fila dos que queriam ter seu futuro decifrado por alguém capaz de ler a sorte na borra do café. Hoje, porém, poucas mulheres árabes se dedicam a essa leitura.



. . .

CAFÉ ROMANO

INGREDIENTES

1 xícara (chá) de café

1 xícara (chá) de leite

Meia xícara (chá) de leite condensado

Meia colher (chá) de canela em pó

1 pitada de cravo-da-índia em pó

2 colheres (sopa) de chocolate amargo ralado

1 anis-estrelado

2 colheres (sopa) de creme de leite

MODO DE PREPARO

Coloque em uma panela o café, o leite, o leite condensado,

a canela, o cravo-da-índia, o chocolate amargo e a anis-estrelado.

Leve ao fogo até quase ferver. Desligue, distribua nas xícaras e coloque o creme de leite sobre a bebida. Sirva a seguir.

OBS: Para incrementar seu café romano, você pode untar a borda da xícara com suco de limão e deixar raspas da fruta no pires, para serem degustadas entre um gole e outro.

CAFÉ ESPRESSO CASEIRO

INGREDIENTES

50g de café solúvel (ou um sachê)
1 ½ xícara (chá) de água quente
2 ½ xícaras (chá) de açúcar
½ lata de leite condensado
1 colher (café) de canela em pó

MODO DE PREPARO

Bater tudo numa batedeira até crescer bem. Colocar a mistura em uma vasilha grande e deixar sempre no congelador. Quando for consumir, colocar uma ou duas colheres da mistura numa xícara e adicionar água (ou leite) quente.

CAFÉ CRAVO E CANELA

INGREDIENTES

6 xícaras (café) de café bem forte
12 colheres (chá) de açúcar
A casca fina de uma laranja
5 cravos-da-índia
1 pau de canela
2 xícaras (café) de rum

MODO DE PREPARO

Esfregue o açúcar na casca da laranja. Coloque ambos em uma panela de metal grosso.

Junte os cravos e a canela, cubra com rum e leve ao fogo baixo para ferver sem pegar fogo.

Adicione o café quente, bem forte.

Aguarde 1 ou 2 minutos e sirva em xícaras previamente escaldadas (de louça ou cerâmica).

SACI MANHOSO

INGREDIENTES

1/3 de xícara (chá) de calda de cereja
4 a 6 cubinhos de gelo
1 cereja
3/3 xícara (chá) de café quente, bem forte
1 colher (chá) de açúcar
2/3 de xícara (chá) de uísque
Chantilly para completar
MODO DE PREPARO

Bata todos os ingredientes na coqueteleira, reservando o creme de Chantilly e a cereja.

Coloque no copo (tipo aperitivo), complete com o Chantilly e decore com a cereja. Sirva com canudinho. Se tiver, enfeite o copo com uma folhinha de café também.

VITAMINA DE CAFÉ

INGREDIENTES

2 metades de pêssego em calda
1 xícara (chá) de café bem quente e forte
1 bola de sorvete de creme
4 a 6 cubos de gelo

MODO DE PREPARO

Junte tudo no liquidificador e bata bem. Sirva em copo tipo tulipa, com canudinho.

SOBREMESAS DE CAFÉ

SONHOS DE CAFÉ

INGREDIENTES

1 xícara (chá) de

água
1 colheres (sopa) de manteiga
1 pitada de sal
1 colher (sopa) de açúcar
1 xícara (chá) bem cheia de farinha de trigo
4 ovos inteiros

MODO DE PREPARO

Ferva a água com a manteiga, o sal e o açúcar. Junte a farinha peneirada e mexa com uma colher de pau até obter uma massa lisa e homogênea (mexa até descolar a massa da panela).

Coloque na taça da batedeira, bata a massa até esfriar um pouco. Adicione os ovos um a um, batendo a massa de forma a absorver completamente cada ovo, antes de acrescentar o segundo. Deixe em repouso por 30 minutos e frite em pequenas porções, com bastante óleo. Deixe os sonhos crescerem até duplicarem de

tamanho.

Escorra em papel absorvente e coloque o recheio de café, usando o saco de confeitar.

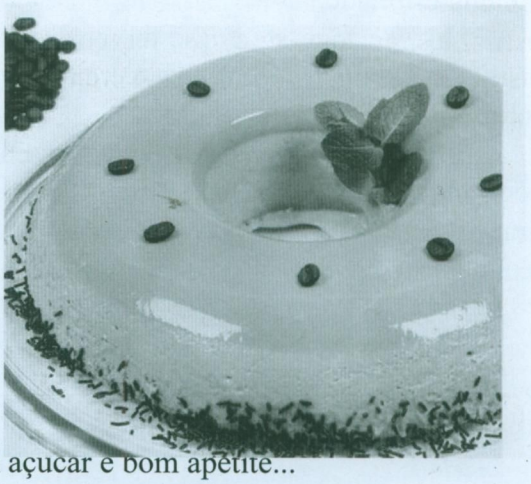
INGREDIENTES PARA O RECHEIO DOS SONHOS

1 xícara (chá) de açúcar cristal
½ xícara (chá) de água
2 xícaras (chá) de leite
1 xícara (chá) de café bem forte
3 colheres (sopa) de maisena
3 gemas e 1 colher (sopa) de manteiga

MODO DE PREPARO

Junte o açúcar com a água e faça uma calda grossa. Bata o leite e café, a maisena e as gemas.

Misture tudo com a calda. Passe por uma peneira e leve ao fogo até engrossar, mexendo sempre. Coloque a manteiga e deixe esfriar completamente. Recheie os sonhos. Polvilhe



com açúcar e bom apetite...

PUDIM DE CAFÉ

INGREDIENTES

4 gemas
250g de açúcar filtrado
½ litro de leite
3 colheres (sopa) de café bem forte (já pronto)
4 xícaras (chá) de purê de castanhas portuguesas (aquelas cozidas)
½ litro de creme de leite batido com açúcar.

MODO DE PREPARO

Bata as gemas com o açúcar até ficarem claras e fofas. Junte o leite e o café bem quentes, mexa e leve ao fogo em banho-maria até engrossar. Retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Adicione o purê de castanhas e as frutas cristalizadas. Depois de frio, junte o creme de leite bem gelado. Coloque em um pirex e deixe na geladeira até o dia seguinte (com papel-toalha, passe óleo no pirex e depois molhe-o rapidamente com água da torneira). Desenforme e cubra com molho zabaione, cuja receita segue abaixo

ZABAIONE

INGREDIENTES

4 gemas, 4 colheres (sopa) de açúcar, 1 xícara (chá) de café bem forte, 1 cálice de rum.

MODO DE PREPARO

Bata as gemas com o açúcar até ficarem claras e fofas.

Junte o café bem quente e o rum. Misture rapidamente e leve ao banho-maria, mexendo sempre, até começar a espumar e aumentar de volume.

Não deixe engrossar demais para não talhar. Coloque sobre o pudim. Deixe na geladeira até esfriar e sirva.

(Algumas dessas receitas foram extraídas do livro Café, o Sabor e o Prazer, já mencionado aqui, que nos foi gentilmente cedido por Ideh Camargo Silva, da cidade de Pirangi (SP)).

Do cardápio do "Café Empório Santo Antonio", de que falei há pouco, retirei os nomes de algumas delícias que são preparadas pelos proprietários e encantam a todos os pirangienses que sabem apreciar um bom café. Aqui estão elas:

- Café espresso com grãos selecionados
- Café espresso com Chantilly
- Café espresso com leite vaporizado pequeno
- Café canelinha pequeno
- "Café Empório Santo Antonio" – café espresso, leite vaporizado, calda de chocolate
- Café moça – leite moça, café espresso, Amarula e Chantilly
- Café Amarula – sorvete de chocolate, Amarula, café espresso, calda de chocolate e Chantilly.
- Café São Francisco – Café espresso, Chantilly, whisky, grãos de café torrados (para enfeitar)
- Cappuccino italiano grande – café espresso, chocolate em barra, leite vaporizado, calda de chocolate

OBS: Para apreciar essas delícias (acessíveis a qualquer bolso), basta vir a esta casa de

café em Pirangi, bem perto de Olímpia...

POESIAS SOBRE O CAFÉ

(do Site de Poesias de Claudia Ferreira de Souza)

VEM TOMAR UM CAFÉ COMIGO?

Vem tomar um café comigo?
Nesta tarde ensolarada,
pra podermos conversar.
Relembrar a adolescência,
nossos contos, aventuras,
que faz bem ao coração.
Venha (entre)!
O café eu vou fazer.
Já botei água no fogo
e o leite está a ferver.
Com torradas e biscoitos,
Muita prosa, pra contar,
celebrar aqueles tempos.
Mas, que época bonita!
Lembra da escola?
Das paqueras?
Das festinhas, bailinhos,
onde juntos nós dançamos
de rostinhos coladinhos?
Ah! Que tempo tão gostoso!
Espere-me um minutinho,
vou o meu café passar.
Mas, me diga que eu te ouço,
eu já volto pra falar
que o café está quase pronto
pra gente degustar.
Que tal um cafezinho agora, hein?
Claudia Liz F. de Souza

Este singelo poema foi criado pensando em como é bom receber um amigo pra bater um papo, tomar um café e passar algumas horas de boa conversa.

Gostoso, não é?

Então, faça um café bem gostoso e chame um amigo para bater um papo, conversar, desabafar... Vai ser muito bom...

Amigo é pra essas coisas, amar, conversar, desabafar...

São Paulo, 13/10/2006

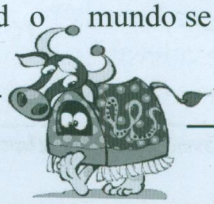
OBS: Quando crianças, nos idos da década de 1930, ouvíamos esta quadrinha:

"Maria foi à roça
colher café,
e a danada da formiga
mordeu seu pé".

(De autor desconhecido, nós já a recitávamos bem depois do declínio da cultura do café.)

O CAFÉ

O café foi rica planta
de que o Brasil se orgulhou.
Plantado de Norte a Sul,
todo mundo se encantou.



Ser-vido em copo, canecas,

todos nele punham fé.
Doce aroma penetrante
tinha o gostoso café.

Hoje a cana tão rasteira
tem o lugar que foi seu.
Jamais o perfume das flores
Que o cafezal já perdeu.

O álcool, o cheiro etílico
que o café sepultou,
é a riqueza moderna
que a ganância exaltou.

Adeus, flores generosas,
adeus, grãos de amargo sabor!
Que só o romantismo sonhe
com seu agreste calor...

***

Nos anos 70, a dupla Cascatinha e Inhana fez grande sucesso com a música "Flor do

Cafezal", composição de Luiz Carlos Paraná. Eis a letra dessa bela música:

FLOR DO CAFEZAL

Meu cafezal em flor!
Quanta flor, meu cafezal!
Meu cafezal em flor!
Quanta flor, meu cafezal!
Ai, menina, meu amor!
Minha flor do cafezal!
Ai, menina, meu amor!
Branca flor do cafezal!

Era a florada,
lindo véu de branca renda
se estendeu sobre a fazenda
qual um manto nupcial!
E de mãos dadas
fomos juntos pela estrada,
toda branca e perfumada
pela flor do cafezal.

Meu cafezal em flor...

Passa-se a noite,
vem o sol ardente e bruto,
morre a flor e nasce o fruto
no lugar de cada flor.
Passa-se o tempo
em que a vida é todo encanto,
morre o amor e nasce o pranto,
fruto amargo de uma dor.

Meu cafezal em flor...

***

E, do jornal O Estado de São Paulo ("Estadão"), edição de 20 de maio de 2011, extraí o seguinte trecho da crônica do grande escritor brasileiro (e araraquarense) Ignácio de Loyola Brandão:

***

Em Araçatuba, me vi diante de cem pessoas, foi um encontro quase íntimo com gente que tinha preferido a literatura em lugar do jogo final do campeonato paulista. Aquela conversa, envolvida pela paz do domingo, me lembrou o começo da noite em Araraquara, na minha infância, quando não havia tevê nem novelas e as pessoas colocavam cadeiras na calçada e juntavam vizinhos, parentes, amigos e algum passante ocasional. Conversavam durante horas, servia-se um café com bolinhos de chuva. Falava-se de tudo, namoros, receitas, religião, política, separações (um escândalo!), novenas, custo de vida, limpeza das ruas, notícias ouvidas no rádio. Meu avô José Maria me explicou, certa noite: "Aqui voce sempre tem um pedacinho da cidade e da nossa gente". Era a crônica do cotidiano, assim aprendi a olhar para as coisas do dia a dia como assuntos.

Mas agora, [meu gato] Chico e eu estamos sós. Minha mulher viajou, está fora há uma semana, minha filha dorme, voltou tarde da balada, estava com músicos preparando o show de lançamento de seu primeiro CD e a empregada ainda nao chegou. A água está quase fervendo, ajeito o coador, conto as colheres de pó, são quatro e meia, para um café mais denso. Chico fica sobre a pia, cauteloso, desconfiado, sente a quentura do fogo. De manhã, ele me segue por toda parte. Abro a porta, ele cheira os jornais, aprova e me olha. Se vou para o computador, ele se instala sobre a impressora, toca leve com a pata cada folha que sai. Nao sei se aprovando.

- Fique observando para

aprender. Ferva a água, coloque o pó, depois derrame a água sobre o pó, lentamente.

Ele parece entender, olha para o fogo, a panela de água, a cafeteira. Segue os procedimentos, como dizem os médicos.

- Se quiser um café mais suave, coloque três colheres. Duas, se quiser um café de caboclo. Sabe o que é? É um café bem ralo, chamam água de batata, sei lá por quê.

O gato tem o olhar firme, fixo, sei que está me entendendo. Contempla as chamas azuis e não me responde. Penso na formiga com quem, anos atrás, tentei conversar e que se calou. Ele está imóvel, naquela pose de gravuras de gatos egípcios, que eram deuses. Não abre a boca, não mia, rosna, não emite opinião. Estará aprendendo a fazer café? Dou informações aleatórias.

- Tem quem prefira usar cafeteirinhas italianas, bonitas, design.

Para que falar em design com um gato? Ele parece mostrar desdém pela minha tarefa. Fazer café? Para quê? Para que beber uma água preta? Pensar que tem gente que toma sem açúcar. Outros não tomam à noite para dormir. Besteiras dos humanos. Chico é curioso. Quando faço o café, não se mete. Medo do fogo? Quando leio o jornal na cama, ele vem, deita-se sobre os cadernos, ou mordisca a página que estou lendo. É isto, o gato come notícias. Outro dia, arrancou uma foto da Camila Pitanga e engoliu inteira. Nao passou mal. Também, Camila Pitanga faz bem até aos gatos.

Mostro o resto da água fervente.

- Você tem de queimar bem o pó, com cuidadoo, por igual. Tem gente que não espera a água ferver. Cada um tem seu método. Quer ver? Chegue aqui perto, olhe para o coador, sinta o cheiro.

Chico faz que não com a cabeça. Recua e me diz:

- Eu? Sou bobo? Gato escaldado tem medo de água quente!

***

DANÇA: O CAFÉ

O grupo GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina Moça", dirigido pela folcloróloga Maria Aparecida de Araújo Manzolli (atualmente Coordenadora do Festival do Folclore de Olímpia) apresenta a Dança do Café.

O guarda-roupa dos dançarinos é impecável, assim como sua animação ao se apresentar. Os movimentos coreográficos dessa dança

imitam os que os lavradores (catadores de café) executam ao colher, mexer, sacudir e amontoar o café. As peneiras, indispensáveis ao exercício dessas funções, são também usadas pelos dançarinos na apresentação (Anuário do 41º Festival do Folclore de Olímpia, p. 22 – André Nakamura, do Departamento de Folclore.)

Para nós, eternos apreciadores do café, ainda será muito pouco tudo que sobre ele dissermos. Sua história é tão rica quanto os velhos contos das Mil e Uma Noites. Porém, cada um por si, terá sua grande oportunidade na vida quando passar a apreciar a filosófica fragrância que se exala de uma xícara de café. É a doce realização de uma vida, a verdadeira bebida globalizada, sem dúvida alguma.

Filie-se ao PC (Partido do Café) e seja feliz!

O RIO GRANDE DO NORTE E SEU FOLCLORE

*Deífilo Gurgel**

Oficialmente, o Folclore do Rio Grande do Norte começou a existir, por volta de 1814, quando Cascudo registra a apresentação de um grupo de Fandango na cidade de Natal. Governava a Capitania Sebastião José de Melo Povoas, que postado ao lado do palanque, durante a apresentação, tanto aplaudia quanto acompanhava o grupo, entoando a plenos pulmões a Xácara da Nau Catarineta.

Luis da Câmara Cascudo

Ainda na "História da Cidade do Natal" onde fez o registro dessa primeira apresentação, Cascudo dá notícias de Lapinhas e Pastoris, no tempo da guerra do Paraguai e dos Congos do carapina Araruna, batendo os seus tambores, em frente à Igreja dos Negros do Rosário, na Cidade Alta, em 1886.

Do brinquedo do Boi, as notícias se referem ao ano de 1910, quando grupos desse folguedo, oriundos dos en-

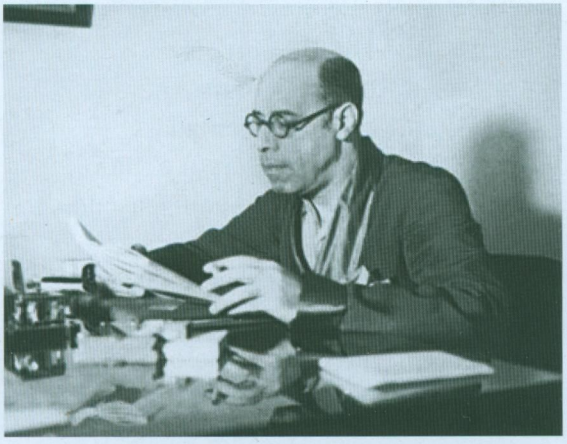
genhos de São José do Mipibu e Ceará-Mirim, vinham dançar em Natal.

A Chegança, só em 1927, se apresentaria no palco do Teatro "Carlos Gomes" (atual "Alberto Maranhão"), segundo ainda o nosso grande mestre Luis da Câmara Cascudo.

Esta última data antecipa em um ano a viagem que Mário de Andrade fez ao Nordeste brasileiro, em 1928/29, durante três meses, permanecendo um mês e meio, em Natal.

O Rio Grande do Norte é um Estado de muita sorte, em matéria de Cultura Popular. Aqui nasceu Luis da Câmara Cascudo, considerado por muitos dos seus contemporâneos o maior folclorista brasileiro.

Aqui viveu um mês e meio Mário de Andrade, o grande escritor paulista, autor da obra-prima "Macunaíma", atendendo a um convite de Cascudo, que lhe deu casa, comida e roupa lavada, nesse período.



Durante sua permanência no Rio Grande do Norte, Mário realizou um trabalho de pesquisa de campo e documentação dos nossos grandes autos populares – Boi, Fandango, Chegança e Congos, como nunca se fez nem se fará na história do Folclore Brasileiro.

Trinta anos depois da viagem de Mário, foi a vez do Prefeito Djalma Maranhão, que, a partir de 1956, realizou em Natal os maiores festivais de folclore autêntico já vistos em nossa Capital.

Convidados pelo Prefeito, estiveram em Natal Gustavo Barroso, Edison Carneiro, Dante de Laytano, Ascenço Ferreira e muitos outros, debatendo problemas da Cultura Popular. Tudo isto, sob a coordenação e a presença infatigável de Luis da Câmara Cascudo.

A Revolução de 1964 afastou Djalma Maranhão da Prefeitura Municipal de Natal e o Folclore potiguar, então, entrou em colapso.

Em 1979, como um dos Diretores da Fundação José Augusto, órgão responsável pela cultura do Rio Grande do Norte, e, ainda como Professor de Folclore Brasileiro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, decidimos dar a nossa modesta contribuição à Cultura Popular do Estado.

Naquela época, os principais grupos de danças folclóricas em atividade no Rio Grande do Norte, eram os seguintes:

- Em São Gonçalo do Amarante, o Boi Calemba "Pintadinho" de Pedro Guajiru; os Congos de Saiote, de João Menino e o Pastoril "Estrela do Norte", de d. Raimunda;

- Em Natal, estavam em plena atividade: os Congos de Calçola, na vila de Ponta Negra, dirigidos por Sebastião Correia; o Boi Calemba de Manoel Marinheiro, no bairro de Felipe Camarão e o grupo da Sociedade ARARUNA de Danças Antigas e Semi-desaparecidas, sob o comando de Mestre Cornélio Campina. Além destes três grupos de danças, havia ainda dois mamulengueiros: Zé Relampo e Chico Daniel, além do mais famoso artista-artesão potiguar, Chico Santeiro;

- No município de Canguaretama havia dois grupos de danças, da maior importância para o nosso Folclore: oFandango dirigido àquela época por Antônio Lima e Kleber, e a Chegança,

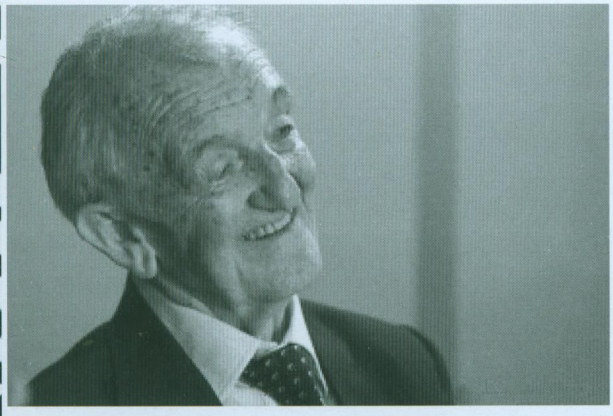
sob a direção de Valdemir, na Vila de Barra do Cunhaú.

Além de todos os grupos citados, havia ainda os Cabocolinhos, sob a chefia de "seu" Déo, na cidade de Ceará-Mirim.

Eram estes, os principais grupos de danças folclóricas do Estado, na década de 1980. Outros foram acrescidos depois, além de mais de uma dezena de mamulengueiros e diversos artesãos, em pesquisas de campo feitas por todo o estado.

Pelo amor dedicado às nossas tradições, muitos deles ainda persistem em preservar, com a maior autenticidade, todas as manifestações do folclore potiguar.

Por isto, o Rio Grande do Norte tem todas as condições de se transformar no maior pólo de folclore autêntico do Brasil. Basta que o Governo Estadual apóie a idéia de se construir a Vila Chico Santeiro, em parceria com outros órgãos das esferas federal e municipal, particularmente os ministérios do Turismo e da



Cultura nacionais.

O sucesso virá, naturalmente.

Aos 84 anos de idade, ainda me disponho a trabalhar neste projeto, numa homenagem ao folclore do Rio Grande do Norte – universo fabuloso, onde cabe, inteirinha, a cultura popular mais autêntica do Brasil. Principalmente agora, que a Governadora Rosalba Ciarline e Prefeitos municipais do Rio Grande do Norte, como Jaime Calado e estudiosos de nossas danças tradicionais, como João Hortêncio, em Pedro Velho; Séfora Bezerra, em São Gonçalo do Amarante; Severino Vicente, Gutemberg Costa e Luis Assunção, em Natal, demonstram o maior entusiasmo em preservarem, para as futuras gerações, este patrimônio cultural inestimável.

Entusiasmado com o trabalho que Mário de Andrade desenvolveu no Rio Grande do Norte, compusemos, em sua homenagem, um poema da maior admiração, que publicamos aqui no encerramento destas linhas.

SONETO PARA MÁRIO DE ANDRADE

Deífilo Gurgel

Ah! Mário Raul de Morais Andrade,
Que falta fazes à nossa cidade,
Às velhas danças do seu povo, tudo
Que tanto amaste, junto com Cascudo!

O teu trabalho, nobre e exemplar,
Pesquisando a cultura popular,
Deveria servir, como modelo,
Para que amássemos, com o mesmo zelo

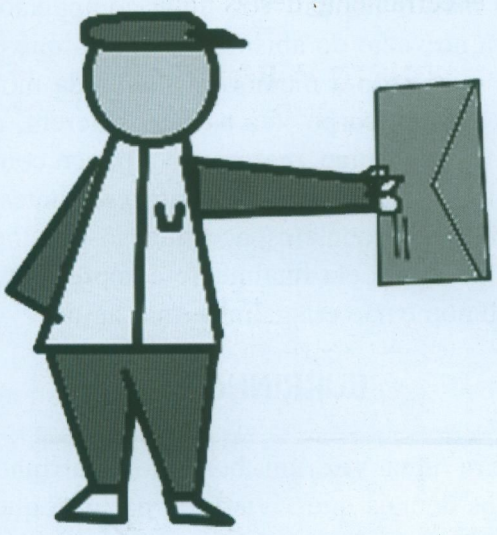
As tradições do nosso povo pobre,
Tão ricas de belezas que se encobrem,
Mas, resplandecem, quando reveladas:

Cantigas de Fandangos e Cheganças,
Romances medievais, as velhas danças
-E estórias de princesas malfadadas.

Natal 01.04.2011

*** Presidente de Honra da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore.**

Endereço:
Rua Miguel Barra, 779 – Tirol
Natal – RN – Brasil
CEP: 59.014-590
e-mail: deifilogurgel@hotmail.com



MENS@GENS E CONTOS P@R@ VOCÊ

Regina Celia Pompeo
Departamento de Folclore – Olímpia/SP

Uma obra que "caiu" em domínio público é aquela que está isenta de *copyright*, ou seja, não se faz necessário o adimplemento concernente a direitos autorais para usá-la. No entanto, a autoria deve ser citada, e há uma norma para ser respeitada, qual seja, a Lei nº 9.610./98, que trata de direitos autorais, abrangendo publicação, transmissão ou emissão, retransmissão, distribuição, comunicação ao púbico ou outras questões referentes a obras literárias, artísticas ou científicas, conferências, alocuções, sermões, composições musicais, obras audiovisuais, obras de desenho, pintura, gravura, escultura, litografia e arte cinética, ilustrações, cartas geográficas e outras.

A lei de propriedade intelectual surgiu, na Inglaterra do século XVIII, tendo por escopo legitimar a ideia do direito autoral, a de que autor é dono de sua obra, devendo por isso ser financeiramente recompensado. Durante quase três séculos, a lei permaneceu incólume em seu teor, incumbindo-se de garantir que por certo tempo artistas e inventores seriam remunerados. Isso até o advento da internet, e, com ela, a amplitude e a velocidade das trocas de informação crescendo exponencialmente _ o que ocasionou a situação atual, em que o velho conceito de propriedade intelectual se encontra em xeque. Só de músicas suscetíveis de direitos autorais, mais de 35 milhões são baixadas diariamente, sem que ninguém pague por elas. Uma situação que dificilmente vai se alterar.

Na "Cidade Eletrônica", muitas vezes, textos são escritos sem ter sua autoria citada. E muitos desses, acabam "caindo" inadvertidamente em "domínio público".

De qualquer forma, estaremos transcrevendo apenas textos que confirmadamente não pertencem à categoria dos que se encaixam na lei acima citada.

São textos que os internautas trocam entre si, que, invariavelmente agradam a quem faz parte dessa comunidade global, ressaltando-se que o que nos interessa neste trabalho são as histórias cujos autores não se preocupam com tais direitos.

"O folclore se afigura um exemplo de desprendimento, pois, embora o anonimato não seja requisito indispensável para a caracterização do fato folclórico, pois há manifestações também considerada folclóricas cujos autores se identificam (a exemplo da Literatura de Cordel), existem inumeráveis criações culturais que se tornam de autoria coletiva. Naturalmente, tudo o que se cria foi criado por alguém, mas, em muitos casos, o autor ou é desconhecido ou é esquecido, ou, ainda, simplesmente não quis mencionar seu nome." Segundo o Dr. André Nakamura

A ÁGUIA QUE (QUASE) VIROU GALINHA

Uma águia que foi criada no galinheiro, e foi aprendendo sobre o jeito galináceo de ser, de pensar, de ciscar a terra, de comer milho, de dormir em poleiros... E na medida em que aprendia, ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado. É sempre assim: todo aprendizado exige um esquecimento... E ela desaprendeu... o cume das montanhas... os voos das nuvens...o frio das alturas...a vista se perdendo no horizonte... o delicioso sentimento de dignidade e liberdade...

Como não havia ninguém que lhe falasse dessas coisas, e todas as galinhas cacarejassem os mesmos catecismos, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com perturbação hormonal. Tudo grande demais, aquele bico curvo, sinal certo de acromegalia, e desejava muito que o seu coco tivesse o mesmo cheiro certo do coco de galinhas.

Um dia apareceu por lá um homem que viveu nas montanhas e que vira o voo orgulhoso das águias: "Que é que você faz aqui?", ele perguntou."Este é o meu lugar", respondeu ela. "Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milho, ciscam o chão, botam ovos e finalmente viram canja: nada se perde utilidade total..." "Mas você não é uma galinha!", disse ele. "É uma águia!". "De jeito nenhum! A águia voa alto. Eu nem sequer voar sei! Pra dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens.

É mais seguro ir andando, passo a passo..."

E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até que o homem, não agüentando mais ver aquela coisa triste _ uma águia transformada em galinha. Agarrou a águia à força, a levou até o alto de uma montanha. A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão, jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado a memórias que ainda moravam em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranquila dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado. E ela finalmente compreendeu que seu nome não era galinha, mas águia.

BURRINHO

Era uma vez um burrinho. Burrinho como os demais que viviam no pasto, e que prestavam serviços, quando necessitavam deles.

Um dia, houve grande festa naquela terra. Era feriado. Feriado nacional. Comércio fechado. Escolas sem aulas. Tudo parado.

Nas avenidas principais daquela cidade, devidamente ornamentadas, aconteceria propagado desfile militar e escolar. É que as jóias, insígnias, bandeiras, medalhas, coroas que pertenceram ao rei daquele país seriam apresentadas ao povo, esparramado pelas calçadas.

Aí precisaram de um burrinho, que transportasse aqueles tesouros, que representavam história gloriosa daquela nação.

E o burrinho, de que lhes falo, foi apanhado, lá no pasto. Colocaram régios arreios sobre seus lombos, ornamentos dourados que brilhavam ao sol. Daquela manhã engalanada e festiva. Encimando aqueles arreios, dispostas com muita arte e gosto, as preciosas jóias reais. No desfile militar, o pacato quadrúpede ocupava lugar de destaque, comandando a parada.

Rojões espocavam, a multidão aplaudia, a tropa se perfilava, numa alegria contagiante, que deslumbrava e emocionava.

Acabado o desfile, retiraram as jóias que o burrinho carregava, os arreios dourados, os adereços todos, e ele foi levado de volta ao pasto, sem maiores formalidades. Lá chegando, o burrinho começou a conversar com os outros

burricos, seus companheiros. Disse ele, vaidoso:

_ Vocês viram o que me aconteceu? Andei pelas avenidas da cidade, nesta manhã. E quando eu passava, soltaram fogos e foguetes, houve aplausos de todos os lados, uma beleza: Até soldados perfilaram-se, em continência, enquanto bandas de música celebravam a festança. Vejam como eu sou importante! Vejam!

Aí, um outro burrico, que ouvia aquela bazófia do companheiro gabola, desafiou-o:

_ Se você é tudo isso que está dizendo, tenha a coragem de retornar às avenidas, por onde passou. Vá. Eu quero ver o que acontecerá!...

O burrinho vaidoso aceitou o desafio. Foi. Mas quando ele passava, apesar da cadência de seu passo garboso, moleques atiraram-lhe pedras, populares enxotaram-no aos gritos, brandindo relhos e chicotes, numa correria bárbara.

Cansado, resfolegando, envergonhado, assustadíssimo, o burrico retornou ao pasto, onde encontrou seus amigos, que o receberam, com desprezo e com desdém.

_ E agora, o que dizes?, perguntaram-lhe, com zombaria. Então o burrinho vaidoso, cabisbaixo, filosofou:

_ É. É verdade. Eu não tinha importância alguma. Eu sou igualzinho aos outros burrinhos. Só fui aplaudido enquanto carreguei as jóias do rei...

LENHADOR

Existiu um Lenhador que acordava às 6 da manhã e trabalhava o dia inteiro cortando lenha, e só parava tarde da noite. Esse lenhador tinha um filho, lindo, de poucos meses e uma raposa, sua amiga, tratada como bicho de estimação e de sua total confiança. Todos os dias o lenhador ia trabalhar e deixava a raposa cuidando de seu filho. Todas as noites ao retornar do trabalho, a raposa ficava feliz com sua chegada.

Os vizinhos do lenhador alertavam que a raposa era um bicho, um animal selvagem, e, portanto, não era confiável. Quando ela sentisse fome comeria a criança. O Lenhador sempre retrucando com os vizinhos falava que isso era uma grande bobagem. A raposa era sua amiga e jamais faria isso. Os vizinhos insistiam: "Lenhador, abra os olhos! A Raposa vai comer seu filho". "Quando sentir fome, comerá seu filho!". Um dia o Lenhador muito exausto do trabalho e muito cansado desses comentários, ao chegar em casa viu a Raposa sorrindo como sempre e sua boca totalmente ensanguentada... O Lenhador suou frio e sem pensar duas vezes acertou o machado na cabeça da raposa... Ao entrar no quarto desesperado, encontrou seu filho no berço dormindo tranqüilamente e, ao lado do berço, uma cobra morta... O Lenhador enterrou o Machado e a Raposa juntos. Se você confia em alguém, não importa o que os outros pensem a respeito, siga sempre o seu caminho e não se deixe influenciar...

OPÇÃO

Um jovem descrente, desejando testar o conhecimento de um sábio, ergueu o punho fechado na frente do homem venerado.

"O que tenho em minha mão?" perguntou o jovem.

"Uma borboleta", foi a resposta.

"Está viva ou morta?" inquiriu o rapaz.

O ancião sabia que o jovem estava brincando com ele. Se respondesse morta, o jovem abriria a mão e deixaria a borboleta voar. Se respondesse viva, o rapaz fecharia a mão e esmagaria a criatura. Então respondeu:

"Está em suas mãos – fazer aquilo que deseja com ela".

CARROÇA VAZIA

Certa manhã, meu pai convidou-me a dar um passeio no bosque e eu aceitei com prazer.

Ele se deteve numa clareira e depois de um pequeno

silêncio me perguntou:

_ Além do cantar dos pássaros, você está ouvindo mais

alguma coisa?

Apurei os ouvidos

alguns segundos e respondi:

_ Estou ouvindo um barulho de carroça.

_ Isso mesmo, disse meu pai. É uma carroça vazia...

Perguntei ao meu pai:

_ Como pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos?

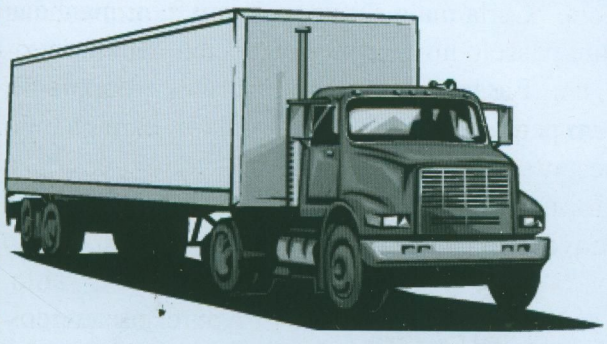
_ Ora _ respondeu meu pai _ É muito fácil saber que uma carroça está vazia, por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça maior é o barulho que faz.

Tornei-me adulto, e até hoje, quando vejo uma pessoa falando demais, inoportuna, interrompendo a conversa de todo mundo, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai dizendo: Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz...

É, meus amigos, existem pessoas assim infelizmente, que são muito vazias, que só trazem rancor, fofocas, que são como uma verdadeira carroça vazia fazendo apenas muito barulho em nossas vidas.

CULPA

Um belo dia de sol, Sr. José, um velho caminhoneiro chega em casa todo orgulhoso e chama a sua esposa para ver o lindo caminhão que comprara depois de longos e árduos 20 anos de trabalho. Era o primeiro que conseguia comprar depois de tantos anos de sufoco e estrada.



A partir daquele dia, finalmente seria seu próprio patrão.

Ao chegar à porta de casa, encontra seu filhinho de seis anos,

martelando alegremente a lataria do reluzente caminhão. Irado e aos berros pergunta o que o filho estava fazendo e, sem hesitar, completamente fora de si, martela impiedosamente as mãos do garoto, que se põe a chorar desesperadamente sem entender o que estava acontecendo.

A mulher do caminhoneiro corre em socorro do filho, mas pouco pôde fazer. Chorando junto ao filho, consegue trazer o marido à realidade,

e juntos levam o garoto ao hospital para cuidar dos ferimentos provocados.

Passadas várias horas de cirurgia, o médico desconsolado e bastante abatido, chama os pais e informa que as dilacerações foram de tão grande extensão, que todos os dedos da criança tiveram que ser amputados. Porém, o menino era forte e resistia bem ao ato cirúrgico, devendo os pais aguardá-lo no quarto.

Ao acordar, o menino ainda sonolento esboçou um sorriso e disse ao pai:

_ Papai, me desculpe. Eu só queria consertar seu caminhão, como você me ensinou outro dia. Não fique bravo comigo. O pai, enternecido e profundamente arrependido, deu um forte abraço no filho e disse que aquilo não tinha mais importância.

Não estava bravo e sim arrependido de ter sido tão duro com ele

e que a lataria do caminhão não tinha estragado. Então o garoto com os olhos radiantes perguntou:

_ Quer dizer que não está mais bravo comigo?

_ É claro que não! _ respondeu o pai.

Ao que o menino pergunta:

_ Se estou perdoado papai, quando meus dedinhos vão nascer de novo?

Nos momentos de raiva cega, machucamos as pessoas que mais amamos, e muitas vezes não podemos "sarar" a ferida que deixamos.

Nos momentos de raiva, tente parar e pensar em suas atitudes, a fim de evitar que os danos seja irreversíveis.

Não há nada pior que o arrependimento e a culpa.

Pense nisto!

JÓIAS

Um homem, religioso dedicado, vivia muito feliz com sua família. Esposa admirável e dois filhos queridos.

Certa vez, por imperativos da religião, o homem empreendeu longa viagem ausentando-se do lar por vários dias.

No período em que estava ausente, um grave acidente provocou a morte dos dois filhos amados.

A mãezinha sentiu o coração dilacerado de dor. No entanto, por ser uma mulher forte, sustentada pela fé e pela confiança em Deus, suportou o choque com bravura.

Todavia, uma preocupação lhe vinha à mente: como dar ao esposo a triste notícia?

Sabendo-o portador de insuficiência cardíaca, temia que não suportasse tamanha comoção. Lembrou-se de fazer uma prece. Rogou a Deus auxílio para resolver a difícil questão.

Alguns dias depois, num final de tarde, o homem retornou ao lar. Abraçou longamente a esposa e perguntou pelos filhos... Ela pediu para que não se preocupasse. Que tomasse o seu banho, e logo depois ela lhe falaria dos moços. Alguns minutos depois estavam ambos sentados à mesa. Ela lhe perguntou sobre a viagem, e logo ele perguntou novamente pelos filhos.

A esposa, numa atitude um tanto embaraçada, respondeu ao marido:

_ Deixe os filhos. Primeiro quero que me ajude a resolver um problema que considero grave.

O marido, já um pouco preocupado perguntou:

_ O que aconteceu? Notei você abatida! Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus.

_ Enquanto você esteve ausente, um amigo nosso visitou-me e deixou duas jóias de valor incalculável, para que as guardasse. São jóias muito preciosas! Jamais vi ago tão belo!

_ O problema é esse! Ele vem buscá-las e eu não estou disposta a devolvê-las, pois já me afeiçoei a elas. O que você me diz?

_ Ora mulher! Não estou entendendo o seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades!... Por que isso agora?

_ É que nunca havia visto jóias assim! São maravilhosas!

_ Podem até ser, mas não lhe pertencem! Terá que devolvê-las.

_ Mas eu não consigo aceitar a ideia de perdê-las!

E o homem respondeu com firmeza: ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo!

_ Vamos devolvê-las, eu a ajudarei. Faremos isso juntos, hoje mesmo.

_ Pois bem, meu querido, seja feita a sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade isso já foi feito.

_ As jóias preciosas eram nossos filhos.

_ Deus os confiou à nossa guarda, e durante a sua viagem veio buscá-los. Eles se foram.

O rabi compreendeu a mensagem. Abraçou a esposa, e juntos derramaram grossas lágrimas. Sem revolta nem desespero. Os filhos são jóias preciosas que o Criador nos confia a fim de que as ajudemos a burilar-se. Não percamos a oportunidade de enfeitá-las de virtudes. Assim, quando tivermos que devolvê-las a Deus, que possam estar ainda mais belas e mais valiosas.

ESPELHO

Era uma vez, um homem que só via e realçava o mal em tudo o que fazia. Um dia ele morreu e "partiu dessa para uma melhor". Só que do lado de lá havia um companheiro que não largava do seu pé, e o acompanhava o tempo todo. Era um verdadeiro "mala": egoísta, pessimista, mal-humorado, critiqueiro, mal-agradecido, e que só sentia-se bem quando estava mal.O homem, não o suportando mais, foi a um anjo e implorou: "Por favor, livra-me da companhia daquele sujeito, eu já não agüento mais...". O anjo, entre admirado e compadeci-

do, respondeu: "Mas não há nenhum companheiro. Aqui só existe um sistema de espelhismo, que faz com que cada um veja e conviva com o que formou de si mesmo. Depende somente de você libertar-se dele".

PERDÃO

O pequeno Lucas entra em casa, após a aula, batendo forte os seus pés no assoalho da casa. Seu pai, que estava indo para o quintal para fazer alguns serviços na horta, ao ver aquilo chama o menino para uma conversa.

Lucas, de oito anos de idade, o acompanha desconfiado. Antes que seu pai dissesse alguma coisa, fala irritado:

_ Pai, estou com muita raiva. O Tiago não deveria ter feito aquilo comigo. Desejo tudo de ruim para ele.

Seu pai, um homem simples, mas cheio de sabedoria, escuta calmamente o filho que continua a reclamar:

_ O Tiago me humilhou na frente dos meus amigos. Não aceito. Gostaria que ele ficasse doente sem poder ir à escola.

O pai escuta tudo calado enquanto caminha até um abrigo onde guardava um saco cheio de carvão Levou o saco até o fundo do quintal e o menino o acompanhou, calado. Lucas vê o saco ser aberto e antes mesmo que ele pudesse fazer uma pergunta, o pai lhe propõe algo:

_ Filho, faz de conta que aquela camisa branquinha que está secando no varal é o seu amiguinho Tiago e cada pedaço de carvão é um mau pensamento seu, endereçado a ele. Quero que você jogue todo o carvão do saco na camisa, até o último pedaço. Depois eu volto para ver como ficou.

O menino achou que seria uma brincadeira divertida e passou mãos à obra. O varal com a camisa estava longe do menino e poucos pedaços acertavam o alvo. Uma hora se passou e o menino terminou a tarefa. O pai que espiava tudo de longe, se aproxima do menino e lhe pergunta:

_ Filho como está se sentindo agora?

_ Estou cansado mas estou alegre porque acertei muitos pedaços de carvão na camisa.

O pai olha para o menino, que fica sem entender a razão daquela brincadeira, e carinhoso lhe fala:

_ Venha comigo até o meu quarto, quero lhe mostrar uma coisa.

O filho acompanha o pai até o quarto e é colocado na frente de um grande espelho onde pode ver seu corpo todo. Que susto! Lucas só conseguia enxergar seus dentes e os olhinhos. O pai, então lhe diz ternamente:

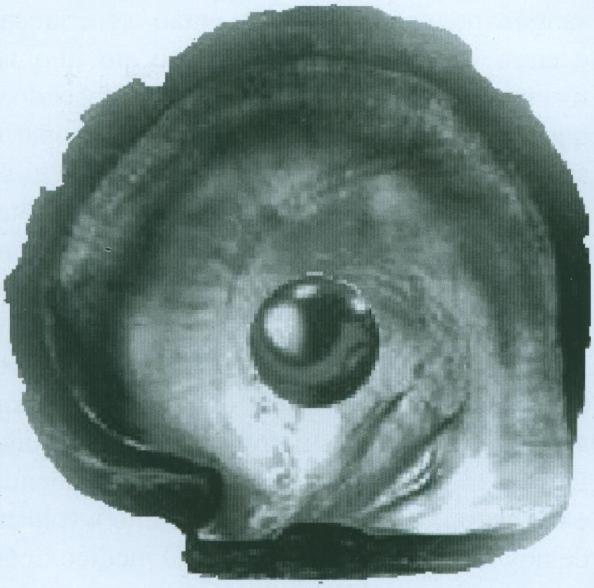
_ Filho, você viu que a camisa quase não se sujou; mas, olhe só para você.

O mal que desejamos aos outros é como o que lhe aconteceu. Por mais que possamos atrapalhar a vida de alguém com nossos pensamentos, a borra, os resíduos, a fuligem ficam sempre em nós mesmos. Cuidado com seus pensamentos, eles se transformam em palavras; Cuidado com suas palavras, elas se transformam em ações; Cuidado com suas ações, elas se transformam em hábitos; Cuidado com seus hábitos, eles mol-

dam o seu caráter; Cuidado com seu caráter, ele controla o seu destino.

PÉROLAS

Você sabia que uma ostra que não foi ferida não produz pérolas? As pérolas são uma ferida curada. Pérolas são produto da dor, resultado da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia.



A parte interna da concha de uma ostra é uma substância lustrosa chamada nácar. Quando um grão de areia penetra, as células do nácar começam a trabalhar e cobrem o grão de areia com camadas e mais camadas para proteger o corpo indefeso da ostra. Como resultado, uma linda pérola é formada.

Uma ostra que não foi ferida, de algum modo, não produz pérolas, pois a pérola é uma ferida cicatrizada: a) Você já se sentiu ferido pelas palavras rudes de um amigo? b) Já foi acusado de ter dito coisas que não disse? c) Suas idéias já foram rejeitadas? Então produza uma pérola... cubra suas mágoas e as rejeições sofridas com camadas e camadas de amor. Lembre-se apenas de que uma ostra que não foi ferida, não produz pérolas, pois uma pérola é uma ferida cicatrizada.

O AMOR

Em uma vilazinha do interior, havia uma pequena escola que comportava todas as crianças da região.

Uma professora em especial, era muito querida pelos seus pequenos alunos.

Eles sentiam-se tão a vontade em sua presença, que não hesitavam em perguntar o que lhes viesse à cabeça.

Durante uma aula, um aluninho perguntou:

_ Professora, o que é o amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta que fizera, e pensou em um modo de explicar na prática, para que todos compreendessem melhor.

Como já estava na hora do recreio, pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola e que cada um trouxesse o que mais despertasse nele, o sentimento de amor.

Assim, a resposta serviria para todos e seria mais bem entendida.

As crianças saíram apressadas e findo o recreio voltaram entusiasmadas.

A professora então pede:

_ Quero que cada um mostre o que trouxe consigo.

A primeira criança disse:

_ Eu trouxe esta flor, não é linda?

Vou levá-la para casa e colocá-la em um vaso bem bonito.

A segunda criança falou:

_ Eu trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la em minha coleção.

A terceira criança completou:

_ Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho junto com outro irmão.Não é uma gracinha?

E assim as crianças foram se colocando, uma a uma.

Quando todos já haviam apresentado o que cada um trouxe, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois nada havia trazido. A professora se dirigiu a ela e perguntou:

_ Meu bem, por

que você não trouxe alguma coisa?

E a criança timidamente respondeu:

_ Desculpe, professora. Vi a flor, senti o seu perfume, pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo e as pessoas pudessem contemplar sua beleza. Vi também a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz voando de lá para cá, que

não tive coragem de aprisioná-la. Vi também um passarinho caído entre as folhas, mas ao subir na árvore notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto, professora, trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe

do passarinho. A professora agradeceu emocionada àquela criança e lhe deu nota máxima.

Essa criança, dentre todas, fora a única que percebera que só podemos trazer o amor no coração.

QUANDO DEUS QUER, NÃO TEM JEITO!

Uma senhora muito pobre telefonou para um programa cristão de rádio pedindo ajuda. Um bruxo do mal que ouvia o programa resolveu pregar-lhe uma peça. Conseguiu seu endereço, chamou seus secretários e ordenou que fizessem uma compra e levassem para a mulher, com a seguinte orientação: _ Quando ela perguntar quem mandou, respondam que foi o DIABO! Ao chegarem na casa, a mulher os recebeu com alegria e foi logo guardando alimentos. Os secretários do bruxo, conforme a orientação recebida, lhe perguntaram: _ A senhora não quer saber quem lhe enviou estas coisas? A mulher, na simplicidade da fé, respondeu:

- Não, meu filho. Não é preciso. Quando Deus manda, até o diabo

obedece!

O VALOR DA AMIZADE

Numa aldeia vietnamita, um orfanato dirigido por um grupo de missionários foi atingido por um bombardeio. Os missionários e duas crianças tiveram morte imediata e as restantes ficaram gravemente feridas. Entre elas, uma menina de oito anos, considerada em pior estado. Era necessário chamar ajuda por uma rádio e ao fim de algum tempo, um médico e uma enfermeira da Marinha dos EUA chegaram ao local.

Teriam que agir rapidamente, senão a menina morreria devido aostraumatismos e à perda de sangue. Era urgente fazer uma transfusão, mas como? Após alguns testes rápidos, puderam perceber que ninguém ali possuía o sangue preciso. Reuniram então as crianças e entre gesticulações, arranhadas no idioma, tentavam explicar o que estava acontecendo e que precisariam de um voluntário para doar o sangue. Depois de um silêncio sepulcral, viu-se um braço magrinho levantar-se timidamente. Era 1 menino chamado Heng. Ele foi preparado às pressas ao lado da menina agonizante e espetaram-lhe uma agulha na veia. Ele se mantinha quietinho e com o olhar fixo no teto. Passado algum momento, ele deixou escapar um soluço e tapou o rosto com a mão que estava livre. O médico lhe perguntou se estava doendo e ele negou. Mas não demorou muito a soluçar de novo, contendo as lágrimas. O médico ficou preocupado e voltou a lhe perguntar, e novamente ele negou.

Os soluços ocasionais deram lugar a um choro silencioso mas ininterrupto. Era evidente que alguma coisas estava errada.

Foi então que apareceu uma enfermeira vietnamita vinda de outra aldeia.

O médico pediu então que ela procurasse saber o que estava acontecendo com Heng. Com a voz meiga e doce, a enfermeira foi conversando com ele e explicando algumas coisas, e o rostinho do menino foi se aliviando... minutos depois ele estava novamente tranqüilo.

A enfermeira então explicou aos americanos: "Ele pensou que ia

morrer; não tinha entendido direito o que vocês disseram e estava achando que ia ter que dar todo o seu sangue para a menina não morrer."

O médico se aproximou dele e com a ajuda da enfermeira perguntou:

_ "Mas se era assim, porque então você se ofereceu a doar seu sangue?"

E o menino respondeu simplesmente: _ "Ela é minha amiga".

PENSAR POSITIVO

João era o tipo do cara que você gostaria de conhecer. Ele estava sempre de bom humor e sempre tinha algo de positivo para dizer.

Quando alguém lhe perguntava como estava, ele respondia: "se eu estivesse melhor teria que ser gêmeo".

Ele era um gerente único, pois seus garçons o seguiam de restaurante em restaurante apenas pela sua atitude. Ele era um motivador nato. Se um empregado estava tendo um dia ruim, João estava lá, lhe dizendo como ver o lado positivo da situação.

Fiquei tão curioso com o seu estilo que um dia fui ate ele e perguntei: "você não pode ser uma pessoa positiva todo o tempo. Como você faz isso?"

Ele me respondeu: "a cada manha ao acordar eu digo pra mim mesmo, João, você tem duas escolhas hoje. Você pode escolher ficar de bom humor ou de mau humor. Eu escolho ficar de bom humor. Cada vez que algo ruim acontece, eu posso escolher bancar a vítima ou aprender alguma coisa com o ocorrido. Eu escolho aprender algo. Toda vez que alguém vem reclamar, eu posso escolher aceitar a reclamação ou mostrar o lado positivo da vida. Eu escolho o lado positivo da vida."

"Certo, mas não é fácil", argumentei.

"É fácil", disse-me João. "A vida é feita de escolhas. Quando você examina a fundo, toda situação é uma escolha. Você escolhe como reagir a situações. Você escolhe como as pessoas afetarão seu humor. Você escolhe sempre. É a sua escolha de como viver sua vida".

Eu pensei sobre o que João disse. Abri meu próprio restaurante. Com o tempo perdi o contato com João, mas sempre lembrava dele quando fazia uma escolha.

Anos mais tarde, soube que João fez algo que nunca se deve fazer em um restaurante, ele deixou a porta de serviço aberta uma manhã e foi rendido por assaltantes. Enquanto ele tentava abrir o cofre, sua mão tremendo pelo nervosismo desfez a combinação do segredo do cofre. Os ladrões entraram em pânico e atiraram. Por sorte ele foi encontrado a tempo de ser socorrido e levado a um hospital. Depois de dezoito horas de cirurgia e semanas de tratamento intensivo, teve alta ainda com fragmentos de bala alojados em seu corpo.

Eu encontrei João mais ou menos seis meses após o acidente. Quando lhe perguntei como estava ele respondeu: "se eu estivesse melhor, seria gêmeo. Quer ver minhas cicatrizes? "

Recusei ver seus ferimentos, mas perguntei-lhe o que havia passado em sua mente na ocasião do assalto. "A primeira coisa que pensei, foi que deveria ter trancado a porta. Então, deitado no chão, eu lembrei que tinha duas escolhas. Eu poderia viver ou morrer. Escolhi viver".

"Você não estava com medo?", perguntei.

"Os paramédicos foram ótimos. Eles me diziam que tudo ia dar certo e que eu iria ficar bem. Mas quando eu entrei na sala de emergência e vi a expressão dos médicos e enfermeiras, fiquei apavorado. Em seus olhos lia – esse aí já era – sabia que tinha que fazer algo".

"O que você fez?", perguntei.

"Bem, havia uma enfermeira que me fazia muitas perguntas. Ela me perguntou se eu era alérgico a alguma coisa. Eu respondi que sim. Todos pararam para ouvir a resposta... Tomei fôlego e gritei: Sou alérgico a balas". Entre suas risadas eu lhes disse: "Eu estou escolhendo viver, operem-me como a um ser vivo, não morto".

João sobreviveu graças ao bom Deus, a perícia dos médicos, mas também graças a sua atitude. Afinal de contas, atitude é tudo.

O mais importante de tudo isso é como disse o nosso amigo João, é que nós escolhamos aprender alguma coisa com esse texto, ou seja, ter sempre uma atitude positiva nas nossas vidas.

Tenha sempre em mente que nada que acontece conosco é por simples acaso. É uma forma de aprendermos, de aperfeiçoarmos um dos nossos lados, as nossas virtudes e fraquezas, de crescermos e nos tornar seres humanos melhores.

Pense positivo. Haja positivamente! É difícil? Pense: existe coisa mais maravilhosa que um largo sorriso e um verdadeiro bom dia pela manhã?

OS TRÊS LEÕES

Numa determinada floresta havia 3 leões. Um dia o macaco, representante eleito dos animais súditos, fez uma reunião com toda a bicharada da floresta e disse:

_ Nós, os animais, sabemos que o leão é o rei dos animais, mas há uma dúvida no ar: existem 3 leões fortes.

Ora, a qual deles nós devemos prestar homenagem? Quem, dentre eles, deverá ser o nosso rei?

Os 3 leões souberam da reunião e comentaram entre si:

_ É verdade, a preocupação da bicharada faz sentido, uma floresta não pode ter 3 reis, precisamos saber qual de nós será o escolhido.

Mas como descobrir?

Essa era a grande questão: lutar entre si eles não queriam, pois eram muito amigos. O impasse estava formado.

De novo, todos os animais se reuniram para discutir uma solução para o caso. Depois eles tiveram uma idéia excelente.

O macaco se encontrou com os 3 felinos e contou o que eles decidiram:

_ Bem, senhores leões, encontramos uma solução desafiadora para o problema.

A solução está na Montanha Difícil.

_ Montanha Difícil? Como assim?

_ É simples _ ponderou o macaco. _ Decidimos que vocês 3 deverão escalar a Montanha Difícil. O que atingir o pico primeiro será consagrado o rei dos reis. A Montanha Difícil era a mais alta entre todas naquela imensa floresta.

O desafio foi aceito. No dia combinado, milhares de animais cercaram a Montanha para assistir a grande escalada. O primeiro tentou. Não conseguiu. Foi derrotado.O segundo tentou. Não conseguiu. Foi derrotado.

O terceiro tentou. Não conseguiu. Foi derrotado. Os animais estavam curiosos e impacientes, afinal, qual deles seria o rei, uma vez que os 3 foram derrotados?

Foi nesse momento que uma águia sábia, idosa na idade e grande em sabedoria, pediu a palavra:

_ Eu sei quem deve ser o rei!!! Todos os animais fizeram um silêncio de grande expectativa.

_ A senhora sabe, mas como? Todos gritaram para a Águia.

_ É simples, confessou a sábia águia, eu estava voando entre eles, bem de perto e, quando eles voltaram fracassados para o vale, eu escutei o que cada um deles disse para a montanha.

O primeiro leão disse: - Montanha, você me venceu!

O segundo leão disse: - Montanha, você me venceu!

O terceiro leão também disse: - Montanha, você me venceu, por enquanto! Mas você, montanha, já atingiu seu tamanho final, e eu ainda estou crescendo.

- A diferença, - completou a águia, - é que o terceiro leão teve uma atitude de vencedor diante da derrota e quem pensa assim é maior que seu problema: É rei de si mesmo.

Os animais da floresta aplaudiram entusiasticamente ao terceiro leão que foi coroado rei entre os reis.

Não é preciso contar a moral da história, e apontar que a Montanha das Dificuldades tem tamanho fixo, limitado, pois, mesmo porque, cada um é por ela tocado de determinado modo. E aplicada as mais variadas situações.

O MENINO E O VENDEDOR DE BALÕES

Um homem vendia balões numa quermesse.

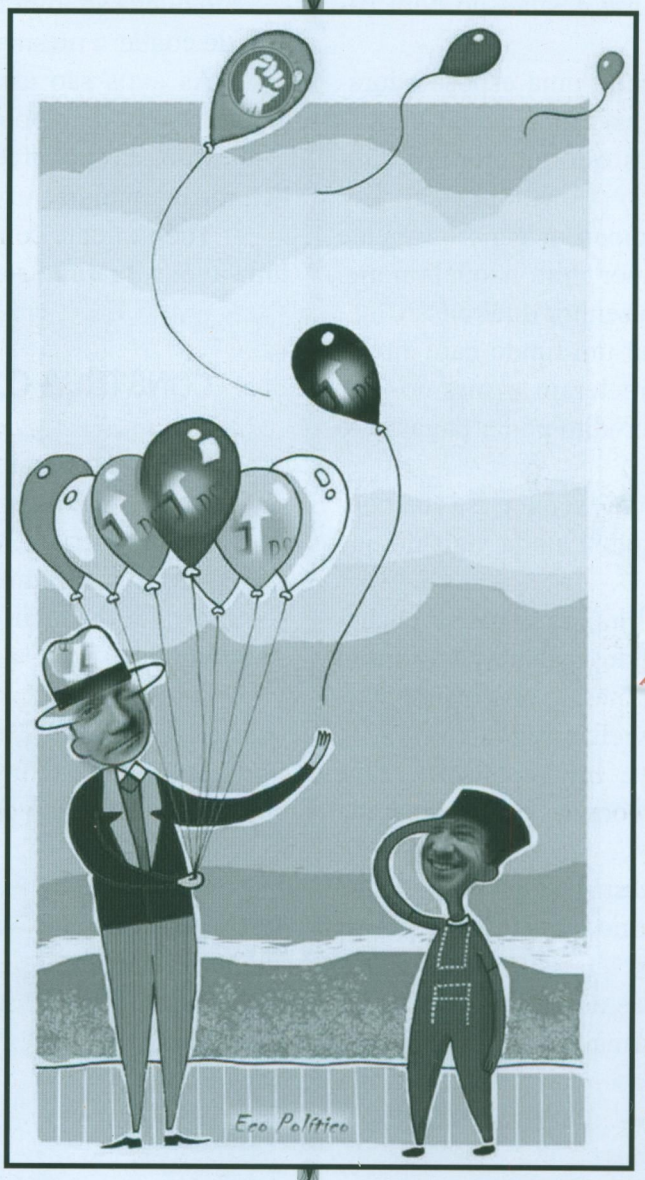
Evidentemente, o

homem era um bom vendedor, pois deixou um balão vermelho soltar-se e elevar-se nos ares, atraindo, desse modo, uma multidão de jovens compradores de balões. Havia ali perto um menino negro. Estava observando o vendedor e, é claro apreciando os balões. Depois de ter soltado o balão vermelho, o homem soltou um azul, depois um amarelo e finalmente um branco. Todos foram subindo até sumirem de vista. O menino, de olhar atento, seguia a cada um. Ficava imaginando mil coisas... Uma coisa o aborrecia, o homem não soltava o balão preto. Então se aproximou do vendedor e lhe perguntou:

_ Moço, se o senhor soltasse o balão preto, ele subiria tanto quanto os outros?

O vendedor de balões sorriu compreensivamente para o menino, arrebentou a linha que prendia o balão preto e enquanto ele se elevava nos ares, disse:

_ Não é a cor, filho, é o que está dentro dele que o faz subir.



Gestos que salvam vidas

A chuva caía fina e gélida na tarde quieta. Longe, na estrada, um carro parou. Era pequeno e meio velho.

Um rapaz saltou, levantou o capô e se pôs a mexer em tudo que viu.

O fazendeiro, de onde estava, pensou: "coitado. Pelo jeito, não entende de mecânica."

Vestiu sua capa de chuva e caminhou até a estrada. O jovem estava muito nervoso, mexia no carro, voltava, tentava dar a partida, passava as mãos pelos cabelos.

Quer ajuda?"

O rapaz parecia preste a chorar.

"É a bobina." - diagnosticou o fazendeiro, depois de uma boa olhada.

Buscou seu cavalo, rebocou o carro até o seu celeiro e com seu próprio carro, foi à cidade de comprar uma bobina nova.

Estranhou que, ao chegar à loja, o rapaz não quisesse entrar. Deu-lhe o dinheiro necessário e disse que tinha vergonha, por estar molhado.

Algum tempo depois com o carro funcionando, pronto para partir, a esposa do fazendeiro insiste para que fique para o jantar.

Não era hábito convidar estranhos para adentrar a casa. Contudo, aquele rapaz parecia aflito, meio perdido. Poderia, talvez ser seu filho.

Ele quase não comeu. Continuava preocupado, ansioso. A chuva se fez mais forte. O casal preparou o quarto de hóspedes e pediu que ficasse.

Na manhã seguinte, suas roupas estavam secas e passadas. Ele se mostrava menos inquieto. Alimentou-se bem e despediu-se.

Quando pegou a estrada, aconteceu uma coisa estranha. Ele tomou a direção oposta da que seguia na noite anterior. Isto é, voltou para a capital.

O casal concluiu que ele se confundira na estrada.

O tempo passou. Os dias se transformaram em semanas, meses e anos. Então, chegou uma carta endereçada ao fazendeiro:

"Sr. Mcdonald,

Não imagino que o senhor se lembre do jovem a quem ajudou, anos atrás, quando o carro dele quebrou.

Imagine que, naquela noite, eu estava fugindo. Eu tinha no carro uma grande soma de dinheiro que roubara de meu patrão.

Sabia que tinha cometido um erro terrível, esquecendo os bons ensinamentos de meus pais.

Mas o senhor e sua mulher foram muito bons para mim. Naquela noite, em sua casa, comecei a ver como estava errado.

Antes de amanhecer, tomei uma decisão. No dia seguinte, voltei ao meu emprego e confessei o que fizera.

Devolvi todo o dinheiro ao meu patrão e lhe implorei perdão.

Ele podia ter me mandado para a prisão. Mas, por ser um homem bom, me devolveu o emprego. Nunca mais me desviei do bom caminho.

Estou casado. Tenho uma esposa adorável e duas lindas crianças. Trabalhei bastante.

Não sou rico, mas estou numa boa situação.

Poderia lhe recompensar generosamente pelo que o senhor fez por mim naquela noite. Mas não acredito que o senhor queira isso.

Então resolvi criar um fundo para ajudar outras pessoas que cometeram o mesmo erro que eu. Desta forma, acredito poder pagar pelo meu erro.

Que Deus o abençoe, senhor, e a sua bondosa esposa, que me ajudou ainda mais do que o senhor sabia."

Enquanto o casal lia, os olhos se encheram de lágrimas. Quando acabaram, a esposa colocou a carta sobre a mesa e citou versículos do capítulo 25 do Evangelho de Mateus:

"Era peregrino, e me recolheste. Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber.

Estava nu, e me vestistes. Estava enfermo e me visitastes. Estava no cárcere e me fostes ver.

Em verdade, todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes."

AVÓ

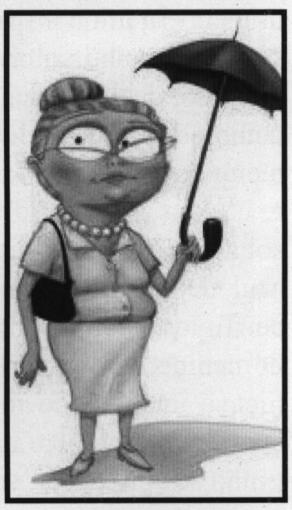
"Uma avó é uma mulher que não tem filhos, por isso gosta dos filhos dos outros.

As avós não têm nada para fazer, é só estarem ali.

Quando nos levam a passear, andam devagar e não pisam flores bonitas nem lagartas.

Nunca dizem: Despacha-te!

Normalmente são gordas, mas mesmo assim conseguem apertar-nos os sapatos.



Sabem sempre que a gente quer mais uma fatia de bolo ou uma fatia maior.

As avós usam óculos e às vezes até conseguem tirar os dentes.

Quando nos contam histórias, nunca saltam bocados e nunca se importam de contar a mesma história várias vezes.

As avós são as únicas pessoas grandes que têm sempre tempo.

Não são tão fracas como dizem, apesar de morrerem mais vezes do que nós.

Toda a gente deve fazer o possível por ter uma avó, sobretudo se não tiver televisão!"

CONSTRUA COM SABEDORIA

Um velho carpinteiro estava pronto para se aposentar. Ele informou ao chefe seu desejo de sair da indústria de construção e passar mais tempo com sua família. Ele ainda disse que sentiria falta do salário, mas realmente queria se aposentar.

A empresa não seria muito afetada pela saída do carpinteiro, mas o chefe estava triste em ver um bom funcionário partindo e ele pediu ao carpinteiro para trabalhar em mais um projeto como um favor.

O carpinteiro concordou, mas era fácil ver que ele não estava entusiasmado com a idéia. Ele prosseguiu fazendo um trabalho de segunda qualidade e

usando materiais inadequados.

Foi uma maneira negativa de ele terminar sua carreira. Quando o carpinteiro acabou, o chefe veio fazer a inspeção da casa. E depois ele deu a chave da casa para o carpinteiro e disse: "Essa é sua casa. Ela é o meu presente para você".

O carpinteiro ficou muito surpreso. Que pena! Se ele soubesse que ele estava construindo sua própria casa, ele teria feito tudo diferente.

O mesmo acontece conosco. Nós construímos nossa vida, um dia de cada vez e muitas vezes fazendo menos que o melhor possível na construção. Depois com surpresa nós descobrimos que nós precisamos viver na casa que nós construímos.

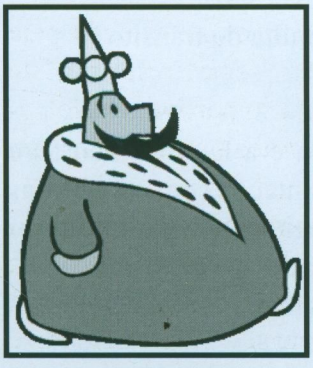
Se nós pudéssemos fazer tudo de novo, faríamos tudo diferente. Mas não podemos voltar atrás.

Você é o carpinteiro. Todo dia você martela pregos, ajusta tábuas e constrói paredes. Alguém disse que "A vida é um projeto que você mesmo constrói". Suas atitudes e escolhas de hoje estão construindo a "casa" que você vai morar amanhã.

O REI E O LOBO

Certo rei decidiu domesticar um lobo e transformá-lo em um cão dócil. Seu desejo baseava-se na ignorância e na ânsia de que os outros aprovassem e admirassem sua atitude, o que é causa freqüente de muitos problemas neste mundo. Fez com que tirassem de uma loba um dos seus filhotes recém-nascidos, e que fosse criado entre cães domésticos. Quando o filhote de lobo cresceu, foi levado diante do rei e durante vários dias se comportou exatamente como um cão.

As pessoas que viam esse fato assombroso ficavam maravilhadas e pensavam que o rei era extraordinário.



Agindo de acordo com essa crença, fizeram do rei seu conselheiro em todas as coisas e lhe atribuíam grandes poderes. O próprio rei acreditou que o que acontecera era quase um milagre. Um dia, quando estava caçando, o rei ouviu uma matilha de lobos que se aproximava. Quando os animais chegaram perto, o lobo doméstico deu um salto, mostrou as presas e correu para lhes dar as boas vindas.

Em poucos segundos desapareceu, de volta aos seus companheiros naturais.

O CAVALO E O PORCO

Um fazendeiro colecionava cavalos e só faltava uma determinada raça.

Um dia ele descobriu que o seu vizinho tinha este determinado cavalo.

Assim, ele atazanou seu vizinho até conseguir comprá-lo. Um mês depois

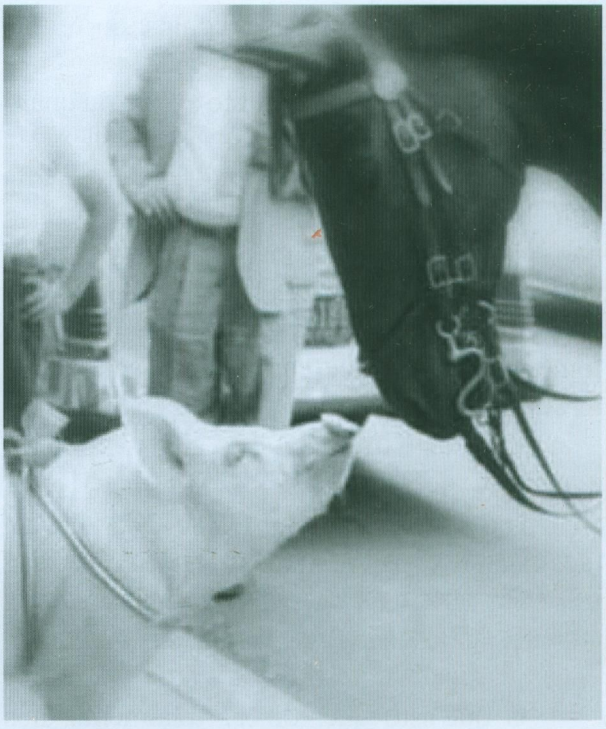
o cavalo adoeceu, e ele chamou o veterinário:

- Bem, seu cavalo está com uma virose, é preciso tomar este medicamento

durante 3 dias, no terceiro dia eu retornarei e caso ele não esteja

melhor, será necessário sacrificá-lo.

Neste momento, o porco escutava toda a conversa.



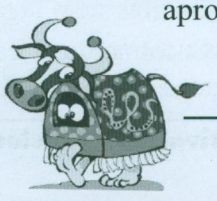
No dia seguinte deram o medicamento e foram embora.

O porco se aproximou do cavalo e disse: – Força amigo! Levanta daí,

senão você será sacrificado!

No segundo dia, deram o medicamento e foram embora. O porco se

aproximou do cavalo e disse:



- Vamos lá ami-

gão, levanta senão você vai morrer! Vamos lá, eu te
ajudo a levantar... Upa!

No terceiro dia deram o medicamento e o veterinário disse: -

Infelizmente, vamos ter que sacrificá-lo amanhã, pois a virose pode
contaminar os outros cavalos.

Quando foram embora, o porco se aproximou do cavalo e disse: – Cara, é
agora ou nunca, levanta logo! Coragem! Upa ! Upa ! Isso, devagar!

Ótimo, vamos um, dois, três, legal, legal, agora mais depressa vai...

Fantástico! Corre, corre mais! Upa ! Upa ! Upa !!! Você venceu Campeão!

Então, de repente o dono chegou, viu o cavalo correndo no campo e gritou:

- Milagre ! O cavalo melhorou. Isso merece uma festa... "Vamos matar o
porco!"

Isso acontece com freqüência no ambiente de trabalho.

Ninguém percebe, quem é o funcionário que tem o mérito pelo sucesso.

Saber viver sem ser reconhecido é uma arte, afinal quantas vezes
fazemos o papel do porco amigo ou quantos já nos levantaram e nem o sabor da
gratidão puderam dispor??? Se algum dia alguém lhe disser que seu trabalho não
é o de um profissional, lembre-se: Amadores construíram a Arca de Noé e profissionais, o Titanic.

PRINCÍPIO 90/10

Que princípio é este? Os 10% da vida estão relacionados com o que se passa com você, os outros 90% da vida estão relacionados com a forma como você reage ao que se passa com você.

O que isto quer dizer? Realmente, nós não temos controle sobre 10% do que nos sucede.

Não podemos evitar que o carro enguice, que o avião atrase, que o semáforo fique no vermelho.

Mas, você é quem determinará os outros 90%.

Como? Com sua reação.

Exemplo: Você está tomando o café da manhã com sua família. Sua filha, ao pegar a xícara, deixa o café cair na sua camisa branca de trabalho.

Você não tem controle sobre isto.

O que acontecerá em seguida será determinado por sua reação.

Então, você se irrita. Repreende severamente sua filha e ela começa a chorar. Você censura sua esposa por ter colocado a xícara muito na beirada da mesa.

E tem prosseguimento uma batalha verbal. Contrariado e resmungando, você vai mudar de camisa.

Quando volta, encontra sua filha chorando mais ainda e ela acaba perdendo o ônibus para a escola.

Sua esposa vai pro trabalho, também contrariada. Você tem de levar sua filha, de carro, pra escola. Como está atrasado, dirige em alta velocidade e é multado.

Depois de 15 min. de atraso, uma discussão com o guarda de trânsito e uma multa, vocês chegam à escola, onde sua filha entra, sem se despedir de você.

Ao chegar atrasado ao escritório, você percebe que esqueceu de sua maleta.

Seu dia começou mal e parece que ficará pior. Você fica ansioso pro dia acabar e quando chega em casa , sua esposa e filha estão de cara fechadas, em silêncio e frias com você.

Por quê? Por causa de sua reação ao acontecido no café da manhã... Pense:

Por que seu dia foi péssimo?

A) por causa do café?
B por causa de sua filha?
C) por causa de sua esposa?
D) por causa da multa de trânsito?
E) por sua causa?

A resposta correta é a E. Você não teve controle sobre o que aconteceu com o café, mas o modo como você reagiu naqueles 5 min. foi o que deixou seu dia ruim.

A aplicação do princípio

O café cai na sua camisa. Sua filha começa a chorar. Então, você diz a ela, gentilmente: "está bem, querida, você só precisa ter mais cuidado".

Depois de pegar outra camisa e a pasta executiva, você volta, olha pela janela e vê sua filha pegando o ônibus. Dá um sorriso e ela retribui, dando adeus com a mão.

Notou a diferença? Duas situações iguais, que terminam muito diferentes.

Por quê? Porque os outros 90% são determinados por sua reação.

Aqui temos um exemplo de como aplicar o Princípio 90/10.

• Se alguém diz algo negativo sobre você, não leve a sério, não deixe que os comentários negativos te afetem. Reaja apropriadamente e seu dia não ficará arruinado.

• Como reagir a alguém que te atrapalha no trânsito? Você fica transtornado? Golpeia o volante? Xinga? Sua pressão sobe?

• O que acontece se você perder o emprego? Por que perder o sono e ficar tão chateado? Isto não funcionará. Use a energia da preocupação para procurar outro trabalho.

• Seu vôo está atrasado, vai atrapalhar a sua programação do dia. Por que manifestar frustração com o funcionário do aeroporto? Ele não pode fazer nada. Use seu tempo para estudar, conhecer os outros passageiros.

Estressar-se só piora as coisas.

Agora que você já conhece o Princípio 90/10, utilize-o.

Você se surpreenderá com os resultados e não se arrependerá de usá-lo.

Milhares de pessoas estão sofrendo de um stress que não vale a pena,

sofrimentos, problemas e dores de cabeça e muitas outras doenças...

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Rafael era um menino prodígio e muito astuto. Certo dia, desmantelou uma barraca de frutas de um ambulante, espalhando as frutas por toda a rua. O pobre homem reclamou ao pai do garoto, que prontamente pagou pelo prejuízo.

Embora o pai soubesse que o filho era dado a travessuras, estava também consciente de seu conhecimento de Deus, e que não era peculiar ao menino prejudicar uma pessoa com suas ações. Não desejando passar-lhe uma reprimenda, o pai perguntou-lhe qual o motivo daquele comportamento.

"Observei o homem arrumar as frutas

no carrinho," defendeu-se. "Ele colocou frutas estragadas e de qualidade inferior por baixo, então cobriu tudo com uma fina camada de frutas de primeira. Estava tentando enganar os fregueses, que iriam pensar serem todas de boa qualidade. Era meu dever proteger compradores desavisados de serem roubados por uma pessoa desonesta."

FRASES DA INTERNET

-20 Buscar 100 demora, 60 aqui e vamos embora.

-A fé remove montanhas, mas eu prefiro dinamite.

-Preguiça é o habito de descansar antes de estar cansado.

-Agora vou votar nas putas... Cansei de votar nos filhos.

-Alegria de poste é estar em mato sem cachorro.

-A mãe me chama de cachorro, a filha dela me chama de gato.

-A melhor vacina contra a AIDS é a comida caseira.

-Antes dava um boi para não entrar numa briga, hoje brigo por um bife!

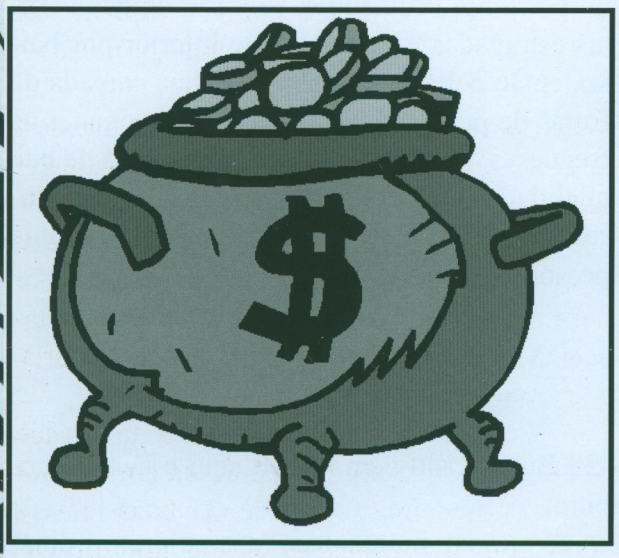
-Antes eu sonhava agora eu nem durmo.

-Aqui é como o World Trade Center... só entra avião!!!

-O futuro depende dos seus sonhos! Por isto não per- ca tempo, vá para casa dormir.

- O chifre é como consórcio, quando você menos es-

pera, é contemplado.
-Não vou bem como quero nem mal como pensam.
-Nasci careca, pelado e sem dente. O que vier é lucro!
-Não me siga, posso estar perdido.
-Os últimos serão os primeiros e os do meio sempre serão os do meio.
-Não perca o bom humor, pois quem achar não devolverá.
-Não bebo água, os peixes transam nela.
-Não leve a vida tão a sério: Você não vai sair vivo dela, mesmo!
-De nada adiante ter uma barriga de tanquinho se a torneira for pequena.
-Dinheiro de pobre parece sabão; quando pega, escorrega da mão.
-Não falo com a minha esposa há mais de um ano! Não quero interrompê-la...



-Dinheiro não traz felicidade... então me dê o seu e seja feliz.
-Dinheiro não traz felicidade ... manda buscar.
-Em casa minha mulher é o governo; minha sogra, o ministro da defesa e eu o ministro da despesa!
-Escola enriquece, veja o dono dela.
-Filho de rico é Playboy, de pobre é office-boy.

O QUARTO DO METODÓ

Embora muitas pessoas não acreditam em assombrações, elas existem ! A minha vida toda sempre tive pesadelos horriveis mas ficou pior quando completei 15 anos, tinha acabado de mudar para uma nova casa que era uma construção antiga, dessas casas bem grandes com um imenso quintal nos fundos . Minha familia era muito grande mas a maioria já estavam casados e na casa morava meus pais , eu, meu irmão e 3 irmãs Eu dormia com minha irmã mais velha num quarto que ficava meio isolado do restante da casa e em frente ao meu quarto ficava o banheiro , minhas outras duas irmãs dormiam no quarto dos meus pais e meu irmão na sala e as vezes eu ouvia meu pai levantar a noite para ir ao banheiro.

Uma certa noite fui dormir e me enrolei toda nos cobertores pois estava muito frio, dormi por pouco tempo e acordei e fiquei com insonia, vi que minha irmã dormia num sono profundo e até roncava! De repente ouvi uns passos no corredor como se alguem caminhasse bem devagar em direção ao quarto, comecei a sentir calafrios e logo percebi que era algo ruim, comecei a sentir um calor insuportavel, mas não tinha coragem de me descobrir de medo. Tentei me distrair e pensei; deve ser meu pai que se levantou! mas ouvi o ranger da porta, e os passos continuavam em minha direção, meu coração disparou e senti um medo que nunca havia sentido na vida! De repente senti que alguém sentou na cama perto dos meus pés e repuxou o cobertor, eu continuava imóvel e comecei a ouvir uma respiração muito alta, era como se a pessoa estivesse muito cansada, logo em seguida, a respiração parou e e senti que a pessoa subiu na cama e deitou do meu lado, eu continuei imóvel e meu coração parecia que ia sofrer um infarto, foi quando senti algo tocar no meu rosto e nesse momento eu não aguentei e gritei, chamei minha irmã mas ela não acordou , ficou pior, pois apensei que agora a assombração já sabia que eu estava acordada, ela se levantou de repente e ficou sentada novamente nos meus pés e respirava ainda mais. Levei quase a noite toda ouvindo isso, sem me mexer e morrendo de medo e calor, foi quando de repente meu irmão que dormia na sala e acordava todos os dias ás cinco da manhã pra trabalhar, entrou no quarto e como um passe de mágica tudo sumiu . Dei um pulo da

cama e sai correndo pra sala e minha irmã fez a mesma coisa, chegando na sala ela começou a me xingar falando que tinha passado um a noite de terror e relatando tudo exatamente como havia acontecido comigo, das respirações ofegantes e inclusive que havia gritado o meu nome e eu não acordei. Não conseguia acreditar que ela tinha passado por tudo exatamente como eu passei, era realmente um mistério, mas daquela noite em diante passamos a dormir sempre na sala com meu irmão e depois disso tudo sempre ouviamos barulhos na cozinha de alguém lavando louças ou varrendo a casa. Até mesmo os parentes que vinha nos visitar e dormia naquele quarto, relatavam casos de pesadelos e vários não conseguiam dormir nele. Uma vizinha amiga da minha mãe chegou a comentar que morava ali uma senhora que fazia doces para festas e morreu na cozinha trabalhando. Houve outros fatos depois disso, nessa e em outras casas.

MELHOR SUSPENSE DOS ÚLTIMOS

Nos últimos anos nos acostumamos a ver filmes de espíritos, fantasmas. Enfim, os mortos parecem estar em alta no cinema. O problema é a falta de criatividade desses filmes. Alguns até assustam, outros tem alguma surpresa no final, mas com o grande número de obras desse gênero lançados nos últimos anos, eles se tornaram repetitivos, óbvios. Porém, no meio de tantos remakes de filmes orientais e filmes tentando ser o novo A bruxa de Blair, o melhor deles talvez tenha sido um dos que passou mais despercebido. Uma produção de México e Espanha, o filme "O Orfanato" é com certeza o melhor de todos estes lançamentos. Como destaque o filme tem entre os produtores Guillermo del Toro, que anda em alta no mercado após dirigir o premiado O Labirinto do fauno.

O filme conta a história de Laura (Belén Rueda), que cresceu em um orfanato. Anos depois, ja adulta, Laura compra a casa abandonada onde funcionava o orfanato, e vai morar com seu marido Carlos (Fernando Cayo) e seu filho Simón (Roger Príncep), de sete anos, com a intenção de reabrir o orfanato e cuidar de crianças com alguma deficiência.

No local, o menino Simón passa a ter visões de crianças, que a princípio seus pais consideram ser amigos imaginários. Porém, estranhos acontecimentos levam Laura a crer que a família realmente não está sozinha na casa.

O filme tem boas atuações, principalmente da protagonista Belén Rueda. Nesse tipo de filme com poucos personagens, que se passam em sua maior parte dentro de uma casa, é muito importante uma boa atuação dos atores principais, e com certeza Belén Rueda deu conta do recado. O filme é também visualmente bonito, mesmo com seu tom macabro. Mas o grande destaque fica por conta do roteiro, muito mais amplo do que qualquer outro filme deste gênero. É um excelente suspense, daqueles onde o expectador quebra a cabeça tentando desvendar os mistérios. É também um drama, mostrando o que uma mãe é capaz de fazer por um filho. É um terror onde sustos são inevitáveis. Mais acima de tudo é uma linda história, que emociona quem assiste.

O Orfanato terá um remake americano (o que não deve ser novidade, os americanos parecem especialistas em copiar boas idéias), também com a colaboração de Guillermo Del Toro. Esse filme que merece ser visto, não esperem pela versão americana.

LUA CHEIA

O homem do carro da frente olhou para o retrovisor e viu que Wolf estava aterrorizado. O seu semblante era puro pânico. Wolf acabara de sair de seu velho Astra azul-marinho e agora vasculhava o céu com um olhar de urgência. O plenilúnio estava prestes a ocorrer.

– Como fui imprudente! Como pude me esquecer que hoje é véspera de feriado? – exasperado, Wolf gritou, como se fosse um insano. Uma longa fila de carros não saía do lugar há mais de quarenta minutos e Wolf agora tinha certeza de que não iria conseguir.

Há muitos anos, Lupus Wolf comprara um apar-

tamento na periferia da cidade, bem distante da confortável casa onde montara residência. Mas somente utilizava "a Fortaleza" cada vinte e nove dias. Deveria estar nela, agora. Deveria estar trancado no quarto de segurança, aguardando a dolorosa transformação imposta pelos humores nefandos da Lua. O quarto pequeno e sem janelas custara uma fortuna. Possuía isolamento acústico e as paredes eram revestidas por uma generosa camada de concreto pintada de preto. Mas o mais caro – e que quase levou o advogado à bancarrota – fora a porta de segurança, de ferro maciço, e que só se abria na hora programada, tal qual um cofre de agência bancária. Era no quarto de segurança que Wolf se refugiava nas noites de lua plena. Era lá que deveria estar, irremediavelmente preso, sem possibilidade de fuga, até o amanhecer. Até que a fera medonha em que se converteria voltasse à forma humana. Mas não estava. Encontrava-se retido no maldito engarrafamento de Ano Novo. Sim, como fora imprudente!

Wolf voltou para o Astra e ligou a ignição. Havia espaço suficiente para uma rápida manobra. Em poucos segundos, o carro estava no acostamento. Muitos viram quando Wolf tirou o paletó e se embrenhou, cambaleante, no bosque lateral.

– Eis um completo maluco – disse o homem do carro da frente. Mas Lupus Wolf sequer ouviu o comentário.

A transformação veio quando Wolf tentava amarrar-se, com o cinturão, a um arbusto. Ele sabia, perfeitamente, que aquilo não deteria a coisa. Mas sentia, a bem da própria consciência, a necessidade de fazer alguma coisa. Quando a Lua atingiu o ápice, e disseminou, no firmamento, o seu fluxo peçonhento, Wolf emitiu um ganido sinistro, mouco aos ouvidos humanos. Todavia, neste momento, todos os cães das redondezas, com os olhos esgazeados torcidos para a Lua, puseram-se a ladrar e a uivar, de angústia e de terror.

Somente a Lua foi testemunha da coisa terrível em que Lupus Wolf se converteu.

MADRUGADA

O velho Rabit saiu da cabana, erigida numa clareira à margem do riacho que serpenteava o bosque de ciprestes e coníferas, para fumar um cigarrinho e observar a Lua cheia.

Sempre fazia isso.

Naquela noite, a Lua estava especialmente inflada. Irradiava uma luminosidade intensa e bela. Mas o velho Habit estava apreensivo. Havia algo de estranho pairando no ar da noite. Embora saturada pelo perfume dos eucaliptos, a atmosfera prateada deixava exalar um suave e quase imperceptível olor de miasma. Rabit surpreendeu-se ao sentir um calafrio inundar o seu corpo. Uma vertigem insinuava-se naquele calafrio. Algo terrivelmente ruim estava por acontecer, ele ponderou. Da mata, vieram estranhos ruídos, como os uivos caninos e o farfalhar de asas medonhas.

Rabit viu que uma nuvem negra fizera a lua desaparecer. Forçou a vista cansada. A nuvem crescia? Parecia-lhe que sim. Não só crescia como ganhava um contorno aterrador. Crescia e se aproximava. Crescia e cada vez mais assumia a forma de um gigante.

Rabit caiu.

Do alto, a coisa sentiu o cheiro de sangue humano. O cheiro do líquido viscoso e bom. Bom e refrescante. Então, emitiu um grito. Com o sonar em alerta, facilmente localizou a presa. Encetou, pois, um vôo rasante. Próximo ao solo, o imenso

animal, inclinando-se para trás, recolheu as negras asas membranosas, e pôs em riste as garras pés. A presa foi ao chão com o abdome completamente dilacerado.

O ancião tentou reerguer-se, mas era tarde. A coisa – que lhe pareceu um enorme morcego vampiro – mergulhou-lhe na goela as fileiras de dentes afiados e pôs-se a sorver furiosamente.

À medida que sugava, o vampiro, curvado sobre o corpo inerte do ancião, batia as asas incomensuráveis num ritmo convulso, em perfeita harmonia com os estertores da vítima, do velho homem que a coisa mantinha agulhada ao solo pelas garras dos pés, longas e aquilinas. Mas, quando terminou, o vampiro sentiu que já não tinha fuças. Os dentes aguçados, que há pouco laceravam e corrompiam, despregaram-se da goela do homem, numa retração súbita e dolorosa. Nauseado, tomado de surpresa e horror, Lupus Wolf recolheu, instantaneamente, os lábios que descansavam sobre o pescoço de Rabit, o velho eremita do bosque. E, enternecido, com os lábios repletos de sangue e o coração afogado no remorso, o homem mergulhou na floresta, rumo à rodovia, sob o jugo do enorme asco que de si mesmo sentia.

No céu, a Lua cheia se punha.

ENGANANDO A MORTE

Sentado no terraço de sua casa de campo, o multimilionário Silva olhava para o rio. A calmaria das águas contrastava com a agitação que sentia no seu âmago. Aos seus ouvidos soava ainda a voz do médico, seu amigo de há longos anos.

- Lamento informá-lo, Silva, mas você tem cancro. Dissera-lhe o médico, pesaroso. Acrescentara: – No pâncreas. Incurável.

- Mas, doutor mande-me para um dos seus colegas. Como sabe, dinheiro não é problema. Argumentara Silva, chocado com a notícia.

- Lamento, mas não há cura. Com esse tipo de cancro e a sua idade.

O médico tinha razão, cancro no pâncreas e os seus 80 anos eram incompatíveis com uma recuperação e com a sobrevivência. O médico dissera-lhe que só teria uns seis meses de vida. Ora, essa conversa acontecera há cerca de quatro meses, pelo que só lhe restariam uns dois meses de vida. Apesar de possuir uma idade bastante avançada, Silva não se sentia nada velho. Na verdade, até lhe ser diagnosticado o cancro, Silva escalara montanhas, praticara desportos radicais, mergulhara nas zonas mais profundas dos oceanos, pilotara o seu avião ultra-leve. Enfim, fazia uma vida activa, capaz de fazer de inveja a qualquer aventureiro. Para Silva, idade não era sinónimo de velhice. Quando o médico lhe lera a sentença de morte, Silva correu todos os milagreiros, cientistas e médicos na procura de uma solução. Agora, jazia sentado numa cadeira, com o doseador automático de morfina, que lhe aliviava as dores e que lhe distorcia a noção da realidade. E aguardava. Não a morte que o amigo médico lhe vaticinara, mas a vida que um outro ?amigo? lhe prometera a troco de grande parte da sua fortuna.

No mês anterior, durante a sua procura pela cura, um dos médicos consultados dissera-lhe que havia uma solução, nova e radical: a troca de corpo. Deveria ser escolhida uma pessoa com um corpo jovem e saudável. Depois, bastaria efectuar um transplante cerebral e implantar o cérebro de Silva no novo corpo. Assim, enganaria a morte e simultaneamente rejuvenescia. Inicialmente, Silva achara a ideia ficcional e macabra. Até porque implicaria a morte de um inocente. Depois, com o surgimento das dores, com a utilização continuada da morfina, começou a ver tudo de outra perspectiva. Entrou em contacto com o médico e disse-lhe que aceitava.

Olhava ainda o rio, quando o médico chegou junto de si. Trazia-lhe notícias sobre os potenciais dadores de corpos.

- Agora vamos ver

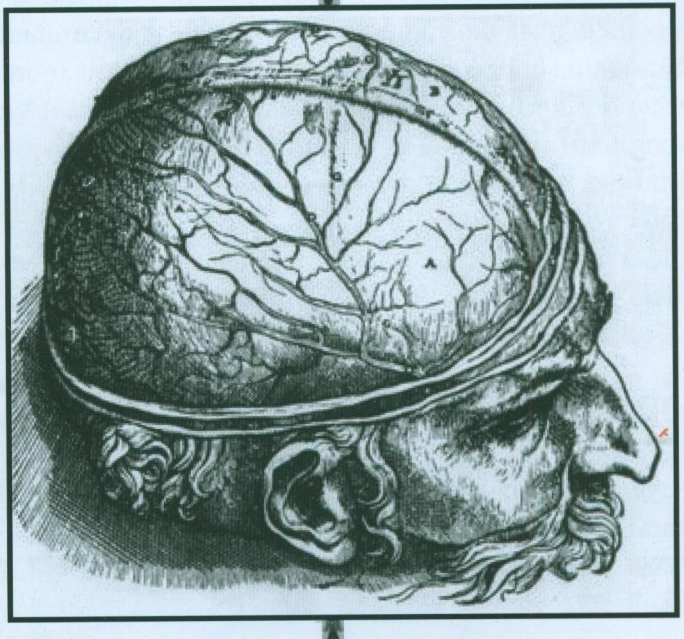
as fotos dos potenciais dadores. O primeiro é um indivíduo negro. Desportista, robusto, praticante de artes marciais, de 20 anos.

? Passou-lhe a foto correspondente. ? O seguinte é um caucasiano de 19 anos, praticante de desportos radicais, com uma excelente constituição física.

Fez uma pausa, para o milionário analisar as duas fotos.

- O seguinte é um indiano, de 22 anos, praticante de Yoga, com uma flexibilidade impressionante. ? Fez mais uma pequena pausa para o doente ver a terceira foto. ? Sr. Silva, qual destes três escolhe para seu futuro corpo?

Silva olhou para as fotos com atenção e efectuou a sua escolha. Decidiu-se pelo caucasiano. Não por uma questão de raça, mas pelo facto de ser o mais novo dos três e por, tal como ele, ser praticante de desportos radicais.



Silva transferiu parte do pagamento acordado para o médico e marcaram a operação para dali a três dias. O outro saiu e Silva ficou novamente sozinho. Anoitecera. Inspirou fundo e olhou de novo para o rio e depois para o zénite. As estrelas e a lua – em quarto crescente – brilhavam, como que sorrindo para Silva.

Os três dias passaram a correr. A operação foi preparada. O dador foi raptado e anestesiado. Depois, foi a vez do milionário. A operação demorou cerca de 20 horas. No final, restava um corpo de oitenta anos descerebrado e morto, um cérebro de dezanove anos sem actividade cerebral e um corpo de dezanove anos, no qual se restabeleciam as sinapses cerebrais com um cérebro de 80 anos.

Conforme planeado, com pompa e circunstância, foi anunciada, à sociedade, a morte do milionário Silva. Foi ainda apregoado que um seu descendente, de dezanove anos, desportista radical, até então desconhecido da sociedade, era o seu único e universal herdeiro. A notícia saiu em todos os jornais e tablóides e nas revistas ?cor-de-rosa?.

Entretanto, Silva recuperava da operação. Sentia-se rejuvenescido. Não que alguma vez, mesmo no corpo original, se tivesse sentido velho, mas neste corpo, sem doença, na flor da juventude, sentia os músculos corresponderem aos seus desejos, às suas ordens. Era maravilhoso! O médico que lhe propusera e efectuara o transplante estava fascinado com a facilidade com que o milionário convalescia. Parecia que o corpo do dador tinha uma magia, uma mística, uma extrema capacidade de recuperação.

Silva também estava fascinado. Com esse novo vigor, deram-lhe alta ao fim de poucos dias. E, como tal, deslocou-se até à sua casa de campo. Ficaria ali naquela noite. No dia seguinte, iria praticar desportos radicais. Deslocou-se até ao terraço. A noite caia. A lua cheia começava por dominar o céu estrelado. E parecia exercer sobre si uma estranha atracção. Primeiro uma espécie de corrente eléctrica percorreu-lhe o corpo. Depois, sentiu os seus sentidos apurarem-se muitíssimo. Em seguida, sentiu-se tomado por um desejo insaciável de sangue. Sentiu o corpo alongar-se, encurvar-se e encher-se de pelos. Cresceram-lhe as unhas. Sentia-se forte e invencível. Uivou à lua e debruçou-se sobre o rio. A figura de um ser mitológico, algo entre um homem e um lobo, reflectiu-se nas águas cristalinas. Soltou um estridente urro. Horrorizado, e entre os poucos laivos de humanidade que ainda possuía, Silva compreendeu que se tinha metamorfoseado num lobisomem. O rapaz com quem trocara de corpo era um lobisomem! A bestialidade apoderou-se de Silva. O desejo de sangue intensificou-se.

Soltava um novo urro e preparava-se para formar um salto e desaparecer no bosque, quando soou um forte estampido e sentiu uma dor aguda que lhe atravessava o peito. Caiu redondo no chão. Enquanto se voltava a transformar em ser humano, sentiu-se ferido de morte e reparou que lhe escorria um fio de sangue do seu peito. Quase

sem forças, olhou em volta e viu um estranho que lhe sorria, ironicamente.

- Há mais de dois anos que te seguia, meu jovem lobisomem! ? Disse-lhe o estranho ? E, finalmente, hoje apanhei-te.

- Mas, ? – tentou Silva argumentar, enquanto sentia o vazio apoderar-se de si.

- Pois, tinha-te perdido o rasto, conseguiste fugir de mim. Até que vi a notícia que o velho Silva tinha falecido e que um jovem bisneto era o seu herdeiro.

Nem sabes o quanto fiquei admirado ao ver a tua foto no jornal e descobrir que eras tu o herdeiro. Bastou-me vigiar a casa e aguardar a lua cheia. Depois, foi só esperar a tua transformação em lobisomem e disparar contra ti uma bala de prata? Já falta pouco para passares à história?Silva, num último rasgo de lucidez, antes que o vazio do abismo e do esquecimento eterno se apoderasse de si, balbuciou, perante um atónito caçador de lobisomens:

- Tentei enganar a morte? mas a morte trocou-me as voltas?

O CARRO QUE COMIA BANANAS

As coisas perdem o valor.

Ou perdem o lugar pra outras coisas.

Quando era guria, morria por uma praia. Literalmente.

Minha madrinha me arrastava junto.

A mãe dizia:

– Não, desta vez não me convencem. Esta guria que nem comer come. Vai pegar insolação.

– Não e Não.

No fim, lá me ia. E só ia porque ajudava. Carregar mala e criança mijada.Olhar os pequenos.

A casa era bem no mato. Madrinha, a filha do dono.

Eu gostava. Ver tirar leite da vaca. Ajudar a apartar os terneiros. Os cafés na beira do fogão a lenha. Até peixinhos fritos e ovos na chapa. Brincar a sombra da figueira milenar. Flagrar artes dos pequenos. Tipo quando um deles matou doze pintinhos um a um, pedra na cabeça. Ou quando o mesmo (a peste) sumiu e tivemos de campear muito até ver dois dedinhos na beira do poço. E quando a gente gritava pra sair, ele dizia:

–Ó! Com uma mão. Ó! Sem nenhuma... ops. huahuahua

Foram vários verões. Em que passeei de carro de boi. Comi rato do banhado (preá) blergh!

(Que fazer?? como ser luxenta longe da mãe). Brinquei na sanga e rolei cômoros gigantescos de areia.

Nem sabia o que era filtro solar. E minha pele branquissima sofria.

Queimaduras...bolhas...Virava pantera cor de rosa.

Para aliviar? Cachaça e polvilho.

O ruim era quando anoitecia. Dava uma dor no peito ver o sol sumindo atras do morro.

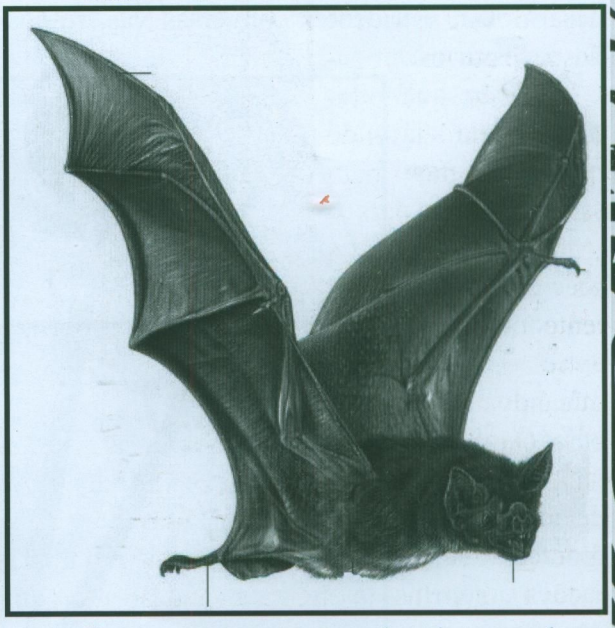
Eu que só dormia de luz acesa, tinha que me contentar com pixiricas. Lampiõezinhos de querozene. Que eram apagados ao deitar. Brrrrr

Quanta noite em claro. Ao primeiro canto de galo, corria ver o dia nascer. E a saudade de casa passava.

Dormia onde sobrava um lugar. Por pouco sentada. Uma vez me sobrou o topo de um triliche, de cara para um buraco no forro. Um bater de asas, barulho esquisito no escuro. A menina de baixo dizendo:

–Liga não. São os morcegos.

Bah!



E morcego nem era nada. pior as pulgas. My god era tanta. Sentia que por pouco não me carregavam pro mar. Um dia me sobrou um pelego., crivado de pulgas, era colocar a mão e o formigueiro me atacava. Dormi acocorada num canto da sala.

A noite era o pior de tudo. Sentia saudade da mãe, do pai, da mana, do gato e até daquele peste de meu irmão.

No dia de voltar, mal me con-
tinha. E a viagem era longa,
por uma estrada dificil e o

carro era velho, cheio de manhas.

De vez em quando engasgava. Daí meu padrinho dizia:

–Já sei! Quer banana.

Puxava um cacho enorme de bananas verdes, descascava uma e enfiava no carburador, eu acho.

O bicho tossia e vrum vrummmm.... Mais um trecho, até o seu próximo lanchinho.

Quando conto hoje em dia, ninguem acredita, mas juro! O carro comia bananas.

Quando chegava no portão, já chegava chorando, beijando minha mãe.. Beijando.

Mostrando minha pele vermelha, minhas bolhas, de mês e meio curtindo sol.

Nunca vou esquecer aquela sensação de voltar pra casa e encontrá-los.

Hoje estou na minha casa de praia, todo o conforto, internet, filtro 30, e mil frescuras.

Mas algo me falta...falta e dói.

Saudade!

OS 5 MINUTOS

Se dependesse só de mim, não haveria desarmonia, estridentes conversas vãs, ruídos desnecessários.

Tudo que me rodeia já não me interessa.

E o tempo precioso escorre como areia entre dedos, matando a esperança.

Histórias de amores medíocres e separações repetidas. Sempre as mesmas.

Competições de dores. As dores dos outros sempre doem mais...sempre.

O mundo real! De carne e osso, me assusta, ou melhor não... e sim me deprime.

Se só o que faço é ouvir...

Descrições de rotinas, de como se lavou o box do banheiro com escova de dentes???

A novela das oito. O crime na esquina.

A cor da blusa.

Pera aí!

Preciso refletir sobre o Crime na Esquina.

Não consigo, pois logo vem a Caras, e bocas e poses.

O carro do vizinho. A cor. Esqueço sempre, pois tem alguém que me lembre... Sempre.

Como se fosse importante.

O preço.

Do tomate, da importância.

Me lixo.

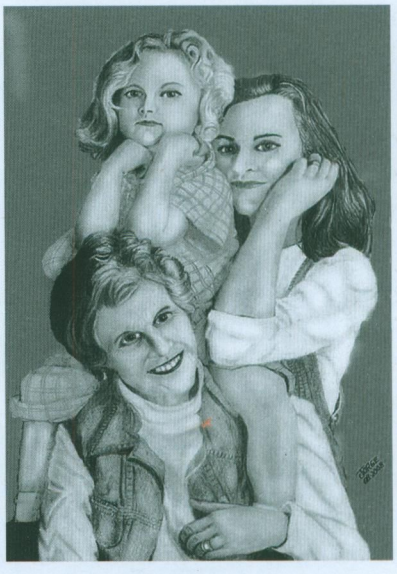
Estou viajando para dentro da concha acústica dos meus pensamentos.

Quase nada que me rodeia (aqui no sul, pendurada na américa latina, frente ao oceano) me interessa.

Sinto-me pronta para partir para a outra dimensão.

E aliviada.

ENCONTRO DE GERAÇÕES



Final de semana, dia de festa. Noventa anos de vida de minha mãe, foi comemorado em grande estilo. Não em termos de pompa e esnobismo desnecessário, mas com simplicidade e harmonia.

Almoçamos no restaurante da recreativa da Embraco, uma das inúmeras empresas multinacionais existentes aqui na nossa maravilhosa Joinville. Depois nos reunimos num de seus quiosques, para ficar mais à vontade e poder matar a saudade.

Enquanto os adultos relembravam o passado e colocavam o assunto em dia, as crianças brincavam nos inúmeros brinquedos existentes no local. Gangorra, escorregador, trenzinho, balanço, etc. Uma verdadeira festa para a garotada.

Mamãe estava linda,

cabelos brancos como a neve, olhar radiante, lúcida, impecavelmente trajada, pois é muito vaidosa. Perfeccionista da cabeça aos pés.

Um encontro de várias gerações, filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

Foi realmente emocionante: meus irmãos e eu segurando os netos, sendo uns muito parecidos com os pais. Parecia que voltava no tempo, onde nós segurávamos nossos filhos ainda pequenos.

Minha irmã mais velha já é bisavó, ganhou três bisnetos, todos com menos de um aninho de vida. Maravilhosos!

O tempo passa, os filhos crescem, a família aumenta. Este é o cilho da vida. Aprendi que devemos viver cada etapa, cada fase de nossa vida, com intensidade própria de cada momento e devemos aproveita-los o máximo com responsabilidade.

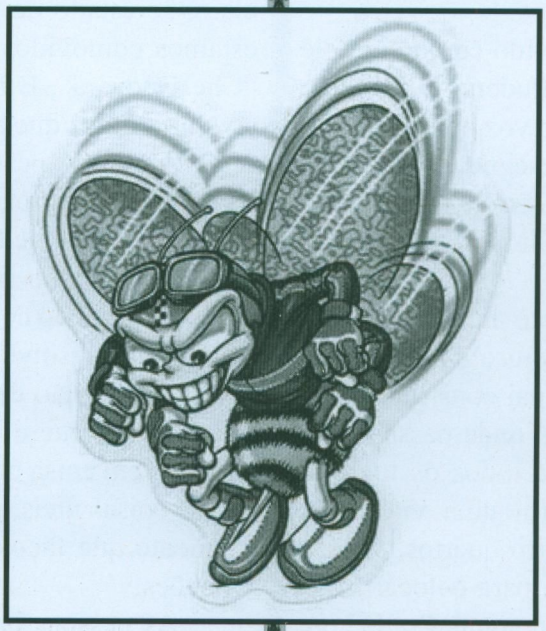
A melhor herança que deixamos a nossos filhos é nossa boa conduta.

Recordar é viver.
Olhando a todos com atenção
Relembrava com emoção
Que antes era eu, que segurava
Minhas filhas pela mão
Hoje já crescidas
Com os primos a conversar
Rindo das travessuras
Que acostumavam aprontar.

A ORDEM DAS VESPAS SANGUINÁRIAS

O pai tinha destas manias de cultivar coisas esquisitas.

O pátio tomado de canas de açúcar, pés de milho e batata doce rasteira. Fora o limoeiro, pessegueiro, ameixeira e a frondosa goiabeira.



Terreno propício para a imaginação correr solta. A floresta era o planeta inóspito e distante, onde aterrisava com sua Nave-Cinamono, onde pisava em câmera lenta, seguida pelo seu companheiro de aventuras, isto, quando este conseguia fugir do terrível monstro que guardava a cadeia do leste, seu avô, no qual aplicavam as mais estrambólicas estratégias, que garantiam fugas fenomenais.

Um dia o pai extrapolou as expectativas. Trouxe para casa uma caixa. Uma caixa zumbizante.

A casa das abelhas assassinas do Noroeste da Birmânia, ou na visão normal dos adultos, uma colméia de abelhas.

Seu mundo de aventuras ficou ainda mais emocionante.Apostas tipo: "Quem aguenta mais tempo com a mão na caixa, sem ser mordido?" corriam soltas.

Numa das incursões pelo planeta hostil, e sendo surpreendidos pelos terríveis homens-cana, tiveram de correr estabanados, pulando poços de areia movediça e.... esbarraram na caixa.

Terror!!!

Fingiram-se de estátua. Houve um princípio de tumulto, um zumbido ensurdecedor, tá!... Nem tanto, e as coisas acalmaram.

Juraram segredo de morte. A brincadeira acabou mais cedo. E naquela noite adotaram o voto de silêncio de criança que sujou a fralda.

Na madrugada, algo de assustador acontecia. As abelhas injuriadas, resolveram mudar de ares, e foram instalar-se acima do poço de água, bem ali, onde ficava a rolimã e o balde.

Ao amanhecer, a surpresa. A irmã mais velha, que suspeitavam, devia ter néctar nas veias, de tantas as vezes que foi picada, deu o alerta. Pessoal já nem ligava, uma picada a mais ou a menos de tantas que ela levava, mesmo correndo todo o quarteirao com a abelha atrás.

Mas a coisa era séria. Dava até para ouvir os tambores de guerra das abelhas assassinas.

Ela pensava com seus botões, ofendemos o Deus delas, teremos de pagar com sangue. Buaaaaaaaaaa!

A casa cercada de abelhas, que tentavam entrar enfurecidas por cada fresta, e o que mais tinha na casa eram frestas.

Todos foram convocados, a fechar escotilhas, chinelos em punho. Lutar até o último homem, ou criança, ou mãe p... da vida, pois estava atrasada com

seus lavados pra fora. O pai teve de abandonar o front na corrida, pois tinha de ir trabalhar e os outros ficaram lutando bravamente, vendo o assoalho tingir-se de preto zumbizante.

Pai volta para o almoço, que não foi feito, com uma idéia. Tascar fogo, aliás fumaça com um cabo de vassoura, de longe.

Pior! Dai que as bichinhas se "arrevoltaram".

Lembrou de uma conversa com um vizinho, que queria comprar a caixa, que entendia delas, que bla bla.

Foi até lá, atravessando um vasto campo em frente, e voltou com o dito cujo carregando uma caixa.

– Pode deixar compadre me entendo com as bichinhas. Mas quanto lhe devo?

– Nada! Pode levar!

O homem fez uma mágica qualquer e elas entraram na arapuca. Lá se foi satisfeito. Mal sabia ele, o que lhe reservava o destino.

Bulir com o Deus das Abelhas Assassinas não tinha perdão.

No meio do campo tropeçou, a caixa se escangalhou e foi atacado impiedosamente.

No hospital disseram que escapou por milagre. Eram abelhas africanas, sanguinárias.

O bom de tudo é que fazia sol, e ela já foi chamar o companheiro, com seu assovio secreto, pois havia um planeta para ser explorado e não podiam perder tempo.

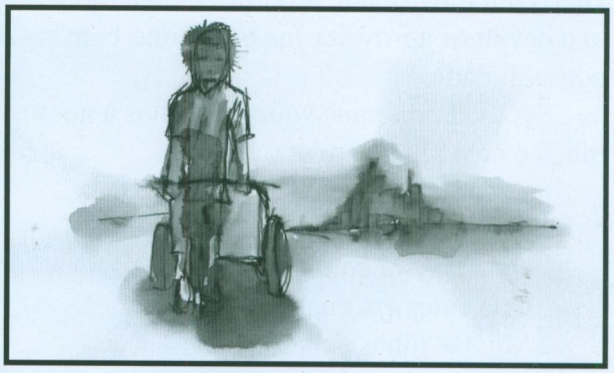
MEU PÉ DE LARANJA AZEDA

Estou um tanto comovido como quem lê "Meu pé de laranja lima". Pudera. Leio "Meu pé de laranja lima". Leio em voz alta para mim e para minha mãe. Ela consegue entender alguns fatos que acontecem e têm lá um vocabulário que eu só alcancei no dicionário, e ela na vida.

Estava ainda há pouco na cozinha, eu num banco, minha mãe no outro do outro lado da mesa. Na casa que meu pai construiu no final da vila, na rua principal onde passam carros, e carros, e ônibus para todos os lugares. Colocar-nos morando ali foi uma vitória de meu pai. Casa própria, quatro quartos, terraço que era para brincar e seria para colocar mesa de sinuca, e totó, e pingue-pongue. Pra lá com essas definições físicas da casa quando dentro de nós não era uma cozinha, era uma capela, um velório e os natais.

Ela lembrou de um natal ingrato que passamos, do qual eu não tenho lembrança mesmo com as descrições feitas. Meu pensamento girou pelo capitalismo durante a leitura e durante as recordações de minha mãe. Passeei pelas injustiças do mundo no que fotografava as ocorridas no livro e nas lembranças de minha mãe. Tristezas escondidas de minha infância e absorvidas agora por este homem de 31 anos.

Ela tratava de alguma coisa sobre o desejo de meu irmão ter uma bicicleta e o contentamento de minha irmã com um biquíni, eu ganhei outro presente. Não sabemos mais desse se era um jogo, um carrinho... Pelo que sei, nunca amanheci um aniversário de cristo com sapatos vazios.



Meu pai, quando ainda era vivo, claro!, tinha um abatedouro, onde minha mãe e meu irmão trabalharam certo tempo, por volta deste mencionado natal. Que danada essa saudade de meu pai! e de vivências das quais fui somente figurante, e que à minha mãe pode vir como veio, através desse meu novo hábito de ler para ela. Que estado de caridade entramos quando estamos comovidos! Deu-me uma vontade de "Che Guevara". É fato que isso passa e torno a velha rigidez que habito de cabelos brancos.

Algumas pessoas dizem "Contente-se, há quem esteja pior.". Então é isso? Alegria de pobre é pensar que há outro pior. Sou feliz por não ter um braço se olho para outro que não têm dois? Eu não consigo. Mas também sei que tristeza não resolve nada. Como eu mesmo já disse: chorar não é caridade ao mundo. Tenho uma virtude que é procurar transformar essas energias em coisa úteis. Quase nunca as encontro, as coisas úteis, para pô-las em prática. Comumente que faço é escrever à deriva nessas emoções.

As pessoas batem palmas para mim por eu ter entrado na universidade, todavia eu não vejo perspectivas financeiras. Na verdade eu detesto falar de

finanças, detesto falar da intenção de ficar rico. Ela é tão corriqueira. Prefiro pensar em melhorias. Disso tudo de que vale imaginar que meu pai também estaria feliz diante seu filho universitário? Meu pai já não está mais aqui para abrir-me um sorriso. Há quem tenha perdido o pai e a mãe para que eu fique feliz? De idéias assim tentam imbuir-me alguns amigos. Querem mais? Eles são inocentes, têm suas formas, por mais que a mim pareçam grotescas, de consolar-me. Também quero ser bobo e inocente. Desconhecer o gosto do café para quando não tiver dinheiro.

Sinto muitas saudades de meu velho pai e agora de tudo que, apenas imagino, poderíamos viver.

Na universidade ouço falar que a razão deve predominar, ouço a necessidade científica disso. Todavia, minha ciência diz que a emoção deve ser servida pela razão. A inteligência deveria constituir um atalho para a felicidade. Mais vale adiantar à emoção, que é o que somos; que à razão que é o que calculamos ser.

Voltando para o livro: Será que encontrarei no pé de alguma coisa um consolo eficaz ou, mais que isso, uma razão para a vida? Não creio, a infância se foi e nela algumas imaginações me foram roubadas. Continuo sendo um rapaz seco e com alguns pensamentos taciturnos. Descrever-me pelos que me olham... Não sei de nada, queridos. Tenho trinta e um anos. Isto é tudo sobre mim. Se eu tiver uns inimigos... é possível que eles tenham certeza sobre algumas características minhas.

A CASA DA AVÓ

O cheirinho que sinto agora, chegando próxima à hora do almoço, é de bacon. A casa, pensava eu ontem ao chegar, mesmo passado um ano inteiro sem a ela retornar, acho-a familiar, a ponto de parecer-me que venho aqui todos os dias. Há coisas com as quais nos acostumamos, sabemo-las de cor, e isto sem nos darmos conta de como, visto que, contato freqüente com elas não temos. São infinitos pequenos contatos com grandes intervalos de tempo ao longo da vida que nos fazem conhecer tais coisas de forma muito íntima, como se sempre lá estivéssemos.

Assim me sinto todos os anos quando visito a casa de minha avó materna, em uma pequena cidade chamada Canoinhas, no planalto norte de Santa Catarina. A casa ainda possui a mesma fronte, e a cada ano parece mais desgastada. O mesmo jardim, sempre com pequenas mudanças que lhe dão um ar de novidade.

O mesmo portãozinho que ao ser empurrado anuncia, com um barulho agudo e enferrujado, aos que cá dentro estão, a chegada de um novo visitante. É possível que alguns instantes após o barulho denunciante do portão, quem adentre pela porta seja um tio que mora próximo e vem apenas pelo prazer de estar com os parentes e com eles compartilhar um chimarrão. Ou ainda, é possível que quem venha seja um dos inúmeros tios e primos que nesta época hospedam-se na casa e que mais cedo tenha saído para buscar algum ingrediente que será utilizado no preparo de uma gostosa sobremesa. Ou então, mais raramente, o leiteiro ou o jardineiro...

Na sala de televisão uns tantos assistem alguma coisa, sempre há um ou dois solitários, se é que é possível que um mais um resultem em dois solitários, lendo algum livro na sala de estar. Estes livros podem ser ou não de "boa qualidade", o mais provável, porém é que, na maioria das vezes, não sejam, visto que lembro de ter-me apegado à leitura a partir do exemplo das tias que passavam as férias lendo romances melodramáticos com nomes como "Sabrina em Paris" ou ainda "Paixão na Casa do Lago". Na cozinha, é certo, sempre haverá a avó, acompanhada de outras tias preparando algum prato com um cheiro muito gostoso. Lá também é provável encontrarmos algumas primas que, salvo em algumas exceções, estarão sentadas à mesa folheando alguma revista ou ditando para tias e avó a receita do tal prato que, ah como cheira bem!

Para quem, como

eu, acostumou-se com a vida agitada de estudante da cidade, os dias aqui se tornam intendentes, visto que o preparo da comida e o fazer-sabe-se-lá-o-quê sentada na cozinha não me agradam muito. São os dias do ano em que mais leio, mais penso na vida, mais revejo velhos filmes, mais jogo partidas dos mais variados jogos com os primos.

Os primos. Não são como as tias que a cada ano se parecem mais com si mesmas, os primos crescem. É estranho como depois de tanto tempo achamos que ao encontrá-los eles nos acharam mudados (porque sim, nós podemos garantir que mudamos muito), mas ao vê-los quem por pouco não cai para trás somos nós. Como eles cresceram, parecem até adultos, onde foram as crianças que brincaram conosco na infância? Namorados de primos são algo com o qual jamais nos conformamos... Mas em menos de um dia já parecemos crianças novamente e jogamos partidas de baralho até amanhecer e rimos muito nos lembrando de segredos e situações só nossas, alguém propõe brincar de "gato-mia", olhamo-nos analisando a possibilidade, mas não! Já não somos mais crianças.

Ao fim de uma semana alguns começam a ir embora. Este ano sou uma das primeiras a me despedir, não passarei o reveillon com a família. Quinze minutos antes de ir sento no baú da cozinha, que fica ao lado dos três degraus mais significativos da minha vida e olho para minha avó, já tão velha, mulher castigada pela vida, olho para as tias, para os primos, para o fogão a lenha... Neste momento tenho a estranha impressão de que não vou voltar tão cedo, e que quando eu voltar as coisas já não serão mais tão iguais, do jeito que sempre foram.

O BANQUETE

Paramos em frente a um portal de ferro, onde trepadeiras davam um toque alegre com suas flores perfumadas e coloridas.

Um guarda se aproximou, convidando-nos a entrar.

Se quiséssemos prosseguir de carro , teríamos que entrar por outro lado e dar uma volta enorme até o estacionamento, correndo o risco de chegar atrasados.

Resolvemos entrar pelo portal. Subimos uma escada estreita, cujos degraus iam até o topo de um morro cheio de arvores.

Lá chegando, Géssica, Karin, Lílian, Henrique e eu, deparamo-nos com enorme descampado a céu aberto.

- Mas aqui é um cemitério! Exclamei.

- Não pode ser não tem sepultura. Géssica retrucou.

Na entrada, havia várias mesas e cadeiras brancas, onde mulheres, além de trajadas com vestidos vaporosos e chapéus igualmente brancos, ostentavam colares e brincos de pérolas.

Sentadas, olhavam sorrindo enquanto passávamos.

Mais adiante avistei moças com vestidos coloridos de estampas florais e uma delas aproximou-se e disse:

- Pode pegar esse. – disse, nostrando um vestido pendurado em um cabide.

Uma outra moça surgiu e puxou o vestido bruscamente, querendo impedir que eu o pegasse.

- Esse vestido é meu. – Ela dizia.

- Você já tem um. Onde está sua solidariedade? – disse a que me ofereceu.

Olhando aborrecida, a dona do vestido afastou-se contra a vontade.

Sentamos esperando a hora do banquete. Havia várias mesas com toalhas brancas que ficavam logo após a nossa.

Estava-mos instalados de modo que podíamos ver quem entrava.

Entre os convidados, dois casais chamaram atenção.

O primeiro era um casal conhecido: Darci e Cida que, ao passarem por nós, olharam entre surpresos e admirados por eu também estar ali.

O outro casal era desconhecido . Ao me avistarem sorriram amigavelmente, sentando numa mesa próxima.

Um garçom entregou-me um envelope com uma mensagem cujo conteúdo não consigo descrever.

Depois de ler ,o garçom mandou que eu virasse a folha para ver o verso.

No outro lado, havia o desenho de uma linda casa amarelo-ocre e, embaixo, números e pequeno texto.

- Até aqui fazem propaganda? Não quero comprar nada. – exclamei indignada.

- Não, moça, isso é uma doação.

Surpresa, sem palavras virei para o lado onde o casal desconhecido me olhava sorrindo…

O ELEFANTE ACORRENTADO

— Não consigo — disse-lhe. — Não consigo!

— Tens a certeza? — perguntou-me ele.

— Tenho! O que eu mais gostava era de conseguir sentar-me à frente dela e dizer-lhe o que sinto… Mas sei que não sou capaz.

O gordo sentou-se de pernas cruzadas à Buda, naqueles horríveis cadeirões azuis do seu consultório. Sorriu, fitou-me olhos nos olhos e, baixando a voz como fazia sempre que queria que o escutassem com atenção, disse-me:

— Deixa-me que te conte…

E sem esperar pela minha aprovação, o Jorge começou a contar.

Quando eu era pequeno, adorava o circo e aquilo de que mais gostava eram os animais. Cativava-me especialmente o elefante que, como vim a saber mais tarde, era também o animal preferido dos outros miúdos. Durante o espectáculo, a enorme criatura dava mostras de ter um peso, tamanho e força descomunais… Mas, depois da sua actuação e pouco antes de voltar para os bastidores, o elefante ficava sempre atado a uma pequena estaca cravada no solo, com uma corrente a agrilhoar-lhe uma das suas patas.

No entanto, a estaca não passava de um minúsculo pedaço de madeira enterrado uns centímetros no solo. E, embora a corrente fosse grossa e pesada, parecia-me óbvio que um animal capaz de arrancar uma árvore pela raiz, com toda a sua força, facilmente se conseguiria libertar da estaca e fugir.

O mistério continua a parecer-me evidente.

O que é que o prende, então?

Porque é que não foge?

Quando eu tinha cinco ou seis anos, ainda acreditava na sabedoria dos mais velhos. Um dia, decidi questionar um professor, um padre e um tio sobre o mistério do elefante. Um deles explicou-me que o elefante não fugia porque era amestrado.

Fiz, então, a pergunta óbvia:

— Se é amestrado, porque é que o acorrentam?

Não me lembro de ter recebido uma resposta coerente. Com o passar do tempo, esqueci o mistério do elefante e da estaca e só o recordava quando me cruzava com outras pessoas que também já tinham feito essa pergunta.

Há uns anos, descobri que, felizmente para mim, alguém fora tão inteligente e sábio que encontrara a resposta:

O elefante do circo não foge porque esteve atado a uma estaca desde que era muito, muito pequeno.

Fechei os olhos e imaginei o indefeso elefante recém-nascido preso à estaca. Tenho a certeza de que naquela altura o elefantezinho puxou, esperneou e suou para se tentar libertar. E, apesar dos seus esforços, não conseguiu, porque aquela estaca era demasiado forte para ele.

Imaginei-o a adormecer, cansado, e a tentar novamente no dia seguinte, e no outro, e no outro… Até que, um dia, um dia terrível para a sua história, o animal aceitou a sua impotência e resignou-se com o seu destino.

Esse elefante enorme e poderoso, que vemos no circo, não foge porque, coitado, pensa que não é capaz de o fazer.

Tem gravada na memória a impotência que sentiu pouco depois de nascer.

E o pior é que nunca mais tornou a questionar seriamente essa recordação.

Jamais, jamais tentou pôr novamente à prova a sua força…

— E é assim a vida, Damião. Todos somos um pouco como o elefante do circo: seguimos pela vida fora atados a centenas de estacas que nos coarctam a liberdade.

Vivemos a pensar que «não somos capazes» de fazer

montes de coisas, simplesmente porque uma vez, há muito tempo, quando éramos pequenos, tentámos e não conseguimos.

Fizemos, então, o mesmo que o elefante e gravámos na nossa memória esta mensagem: «Não consigo, não consigo e nunca hei-de conseguir.»

Crescemos com esta mensagem que impusemos a nós mesmos e, por isso, nunca mais tentámos libertar-nos da estaca.

Quando, por vezes, sentimos as grilhetas e as abanamos, olhamos de relance para a estaca e pensamos:

Não consigo e nunca hei-de conseguir.

O Jorge fez uma longa pausa. Depois, aproximou-se, sentou-se no chão à minha frente e prosseguiu:

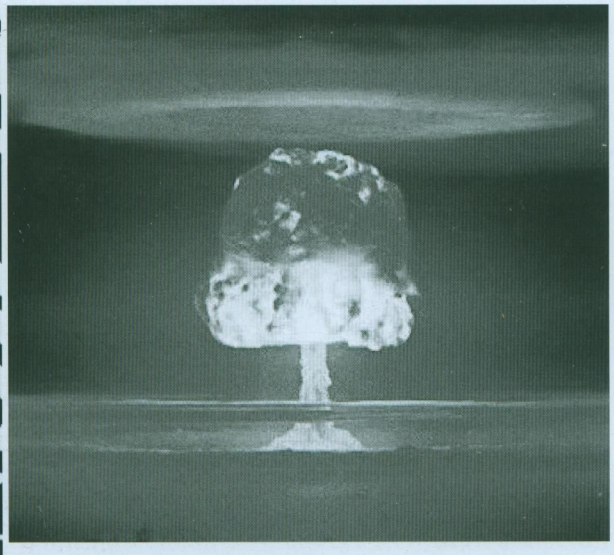
— É isto que se passa contigo, Damião. Vives condicionado pela lembrança de um Damião que já não existe, que não foi capaz.

»A única maneira de saberes se és capaz é tentando novamente, de corpo e alma... e com toda a forca do teu coração!

SINAIS DO FIM DE UM MUNDO

• Desprezo pela Terra e pela vida

Desprezando-se a si mesmo e aos outros, indiferente ao lugar por onde passa, assim como ao tempo que está para vir, o homem do nosso tempo propaga resíduos e dejectos pelo mundo: desde os papéis gordurosos, o gás de escape e os detritos domésticos aos poluentes ricos, metais pesados e detritos radioactivos.



Atira sacos de plástico, caixas e garrafas, embalagens, recipientes e materiais diversos pelas janelas dos carros e dos comboios, em lugares bonitos ou sublimes e até no coração dos desertos e dos cumes dos Himalaias. Acumula pilhas de resíduos perto das suas aglomerações. Lança objectos de trabalho, de consumo e de lazer e muitas toneladas de metais pesados, de resíduos petrolíferos ou de produtos químicos nos mares e nos oceanos; certo da sua capacidade técnica, acumula armas bacteriológicas ou químicas e materiais radioactivos, esquecendo que toda a maquinaria social se pode, um dia, desconjuntar. Destrói as mais belas paisagens até ultrajar a recordação, infecta os terrenos, contamina a terra, a água, o ar. Chega mesmo a obstruir as órbitas mais úteis do espaço com perigosos destroços.

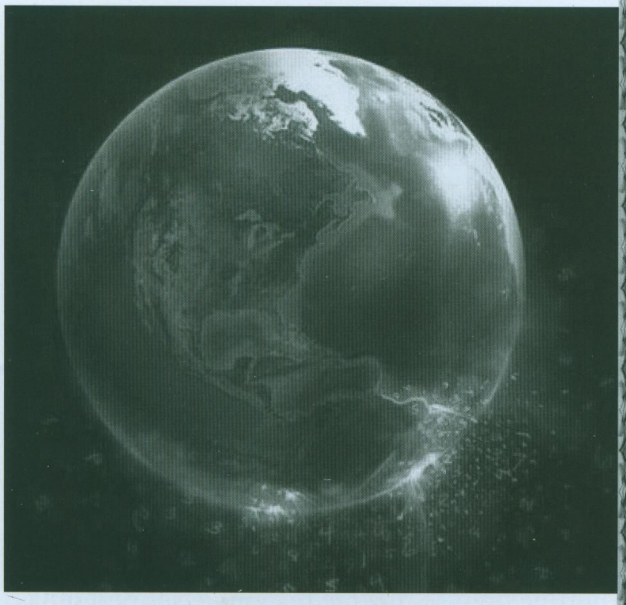
Secagem do mar de Arai, empobrecimento das terras da Ucrânia, descarga nuclear de Cheliabinsk: acidentes sem limites do estatismo totalitário. Florestas devastadas, água imprópria para a irrigação, rios transformados em esgotos químicos por causa dos erros da industrialização. Expulsão dos gases dos navios em pleno mar, destruição das paisagens pela implantação de grandes superfícies, tumefacção das embalagens, recipientes; produtos para deitar fora: prejuízos colectivos para benefícios privados. Danos devidos à insaciável voracidade do homem moderno que invade, se apropria, se apodera, pilha, desperdiça, transforma o planeta numa lixeira e destrói, por muito tempo, os recursos que pensávamos ser inesgotáveis.

Beneficiando de milénios de adaptação e de aprendizagem recíprocas das sociedades e do seu ambiente, de saberes e de belezas, a sociedade, que pretende emergir à escala mundial, é ávida, destruidora, sem consciência. Recursos desperdiçados, terrenos degradados, desertos alargados, águas diminuídas e contaminadas, mares e oceanos transformados em últimas descargas de múltiplos perigos, paisagens ocupadas pelas nossas catedrais industriais e nucleares, depósitos dos nossos detritos radioactivos: as gerações futuras deverão lutar contra tudo isto.

• O aumento dos perigos

Em Minamata, pequeno porto do Japão, nos anos cinquenta e sessenta, uma doença atinge os gatos, de seguida, os pescadores, as suas famílias e outros habitantes. Esta doença ataca o sistema nervoso, conduz à perda de controlo de si mesmo e, depois, à morte; mais tarde, nascem pequenas

larvas: a empresa química Chisso que, desde 1932, tinha despejado cerca de 100 toneladas de mercúrio na baía, recusa-se, durante mais de vinte anos, a admitir a sua responsabilidade. Mil e duzentos mortos, dez mil pessoas com a saúde afectada e só em 1996 chegará ao fim de uma longa batalha jurídico-administrativa para a indemnização das vítimas.



Três de Dezembro de 1984, uma fuga de quarenta toneladas de gás isocianato de metilo da fábrica de pesticidas da União Carbide, em Bhopal, provoca, num só dia, entre dois a três mil mortos e numerosas vítimas, das quais milhares estão condenadas a uma morte mais ou menos lenta; a empresa litiga diante dos tribunais americanos, depois indianos, para finalmente negociar com o governo de Deli, em 1989, um acordo «para pagar todas as contas» com indemnizações em valores de uma sexta parte das pedidas de início.

Vinte e seis de Abril de 1986, o reactor n° 4 da central electronuclear de Chernobil explode; as primeiras vítimas são os técnicos da central; são precisos vários dias para que as autoridades soviéticas sejam informadas e tomem a informação em consideração, para que as populações sejam evacuadas e que o exército comece a enterrar o reactor na areia. As autoridades suecas, que tinham sido alertadas da existência de uma elevação da radioactividade no dia 27, difundem a informação no dia 28. Em França, o director do Serviço Central da Protecção contra as radiações ionizadas só no dia 10 de Maio tomará conhecimento de que a nuvem radioactiva sobrevoou o território. Iniciou-se, assim, uma longa saga onde se descobre como é difícil tanto parar um reactor acidentado como limitar a difusão (através das lixeiras, águas, plantas e animais) da radioactividade dispersada.

Minamata, Bhopal, Chernobil: estes acidentes, guias da modernidade industrial, deveriam incitar à reflexão sobre dois séculos de doenças e acidentes de trabalho, de catástrofes industriais e mineiras, de poluição contínua, acidental ou periódica. Isto porque, na Europa Ocidental e na América do Norte a partir do século XIX, no grupo soviético e nos novos países industriais a partir da última guerra, nos países pobres e emergentes desde há já alguns anos e em todo o mundo, existem empresas que podem prejudicar a saúde dos seus trabalhadores, a água, o ar, os terrenos circunvizinhos e, portanto, a vida das populações. Se algumas se comportaram de uma maneira responsável, muitas colocaram o imperativo industrial e a procura pelo menor custo acima do respeito pelos homens e pela vida.

SETE DICAS MOTIVADORAS

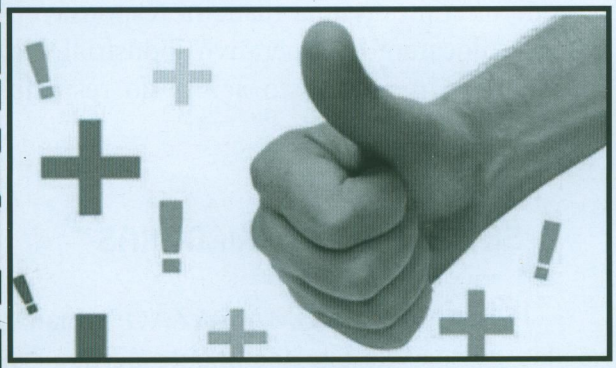
1) ENCONTRE UMA RAZÃO: a maioria das pessoas desiste facilmente porque na verdade não tem uma razão séria para continuar. Se quiser atingir seus objetivos, encontre uma razão para aquilo. Um motivo tão forte, tão motivador, tão contagiante, que todas as dificuldades que surgirem parecerão pequenas. Quando parecer que lhe faltam forças, é porque na verdade está faltando um motivo. Encontre uma forte razão, e força é o que nunca mais lhe faltará.

2) Dedicação e Persistência: Se você parar para pensar, com certeza vai se lembrar de alguma vez que tentou alcançar um objetivo que parecia impossível, mas com muita persistência e determinação, você conseguiu. Mas só porque você levou aquilo a sério e realmente se dedicou. Ao tomar a decisão de alcançar um objetivo, leve isso muito a sério.

3) Identifique Onde Pode Melhorar: Faça uma lista de livros que deveria ler, cursos que deveria fazer, pessoas que deveria conhecer, experiências que deveria ter. E comece a eliminar, uma por uma, as barreiras entre você e seus objetivos. Todos os dias, ao acordar, você tem duas escolhas a fazer: continuar com os hábitos destrutivos que você tem, ou livrar-se deles e começar a melhorar imediatamente.

Ninguém faz essa escolha por você. Qual dessas escolhas você vai fazer hoje?

4) Cuide-Se: Muitas vezes vemos pessoas tão obcecadas atrás de seus objetivos, que se esquecem de cuidar da sua saúde física e mental. Muitas pessoas não dão 100% de si simplesmente porque não conseguem, sentem-se tão mal que a simples idéia de um esforço, sejam físico ou mental, já é por si só cansativa. Mente sã e corpo são com certeza ajudam muito a atingir objetivos. Melhor ainda, permitem que você desfrute o sucesso de forma mais agradável (do que adianta ter sucesso e estar doente, ou morto?).



5) Pensamento Positivo: Otimistas conseguem mais, e ainda por cima aproveitam melhor a viagem! Na dúvida, seja um otimista. Se você vai pensar alguma coisa, que seja positiva e encorajadora. Faça com que seus pensamentos enriqueçam sua vida, não o contrário. É você quem escolhe o que vai pensar, então por que não escolher coisas boas? O copo está metade cheio ou metade vazio? Está metade cheio e de champagne! E se estiver vazio, encha-o e faça um brinde!

6) Papo Positivo: Ao falar com você mesmo, use termos positivos. Muitas vezes seu pior inimigo é você mesmo, aquela vozinha interior dizendo: "Vai dar errado! Não vai funcionar! Você é burro mesmo! Você já tentou e não conseguiu – desista". Essa repetição constante acaba criando correntes mentais, barreiras imaginárias que nos impedem de alcançar objetivos. Então quando conversar com você mesmo, seja um guru sábio otimista e paciente, não um chato negativo e cobrador, como muitas vezes fazemos.

7) Ação Positiva: Depois de tudo isso, só falta agir! Não existe sucesso somente com pensamento positivo. Você tem que fazer algo. Você já tem o objetivo, já sabe o que tem que fazer. Agora faça! Uma sensação de urgência, de pressa, é o que diferencia as pessoas de sucesso do resto. Elas agem. Fazem. Erram! E aprendem, e voltam e fazem de novo, só que desta vez melhor. As outras 6 dicas não servem para nada se você não colocar esta sétima em prática.

TRÊS PERGUNTAS

Um rei se apercebeu que se soubesse a hora certa de agir, quem eram as pessoas mais necessárias e o mais importante a ser feito, nunca falharia no que fizesse.

Procurou um homem sábio para se aconselhar. Vestiu roupas simples, e antes de chegar ao destino, apeou do cavalo, deixou seus guarda-costas para trás e foi sozinho.

O sábio estava cavando o chão em frente à sua cabana. O rei chegou e falou: "Vim aqui porque preciso que me responda três perguntas: como posso aprender a fazer o que é certo na hora certa?

Quem são as pessoas às quais devo prestar maior atenção?

Quais os assuntos aos quais devo conceder prioridade?"

O sábio não respondeu e continuou a cavar. Estava fraco e inspirava profundamente, a cada golpe.

O rei se ofereceu para cavar em seu lugar e preparou duas extensas sementeiras. Sem receber nenhuma resposta às suas perguntas, quase ao final da tarde, disse: "Vim até aqui para obter respostas. Se não pode me dar nenhuma, então me diga que vou embora."

Nisso, um homem barbado saiu correndo da floresta. Esta-

va ferido e caiu desmaiado, gemendo baixinho.

O rei e o sábio o socorreram. Havia uma grande ferida em seu corpo. O rei a lavou e a cobriu com seu lenço e uma toalha do sábio.

O sangue continuou a jorrar. Muitas vezes o rei lavou e cobriu a ferida.

Finalmente, a hemorragia parou. O homem foi levado para a cama e adormeceu. A noite chegou. O rei sentou-se na entrada da cabana e, cansado, adormeceu.

Ao despertar pela manhã, demorou um pouco para se dar conta de onde estava. Voltou-se para dentro. O homem ferido o olhou e lhe pediu perdão.

"Não tenho nada para lhe perdoar", disse o rei. "nem o conheço."

"Mas eu o conheço. O senhor prendeu meu irmão e jurei acabar com sua vida. Quando soube que o senhor vinha para cá, também vim. Esperei na floresta para matá-lo pelas costas.

Mas o senhor não voltou. Saí de minha emboscada e seus guarda-costas me viram. Foram eles que me feriram. Fugi deles. Teria sangrado até a morte se não me tivesse socorrido.

Majestade! Se eu sobreviver, serei o mais fervoroso de seus servos."

O rei ficou satisfeito por ter conseguido a paz com seu inimigo tão facilmente. Disse que mandaria seu médico para o atender.

Levantou-se e procurou o sábio que estava agachado, plantando nas sementeiras cavadas no dia anterior.

"Então, vai responder às minhas perguntas?"

Erguendo os olhos, o sábio lhe respondeu:

"O senhor já tem todas as suas respostas."

E ante a indagação da real figura, explicou:

"Se sua majestade não tivesse ficado condoída da minha fraqueza ontem e cavado essas sementeiras para mim, indo embora, teria sido atacado por aquele homem.

Teria assim se arrependido de não ter permanecido comigo. Por isso a hora mais importante foi quando cavava as sementeiras.

Eu era o homem mais importante. Fazer-me o favor foi o mais importante.

Depois, quando o quase assassino chegou correndo, a hora mais importante foi quando cuidava dele. Se não tivesse cuidado da sua ferida, ele teria morrido sem estar em paz consigo.

Por isso, ele era o homem mais importante. O que foi feito por ele foi o mais importante.

Então, só existe um momento importante, o agora.

O homem mais necessário é aquele com quem você está, pois ninguém sabe se vai tornar a lidar com outro alguém.

O assunto mais importante é fazer o bem para esse com quem se está, pois esse é o grande propósito da vida.

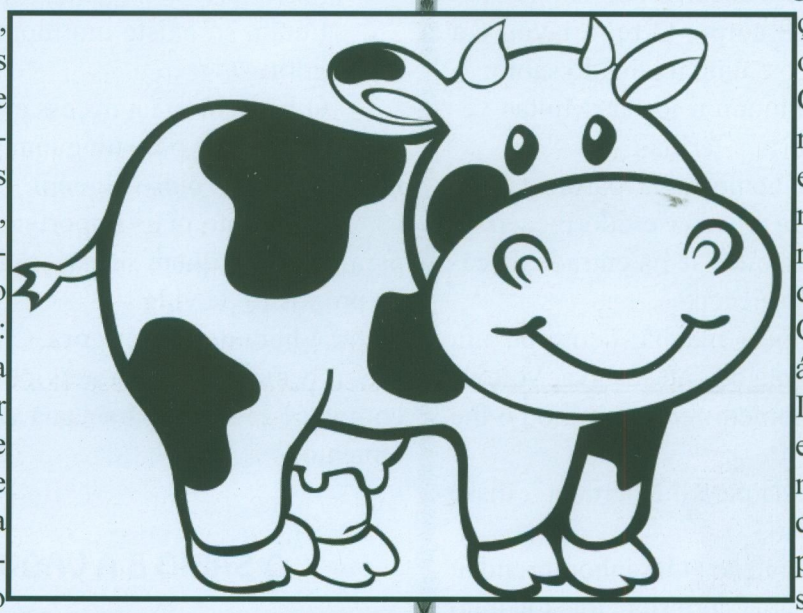
A hora de agir é agora. O local onde você está é o mais ajustado e as pessoas que estão com você as ideais para a sua vida e o seu crescimento.

O SÁBIO E A VAQUINHA

Contam que um velho sábio peregrino caminhava com seu discípulo pelas estepes da velha China. Por dias eles caminhavam sem encontrar o menor sinal de civilização, nenhum rio ou qualquer vegetação de onde pudessem tirar alimentos. Muito ao longe, tiveram a impressão de avistar um pequena casa e passaram a seguir naquela direção. Chegaram a uma cabana de madeira, pararam e calmamente começaram a bater com as palmas das mãos na esperança de serem atendidos. Logo um velho senhor apareceu. Sua pele era queimada e muito curtida pelo sol. As mãos pareciam fortes como as mãos de alguém que preenchia seus dias inteiros com trabalhos pesados. Ao seu lado, timidamente surgiu um menino que espiava curioso.

Os visitantes foram convidados a entrar. Lavaram-se em uma bacia com limitada quantidade de água. Receberam leite, chá e queijo enquanto conversavam com a dona da casa que aparecera para servi-los.Na manhã seguinte, enquanto preparavam-se para a partida, o velho sábio perguntou: "Há vários dias andamos por estas pradarias. Nada encontramos, nada vimos. Como podem, vocês, sobreviver por aqui?". Serenamente o ancião explicou: "Ali atrás da casa temos uma vaquinha. Uma vez por semana, ando cerca de dez horas até um pequeno lago de água empossada da curta época das chuvas. No lombo da vaca consigo trazer vários galões de água. Com a água, nos lavamos e bebemos. Com o que sobra regamos a pequena vegetação da qual a vaca se alimenta e uma pequena moita de chá. Tiramos o leite e ainda o

aproveitamos para fazer queijo. Desta maneira montamos nosso dia a dia".



Gratos, os andarilhos despediram-se a seguiram viagem. Passadas algumas horas, o sábio peregrino pára e diz ao seu aprendiz: "Volte àquela casa, sem ser visto, pegue a vaquinha e traga ela para cá". Sentindo-se desnorteado ao duvidar pela primeira vez da índole de seu mestre, o jovem obedeceu.

No dia seguinte encontraram alguns viajantes, aos quais o velho presenteou com a vaca. O seu aprendiz nada compreendeu. Alguns anos depois o jovem aprendiz tornara-se um peregrino solitário. No meio de seu caminhar reconheceu a região pela qual, há muitos anos, passara com seu mestre. Após alguns dias avistou o que pareceu ser uma pequena vila. Ao chegar lá, viu uma venda onde alguns viajantes comiam e bebiam. Sentou-se a uma das mesas e pediu uma bebida. Entretido com seu lanche, pensou o que teria acontecido com aquela família da qual havia roubado a vaquinha. Certamente haviam morrido todos, sem alimentos e sem água. Sentiu-se mal com o que fizera e cambaleou com uma rápida tontura. A moça que servia a mesa aproximou-se rapidamente e perguntou se estava tudo bem. O peregrino respondeu que sim e disse:"Apenas me lembrei que neste local vivia uma família muito simpática e bondosa. Dividiram comigo o pouco que tinham para se alimentar. Penso o que terá acontecido com eles". A moça sorriu e encaminhou o visitante até uma bela casa e explicou: "Aqui é a sede desta fazenda na qual o senhor está. Por favor, entre e aguarde". O homem aguardou em uma grande sala até que um senhor veio de um dos quartos. Espantado, o andarilho reconheceu o senhor que o recebera em sua pequena casa muitos anos antes. Cumprimentaram-se com alegria e o jovem perguntou: " O que aconteceu?!"

O velho senhor contou a história: "Logo após sua partida, nossa querida vaca desapareceu misteriosamente. Certos de que não poderíamos viver e buscar água sem ela, começamos a pensar em outras alternativas. Cavamos em vários locais até que encontramos uma nascente subterrânea nas proximidades de nossa casa. Com isto tínhamos água à vontade. Irrigamos a terra e logo tínhamos muitas moitas de chá. Um mercador passou e ofereceu sementes de alguns vegetais em troca de um pouco de chá. Aceitamos e plantamos todos. Os viajantes passaram a saber que aqui tínhamos água e vinham sempre para cá durante suas jornadas. Trocando alimento e chá por outras coisas acabamos por montar uma bonita horta, uma estalagem e um pequeno restaurante. Temos vinte cabeças de gado e toda a minha família veio da cidade para trabalhar conosco".

O jovem sorriu aliviado. Não apenas tirara de seus ombros o peso por ter roubado a vaca, mas entendera, enfim, a última grande lição de seu mestre.

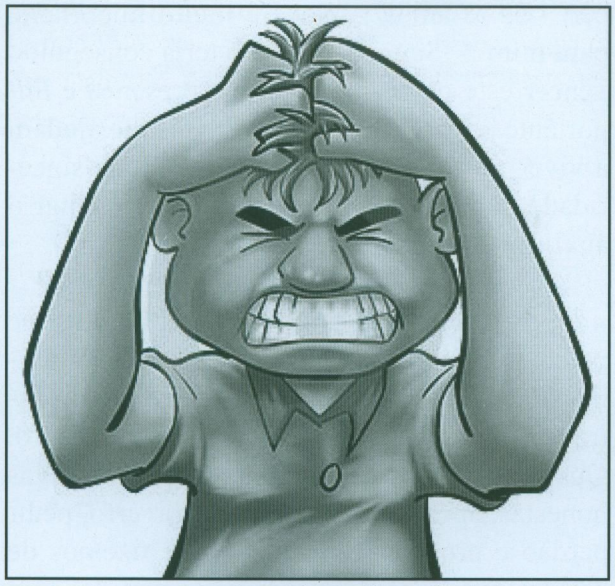
Quando acreditamos que todos os nossos problemas estão resolvidos acabamos por nos acomodar. O que nos parece a solução, pode ser o fim de nosso crescimento.

OS 10 MANDAMENTOS DO CASAL

É mais fácil aprender com o erro dos outros do que com os próprios

Uma equipe de psicólogos e especialistas americanos, que trabalhava em terapia conjugal, elaborou "Os Dez Mandamentos do Casal". Gostaria de analisá-los aqui, já que trazem muita sabedoria para a vida e felicidade dos casais. É mais fácil aprender com o erro dos outros do que com os próprios.

1. Nunca se irritar ao mesmo tempo. A todo custo evitar a explosão. Quanto mais a situação é complicada, tanto mais a calma é necessária. Então, será preciso que um dos dois acione o mecanismo



que assegure a calma de ambos diante da situação conflitante. É preciso nos convencermos de que na explosão nada será feito de bom. Todos sabemos bem quais são os frutos de uma explosão: apenas destroços, morte e tristeza. Portanto, jamais permitir que a explosão chegue a acontecer. Dom Hélder Câmara tem um belo pensamento que diz: "Há criaturas que são como a cana, mesmo postas na moenda, esmagadas de todo, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura...".

2. Nunca gritar um com o outro. A não ser que a casa esteja pegando fogo. Quem tem bons argumentos não precisa gritar. Quanto mais alguém grita, tanto menos é ouvido. Alguém me disse certa vez que se gritar resolvesse alguma coisa, porco nenhum morreria... Gritar é próprio daquele que é fraco moralmente, e precisa impor pelos gritos aquilo que não consegue pelos argumentos e pela razão.

3. Se alguém deve ganhar na discussão, deixar que seja o outro. Perder uma discussão pode ser um ato de inteligência e de amor. Dialogar jamais será discutir, pela simples razão de que a discussão pressupõe um vencedor e um derrotado, e no diálogo não. Portanto, se por descuido nosso, o diálogo se transformar em discussão, permita que o outro "vença", para que mais rapidamente ela termine. Discussão no casamento é sinônimo de "guerra"; uma luta inglória. "A vitória na guerra deveria ser comemorada com um funeral", dizia Lao Tsé. Que vantagem há em se ganhar uma disputa contra aquele que é a nossa própria carne? É preciso que o casal tenha a determinação de não provocar brigas; não podemos nos esquecer de que basta uma pequena nuvem para esconder o sol. Muitas vezes, uma pequena discussão esconde por muitos dias o sol da alegria no lar.

4. Se for inevitável chamar a atenção, fazê-lo com amor. A outra parte tem de entender que a crítica tem o objetivo de somar e não de dividir. Só tem sentido a crítica que for construtiva; e essa é amorosa, sem acusações e condenações. Antes de apontarmos um defeito, é sempre aconselhável apresentar duas qualidades do outro. Isso funciona como um anestésico para que se possa fazer o curativo sem dor. E reze pelo outro antes de abordá-lo em um problema difícil. Peça ao Senhor e a Nossa Senhora que preparem o coração dele para receber bem o que você precisa dizer-lhe. Deus é o primeiro interessado na harmonia do casal.

5. Nunca jogar no rosto do outro os erros do passado. A pessoa é sempre maior que seus erros, e ninguém gosta de ser caracterizado por seus defeitos. Toda as vezes em que acusamos a pessoa por seus erros passados, estamos trazendo-os de volta e dificultando que ela se livre deles. Certamente não é isso que queremos para a pessoa amada. É preciso todo o cuidado para que isso não ocorra nos momentos de discussão. Nessas horas o melhor é manter a boca fechada. Aquele que estiver mais calmo, que for mais controlado, deverá ficar quieto e deixar o outro falar até que se acalme. Não revidar em palavras, senão a discussão aumenta e tudo de mau pode acontecer em termos de ressentimentos, mágoas e dolorosas feridas. Nos tempos horríveis da "Guerra Fria", quando pairava sobre o mundo todo o perigo de uma guerra nuclear, como uma espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças, o Papa Paulo VI avisou o mundo: "A paz se impõe" somente com a paz, pela clemência, pela misericórdia, pela caridade. Ora, se isso é válido para o mundo encontrar a paz, muito mais é válido para todos os casais viverem bem. Portanto, como ensina Thomás de Kemphis, na Imitação de Cristo: "Primeiro conserva-te em paz, depois poderás pacificar os outros". E Paulo VI, ardoroso defensor da paz, dizia: "Se a guerra é o outro nome da morte, a vida é o outro nome da paz". Portanto, para haver vida no casamento é preciso haver a paz; e ela tem um preço: a nossa maturidade.

6. A displicência com qualquer pessoa é tolerável, menos com o cônjuge. Na vida a dois tudo pode

e deve ser importante, pois a felicidade nasce das pequenas coisas. A falta de atenção para com o cônjuge é triste na vida do casal e demonstra desprezo para com o outro. Seja atento ao que ele diz, aos seus problemas e aspirações.

7. Nunca ir dormir sem ter chegado a um acordo. Se isso não acontecer, no dia seguinte o problema poderá ser bem maior. Não se pode deixar acumular problema sobre problema sem solução. Já pensou se você usasse a mesma leiteira que já usou no dia anterior, para ferver o leite, sem antes lavá-la? O leite certamente azedaria. O mesmo acontece quando acordamos sem resolver os conflitos de ontem. Os problemas da vida conjugal são normais e exigem de nós atenção e coragem para enfrentá-los, até que sejam solucionados, com o nosso trabalho e com a graça de Deus. A atitude da avestruz, da fuga, é a pior que existe. Com paz e perseverança busquemos a solução.

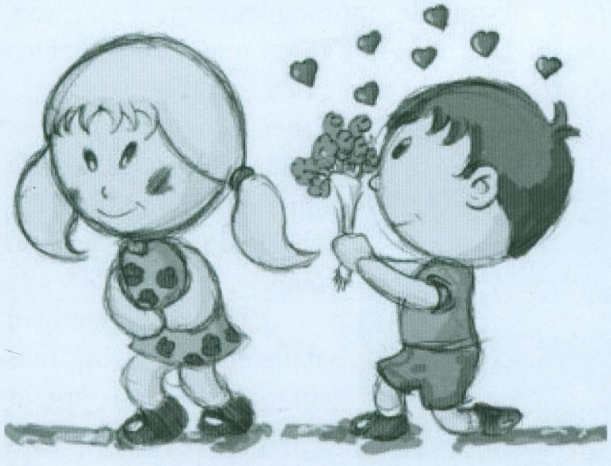
8. Pelo menos uma vez ao dia, dizer ao outro uma palavra carinhosa. Muitos têm reservas enormes de ternura, mas se esquecem de expressá-las em voz alta. Não basta amar o outro, é preciso dizer isso também com palavras. Especialmente para as mulheres, isso tem um efeito quase mágico. É um tônico que muda completamente o seu estado de ânimo, humor e bem-estar. Muitos homens têm dificuldade nesse ponto; alguns por problemas de educação, mas a maioria porque ainda não se deu conta da sua importância. Como são importantes essas expressões de carinho que fazem o outro crescer: "Eu te amo!"; "Você é muito importante para mim"; "Sem você eu não teria conseguido vencer este problema"; "A sua presença é importante para mim"; "Suas palavras me ajudam a viver"... Diga isso ao outro com toda sinceridade, todas as vezes em que experimentar o auxílio edificante dele.

9. Cometendo um erro, saber admiti-lo e pedir desculpas. Admitir um erro não é humilhação. A pessoa que admite o seu erro demonstra ser honesta consigo mesma e com o outro. Quando erramos não temos duas alternativas honestas, apenas uma: reconhecer o erro, pedir perdão e procurar remediar o que fizemos de errado, com o propósito de não repeti-lo. Isso é ser humilde. Agindo assim, mesmo os nossos erros e quedas serão alavancas para o nosso amadurecimento e crescimento. Quando temos a coragem de pedir perdão, vencendo o nosso orgulho, eliminamos quase de vez o motivo do conflito no relacionamento e a paz retorna aos corações. É nobre pedir perdão!

10. Quando um não quer, dois não brigam. É a sabedoria popular que ensina isso. Será preciso então que alguém tome a iniciativa de quebrar o ciclo pernicioso que leva à briga. Tomar essa iniciativa será sempre um gesto de grandeza, maturidade e amor. E a melhor maneira será não "pôr lenha na fogueira", isto é, não alimentar a discussão. Muitas vezes é pelo silêncio de um que a calma retorna ao coração do outro. Outras vezes, será por um abraço carinhoso ou

por uma palavra amiga.

Todos nós temos a necessidade de um "bode expiatório" quando algo adverso nos ocorre. Quase que inconscientemente queremos, como se diz, "pegar alguém para Cristo" a fim de desabafar as nossas mágoas e tensões. Isso é um mecanismo de compensação psicológica que age em todos nós nas horas amargas, mas é um grande perigo na vida familiar. Quantas e quantas vezes acabam "pagando o pato" as pessoas que nada têm a ver com o problema que nos afetou. Algumas vezes são os filhos que apanham do pai que chega em casa



nervoso e cansado; outras vezes é a esposa ou o marido que recebe do outro uma enxurrada de lamentações, reclamações e ofensas, sem quase nada ter a ver com o problema em si.

Temos que nos vigiar e policiar nessas horas para não permitir que o sangue quente nas veias gere uma série de injustiças com os outros. E temos de tomar redobrada atenção com os familiares, pois, normalmente são eles que sofrem as consequências de nossos desatinos. No serviço, e fora de casa, respeitamos as pessoas, o chefe, a secretária, etc., mas, em casa, onde somos "familiares", o desrespeito acaba acontecendo. Exatamente onde estão os nossos entes mais queridos, no lar, é ali que, injustamente, descarregamos as paixões e o nervosismo. É preciso toda a atenção e vigilância para que isso não aconteça.

Os filhos, a esposa, o esposo, são aqueles que merecem o nosso primeiro amor e tudo de bom que trazemos no coração. Portanto, antes de entrarmos no recinto sagrado do lar, é preciso deixar lá fora as mágoas, os problemas e as tensões. Estas, até podem ser tratadas na família, buscando-se uma solução para os problemas, mas, com delicadeza, diálogo, fé e otimismo. É o amor dos esposos que gera o amor da família e que produz o "alimento" e o "oxigênio" mais importante para os filhos.

Na Encíclica Redemptor Hominis, o saudoso Papa João Paulo II afirma algo marcante: "O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se não o torna algo próprio, se nele não participa vivamente" (RH,10). Sem o amor a família nunca poderá atingir a sua identidade, isto é, ser uma comunidade de pessoas.

O amor é mais forte do que a morte e é capaz de superar todos os obstáculos para construir o outro. Assim se expressa o autor do Cântico dos Cânticos: "O amor é forte como a morte... Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina. As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir." (Ct 8,6-7).

Há alguns casais que dizem que vão se separar porque acabou o amor entre eles. Será verdade? Seria mais coerente dizer que o "verdadeiro" amor não existiu entre eles. Não cresceu e não amadureceu; foi queimado pelo sol forte do egoísmo e sufocado pelo amor-próprio de cada um. Não seria mais coerente dizer: "Nós matamos o nosso amor?"

O poeta cristão Paul Claudel resumiu, de maneira bela, a grandeza da vida do casal: "O amor verdadeiro é dom recíproco que dois seres felizes fazem livremente de si próprios, de tudo o que são e têm. Isto pareceu a Deus algo de tão grande que Ele o tornou sacramento."

DUAS CRIANÇAS

Ela era, sendo a mais velha da vizinhança, a que liderava os menores nas brincadeiras e, ocasionalmente, tomava conta dos pequeninos por uns trocadinhos.

Era ela também a mais traquinas dentre eles todos, e a que ensinava aos outros os piores palavrões e conduta, razão pela qual era adorada por eles, como uma rainha.

Ocupações perigosas eram sua especialidade. Ela que, heroicamente, assumia a culpa por todos os malfeitos, acostumada que estava em enfrentar as consequências por seu mau comportamento.

Ela, que andava com um bracelete de localização preso às canelas, medida imposta pelo juiz de menores depois da ducentésima vez em que ela arrumou problemas na escola, envolvida quer estava com a fina flor da delinquência infantil local.

Sua mãe, uma ex-viciada em crack, numa luta diária para não cair de novo nas garras do vício, apegando-se as atividades comunitárias da igreja local como um náufrago a uma bóia tentava, sem muita experiência dar å filha alguma orientação, embora sem qualquer convicção de sucesso, posto que os dois filhos mais velhos estavam cumprindo pena em prisão estadual, o que atestaria sua incompetência em educar a prole.

Ela, que linda em sua negritude, alta e magra como uma dessas top models, rosto de anjo com lábios carnudos e olhos amendoados emoldurados por cílios tão definidos que pareciam postiços, tinha tudo para, de acordo com as observaçoes dos idosos da comunidade que, de suas cadeiras espalhadas na calçada, observavam-na brincar com os mais novos, tinha tudo para virar presa de um dos bandidos da região, ter filhos antes de completar a maioridade apenas para vê-los entregues ao sistema e terminar como os irmãos, vendo o sol nascer quadrado.

Ele, um tanto mais novo que ela, fazia parte do grupo de meninos que, amigos de meu menino do meio, viviam aqui em casa, meu apartamento sendo como um extra-cõmodo de sua prórpria casa, especialmente durante as férias escolares.

Ele, que muitas vezes eu vi correr escada abaixo e escada acima, para quem eu mantinha um jogo extra de lençóis e toalhas, nunca sabendo onde ele passaria a noite, se na minha casa ou na de sua mãe.

Ele, a quem muitas vezes me surpreendi chamando a atenção, da mesma maneira com que costumo chamar a atenção dos meus próprios filhos. Ele, infinitamente mais educado, organizado e prestativo do que meus rebentos dentro de minha casa.

Ele que, quando meu mais novo nasceu, passava horas brincando com ele, mais terno e carinhoso do que o próprio irmão.

Cuja mãe, também batalhando o vício, mas sem muito sucesso, apesar de amá-lo e fazer o melhor que sabia para educá-los decentemente, muitas vezes se comportava pior do que os filhos, não raro agindo como se fosse ela a cria e, o menino, seu pai... E pai dos irmãos mais novos.

Um menino cujo pai só quis conhecê-lo quando estava å beira da morte, que ocorreu dias depois do primeiro encontro.

Alguém que eu vi crescer, brincar, rir, mas também ter medo, chorar, explodir em zanga e encolher-se em tristeza.

Seis anos se passaram desde que eu me mudei para essa vizinhança. Nesse tempo, muita coisa mudou, pessoas se mudaram, novas e velhas caras se misturam, a vizinhança hoje bem mais tranquila do que antes.

A menina, cuja família se tinha mudado há dois anos para o outro lado da cidade, meu marido encontrou-a ontem. No trabalho.

O 46º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA-SP

André Luiz Nakamura
Departamento de Folclore
Olímpia/SP

ESPETÁCULO DE ABERTURA

A 46ª edição do maior festival de folclore do Brasil teve sua abertura oficializada com o pronunciamento do Prefeito Municipal Eugenio José Zuliani, após o qual discursaram o Secretário Municipal de Cultura, Esportes, Turismo e Lazer, Humberto José Puttini, a Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, e o Presidente da Comissão Executiva do evento, Paulo Duarte Ferreira.

O tema do Espetáculo de Abertura foi "Paraná (o Estado homenageado no 46.º FEFOL), terra dos pinheirais onde nasceu a gralha azul", promovido pela Secretaria Municipal de Educação, com a coordenação dos Professores Marise Andreo Estábio de Freitas Carvalho (roteiro e texto) e Tiago Pessoa Lourenço (coreografia).
Cerca de 180 crianças, a maioria proveniente das unidades escolares da rede municipal de ensino, com a participação do GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina Moça", do Grupo Anástasis, e de estudantes da Escola Estadual Dalva Vieira Ítavo.

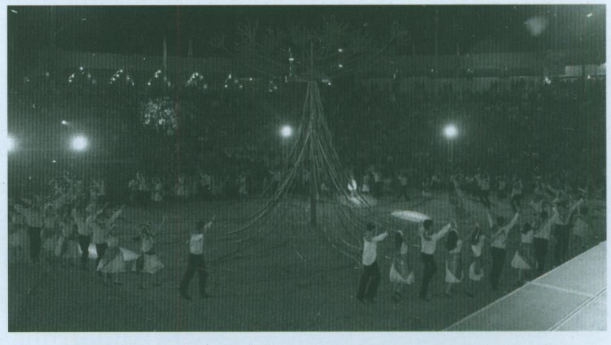
Foram apresentadas danças inspiradas nas coreografias criadas e/ou reelaboradas pelo Grupo Parafolclórico Fogança, de Maringá/PR, cartaz do 46.º FEFOL: Vilão de Fitas, Cuá-fubá, Gralha Azul e Barreado de Paranaguá.

A indumentária, a exemplo da utilizada pelo Fogança, inspirada nos anos 40, era composta de saias na altura das panturrilhas com saiotes armados e blusas de babados com cintos largos para as mulheres; para os homens, calças com bainha à italiana, camisas de mangas longas, lenço no pescoço e faixa na cintura.

Foi realizada uma coreografia, baseada na que é apresentada pelo "Fogança", homenageando a Gralha Azul, ave-símbolo do Paraná, que, segundo a lenda, é responsável pelo agrupado reflorestamento de pinheiros, tendo-se em vista a estranheza que causava o fato de estes aparecerem em grupos, em pontos afastados, sem que o homem os plantasse. Dançou-se ainda a "Cuá-fubá", coreografia elaborada pela Prof.ª Sueli Alves de Souza Lara, idealizadora e coordenadora do "Fogança". Trata-se de

representação coreográfica da colheita do milho, sendo dançada ao som da homônima música do folclore paranaense, apenas por mulheres, que batem forte no chão com suas tamancas, tendo nas mãos uma peneira de fubá. O Barreado de Paranaguá, o mais famoso prato típico da culinária paranaense, também foi coreografado no espetáculo, "seguindo-se os passos" do "Fogança", que apresenta dança figurativizando o preparo do Barreado.

O espetáculo terminou com "Vilão de Fitas", dança de salão, praticada aos pares, inicialmente nos antigos salões paranaenses, até que obteve ampla aceitação popular. As extremidades de fitas ou lenços de cores diversas são seguradas pelos folgadores e pelas folgadeiras, com os braços esticados para o alto, formando-se assim um túnel de fitas ou de lenço.



Muito criativa foi a apresentação dessa dança, no palco, enquanto na arena se dançava o Pau-de-Fitas (considerada dança universal, sobrevivência de antigos rituais de culto às árvores, dançada em torno de um grande mastro em cujo topo colocam-se fitas coloridas que, trançadas pelos dançadores, formam figuras).

Contagiante era a emoção dos integrantes do Fogança (especialmente da Prof.ª Sueli), na plateia, assistindo a centenas de crianças (muito bem ensaiadas) executando acertadamente os passos das danças que o Fogança apresenta em nossa festa maior.

O espetáculo se encerrou com uma belíssima confraternização dos grupos presentes na abertura do festival, seguida de espetáculo pirotécnico.

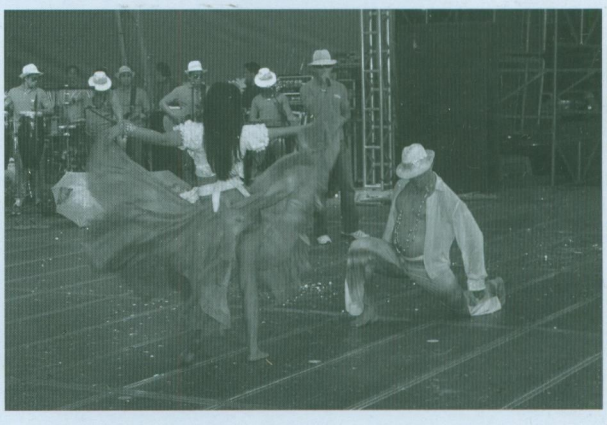
Após o Espetáculo de Abertura, apresentaram-se no palco os grupos Fogança e o Grupo Folclórico "Mestre Romão", de Paranaguá/PR, outra participação também muito especial na Abertura.

"O Mestre Romão tem o fandango no pé há mais de 70 anos. Ele é meu mestre", ressalta a Prof.ª Sueli.

No decorrer da semana, a partir das 20 h, no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", situado na Arena Cultural "Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli", apresentaram-se grupos folclóricos e parafolclóricos.

APRESENTAÇÕES NO PALCO

APRESENTAÇÕES NO PALCO



DOMINGO, 08/08/2010:

Terno de Moçambique São Benedito – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Magos do Oriente" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Lapinha de Belém" – Olímpia/SP; Batuque – Piracicaba/SP; Grupo Baile de Congo Ticumbi de São Benedito – Conceição da Barra/ES; Grupo Mineiro Pau – Santo Antônio de Pádua/RJ; Parafusos – Lagarto/SE; Grupo "Raízes da Terra", Lagarto/SE; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; GTG Estância da Serra – Osório/RS; "Fulô" do Sertão – Senador Pompeu/CE; e Grupo Pastoril Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN, todos folclóricos.

SEGUNDA-FEIRA, 09/08/2010:

Cia. de Reis "Viajantes de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Fernandes" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Caminho de Belém" – Olímpia/SP; Grupo "Congo da Serra" – Serra/ES; Grupo "Mineiro Pau" – Santo Antonio de Pádua/RJ; Coco de Roda "Xique Xique" – Maceió/AL; Grupo Folclórico "Mestre Romão" - Paranaguá – Paranaguá/PR; Trilha da Amazônia – Belém/PA; e o Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros – Bezerros/PE.

TERÇA-FEIRA, 10/08/2010:

Cia. de Reis "Caminho de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis dos Três Magos do Oriente a Caminho de Belém – Olímpia/SP; Cia. de Santos Reis "Estrela da Guia" – Olímpia/SP; Parafusos – Lagarto/SE; Grupo Folclórico "Raízes da Terra" – Lagarto/SE; Grupo Parafolclórico "Frutos da Terra" – Olímpia/SP; Grupo Camalote – Campo Grande/MS; e o CTG "Estância da Serra" – Osório/RS.

QUARTA-FEIRA, 11/08/2010:

Cia. de Reis "Incenso, Ouro e Mirra" – Olímpia/SP; Cia. de Santos Reis "Caminho de Belém" – Olímpia/SP; Cia. de Reis "Os Mensageiros da Paz" – Olímpia/SP; Terno de Congada Chapéu de Fitas – Olímpia/SP;

Grupo Parafolclórico Fogança – Maringá/PR; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN; Associação Cultural Anástasis – Olímpia/SP; e o Grupo Parafolclórico Vitória Régia – Cáceres/MT.

QUINTA-FEIRA, 12/08/2010:

Grupo São Gonçalo – Olímpia/SP; Parafusos – Lagarto/SE; Grupo "Mineiro Pau" – Santo Antonio de Pádua/RJ; Grupo de Congo da Serra – Serra/ES; Fandango de Paranaguá – Paranaguá/PR; Grupo Fogança – Maringá/PR; GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina Moça" – Olímpia/SP; Grupo de Dança Folclórica Raízes de Olímpia – Olímpia/SP; Grupo Cia. de Danças Folclóricas Trilha da Amazônia – Belém/PA; Grupo Camalote – Campo Grande/MS; Grupo Parafolclórico Vitória Régia – Cáceres/MT; Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros – Bezerros/PE; e CTG Estância da Serra – Osório/RS.

SEXTA-FEIRA, 13/08/2010:

Grupo "Mineiro Pau" – Santo Antonio de Pádua/RJ; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Grupo Baile de Congo Ticumbi de São Benedito – Conceição da Barra/ES; Grupo Associação Folclórica Boi de Mamão – Florianópolis/SC; Grupo Folclórico Raízes da Terra – Lagarto/SE; Grupo Parafolclórico Frutos da Terra – Olímpia/SP; Associação Cultural Anástasis – Olímpia/SP; Grupo Folclórico Fulo do Sertão – Senador Pompeu/CE; Grupo Camalote Associação – Campo Grande/MS; CTG Estância da Serra – Osório/RS; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN e, por fim, o Grupo Folclórico Cultural Bumba Meu Boi - Orquestra Tajaçuaba – São Luís/MA.

SÁBADO, 14/08/2010:

União Folclorista de São Benedito do Belém – Taubaté/SP; Congada de Sainha Irmãos Paiva - Santo Antonio da Alegria/SP; Samba Lenço de Mauá - Mauá/SP; Grupo Jongo de Piquete – Piquete/SP; Reisado Sergipano e Bumba-Meu-Boi - Guarujá/SP; Caiapó da Mata Adentro - São José do Rio Pardo/SP; Grupo de Fandango de Chilenas - Capela do Alto/SP; Grupo Fandango de Tamanco - Capão Bonito/SP; Moçambique Zumbi dos Palmares – Uberaba/MG; Grupo Folclórico Chambá - São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique O Manhoso – Ibiraci/MG; Terno de Moçambique Diamante - São Sebastião do Paraíso/MG; Terno de Catupé São Benedito (Azul) – Catalão/GO; Terno de Congo do Rosário – Catalão/GO; Grupo Coco de Roda Xique Xique - Maceió/AL; Grupo Congo da Serra – Serra/ES; Fandango de Paranaguá – Paranaguá/PA; Parafusos – Lagarto/SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra – Lagarto/SE; Grupo Associação Folclórica Boi de Mamão – Florianópolis/SC; Grupo Baile de Congo Ticumbi de São Benedito – Conceição da Barra/ES; Batalhão de Bacamarteiros – Carmópolis/SE; Grupo Parafolclórico Vitória Régia – Cáceres/MT; Grupo Camalote Associação – Campo Grande/MS; Grupo Fogança – Maringá/PR; Cia. de Danças Folclóricas Trilha da Amazônia – Belém/PA; Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros – Bezerros/PE; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo Folclórico Cultural Bumba Meu Boi Orquestra Tajaçuaba – São Luís/MA; CTG Estância da Serra – Osório/RS; Grupo Folclórico Fulô do Sertão – Senador Pompeu/CE.

DOMINGO, 15/08/2010:

A partir das 19h, deu-se o Espetáculo de Encerramento do Festival com apresentação do Grupo Parafolclórico Fogança e confraternização com outros grupos na Arena Cultural "Maria Aparecida de Araújo Manzolli", encerrando-se as apresentações com um belíssimo espetáculo pirotécnico.

GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS

De indiscutível relevância são as brincadeiras infantis, visto que é por meio delas que as crianças, ainda que, a princípio, por si sós, expressam sua peculiar maneira de interpretar o mundo, exercitando, assim, sua criatividade, suas capacidades físicas e intelectuais.

Paulatinamente, à medida que as brincadeiras se vão desenvolvendo em grupo, a criança tem o primeiro contato com a cultura de seu povo, tomando conhecimento de seus modos de pensar, sentir, agir e reagir.

Os brinquedos estimulam o raciocínio, a imaginação, a atividade física das crianças, favorecendo a socialização, de modo a prepará-las para o convívio com as regras sociais com que se defrontarão.

Dizem que pessoas adultas que brincaram bastante quando crianças têm mais possibilidade de se tornar mais alegres.

O termo "brinquedo" pressupõe o uso de algum objeto (concreto, palpável, finito) indispensável para uma determinada prática recreativa, diversamente de "brincadeira" e "jogo", pois estes últimos se expressam com mais evidência através de movimento, de ação, do que por um objeto, ressaltando-se que, havendo disputa, se trataria de "jogo".

No entanto, referidos termos são usados como sinônimos. O próprio Luís da Câmara Cascudo, em seu clássico "Dicionário do Folclore Brasileiro" já ensinava que "brinquedo, brincadeira são sinônimos de jogos, rondas, divertimentos tradicionais infantis, cantados, declamados, ritmados ou não, de movimentos etc. Brinquedo é ainda o objeto material para brincar, carro, arco, boneca, soldados. Também dirá a própria ação de brincar".

Um típico exemplo utilizado para se referir ao modo como se processa o aprendizado empírico referente à cultura popular (adquirida espontaneamente, sem horário obrigatório, sem lição de casa) é o das brincadeiras infantis, a partir do qual se verifica que as crianças aprendem a brincar, brincando entre si.

No 46.º Festival do Folclore, de 9 a 13 de agosto, a partir das 14 h, na arena da Praça de Atividades Folclóricas, realizou-se mais uma Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, concorrido evento, de que participa grande número de crianças. Dentre os objetivos da Gincana se incluem: preservar e/ou reativar o prazer pelos brinquedos infantis; reunir crianças de todos os níveis sociais em saudáveis competições; proporcionar aos infantes momentos de salutar aproveitamento das horas de lazer.

Várias são as brincadeiras, por exemplo: o cabo-de-guerra (duas equipes medem forças puxando uma corda); corrida de perna-de-pau; corrida do saco (os competidores se introduzem em um saco cuja boca devem segurar com ambas as mãos. O movimento das pernas pode se dar com passos curtos ou saltos mais longos. Vence aquele que primeiro chegar ao lugar marcado, independentemente de eventuais quedas); corrida-do-ovo-na-colher (crianças segurando uma colher em que há um ovo disputam uma corrida. O competidor que apoiar o ovo com os dedos ou usar outro meio para manter o ovo na colher será desclassificado. Vence a que primeiro chegar ao determinado lugar sem deixar cair a colher com o ovo); corrida-de-três-pernas (corrida de duplas, a perna esquerda de uma criança e a direita de outra são atadas); pôr-o-rabo-no burro (um alvo, com alguns pontos, sendo o central o que enseja maior pontuação, no qual a criança, de olhos vendados, o tenta furar com uma espécie de dardo, só que sem

lançá-lo a distância; faz-se diretamente com a mão, próximo ao "burro") ou quebra-pote (em que se tenta, também com os olhos vendados, bater com um pedaço de pau em bexigas contendo balas e bombons, substituindo-se os potes para maior segurança dos participantes. Em Pernambuco, por exemplo, é "quebra-panela", utilizando-se uma panela de barro).

O evento é promovido pela Secretaria Municipal de Educação, cuja titular é a Profª Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, com a participação de professores da rede municipal de ensino.

FOLCLORANÇA

Também coordenado pela Secretaria Municipal de Educação, a "Folclorança" (Folclore – Herança – Criança – Confiança) é uma oficina de brinquedos tradicionais infantis cujo escopo é preservar-lhes a essência e a forma mediante a confecção de brinquedos como estilingue, bito, pipa, papagaio, etc., vivenciando, assim, os tempos em que essa atividade antecedia o prazer de brincar, haja vista não existir ainda o comércio de tais produtos.

A criatividade das crianças é exercitada mediante a confecção de máscaras, fantasias e outras figuras, de motivos folclóricos, a partir de variado material (madeira, sucata, retalhos de tecido, papelão, etc.).

Na "Folclorança" os participantes também produzem papagaios, estilingues, bitos. Foi realizada de 9 a 12 de agosto de 2010, das 8h às 11h, no Pavilhão Cultural, na Praça das Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".

MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

Realizou-se o 26.. Minifestival do Folclore, nos dias 09 a 12 de agosto de 2010, a partir das 14 horas, no Pavilhão Cultural da Praça de Atividades Folclóricas, com a coordenação da Secretaria Municipal de Educação.

O evento tem por objetivo estimular nos estudantes o interesse e o apreço pela cultura popular brasileira, por meio de adequada seleção das atividades desenvolvidas no palanque oficial do FEFOL, com breves preleções de folcloristas e apresentação de grupos folclóricos e parafolclóricos, cujos integrantes, além de apresentarem suas danças, tecem comentários acerca de seus trajes e instrumentos, ensinam alguns passos, interagindo com a plateia.

Também foi dinâmica a participação dos estudantes no evento, pois as unidades escolares da cidade foram representadas por seus alunos, e não apenas como espectadores; eles apresentam

danças e folguedos que aprenderam e ensaiaram no decorrer do ano.

No dia 09/08/2010, Segunda-Feira, apresentaram-se: EMEB "Professor Dimas Narcizo", com a dança "Ciranda do Norte"; em seguida, alunos do Grupo de Dança "Valentina Toazza" - APAE de Olímpia dançaram a paulista "Café"; e, logo após, alunos da EMEB "Professora Zenaide Rugai Fonseca" dançaram "Xote Pé de Serra", "Coco de Praia" e "Carimbó".

Dia 10/08/2010: EMEB "Jardim Hélio Cazarini" – Danças Gaúchas; EMEB "Washington Junqueira Franco" – "Catira"; EMEB "Reinaldo Zanin" – "Maneiro-Pau" e "Dança do Algodão"; e o Coral "Criança em Canto, da Secretaria Municipal da Educação.

Dia 11/08/2010: EMEB "Santo Seno" - Siriá, Xaxado e Bumba-meu-boi; EMEB "Professor Maurício César Alves Pereira" – Boi de Morros e Vermelho; e EMEB "Dona Luiza Seno de Oliveira" - Danças Variadas.

Dia 12/08/2010: EMEB "Theodomiro da Silva Melo" – Quadrilha e Pau de Fitas; Escola João e Joaninha – Ciranda dos Bichos e Boi; EMEB "Joaquim Miguel dos Santos" – Coco da Roxa, Coco do Sertão e Coco Papuru, e EMEB "Dona Luiza Seno de Oliveira – Danças Variadas.

CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORE

A abertura do evento se realizou no dia 09 de agosto de 2010, segunda-feira, às 9 horas, com os discursos do Prefeito Municipal, Eugenio José Zuliani, do Secretário Municipal de Cultura, Turismo Esporte e Lazer, Humberto José Puttini, da Secretária Municipal de Educação, Profª Eliana Antonia Duarte Bertoncello Monteiro, e da Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli. Às 9h30, proferiu palestra a Profª Sueli Alves de Souza Lara, criadora e coordenadora do Grupo Parafolclórico "Fogança", da Universidade Estadual de Maringá/PR, com o tema "Cultura Popular no Estado do Paraná - Arte e Educação no Folclore". A seguir, por volta de 10h30, houve rodada de perguntas e debates, encerrando-se, às 11 horas, com apresentação do Grupo Folgança.

O evento continuou até o dia 12/08/2010, iniciando-se por volta das 9 horas, e com rodada de perguntas e debates após as alestras.

Na terça-feira, dia 10/08/2010, o tema abordado pelo palestrante Edemilson José do Vale foi "Políticas Públicas de Cultura, seguido da representação do folguedo "Congadada", por estudantes da Escola Capitão Narcísico Bertolino, e da participação dos Parafusos de Lagarto/SE.

Na quarta-feira, 11/08/2010, alunos da Escola Irma Tereza Soarez e Cidade Imaculada apresentaram as danças Gralha Azul e Barreado, seguida da representação teatral do poeta e ator Marcelo Henrique "Navio Negreiro – Castro Alves". Duas palestras foram realizadas: "Folclore na Educação da Rede Municipal", pela Profª Lúcia Helena Costa, e "Projeto Folclorança", pela Profª Eliane Leonor Trivelatto Sartorello.

Na quinta-feira, 12/08/2010, abordando o tema "Diversidade do Rio Grande do Norte", proferiu palestra a Profª e folclorista Séphora Maria Alves Bezerra.

O Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina – São Gonçalo do Amarante/RN encerrou o evento com sua participação.

CAMPEONATO DE TRUCO

Dezenas de duplas participaram do 39.º Campeonato do Festival do Folclore de Olímpia, que se realizou no dia 7 de agosto, domingo, a partir das 9 horas da manhã, na Barraca da Promoção Social, na Praça de Atividades Folclóricas.

João Carlos Amaro de Souza, Diretor da Lançadoria da Prefeitura Municipal de Olímpia, coordenou esse evento que atrai "truqueiros" de diversas regiões de São Paulo e até de outros Estados.

Eis a classificação das duplas nesse concorrido torneio, em que se tomaram quase totalmente as dependências da referida barraca:

1.º lugar: Fabricio Lopes e Junior Lopes
2.º lugar: Aldenizio Alves de Lucena e Luiz Carbonera
3.º lugar: Diego Leonardo Quilles e Fagner Ricardo de Lucena

Essas três duplas estão classificadas para o Campeonato Estadual de Truco, a realizar-se na capital paulista, ainda sem data designada

Jogo álacre, vibrante, o Truco teria sido trazido ao Brasil pelos imigrantes italianos, e teve ampla aceitação coletiva no Brasil, onde, inclusive, tem data comemorativa (todo segundo domingo do mês de julho).

CAMPEONATO DE MALHA

No dia 6 de agosto, às 14 horas, realizou-se no Ginásio de Esportes "Olinto Zambon", situado na Av. Harry Gianichini, s/n, Olímpia, o 32.º Campeonato de Malha, que também integra a programação do FEFOL.

As três primeiras colocações ficaram com as seguintes duplas:

1.º lugar: Francisco Aparecido Pereira e Osvaldo Lourenço Donato
2.º lugar: Daniel Rodrigues da Silva e João Lopes Lourenço
3.º lugar: Ademar Alves de Sou- za e Andersom André Aparecido Alves

Dizem que esse jogo de malha é proveniente de Portugal, onde, em muitas residências, era comum haver nos quintais instalação própria para sua prática.

No Brasil, teve boa receptividade esse esporte que, na atualidade, é mais praticado em ambientes rurais, em isolados barracões, tendo se afastado dos grandes centros.

O esporte, ainda cultivado em Olímpia, sendo mais incentivado por ocasião do FEFOL, consiste no lançamento de discos de ferro ("malhas") contra pequenos tocos de madeira, que, colocados a certa distância dos jogadores, devem ser por eles derrubados, para a obtenção de pontos. É uma modalidade esportiva popular preferencialmente masculina, visto que requer maior força física.

O Campeonato de Truco foi também coordenado por João Carlos Amaro de Souza.

CAMPEONATO DE BOCHA

Outra modalidade esportiva popular muito praticada em Olímpia, assim como em vários rincões do Brasil, é a Bocha, que consiste no lançamento de bolas de madeira visando a aproximá-las, o mais possível, de uma outra bola, de menor tamanho.

Dizem que é um esporte "chato de ver, mas gostoso de jogar". Muito se diverge sobre sua origem, mas há relativo consenso no sentido de que foi trazido ao Brasil pelos italianos, grandes entusiastas da "bocha".

A classificação das duplas no 6.º Campeonato de Bocha foi a seguinte:
1.º lugar: Esmeraldino Bueno e Angelo Spadari
2.º lugar: Luiz Ribeiro e Roberto Pizetti
3.º lugar: Izaias Braido e José Carlos Marretto
Coordena o evento o Sr. Lino Recco.

PEREGRINAÇAO FOLCLÓRICA
FOLCLORE NA RUA

Trata-se de uma álacre maneira de levar às ruas da Capital do Folclore algo da festa vivida na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", e de também, demonstrar os agradecimentos da Comissão Executiva do Festival aos patrocinadores e colaboradores da nossa festa maior.

É um colorido e festivo passeio de grupos folclóricos e parafolclóricos pelas ruas centrais da cidade, os quais, em seus típicos trajes, apresentam seus cantos e danças

São visitados estabelecimentos comerciais e bancários que contribuem com o FEFOL, repartições públicas e outros pontos importantes da cidade.

Nos últimos anos, a Peregrinação vem se ampliando para praças de outros bairros e para os distritos de Baguaçu e Ribeiro dos Santos.

No 46º Festival do Folclore, a Peregrinação foi realizada de 9 a 14 de agosto, entre 9h e 13h, sendo acompanhada por inúmeros olimpienses e visitantes. No Sábado, 14/08/2010, após passearem pelas ruas centrais, houve um belíssimo encontro dos grupos na Praça Matriz de São João Batista.

21.° SALÃO DE ARTES

"Fazer da arte um instrumento para o conhecimento e pesquisa do folclore brasileiro" é um dos principais objetivos dessa prestigiosa exposição, que resulta de um concurso promovido às vésperas de cada FEFOL, e se realiza no Espaço Cultural "Laura Haidar", no Pavilhão Cultural da Praça de Atividades Folclóricas, sob a coordenação da artista plástica Reoniquevones Brunhara Puttini, "Reonique".

As obras que concorreram, tratando de temas folclóricos, se encontravam no Salão, para exposição e venda.

Da esquerda para a direita, Paulo Duarte Ferreira, Presidente da Comissão Executiva do FEFOL, Reonique Puttini, Coordenadora do Salão, Cidinha Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Humberto José Puttini, Secretário de Cultura, e o Prefeito Eugenio José Zuliani.

Da esquerda para a direita, Cidinha Manzolli, Humberto José Puttini, André Nakamura, editor do Anuário, o Prefeito Geninho Zuliani e Paulo Ferreira.

No 46° FEFOL, a abertura do Pavilhão Cultural e do Salão ocorreu às 19 horas do dia 07 de agosto de 2010, ocasião em que também se procedeu ao Lançamento do Anuário do 46° Festival do Folclore.

As inscrições para o mencionado concurso foram feitas no período de 1° a 24 de julho de 2010, na Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", e a seleção para premiação, no dia 31 de julho de 2010, na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna.

A premiação ocorreu às 19 horas do dia 13 de agosto de 2010. O evento tem apoio do SESC, da Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro e da Prefeitura Municipal de Olímpia.

VEJAMOS O RESULTADO DO CONCURSO:

Acadêmico
1.° lugar - Rei e Rainha do Congo, de Maria Cecília Consetino Franco.
2.° lugar – Congada, de Norma Basto Matta.

Moderno
1.° lugar - Festa Junina a São João, de Rodrigo Silva.
2.° lugar - Festa Junina, de Domingas Assunpção Silvério.

Artesanato
1.° lugar - Folião Mirim, de Delfina Ribeiro Marcelo.
2.° lugar - O Índio, de Pedro Netto Alves Lima.

Escultura
1.° lugar - O cangaceiro e o cachorro, de João Carlos Rocha.
2.° lugar - O Palhaço, de Carlos Eduardo Finotti.

Fotografia
1.° lugar - Descanso de Folião, de Luiz Antônio Arantes.
2.° lugar - Mascara do Rei, de Álvaro Aguilar Torrecilhas Filho.

Poesia
1.° lugar - n.° 20 - Festival da Identidade Nacional, de Luciene de Andrade Bianchi Lopes.
2.° lugar - n.° 25 - Benzedeira, de Marise A. Estabio de Freitas Carvalho.

Reonique informa que, além das que participaram do concurso, havia também exposição de obras cujos temas não tratavam de folclore, em local separado das que participaram do concurso, como incentivo a artistas olimpienses que estão surgindo, tendo havido ainda exposição de obras produzidas por artesãos de Olímpia e região, inclusive artistas plásticos de Embu das Artes/SP.

TARDES DA VIOLA NA CASA DO CAIPIRA

Inaugurada em 08 de agosto de 2009, a "Casa do Caipira" tornou-se grande ponto de visitação e encontro na Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna".

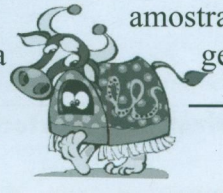
No decorrer do 46º Festival do Folclore, em todas tardes, a partir das 17 horas, diversas duplas sertanejas de Olímpia e da região se apresentaram na "Casa do Caipira".

No Domingo, 8/08/2010, apresentaram-se as duplas Márcio e Marcílio, Timboé e Colinense Cheiroso, e Dico e Guimarães. Na segunda-feira, 09/08/2010, apresentaram-se Du Paloma e Palomita, Mario e Marinho, Garganta de Prata, Bazan Tecladista, e Vano e Vaninho. Na terça-feira, 10/08/2010, Pedro do Violão, Orquestra de Viola Raimundo Violeiro, Romanito e Vinicius da Viola. Na quarta-feira, 11/08/2010, realizou-se Tertúlia com o CTG Estância da Serra. Na quinta-feira, cantaram as duplas Preto e Pretinha, Marcos Paulo e Cassiano, Fátima e Fernanda, Luiz Miguel e Oliveira. No Sábado, houve transmissão ao vivo de programa radiofônico da Menina AM, realizado na Casa do Caipira, sob o comando de Correia e Moisés Macedo e, ainda, participação de todas as duplas que se apresentaram participaram durante a semana.

O Sargento Correia e Moisés Macedo, que possuem programa na Rádio Menina AM, de Olímpia, fizeram as apresentações desse evento coordenado pelo Prof. Roberto Arruda.

A "Casa do Caipira", com efeito, se tornou agradável local para se visitar, cujas atividades vêm se ampliando cada vez mais.

Reafirmemos que o processo construtivo da Casa é o pau-a-pique, tendo sido utilizado madeira bruta. O fechamento das paredes é em barro estruturado com bambu. O piso é de tijolo sem revestimento, e a cobertura é com telha. Na casa também há fogão à lenha, forno caipira, móveis, enfim, uma amostra das humildes moradas da gente simples do povo.



BARREADO NA BARRACA DO FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE

Na barraca do Fundo Social de Solidariedade, presidido pela primeira-dama Fernanda Zuliani, tendo em vista que o Paraná foi o Estado homenageado no 46º Festival do Folclore, em meio a muitas outras opções, era especialmente servido o mais famoso prato típico da culinária paranaense: o Barreado. Trata-se de carne bovina cozida cujo segredo é o tempo de cozimento: "dez horas de fogo nela", para desfiar bem a carne. É servido com arroz, farinha de mandioca e banana.

DESFILE

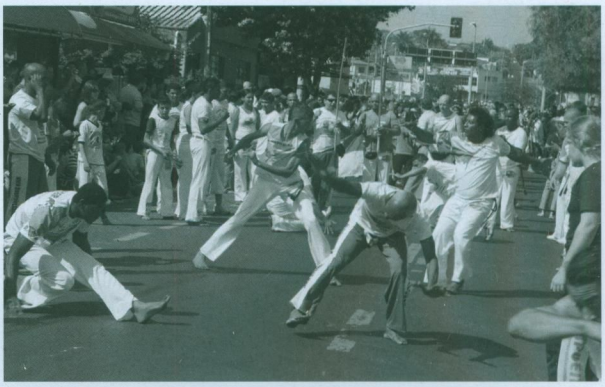
No dia 15/08/2010, com início a partir de 9 horas, realizou-se o evento considerado o ponto máximo do Festival do Folclore de Olímpia, o Desfile dos grupos folclóricos e parafolclóricos.

Trata-se de uma sensacional confraternização desses grupos, num variegado e deslumbrante tráfego de danças e ritmos pela Avenida Aurora Fórti Neves.

A concentração ocorreu na Câmara Municipal de Olímpia até o trevinho da Avenida Andrade e Silva.

O desfile seguiu pela contramão da Avenida Aurora Fórti Neves até a Rua David de Oliveira, retornando por esta até dispersar-se no encontro com a Avenida Waldemar Lopes Ferraz.

Deu-se continuidade à retomada de carros alegóricos que se apresentaram segmentados, de maneira a anunciar as atrações que se lhes seguiriam, a exemplo das regiões brasileiras de que eram provenientes os grupos folclóricos e parafolclóricos, além dos carros alegóricos homenageando o Prof. José Sant'anna, criador do Festival do Folclore, e o Estado do Paraná.



Participaram do Desfile carros de apoio da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, a Fanfarra Municipal de Ubarana/SP, o Tiro de Guerra de Olímpia, os Cavaleiros da Comitiva Olímpia e os seguintes grupos folclóricos e parafolclóricos: União Folclorista São Benedito do Belém - Taubaté/SP; Congada de Sainha Irmãos Paiva - Santo Antonio da Alegria/SP; Samba Lenço de Mauá - Mauá/SP; Grupo Jongo de Piquete - Piquete/SP; Reisado Sergipano e Bumba-Meu-Boi - Guarujá/SP; Caiapó da Mata a Dentro - São José do Rio Pardo/SP; Grupo de Fandango de Chilenas - Capela do Alto/SP; Grupo Fandango de Tamanco - Capão Bonito/SP; Moçambique Zumbi dos Palmares - Uberaba/MG; Grupo Folclórico Chambá - São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique O Manhoso - Ibiraci/MG; Terno de Moçambique Diamante - São Sebastião do Paraíso/MG; Terno de Catupé São Benedito (Azul) - Catalão/GO; Terno de Congo do Rosário

- Catalão/GO; Grupo Coco de Roda Xique Xique - Maceió/AL; Grupo Congo da Serra - Serra/ES; Fandango de Paranaguá - Paranaguá/PR; Parafusos - Lagarto/SE; Grupo Folclórico Raízes da Terra - Lagarto/SE; Grupo Associação Folclórica Boi de Mamão - Florianópolis/SC; Grupo Baile de Congo Ticumbi de São Benedito - Conceição da Barra/ES; Batalhão de Bacamarteiros - Carmópolis/SE; Grupo Parafolclórico Vitória Régia - Cáceres/MT; Grupo Camalote Associação - Campo Grande/MS; Grupo Fogança - Maringá/PR; Grupo Cia. de Danças Folclóricas Trilha da Amazônia - Belém/PA; Grupo Papanguarte Balé Popular de Bezerros - Bezerros/PE; Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina - São Gonçalo do Amarante/RN; Grupo Folclórico Cultural Bumba-meu-boi Orquestra Tajaçuaba - São Luís/MA; CTG Estância da Serra - Osório/RS; Grupo Folclórico Fulô do Sertão - Senador Pompeu/CE;

Terno de Congada Chapéu de Fitas - Olímpia/SP; Cia. de Reis Lapinha de Belém - Olímpia/SP; Cia. de Reis Magos do Oriente - Olímpia/SP; Cia. de Reis "Os Viajantes de Belém" - Olímpia/SP; Cia. de Reis Fernandes - Olímpia/SP; Grupo "São Gonçalo" e Folia de Reis - Olímpia/SP; Terno de Moçambique "São Benedito" - Olímpia/SP; Cia. de Reis Estrela da Guia - Olímpia/SP; Cia. de Santos Reis Caminho de Belém - Olímpia/SP; Grupo Parafolclórico Frutos da Terra - Olímpia/SP; GODAP - Olímpia/SP; Associação Cultural Anástasis - Olímpia/SP; Cia. dos Três Reis Magos do Oriente a Caminho de Belém - Olímpia/SP; Cia. de Reis Mensageiros da Paz - Olímpia/SP; Grupo Associação de Capoeira Raízes - Olímpia/SP; Grupo Cia. de Santos Reis Incenso Ouro e Mirra - Olímpia/SP; e Cia. Santos Reis Os Filhos de Maria - Olímpia/SP.

O Dr. Gilsom Carlos Miranda, autor do projeto para o Desfile do 46º Festival do Folclore, preside a comissão organizadora desse evento.

DESFILE

DESFILE

DESFILE

32ª INTERBIO

Na véspera do dia do Padroeiro de Olímpia, São João, 23/06), até domingo (26), a Capital do Folclore sediou a 32ª INTERBIO, os Jogos Universitários Nacionais Interbiologia, da qual participaram cerca de 1, 5 mil universitários de sete Estados brasileiros, os quais ficaram alojados nas dependências do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna", disputando as modalidades esportivas do evento no Ginásio de Esportes Olintho Zambom.

As barracas tomaram conta do Recinto do Fefol

A Prefeitura, segundo o Secretário Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, Humberto José Puttini, em entrevista ao Blog do Concon, "não gastou nenhum real dos cofres públicos e, de forma criativa, promoveu um grande encontro esportivo em nossa cidade".

Para Beto Puttini, "é o segundo evento deste gênero que realizamos em nossa cidade, onde podemos ter a oportunidade de receber estudantes de todo Brasil que voltam para lares levando uma boa imagem de nossa cidade, além dos investimentos realizados em nossa cidade, que, segundo a comissão organizadora, foi em torno de R$ 70 mil, entre locação de cercas, arquibancadas, seguranças, limpeza, gêneros alimentícios, entre outros".

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1 – USP/SÃO PAULO – 85 PONTOS
2 – UnB (Universidade de Brasília) – 84 PONTOS
3 – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – 82 PONTOS
4 – USP/RIBEIRÃO PRETO – 44 PONTOS
5 – UFUMG (Universidade Federal de Uberlândia + Universidade Federal de Minas Gerais) – 40 PONTOS
6 – UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) – 31 PONTOS
7 – UFPRSC (Universidade Federal do Paraná + Universidade Federal de Santa Catarina) – 28 PONTOS
8 – UNESP/BOTUCATU – 26 PONTOS
9 – UNIVERSIDADE SÃO CAMILO – 20 PONTOS
10 – UNESP/RIO PRETO – 14 PONTOS
11 – PUCCAMP – 3 PONTOS
12 – UEL (Universidade Estadual de Londrina) – 3 PONTOS
13 – UNESP/RIO CLARO – 0 PONTO

A Profª Maria Aparecida de Araújo Manzolli nos chamou a atenção para este evento ressaltando que as medalhas e os brindes ostentavam o Curupira, com a expressão "só faz gol de calcanhar", em alusão a este mito do folclore brasileiro, protetor da fauna e da flora, que tem os pés ao contrário, se comparados com os do homem.

Wellington Cudinhoto

PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS - 25 ANOS

No início da década de 80, a Praça de Matriz de São João Batista se tornava cada vez menor para abrigar o Festival do Folclore de Olímpia, evento sempre ascensional. O Prof. José Sant'anna, então, já idealizava uma casa própria para a festa. Mas, enquanto não fosse possível realizar seu projeto, o Festival passou a ser realizado, a partir do 19° ao 21° no Ginásio de Esportes "Olinto Zambon".

Wellington Cudinhoto

Nesses entrementes, as instâncias de Sant'anna junto à administração municipal tiveram êxito, fazendo com que se iniciasse a construção da sede própria para a festa. Em 1986, então, quando do 22° Festival do Folclore, foi concluída a obra: estava pronta a "Praça de Atividades Folclóricas 'Prefeito Wilson Zangirolami' ", assim denominada por iniciativa do então vereador José Sant'anna (Projeto de Lei n° 2.150) para homenagear o prefeito que levou a efeito o grande projeto do criador do festival, num épico feito, procedendo à construção do "folcloródromo", realizando-a em pouco mais de quatro meses.

A execução da estrutura metálica da obra (aproximadamente 9 mil m²) supervisionada por meu querido pai, Issao Nakamura, foi concluída no prazo recorde de 45 dias pela Indústria e Comércio Nakamura Ltda., empresa olimpiense.

Também chamado "folcloródromo", palavra hibrida, formada por folclore, do inglês arcaico folk = povo e lore = sabedoria, mais o grego dromo = lugar por onde passa.

A arquiteta Nilma Mieko Yamato, da Universidade Federal de Brasília, foi a responsável pelo projeto.

Na área de estacionamento há 374 árvores, 17 em cada um dos 22 canteiros: Ipê Rosa Salvador, Cássia Leptofila, Alfineiro, Coleutéria, Ipê Amarelo. No local de estacionamento para ônibus, 28 pés de Ipê Rosa Salvador, distribuídos por 3 canteiros. À saída, extensa fileira de Jerivá e variegadas Bungavílias ou Primaveras espelham-se pelas cercas, pelos aramados que circulam o Recinto ou que cercam determinados lugares.

Na ocasião, o Prof. Sant'anna assim se pronunciou:

"Olímpia dá uma contribuição elevadíssima ao estudo e à preservação do folclore nacional (...) A praça , de construção moderna, é elegante e espaçosa, e merece especial menção entre as principais obras do gosto de nossa gente. Nela, o povo se reanima e se

sente-se valorizado, pois apresentam um aspecto pitoresco e muito agradável em meio a música, danças, folguedos, flores ,comidas e ao geral e entusiástico contentamento da povoação inteira" (Anuário do 24.° Festival de Folclore,1989:103).

Em 1997, o então vereador Dr. Vicente Augusto Batista Paschoal, "Guga", após a aprovação de projeto de Lei de sua autoria, que modificou a Lei Orgânica do Município de modo a possibilitar que os próprios municipais também ostentassem nomes de pessoas vivas, em homenagem a elas, apresentou outro Projeto, com o fito de alterar a denominação daquele Recinto para "Praça de Atividades Folclóricas 'Prof. Sant'anna' " .

Na justificativa do Projeto, o vereador Guga relata que Sant'anna,"exímio professor e um dos mais profundos conhecedores da Língua Mãe (...) passou a dedicar-se ao estudo do Folclore Nacional, e com tamanha profundidade e eficiência, que hoje se tornou, sem a mínima sombra de dúvida , num dos maiores e dos mais respeitados conhecedores do Folclore no Brasil (...). Já não ficamos, apenas, entre São José do Rio Preto e Barretos... E até internacionalmente somos reconhecidos (...) por ele, e só por ele, Olímpia é hoje conhecida como a 'Capital Nacional do Folclore' (...) Por tudo isso, e já que ele foi o principal idealizador dos Festivais do Folclore e do 'Recinto do Folclore', nada mais justo que ele empreste seu nome àquele próprio municipal, como uma singelíssima homenagem do povo de sua terra".

Wellington Cudinhoto

No entanto, na ocasião em que tal projeto estava em discussão, o Prof. José Sant'anna, de notória modéstia e humildade, ainda que deveras sensibilizado com a proposta, manifestou-se favoravelmente à permanência da denominação da Praça, justificando seu parecer em carta endereçada ao vereador, da qual, com a devida autorização do destinatário, podemos extrair os seguintes fragmentos:

"(...) como já foi dito, quando da inauguração da Praça das Atividades Folclóricas, exercíamos a vereança nessa egrégia Casa Legislativa, tendo sido, na ocasião, autor do projeto de lei que indicava o então prefeito Wilson Zangirolami ao patronato do emergente Recinto do Folclore.

O já mencionado prefeito, reiteramos, empenhou todos os seus esforços para o alcance do bom êxito das atividades folclóricas em Olímpia, mormente no que concerne à inefável ventura de se criar espaço próprio para a nossa festa maior (...).

Conquanto jamais cometeremos o desatino e a imperdoável deselegância de recusar, ou tentar arrefecer uma homenagem sincera, e considerando que participamos, obstinadamente, da realização da casa própria do Festival do Folclore, não nos deixa de ocorrer que se poderia ficar a impressão de algo que um dito popular bem o expressa: 'elogio em boca própria é vitupério' _ o que nos preocupa. Por isso, manifestamo-nos em favor da manutenção do 'status quo', mas não sem, antes, reiterarmos a inexprimível e rara alegria que nos trouxe a intenção de Vossa Excelência".

A resposta do Prof. José Sant'anna, de certa forma até previsível, inclusive para o próprio edil responsável pela proposta, interrompeu a tramitação do Projeto de Lei.

Com o falecimento do Prof. Sant'anna (janeiro de 1999), em que se lhe precipitaram as homenagens, o Projeto de Lei de autoria do vereador Vicente Augusto Batista Paschoal (de n° 3.074/97) foi aprovada por unanimidade, pela Câmara Municipal de Olímpia, convertendo-se na Lei n° 2.723, de 10/2/99, cujo teor determinou a alteração do nome da casa própria do festival, que, desde então, passou a chamar-se "Recinto de Exposições e Praças de Atividades Folclóricas 'Professor José Sant'anna' ".

É um amplo e belíssimo recinto onde acontece a grande apoteose da cultura folclórica brasileira. Situado na Avenida Menina-Moça, Olímpia/SP, tem cerca de 96.800 metros quadrados de espaço disponível, sendo 6.500 de área construída. Paulatinamente, e em consonância com as disponibilidades econômicas do

Município, cresce e se consolida o maior monumento que se erigiu às atividades folclóricas no país.

O Recinto do folclore tem estacionamento para cerca de 900 carros e 100 ônibus e 20 banheiros. A arena onde se realizam as apresentações de grupos folclóricos e parafolclóricos tem área de 3.750 metros quadrados, com capacidade para 5 mil pessoas sentadas.

Cada vez mais os visitantes se encantam com a praça das atividades folclóricas, e os olimpienses dela se orgulham.

Trata-se, com efeito, de um mágico "folcloródromo", onde se verifica a mais fulgurante apoteose da cultura popular brasileira. Ele, que no 47° festival do Folclore comemora seus 25 anos de sucesso, representa a realização de um nobre ideal do Prof. Sant'anna, ao qual todos nós olimpienses devemos dar prosseguimento, de modo a continuar o magnânimo labor perpetrado pelo maior expoente que Olímpia já teve, pois, como déssemos em outras oportunidades, essa é a mais bela homenagem que lhe podemos prestar.

Wilson Zangirolami, Prefeito na ocasião da construção do Recinto do Folclore, fala sobre sua obra.

O SONHO

Wilson Zangirolami
Prefeito Municipal – 1983/1989

A meta sempre se afasta de nós, pois quanto mais progredimos, mais nos tornamos conscientes de nossa fraqueza. Mas é no esforço que encontramos a satisfação, não no êxito. O esforço sem reserva vale vitória total.

Tendo por norte os ensinamentos de um sábio chamado Mahatma Gandhi, faço de meu modo simples e modesto, um resumo da pequena história da construção do Recinto do Folclore que completa 25 anos. Se pudesse, voltaria no tempo para reviver as alegrias que a tarefa nos proporcionou.

O Prof. José Sant'anna sonhava e nos doou o sonho da "Casa Própria" para acolher os "filhos" do Folclore. Fizemos as contas e concluídos que com coragem e determinação haveríamos de conseguir a construção de um recinto para os Festivais que Olímpia realizava todos os anos. Escolhido o local que contribuiria para o natural desenvolvimento de nossa cidade, convocamos a sociedade Olimpiense para a elaboração da empreita.

"O que é verdade é para um pode não ser verdade para outro. O buscador de verdade não se inquietará com isso: por um esforço sustentado e honesto, ele se dará conta de que aquilo que parece ser verdades diferentes são como as inumeráveis folhas de uma mesma árvore".

E todas as "folhas" sadias e honestas se juntaram a nós. Homens, mulheres e crianças têm participação verdadeira no que lá está edificado.

OS OBREIROS

Com toda certeza alguns nomes de amigos que ajudaram a carregar o fardo ficarão no anonimato e, por isso peço que perdoem a minha falta. As pessoas praticantes da real benemerência dizem que o fato não tem a mínima importância. Para elas importa muito mais o grau de solidariedade registrado nos livros do Altíssimo

Convocados para o trabalho, o Secretário de Obras do Município, Flavinho Santana, "arrastou" seus auxiliares. O mesmo aconteceu com o Tino Parolim e sua "turma". O mutirão foi ganhando tamanho e a resposta da sociedade Olimpiense foi maravilhosamente positiva. Lions Clube, Rotary, Associação Comercial, Paróquia de São João Batista, Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, Loja Maçônica, dezenas de empresas, pedreiros, carpinteiros, olimpiense de todos os setores de nossa cidade e enfim, gente humilde que acreditou na proposta deu sua significativa contribuição.

No meio desses estava um anjo "maluco beleza" chamado ISSAO NAKAMURA. Com a alegria sempre presente ele comandava um "bando fantástico de malucos" que trabalhava até a meia noite. E faziam isso como se estivessem ganhando ricas horas extras. Na verdade, trabalhavam cantando e brincando sem ganhar um só

centavo. Os tratores vieram trazidos pelo Edson Jesus de Souza, o "Chefinho", autorizado pelo magnânimo cidadão chamado David de Oliveira. As carriolas faziam um zigue-zague sem fim e as obras caminhavam assustadoramente rápidas. O Fred Camioto queria cumprir a sua parte que era a de entregar as ruas de lá com pavimentação em asfalto. Ele venceu o tempo.

"Infinitas são as possibilidades do amor universal".

A DETERMINAÇÃO

As Praças da Matriz e Rui Barbosa já haviam ficado pequenas para atender a demanda dos Festivais. As obras já iniciadas deveriam seguir e agora teríamos que buscar recursos capazes de suportar o projeto que pretendíamos cumprir. Ganhamos o apoio do inesquecível Governador Franco Montoro e seu Secretário de Obras, João Leiva. É bem verdade que tivemos a ajuda real e definidora do comércio e indústria de nosso Município. Sem esses o projeto teria sucumbido. Nada impediu a nossa determinação. Do chefe do Executivo, dos organizadores do Festival e da Sociedade constituída a palavra de ordem era uma só: Vamos em frente!

O TEMPO

O relógio, impiedoso e teimoso nos fazia próximos do medo: "Não vai dar tempo!!" "Falta pouco tempo!!" Mas, o tempo é amigo do Justo e do verdadeiro, segundo o poeta. E, mais uma vez, o "brado de guerra": Vamos em frente!!

ESPERANÇA E FÉ

O Professor Sant'Anna e Dona Cidinha, a nossa encantada sanfoneira, eram animados pelo saudoso Ercidio Manzoli, companheiro de um valor incalculável. Invocava os santos para incentivar a todos: Vamos em frente!! Deus haverá de nos ajudar, dizia ele. E nosso Deus nos ajudou todos os dias.

"Deus é menor que um átomo e maior que o Himalaia. Encontra-se numa única gota d'água e, todavia, nem os sete mares conseguem contê-lo. A razão é impotente para conhecê-lo. Ele esta fora de seu alcance. Aqui a fé é essencial".

ALEGRIA

As barracas que ficariam conhecidas como: da APAE, CIDADE MIRIM e FÉ NOSSA estavam praticamente prontas em tempo recorde, mais ou menos 45 dias. A barraca que seria da FOSAC ainda inacabada foi usada pacientemente com parte construída com bambu, coberta com lona plástica.

De repente, observamos que os banheiros estavam desprovidos das portas. O socorro veio através do Jayr de Alencar que, autorizado pela Ajato, construtora onde trabalhava, cuidou da providência colocando portas com madeira compensada.

Tudo ou quase tudo pronto, chegamos ao dia do ato inaugural. O asfalto ainda tinha sinais de fumaça de tão recente. A emoção tomou conta de todos que estavam no recinto.

Um misto de alegria envolvido pelo sentimento do dever cumprido, do doce sabor de vitória, fez com que indisfarçáveis gotas de lágrimas invadissem o intimo de cada um que assistiu ao acender das luzes do recinto, naquela primeira noite.

Wellington Cudinhoto

A praça se impôs maravilhosamente bela. Não há como esquecer um presente tão dignificante. Não há como não lembrar da alegria do Professor Sant'anna. Impossível não relembrar os "artistas" responsáveis por tanta felicidade, do abraço respeitoso e verdadeiro de Dona Cidinha. Meu eterno agradecimento a todos que contribuíram na construção de nossa obra maior e aos que fazem por merecer elogios pela manutenção do Recinto das Festividades Folclóricas de Olímpia. Se necessário fosse, faria tudo de novo.

"Exorto-os a que sejam puros de coração e caridosos. Que o coração de vocês seja tão vasto quanto o oceano. Não julguem os outros para que estes não os julguem por sua

vez. Pensem no Juiz supremo, que pode lhes tirar a vida a qualquer instante, ainda não o fez. Ele que os protege e vigia com benevolência, quando há inimigos tanto em vocês quanto a sua volta".

Vamos em frente!! O 47º Festival será um sucesso. Faça parte dele, junte-se aos festeiros. 25 mil vezes agradecido peço a todos que acreditem e trabalhem para o engrandecimento de nossa cidade. Viva Olímpia !! EU AMO ESTÁ TERRA BENDITA.

ISEH BUENO DE CARMARGO FALA SOBRE O ENTÃO PREFEITO WILSON ZANGIROLAMI

Durante o 21° o Festival do Folclore, 1985, realizado no Ginásio de Esporte, Wilson Zangirolami, o prefeito de Olímpia e José Sant'anna, coordenador dos festivais, chegaram à conclusão de que o vasto recinto tornara-se pequeno para a realização de tais eventos. Um sonho brotou, um sonho utópico, à primeira vista: construir um recinto exclusivo para os Festivais do Folclore.

Do sonho, passou-se ao estudo das probabilidades de viabilizar os anseios dos dois amigos que juntos sofriam as agruras acarretadas pelas contínuas mudanças de local para as apresentações, pela falta de alojamento aos grupos folclóricos, dificuldades de traslado de um local para outro, mil outras dificuldades.

Nos primeiros meses do ano de 1986, ainda em litígio o terreno em que o governador Montoro colocara a pedra fundamental do futuro recinto, somente limoeiros, cafeeiros e capinzal marcavam o local dos outros futuros festivais. Sem saber de onde surgia o dinheiro para a construção desse recinto, o prefeito convocou engenheiros e arquitetos, reuniu membros da Comissão do Folclore, expôs, em linhas gerais, quais eram seus planos Megalíticos, de dimensões faraônicas, assustaram aos próprios engenheiros e integrantes da reunião.

Após delongas e estudos, as maquetes foram apresentadas, sofreram alterações, obra gigantesca no papel.

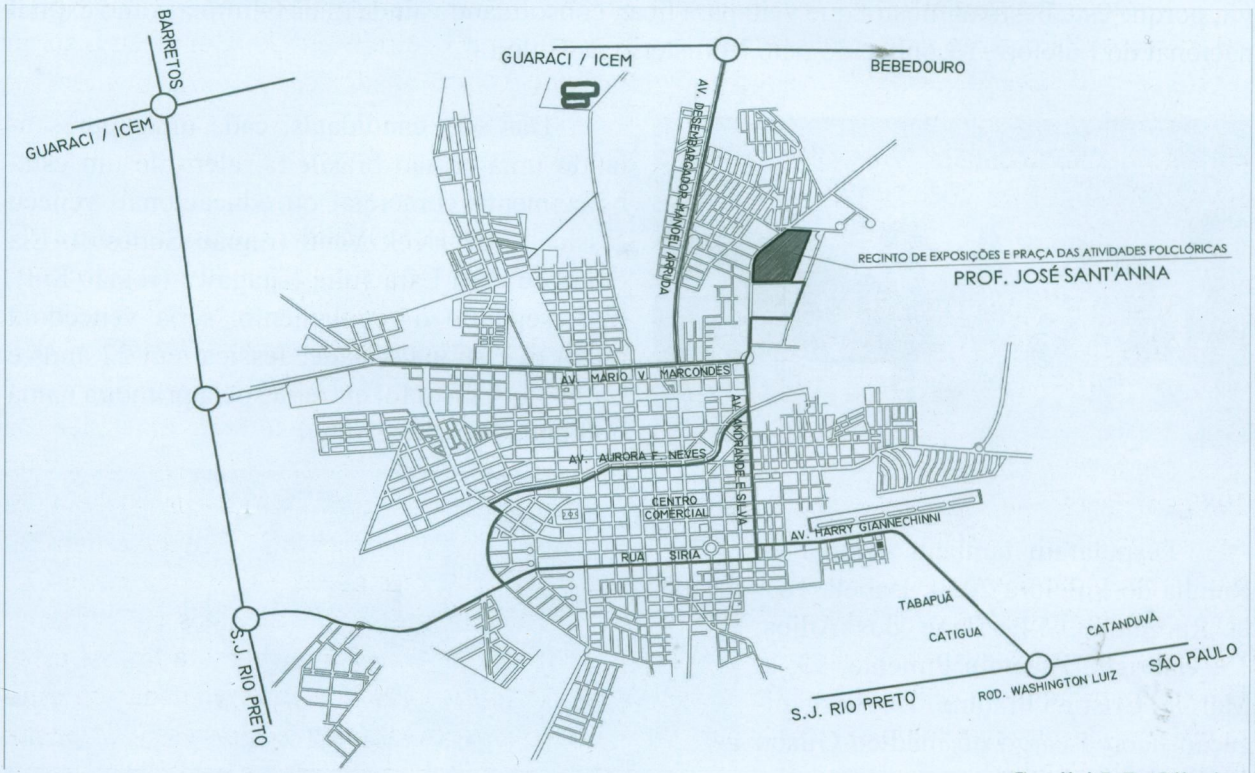
Mês de maio, nada no local, promessas de verbas, inicia-se o desmatamento, destocamento e nivelamento do terreno. Todos eram unânimes em afirmar que não haveria tempo para nada. O prefeito, ouvidos surdos aos pessimistas, começou a despejar caminhões de pedras e cimento, máquinas trabalhando noite e dia, um verdadeiro formigueiro de homens labutando em todos os recantos, muitas vezes ele, Wilson, o prefeito agarrando o enxadão, a enxada, a pá, a picareta, mostrava aos operários como fazer, como fazer mais rápido e certo para correr contra o tempo. Começou a surgir daquele emaranhado de tronco e terra vermelha algo indefinível, que colocava riso no rosto dos céticos, palavras de zombaria na boca dos desconfiados olimpienses.

Nos últimos dias de julho, a mostra era menos deprimente, mas tudo levava a crer que haveria a possibilidade de o milagre acontecer. À hora programada para a abertura do 22° Festival do Folclore, ali estava a maravilha que a milhares de pessoas encantou: um autêntico monumento à cultura popular brasileira, um autêntico monumento que fala da audácia, da coragem, do dinamismo de Wilson Zangirolami, que tem o sangue e o suor de centenas de mãos de anônimos trabalhadores que ali mourejaram dias sem contra, horas a fio. Aí estão os murmúrios das preces de centenas de estudiosos que oravam pelo seu sucesso. O recinto estava pronto, uma obra que enaltece a quem a idealizou, aos que a ela dedicaram seus dias de trabalho, belas avenidas arborizadas conduzindo ao local dos festivais, gigantescas escadarias de cimento cercando imenso palanque móvel, barracas de área fabulosa, de áreas menos amplas, cerca de dez, piso de cimento, ruas asfaltadas ou cobertas de pedriscos, grama plantada por todos os lados, sanitários vastos para homens e mulheres, sala para recepção, local para hasteamento das bandeiras, forte alambrado cercando os poucos mais de quatro alqueires de área construída, estacionamento para cerca de dois mil carros, iluminação condigna, água potável, locais para ambulantes e suas quinquilharias, dois parques infantis completos. Enfim, um mundo criado em poucos meses, um mundo que surgiu do nada e foi um esplendor em 1986, que será a maior obra jamais realizada por uma Prefeitura nos moldes da de Olímpia.

É impossível entender o que é o recinto do Festival do Folclore sem vê-lo, sem ter visto o que era aquele local há poucos meses, sem compreender como é que, sem dinheiro, sem verbas, alguém tenha ousado implantar, em terra sáfara, obra digna das "mil e uma noites". Parabéns, Wilson Zangirolami, parabéns pelo presente ofertado ao Sant'anna. Seus sonhos são

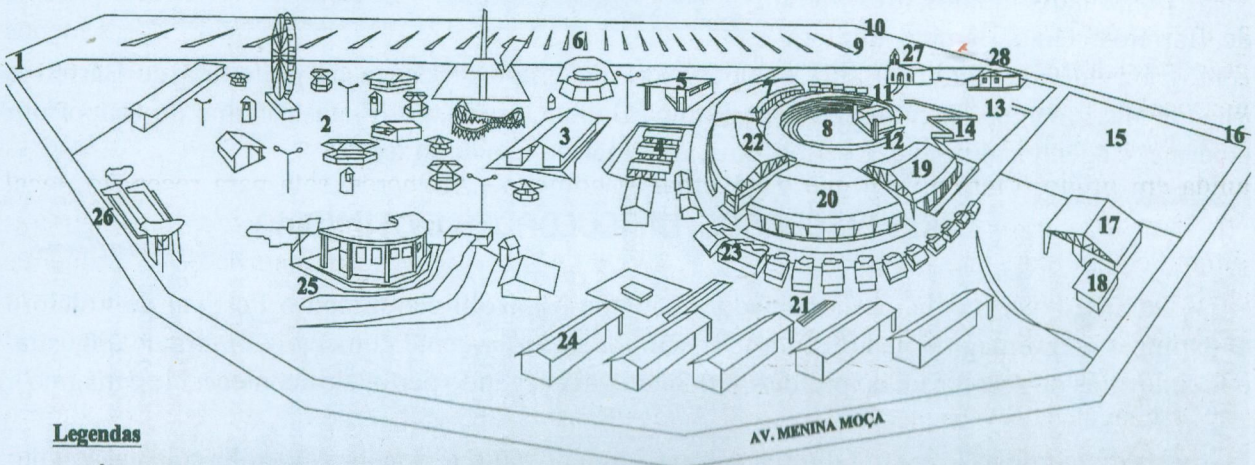
realidade. Parabéns, olimpienses, já temos as nossas "pirâmides" nesta cidade que, segundo Ático Vilas-Boas, é uma ilha cercada de laranjeiras por todos os lados, Parabéns, homens que fazem a história olimpiense.

COMO CHEGAR À PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS



Gersilei J. B. Oliveira

SITUE-SE NA PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS



Legendas

1- *SAÍDA DO ESTACIONAMENTO*
2- *PARQUE DE DIVERSÕES*
3- *ÁREA COMERCIAL*
4- *ÁREA COMERCIAL*
5- *SANITÁRIOS*
6- *ÁREA DE ESTACIONAMENTO*
7- *PAVILHÃO CULTURAL*
8- *ARENA*
9- *ESTACIONAMENTO ÔNIBUS (VISITANTES)*
10- *ENTRADA DO ESTACIONAMENTO*
11- *PAVILHÃO DAS BANDEIRAS*
12- *PALCO*
13- *ESTACIONAMENTO / ÔNIBUS (GRUPOS)*
14- *CAMARINS*
15- *ESTACIONAMENTO AUTORIDADES*
16- *ENTRADA ESTACIONAMENTO AUTORIDADES E GRUPOS*
17- *BOATE*
18- *SANITÁRIOS*
19- *BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO (ENTIDADES ASSISTENCIAIS)*
20- *BARRACAS DE ALIMENTAÇÃO (ENTIDADES ASSISTENCIAIS)*
21- *PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO*
22- *PAVILHÃO CULTURAL B (ARTES PLÁSTICAS)*
23- *BARRACA DE ALIMENTAÇÃO*
24- *BARRACA DE ALIMENTAÇÃO*
25- *ADMINISTRAÇÃO (AMBULÂNCIA)*
26- *ENTRADA PRINCIPAL*
27- *CAPELA DE SANTOS REIS*
28- *"CASA DO CAIPIRA"*

Fernando Storto

A RAINHA DO 46° FESTIVAL DO FOLCLORE

Leonardo Concon

O concurso de Rainha do Folclore é um resgate dos desfiles parafolclóricos que aconteceram na década de 70, conforme destacou o presidente da comissão executiva Paulo Duarte: "É mais um ingrediente que vem agregar valor ao nosso Festival, como tantos outros que ainda estão por vir, porque este Festival mostra que veio para ficar, consolidando ainda mais Olímpia como capital nacional do Folclore, reconhecido pelo Ministério da Cultura".

Das seis candidatas, cada uma representando uma região brasileira, além de um estabelecimento comercial ou educacional, venceu Jéssica Cruz Heck Vanti (região Sudeste). Ela empatou com Lara Júlia Kitagawa (região Sul), mas, segundo o regulamento, seria vencedora quem tivesse mais idade. Jéssica tem 22 anos e Lara, 15. A faixa foi entregue pela primeira dama Fernanda Mendes Zuliani.

Disputaram também a faixa de Rainha do Folclore 2010: Isabela Tosta Raimundo, 14; Tiene dos Anjos, 15; Gabrielle Hiasmin Pimenta, 13; e, Mariani Cristina Pradine, 18. A organização ficou a cargo do médico Gilson Carlos Miranda, presidente da comissão do Concurso, e também coordenador dos Desfiles do 46° Fefol.

Dos quatro jurados, três vieram de Barretos: Guta Bampa, diretora e coreógrafa do Guta Bampa Ballet e supervisora do grupo de dança da prefeitura de Barretos; Maicon Nascimento, dançarino do Guta Bampa Ballet; José Tiago Jr., gastrônomo do Empórium Gourmet e agente cultural; e, Everton Luiz, designer no Rio de Janeiro.

NOS DISCURSOS, DIFICULDADES E OTIMISMO

Leonardo Concon

Durante a cerimônia, a coordenadora Cidinha Manzolli classificou o Festival de Folclore de Olímpia como mágico, justificando: "É sempre assim, a gente começa com grande angústia, correndo atrás do secretário, do prefeito, e quando vai chegando perto, ele acontece, ele é mágico".

Ela disse que nasceu em Olímpia como Cidinha Araújo e, depois, Manzolli pelo casamento e, neste momento, emocionou-se porque no último domingo (18) completaria 50 anos de união conjugal se não tivesse ficado viúva. E pediu para que os olimpienses "não deixem o Festival acabar, lutem por ele, ele é nosso, nós vamos passar, mas ele tem de permanecer, e todo olimpiense tem de se orgulhar de viver na capital do Folclore".

Ao destacar o trabalho da primeira dama Fernanda e do prefeito Geninho, trazendo de volta esses valores ao Fefol, o secretário Beto Puttini confessou: "Agora, dentro da Pasta da Cultura, sei o quanto que, no Brasil, estou falando de todo o País, a Cultura está no último, do último, do último plano. Mas, até que temos obtido muitas conquistas, porque fazemos projetos e corremos atrás de recursos, unindo essa comissão que sabe fazer folclore tão bem e nós, administradores públicos, fazendo a nossa parte para dar continuidade ao sonho do professor José Sant´anna".

Fernanda Zuliani disse, por sua vez, que "tudo o que é bonito, que agrega valor,

precisamos trazer novamente ao nosso Festival de Folclore". Embora não fosse daquela época, ela relembrou que "na década de 70 a escolha da Rainha era muito popular e representativo, por isso a menina que vencer hoje ela não apenas irá divulgar a beleza da cidade, que é conhecida como Cidade Menina Moça, mas também representará bem o Festival de Folclore, porque ela receberá bem o turista e a população em geral".

Antes de revelar o cartaz do 46° Fefol, o prefeito Geninho Zuliani agradeceu o empenho da comissão organizadora que "há vários meses vem se reunindo e debatendo na busca de novos caminhos, de mais criatividade, de como fazer um Festival de Folclore bonito, diferente, porque cada ano que o Fefol existiu ele trouxe uma expectativa diferente, às vezes inovou, muitas vezes acertou e outras vezes errou, esse é o verdadeiro espírito do nosso Festival".

O prefeito disse que, a exemplo do que ocorre em toda a Nação, onde cada brasileiro "é um técnico de futebol", em Olímpia "cada um se acha o dono do Festival, e aí surgem críticas porque, no fundo, todos querem um evento cada vez melhor".

Geninho enalteceu o trabalho da coordenadora dos Festivais, Cidinha Manzolli: "Ela é a líder nessa área, conviveu e lutou junto com o professor Sant´anna desde o primeiro Festival, por isso não podemos imaginar essa festa sem a sua presença, apesar de todos nós entendermos um pouco de Folclore, mas quem entende mais é ela, somos os seus seguidores e é ela quem nos dá a grande ordem".

Ele ressaltou que, por ser uma festa de portões abertos e de "não ter os atrativos de outras festas, como os grandes shows artísticos, temos dificuldades nos patrocínios, mas o Festival, como disse dona Cidinha, é mágico: de uma hora para a outra, tudo dá certo e o público comparece, prestigia e há o grande congraçamento de mais de 70 grupos de norte a sul na arena".

Entre as novidades desta 46ª edição, o prefeito anunciou que haverá o retorno das grandes barracas centrais do Recinto serem comandadas pelo Fundo Social de Solidariedade e entidades assistenciais, como o Educandário Frei Roque Biscioni e Paróquia São José.

Outra será a inclusão de parte do acervo do Museu de História e Folclore da cidade dentro do Recinto através de um mini museu: "Será uma inovação, assim como foi a Casa do Caipira no ano passado, mostrando a história de Olímpia, do Festival e do Folclore brasileiro".

"A era da preguiça acabou em nossa cidade, estamos trabalhando e muito para recuperar,

resgatar a dignidade de morar, de se orgulhar de Olímpia", cutucou o prefeito, referindo-se ao passado recente. Em seguida, foi descerrada a cortina que encobria o cartaz do 46° Fefol e, na sequencia, houve o desfile das seis candidatas à Rainha do Folclore 2010.

ÚLTIMAS OCORRÊNCIAS RELATIVAS AO NOSSO FOLCLORE

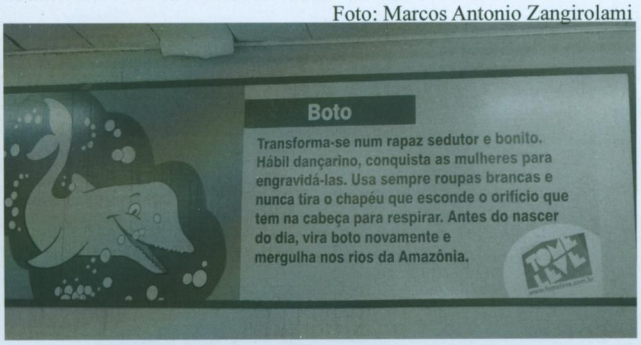
José Carlos Rossato
Departamento de Folclore
Olímpia/SP

Procuramos nas derradeiras edições historiar alguns aspectos do Folclore, tais como: efemérides, as homenagens com que a Caixa prestigia o Folclore, livros (lançamentos e principalmente os esgotados), além de outros assuntos, dependendo das vivificações, de acordo com a edição; evidentemente, em função das ocorrências verificadas.

OS OLIMPIENSES CULTUAM O FOLCLORE

Olímpia, conhecida aqui e alhures como a Capital do Folclore, apóia as manifestações folclóricas no cotidiano. O Supermercado Tome Leve está há anos divulgando o Folclore; estampou no prédio que ocupa, no centro da cidade de Olímpia, algumas manifestações da cultura espontânea do povo acompanhadas de legendas.

Foto: Marcos Antonio Zangirolami



BOTO

"Transforma-se num rapaz sedutor e bonito. Hábil dançarino, conquista as mulheres para engravidá-las.Usa sempre roupas brancas e nunca tira o chapéu que esconde o orifício que tem na cabeça para respirar. Antes do nascer do dia, vira boto novamente e mergulha nos rios da Amazônia".

CURUPIRA

"Anão peludo, de cabelos vermelhos é o demônio da floresta Amazônica. Seus pés são virados ao contrário para confundir os caçadores que acabam se perdendo nas matas. O curupira só permite que matem os bichos que vão comer".

Foto: Marcos Antonio Zangirolami

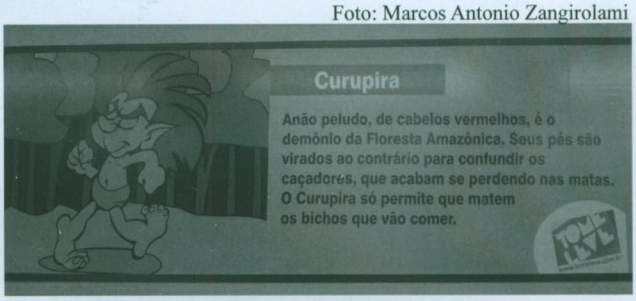
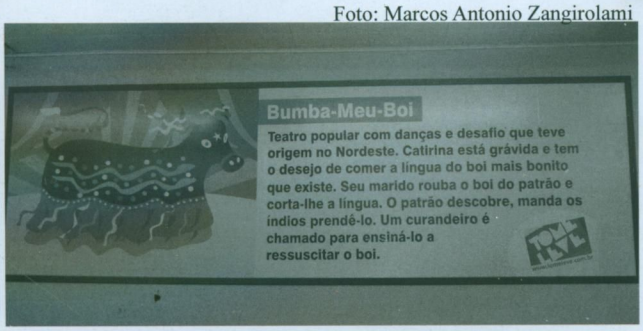


Foto: Marcos Antonio Zangirolami



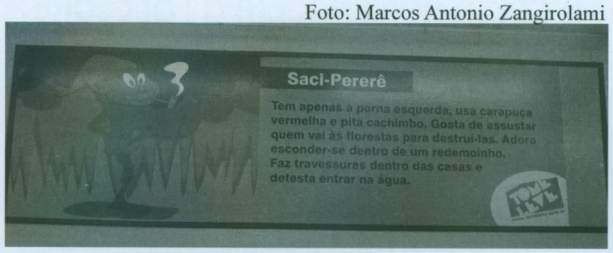
BUMBA-MEU-BOI

"Teatro popular com danças e desafio que representa uma situação inusitada. Catirina está grávida e tem o desejo de comer a língua do boi do patrão e corta-lhe a língua. O patrão descobre, manda os índios prendê-lo. Um curandeiro é chamado para ensiná-lo a ressuscitar o boi".

SACI-PERERÊ

"Tem apenas a perna esquerda, usa carapuça vermelha e pita cachimbo. Gosta de assustar quem vai às florestas para destruí-las. Adora esconder-se dentro de um rodamoinho. Faz travessuras dentro das casas e detesta entrar na água".

Foto: Marcos Antonio Zangirolami



IARA

"Meia mulher, meio peixe, vive nas águas do rio Amazonas. Nas noites de lua, penteia os longos cabelos verdes com um pente de ouro e cega quem a admira. Atrai para o fundo das águas os jovens com quem deseja casar. Ali, eles morrem afogados".

Foto: Marcos Antonio Zangirolami

Vários são os mitos brasileiros: Boto, Bumba-meu-boi, Curupira, Iara, Saci-Pererê, Lobisomem, Anhangá, além de outros. Eles são estudados pela mitologia.

A partir dos mitos, foram criadas, pelo povo, lendas. Daí existirem muitas lendas, estórias acerca dos mitos. O mito antecede, portanto, a existência das lendas. Ao redor deles podem gravitar incontáveis lendas, jamais o contrário. Vale acrescentar que eles coexistem, é impossível existir uma lenda sem que haja a presença de um mito.

Convém esclarecer que a mídia ignora o que é mito. Daí, erroneamente, usa o termo com significado diferente do correto. Observamos que muitos jornalistas aplicam a palavra mito como inverdade. Exemplificamos: é lenda ou é verdade?

A bem da verdade, mito é tradição que sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou até filosófico. Mito (termo vindo do grego, substantivo masculino) é também a narrativa de tempos fabulosos ou heróicos referentes a deuses ou a aspectos da condição humana. Deve-se acrescentar a existência de mitos modernos: Garrincha, Pelé, JK, Jânio, Adhemar e muitas outras.

Lenda (do latim legenda, substantivo feminino) é tradição mantida pelo povo em linguagem oral. É narrativa passada através de gerações transmitida de boca a outra, de eventos via de regra considerados históricos, sem condição de provar a autenticidade, não deixa de ser estória imaginosa, fantástica e interessante.

A palavra lenda, muitas vezes é usada fora dos conformes. Os jornalistas e redatores que desconhecem o assunto confundem-na com "causa" e até com anedota. O povo também erra, mas não sendo formador de opiniões, fica desculpado, logicamente.

DANÇAS PARAFOLCLÓRICAS ENTRE OS ESTUDANTES

A educadora Lúcia Helena Costa, da Escola Dona Luiza Seno de Oliveira, desta Olímpia, realiza com seus alunos um trabalho fantástico repleto de amor e alegria. Eles realizam sob a orientação da professora variadas danças parafolclóricas conhecidas. É um sinal de que valeram as orientações dos mestres José Sant'anna "in memoriam" e de Cidinha Manzolli.

Vendo as atividades dessa idealista cabe segui-la.

É fato concreto que há outras na cidade.

A todas, os nossos votos de êxito completo, com muito carinho, pela dedicação exercida.

PERDEMOS UM EXTRAORDINÁRIO INFORMANTE

Ele foi descoberto pelo fantástico professor José Sant'anna (1936 – 1999), logo no início de seus estudos sobre Folclore. Ficamos sem o excelente Jesus Francisco de Miranda, mais conhecido por "Vato".

Ambos já se conheciam no distrito de Ribeiro dos Santos (município de Olímpia), antes do inicio dos estudos acerca de Folclore na comuna olimpiense.

Senhor Francisco (ou "Vato" para a grande maioria da população), nasceu em 16 de janeiro de 1912 no município de Olímpia, no distrito de Ribeiro dos Santos, tal qual o mestre Sant'anna.

Quando o Mes-

tre iniciou o estudo da cultura espontânea do povo, o senhor "Vato" ou "Chico Vato" foi o primeiro informante.

O "seu Chico Vato" casou-se em 06 de fevereiro de 1937 com Narciza Baptista de Carvalho, que a partir de então passou a assinar Narciza Baptista de Miranda.

O apelido desse cidadão surgiu de uma forma inusitada. Existia na propriedade rural de José Satiro de Miranda e Francisca Pia do Amaral, nesse município, uma pessoa chamada pela alcunha de "Vatinho" _ que era muito confiável e popular. A pessoa citada faleceu; no entanto, continuou a ser procurada, e quem as atendia era o "seu Chico". Assim, recebeu a alcunha que carregou; mais tarde e paulatinamente passou a ter o apelido "Vato" (saiu do diminutivo para evitar confusões, decidiram as pessoas, por lógica).

Uns o chamaram simplesmente por "Vato", outros acrescentaram Chico, tornando-se "Chico Vato". Duvidamos que todo e qualquer cidadão deste município não sabe quem foi Chico Vato!...

A amizade de "Chico Vato" com o xará Francisco Bernardes Ferreira foi sólida desde os tempos em que o Vato residia nos distrito de Ribeiro dos Santos.

Chico Bernardes era um experiente líder político em toda a região, tio do nosso amigo "Pecê" (Pedro Clóvis).

A fazenda do pai do "seo Chico Vato" era denominada "Picadão dos Miranda". O progênito do inesquecível "Vato" doou a área para a implantação do cemitério.

São filhos do exemplar casal _ dona Narciza e "seo Chico Vato" _ João, Francisca, Therezinha, Maria (a fenomenal auxiliar, colaboradora singular do Festival e do Museu de História e Folclore de Olímpia), Rosa, Sebastiana, Luiz, Benedita, José e Paulo.

O Criador, em 26 de agosto de 2006, chamou o "Seo Chico Vato" para outra dimensão, depois de ter vivido 94 anos entre nós.

Deixou um vácuo, porém, temos a plena convicção que está nos auxiliando especialmente, do início dos preparativos ao clímax de cada FEFOL (Festival de Folclore), realizado, anualmente na "Capital do Folclore".

A CAIXA HOMENAGEIA O FOLCLORE

A Caixa Econômica Federal ou simplesmente Caixa, após o desaparecimento da Caixa Econômica Estadual (São Paulo) não tem mais se esquecido do Folclore, divulgando-o.

Em 15/01/2011, a extração nº 4519-5 homenageou o Dia de Reis (seis de janeiro).

A série Manifestações Culturais teve início na extração nº 4427-0, lembrando as Danças Gaúchas, em 24/02/10.

A extração de nº 4439-3 de 07/04/10, na mesma série ou seja, Manifestações Culturais, estampa o Maracatu (dança).

Em 26/05/2010, a série Manifestações do Folclore Brasileiro, apresenta o Curupira (mito), na extração de 26/05/10.

A série prossegue e em 03/07/2010, na extração nº 4463-6, traz a lembrança do Boitatá (mito). "Diz a lenda que o Boitatá é uma cobra-de-fogo gigante

que vive nas águas e pode se transformar numa tora em brasa. Boitatá protege as florestas das pessoas que provocam queimadas".

Volta a série Manifestações Culturais em 05 de agosto lembrando a Capoeira (jogo, disputa) na extração 4368-9

Em 21/08/2010, a série Manifestações do Folclore Brasileiro lembra o Boto Cor de Rosa (mito), na extração nº 4477-6. "Diz a lenda que o Boto Cor de Rosa sai dos rios nas noites de festas junina e se transforma num lindo jovem. Com seu jeito conquistador ele convida as mulheres para um passeio no fundo do rio, no local onde costuma engravidá-las".

Prossegue a série Manifestações do Folclore Brasileiro; chegou o momento de apresentar o Uirapuru (mito).

"Uirapuru é um pássaro que, segundo a lenda, traz sorte, proporcionando felicidade nos negócios e no amor".

Isso ocorreu em 04/09/2010, na extração de nº 4481-4.

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO E CULTURA

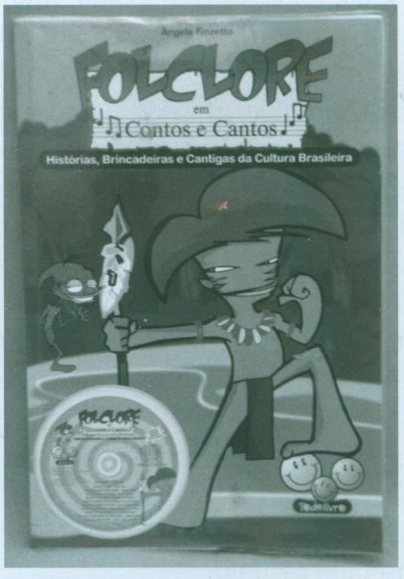
A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), responsável pela Revista Brasileira de Comunicação, na publicação de número 57, editada na capital paulista, apresenta duas entrevistas que, para os folcloristas , recomendamos que sejam lidas: "A folkcomunicação não é uma classista – José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva, Rogério bastos Cadengue e Marta Alvez D'Azevedo. Autor: Luiz Beltrão", e "A influência da comunicação se dá no interior de complexas redes de relações culturais entre sujeitos sociais – Dario Luís Borelli e Virgílio Nirja Pinto. Autor: Carlos Rodrigo Brandão".

Ambos os autores são folclorólogos reconhecidos internacionalmente. Tanto Carlos Rodrigues Brandão quanto Luiz Beltrão, amigos nosso e de Olímpia.

É evidente que existe algo mais. Ambos os estudiosos de Comunicação, Antropologia e outras ciências. Infelizmente, para nós e seus adeptos, Luiz Beltrão já partiu para outra dimensão.

Há outros textos nessa edição, no entanto, citamos a Cultura Bóia-Fria no Paraná, da peça de João Carlos Canuto.

FOLCLORE EM CONTOS E CANTOS



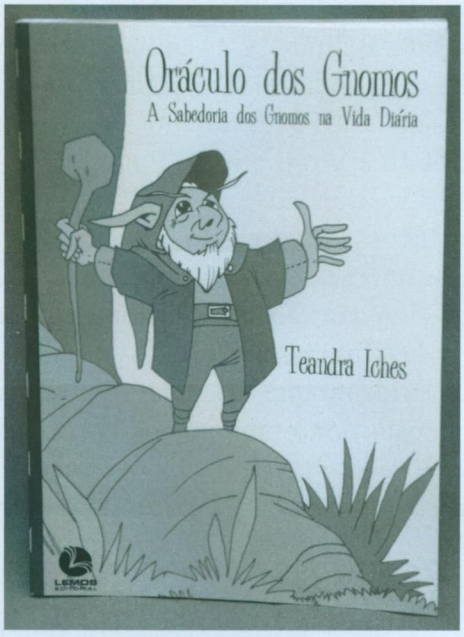
Na obra, a autora Ângela Finzetto relata, para a faixa de 7 a 12 anos (infância), sem enumerar as páginas ou as folhas, estórias, brincadeiras e cantigas.

Bem ilustrada, a obra editada pela Todolivro (Blumenau-SC) relata: Quem é a Iara? / Quem é a Mula-sem-cabeça? / Quem é o Bicho-papão? / Quem é o Boitatá? / Quem é o Boto Cor-de-rosa ? / Quem é o Bumba-meu-boi? / Quem é o Curupira? / Quem é o Lobisomem? / Quem é o Negrinho do Pastoreio? / Quem é o Saci-Pererê?

Acompanha a pu-

blicação um CD com as estórias musicadas.

ORÁCULO DOS GNOMOS



A Lemos Editorial paulistana lançou em formato de bolso, esse livro de Teandra Iches. São 118 p, ilustrações espetaculares e coloridas: Ela mostra "a sabedoria dos Gnomos na vida diária"; em ótima impressão, em excelente papel.

Gnomo é cada um dos pequenos anõezinhos (ou espíritos) que, consoante os cabalistas, administram todas as riquezas do nosso planeta. É um substantivo masculino.

Paulo Lemos, após ler essa publicação, declarou: "Teandra Iches ao recriar o mundo dos gnomos, de forma positiva e construtiva, ela nos remete a um mundo mágico e bonito justamente porque em sua sabedoria tem certeza e confiança em tudo que há de bom no ser humano".

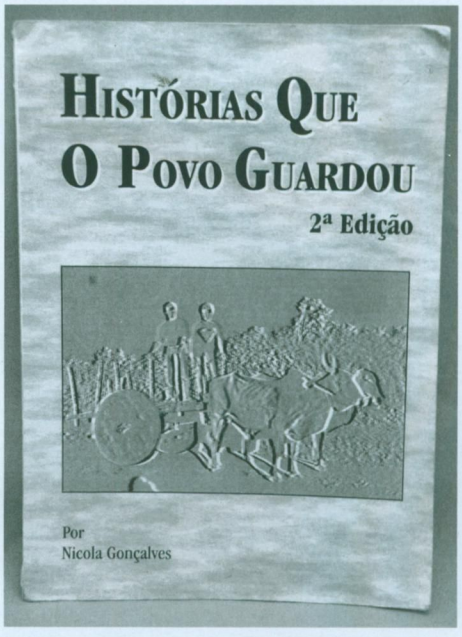
É uma leitura dirigida para todos que se interessam pelo assunto.

O gnomo dorme dentro de nós todos que deixam o cérebro e o coração agirem para demonstrar que é compensador meditar e dar asas à imaginação.

O aspecto lúdico permite aos humanos descobrirem-se a partir do mundo infantil. Assim, as crianças reinventam a realidade, recriando-a, com compreensão indispensável, diminuindo a angústia do ignorado, incógnito ou misterioso.

O livro de saborosa leitura está dividido em quatro partes: introdução, o oráculo, como consultar o oráculo e a tabela numérica dos gnomos.

HISTÓRIA QUE O POVO GUARDOU



Nicola Gonçalves é o autor dessa obra, cuja 2ª edição está completamente esgotada. É uma edição do autor, com 40 páginas. Sem quaisquer outras informações, infelizmente, não conhecemos o autor.

Após o prefácio, ele lembra cantigas, adivinhações, variadas estórias, marcos divisionários de terra, amuletos, a queima do Judas, cateretê e outros assuntos.

Edição do autor, sem os dados necessários: editora, ano da edição, cidade em que foi editado, etc. Isso dificulta até para ser utilizada, em relação ao enquadrada na bibliografia de um eventual trabalho a leitura é agradável.

CAIÇARA: TERRA E POPULAÇÃO

Com 244 páginas, a autora, Maria Luiza Marcilio, trata da demografia histórica e da história social de Ubatuba. O que vale dizer é de interesse para os folcloristas que se interessam em pesquisar aquela área do litoral paulista. Todavia, ao tratar da população caiçara, o assunto atende aos geógra-

fos, historiadores, sociólogos e antropólogos.

Para os apreciadores do Folclore (que erroneamente o povo chama de "folcloristas") há aspectos interessantes, especialmente no final da parte III: O tempo das festas e das diversões, onde trata das festas, procissões, danças e jogos. As festas religiosas eram as mais importantes, sendo a do se Corpo de Cristo, a mais concorrida e fazia parte do calendário oficial. Contudo, o povo preferia a de Divino Espírito Santo com danças, procissão, cantos e diversões profanas foi transmitida até há pouco tempo, de pai para filho.

A Folia do Divino durava diversos dias e era realizada entre maio e junho. Todo o povo participava dos preparativos. O festeiro do Divino atingia até a Câmara municipal.

Festa da roça, com canto e diversões, a Folia de Reis é muito atrativa. Dançava-se e cantava a Catira, havia café, vinho quente e alimentos bem preparados. As pessoas percorriam grandes distâncias e não perdiam essa diversão que tanto apreciavam.

Os caiçaras participavam de outras: a dança de Moçambique (ou São Gonçalo); cantavam e dançavam a "Cana Verde"; a festa do padroeiro dos pescadores (São Pedro), com várias canoas que saíam de todos as praias e se encontravam no porto da vila, onde era rezada missa.

Nas procissões, nos sepultamentos, e em outras festividades, era sentido o destaque dos irmãos das confrarias.

Em Ubatuba as devoções eram valiosas: a de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a do Santíssimo Sacramento e outras.

Paralelamente às religiosas, as famílias promoviam grandes reuniões para celebrar batismos, crismas, casamentos e outros eventos.

Comidas e danças não faltavam, davam-se em profusão. Jogo e dança eram realizados, mesmo sendo proibido em toda Capitania (desde 1722).

Na área rural, o jogo de cartas de baralho devia ser muito difundido.

Afinal, sobravam diversões em tempos pretéritos. E nos últimos tempos?

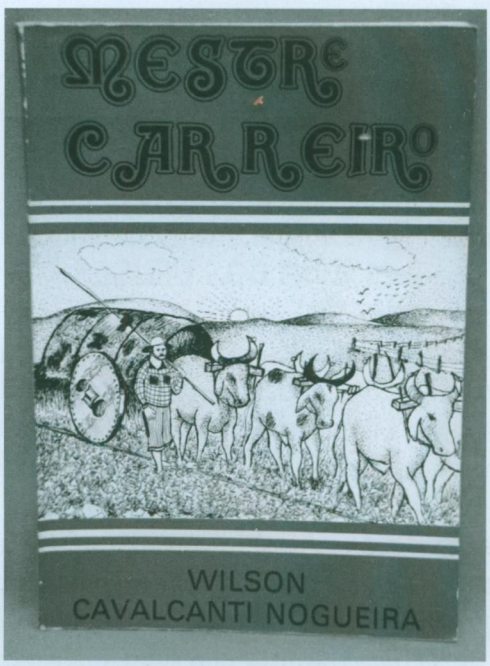
AS MISTERIOSAS LENDAS DO MAR

Essa publicação é de Seleções do Reader's Digest (1976), de Lisboa (Portugal). O opúsculo, de 48 páginas, em formato de bolso, é bem ilustrado, em papel ótimo, sem cores; o texto é de Jean D. Guerdon. O autor registra os nomes dos créditos fotográficos.

Após a introdução, o conteúdo foi dividido nos capítulos seguintes: A criação dos mares / Deuses e criaturas do mar / As viagens fabulosas / O mundo visto pelos antigos navegadores / Os fenômenos marítimos / Ilhas misteriosas e ilhas fantasmas / Ys e outras cidades submersas / Fantasmas e navios fantasmas / Os navios malditos.

É uma publicação esgotada, há vários lustros, no entanto, não é muito difícil encontrá-la nas boas bibliotecas, especialmente as mais tradicionais. A leitura é interessante e carrega no seu interior mitos, lendas e outros conhecimentos folclóricos.

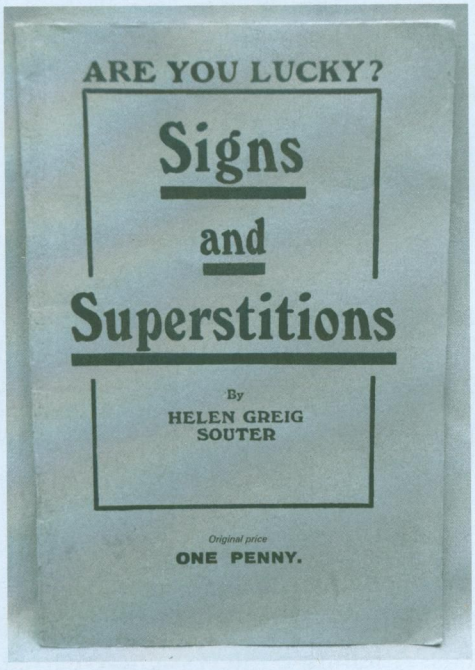
MESTRE CARREIRO



Wilson Cavalcanti Nogueira é o autor desse título, publicado pelo Instituto Goiano de Folclore e Fundação Cultural de Goiás (1980). Essa obra é o número 8 e especial da A. Folclórica, Goiânia. Essa raridade consta dos seguintes capítulos: Estrutura Racional / O jeito de viajar / Os homens que viajam / O Boi Carreiro,

que Merecia uma Estátua / O propósito de um Grande Livro.

SIGNS AND SUPERSTITIONS (SIGNOS E SUPERSTIÇÕES)

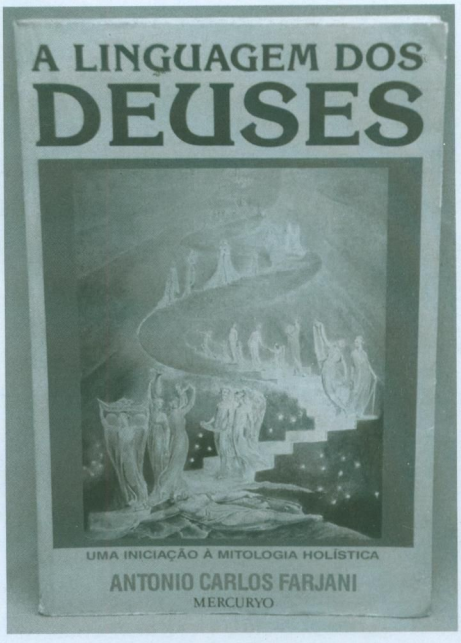


O opúsculo, de 31 páginas, de autoria de Helen Greig Souter, publicou-se por One Penny, 1983. É obra rara, esgotada há décadas, entretanto, é tão atualizada quanto as que estão saindo do prelo.

Os que conhecem o idioma inglês, e têm interesse pelo assunto, deveriam ler essa publicação para se enriquecer. Certamente não se arrependerão, mesmo sabendo que ela não tem em seu bojo quaisquer ilustrações.

A LÍNGUA DOS DEUSES

Antonio Carlos Farjani, pela Editora Mercuryo Ltda., 192 páginas, ilustrada, apresenta uma iniciação à mitologia holística. A editora é paulistana e a obra saiu do prelo em 1991. Ele abordou os seguintes capítulos: I. A mensagem secreta dos mitos ou as vicissitudes da língua antológica / II. Arquétipo e repetição ou o mito do eterno retorno / III. Caos e Cosmo ou a Festa para o Rei Louco / IV. Sincronicidade e Destino / V. A interpretação holística dos mitos ou os limites da psicanálise. O prefácio é de Pierre Well, que dispensa apresentações e adjetivos qualificativos. As ilustrações são valiosas, e em branco e preto, o que é melhor para os leitores, especialmente os pesquisadores na nossa visão crítica. A figura mítica é verdadeira, transcendental, e, em abordagem holística é fluída, mostrando as suas diversas faces, sendo que as respostas para as mesmas questões variam como as imagens de um caleidoscópio para que se encaixem em todos os níveis de entendimento.



Os mitos transportam em si essa verdade que se desdobra em infinitas possibilidades de uma mesma realidade, sem causar incoerência. No interior deles os opostos se fundem _ tempo e espaço perdem seus limites _ carregando consigo as conhecidíssimas leis universais de causa efeito. Os mitos surgem como estórias de deuses, dada a noção de individualidade, sem as características humanas que a grande maioria das pessoas gosta de atribuir-lhes. Os mitos não estão a serviço de quaisquer desejos; pelo contrário, expressam as leis do universo que regem o todo, ou seja, das galáxias ao subatômico, do nosso mundo material ao espiritual, do espaço sideral ao âmago da nossa alma.

No entanto, para compreender os mitos, necessita-se esquecer nossa linguagem do dia a dia, adentrando a linguagem dos mistérios. Assim, propõe "A Linguagem dos Deuses", proporcionando-nos meios para conhecer os mitos e lendas; em outras palavras, aproximando-nos do idioma que subjaz nos mitos e lendas remetendo-nos à luz um pouco de seu esquecido esplendor, brilho intenso.

IDENTIDADE CULTURAL NO BRASIL

Essa obra é o volume inicial da Coleção Identidade Cultural; foi lançada (1999) pela A9 Editora e Empreendimentos Ltda., Centro Lusitano de Cultura (Casacavel, PR). Está composta de três capítulos:

Estudo de casos (Julieta de Andrade) / Roteiros para Depoimentos (Julieta de Andrade, Luiz Fernando de Andrade Soares e Roberto Huck) / Pesquisa de Cultura, para Educação – uma experiência em São Paulo, SP (Julieta de Andrade e Luiz Fernando de Andrade Soares).

As ilustrações, a partir da capa são utilíssimas para os estudiosos, os teóricos, os que conhecem cientificamente os princípios de um setor do conhecimento.

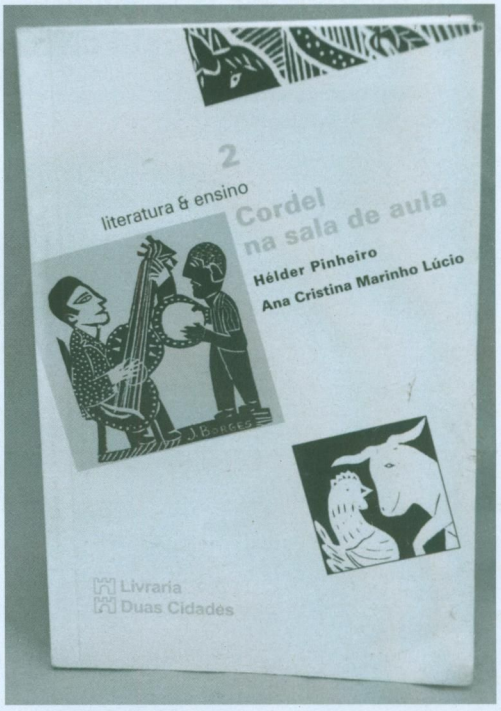
SACI, O ESPÍRITO DA SELVA

Obra de Marlene Perlingeiro, lançada em 2000, em formato 26 x 31 cm, editada pela M. Crespo Editora, de São Paulo. Bem Ilustrado, o livro infantil é de arte. As páginas não são numeradas. É a apresentação de "uma viagem pelo habitat predileto do pequeno duende: a floresta amazônica, com suas grandes águas, plantas e bichos, e os seres encantados que assombram a noite". E acompanha um pouco da vida das pessoas que a habitam, simples, mas revestida de tosca poesia. A autora pesquisou no Folclore as estórias do Saci, moleque brasileiro, e suas diabruras, e as recontou em poucas palavras e imagens muitas, redefinidas em sua aparente rusticidade.

É uma literatura infantil e em quadrinhos, não simplesmente algo mais sobre o mito primário.

O Livro tem versões em inglês e japonês.

CORDEL NA SALA DE AULA



Saiu o número 2 da coleção Literatura e Ensino, de autoria de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio, pela conhecida paulistana Duas Cidades (2001), em 110 p, ilustrada com xilogravuras, também na capa.

Sem contar a indispensável introdução necessária em todos os trabalhos, a obra está segmentada para fins didáticos, em três setores evidentemente ligados entre si. São: Literatura de cordel – história, formas e temas / Literatura de cordel para crianças e jovens leitores / Trabalhando com cordel – sugestões metodológicas.

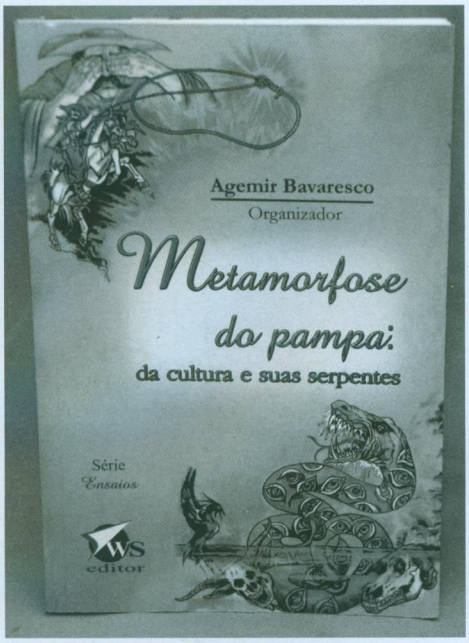
A bibliografia apresenta as obras nas seguintes facções: Antologias e obras de cordel / Leituras teóricas e estudos / Folhetos e poemas citados / Discografia. Mostra onde encontrar folhetos (pontos de venda) e bibliotecas especializadas, as mais conhecidas para os especialistas do setor.

Várias sugestões de atividade pressupõem uma atitude diferenciada ante a cultura

do povo.

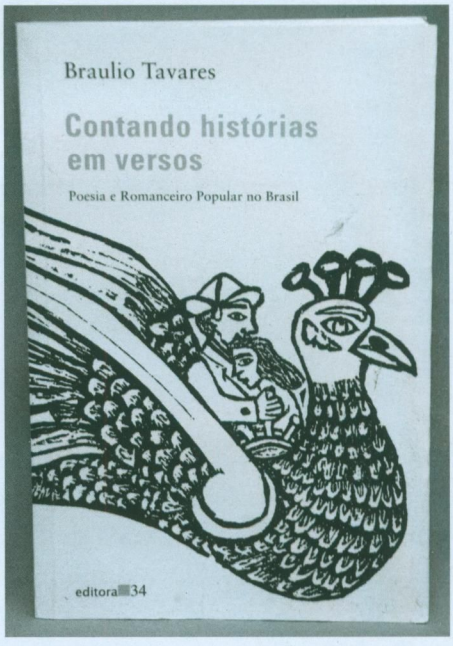
É Folclore, no entanto, o leitor e/ou professor, antes de mais nada, precisa saber o que é Folclore. Sem ter esse conhecimento, haverá prejuízos inestimáveis, pois ainda é comum encontrar pessoas (mesmo graduadas) confundindo a cultura espontânea do povo com exotismo, tradicionalismo ou caipirismo. Também não é licito confundir o Folclore com Cultura Popular; essa é bem ampla, extensa, e ele é apenas uma parte dela.

METAMORFOSE DO PAMPA: DA CULTURA E SUAS SERPENTES



Na série "Ensaios", o organizador Agemiro Bavaresco, na WS, de Porto Alegre (RS) lançou (2004) o título mencionado, 112 p. Eis o sumário do livro: Apresentação / A- Metamorfose do pampa: da cultura e suas serpentes / Introdução / 1- Roteiro didático – hermenêutico da lenda / A morte: força criadora do pampa / "Esperando a volta do sol novo" / O dilúvio pampeano e a cobra-grande / O olhar étnico antropológico / Devorar os olhos ou o poder da luz / O movimento dialético da luz dos olhos / A transmutação da serpente / O fim e o começo da sustância / No auge da contradição / Do fogo da serpente ou a força da autonomia / Da serpente e seu encantamento / Do cuidado com a serpente / 2- A serpente: do símbolo e sua leituras / Um símbolo arquétipo / Um símbolo psicológico / Um símbolo sacro-moral / Um símbolo mítico / um símbolo pampeano / Conclusão / Referências bibliográficas / B- A linguagem do olhar na lenda / Referencias bibliográficas / C- A Mboitatá como mito originário do pampa: uma leitura sob o aspecto étnico / 1- Algumas considerações propedêuticas acerca do aspecto étnico cultural do Rio Grande do Sul / A lenda da Mboitatá / Referências bibliográficas / D- A corrupção do pago na lenda A Mboitatá / 1- Introdução / 2- Análise da narrativa / 3- Análise da linguagem / 4- A Mboitatá e a intertextualidade / E- A Mboitatá / F- Der Boitatá / Bibliografia.

CONTANDO HISTÓRIAS EM VERSOS



É um volume dedicado à "poesia e romanceiro popular no Brasil": Braulio Tavares, em 158 páginas, com ilustrações em branco e preto, desenvolvendo o tema, pela Editora 34 Ltda., de São Paulo (2005).

Logo após a introdução, o autor, para fins didáticos, divide a obra em três partes, sem contar a conclusão. Na primeira (A poesia) – O que é poesia / Os elementos da poesia: Música, imagem e ideia / Música: a sonoridade / Música: a rima / Os esquemas de rimas / A rima consoante / A rima toante / Rimas pobres e rimas ricas / O verso branco / Música: a métrica / Verso longo e verso curto / Verso livre. Na seguinte (A poesia narrativa) – O poema não-narrativo / O poema narrativo / O Romanceiro Ibérico / Como contar uma história / Elementos de uma história / A memória narrativa / A cultura oral / Romance antigo e romance moderno / A literatura de cordel nordestina / A estrutura do cordel / O mistério dos três anéis / Viagem a São Saquê.

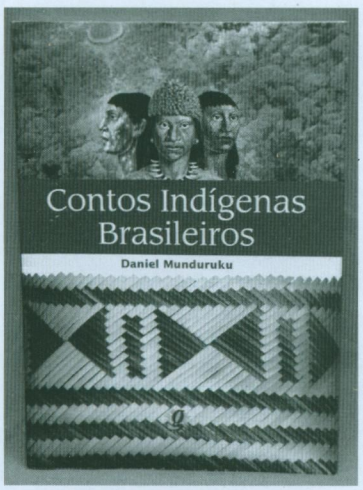
Finalmente a conclusão, seguida pelo título: Sobre

os autores e poemas citados. Todos os elementos básicos da língua: o ritmo, as rimas, o jogo das imagens e das ideias são utilizados para a construção das composições. São comuns entre a cantiga de roda e o "rap", a poesia erudita e a de cordel, uma canção da música popular brasileira (MPB) e um poema de Homero (célebre poeta grego do século 9 antes de Cristo).

COSME E DAMIÃO

A Corrupio, de Salvador (BA) em 1962, lançou a obra de Vivaldo da Costa Lima. Ele mostra o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África, com ilustrações coloridas e em branco e preto. Essa publicação é de 2005. Após a nota introdutória, o autor demonstra ser conhecedor do assunto, desenvolvendo-o com esmero. Explicita a bibliografia citada no texto, relativamente longa em relação às dimensões do trabalho publicado.

CONTOS INDÍGENAS BRASILEIROS



A Global Editora e Distribuidora Ltda., situada em São Paulo, lançou a 2ª editora da obra (2005) de Daniel Munduruku, com ilustrações de Rogério Borges.

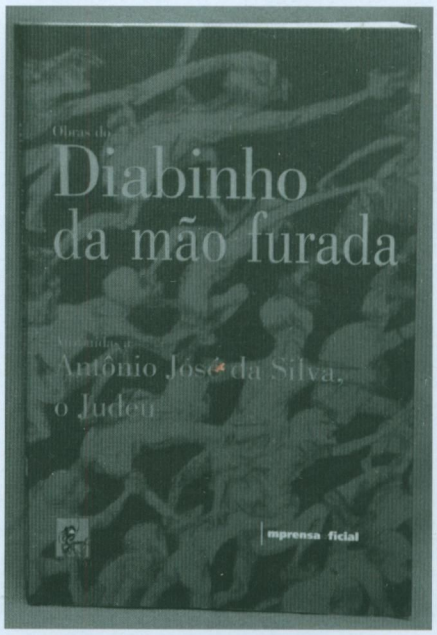
Após a apresentação do autor, relata "que a palavra cria, enfeitiça, embriaga, gera monstros, faz heróis, remetemos para nossa própria memória ancestral e dá sentido ao nosso estar no mundo."

Embasada na paixão e certeza, o autor executou a seleção de mitos para nos deleitar na leitura.

A seguir, a relação dos mitos, sejam, Tupi, Guarani, Nambikuara, Karajá, Terena, Kaigang, Tukana e Taulipang.

Apresenta, em cada título, diversas informações (povo, língua, família, tronco, população em localização geográfica desenhada); no final de cada unidade, glossário que facilitará a leitura. Finalmente, traços biográficos do autor e do ilustrador, com as fotos pessoais.

OBRAS DO DIABINHO DA MÃO FURADA



O livro, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (2006), de número 39, é da série "Memória Brasileira".

O autor, Antônio José da Silva (cognominado o Judeu), com introdução de Kênia Maria de Almeida Pereira, deixou-nos um livro de linguagem bem agradável, em 196 p.

O autor, apelidado de "O Judeu", dividiu as "Obras do Diabinho da mão furada": A quem ler / Ao autor, de um amigo seu / Proêmio / Fôlego 1 / Fôlego 2 / Fôlego 3 / Fôlego 4 / Fôlego 5 / Protestação / Escólio complementar sobre a obra: manuscritos e edições / Esta edição / Adendo/ Bibliografia.

Além do sumário

da obra de O Judeu (1705-1739), nota do editor (C. Giordano), prefácio de Maria Alcinda Dutra Constatin e a nota de Kênia Maria de Almeida Pereira.

ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS: UM RITO DE LOUVOR AOS MORTOS

O pesquisador Ulisses Passarelli publicou esse tema na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del-Rei, na edição comemorativa da Capital Brasileira da Cultura (2007), Volume XII.

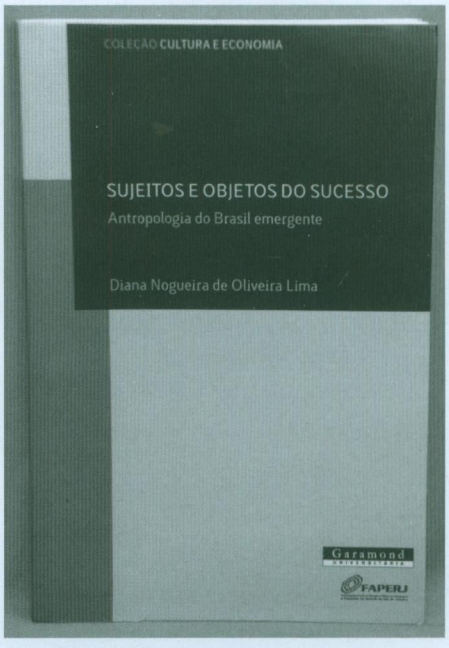
O autor agradece a participação nossa (José Carlos Rossato) na revisão técnica do estudo.

Após a introdução, distribuição geográfica, compreendendo o rito, notícias de alguns grupos mineiros, rios das mortes, emboabas, São Gonçalo do Amarante, Colônia José Teodoro, São Tiago, Conceição da Barra de Minas, Restinga (chamamento das almas, resgate da alma), Ponte Nova, Alpinópolis, Ponte Alta, Mata dos Maques / Ribeirão da Mata Grande (alerta, Bendito da Semana Santa, Bendito de Igreja, Conto de Retirada), Munbuca (alerta, pedido de reza), Passos (alerta, pedido de reza, Bendito da Igreja, Bendito, jaculatória) e Campos Gerais, vêm as considerações gerais, conclusões, apêndice e referências bibliográficas, totalizando 30 páginas.

Na mesma publicação, há outros títulos interessantes e úteis para os estudiosos da cultura espontânea do povo tais como: Festa do Divino Espírito Santo em São João Del-Rei / O Simbolismo da Semana Santa Tradicional.

Convém explicitar que o folclorista Ulisses Passarelli é um dos nossos irmãos de idealismo e apreciador das atividades desenvolvidas em Olímpia, relativas ao estudo do Folclore.

SUJEITOS E OBJETOS DO SUCESSO – ANTROPOLOGIA DO BRASIL EMERGENTE



A coleção Cultura e Economia, Coordenada por Maria Alzira Brum Lemon, pela editora Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 242 p. 2008, é direcionada aos estudiosos de Etnologia (ciência que trata da divisão da humanidade em raças, origem, distribuição relações e das peculiaridades que as caracterizam). Em outras palavras, Etnologia é o estudo antropológico dos povos indígenas. O que vale dizer que é direcionada aos especialistas, não aos cidadãos comuns, apenas adeptos.

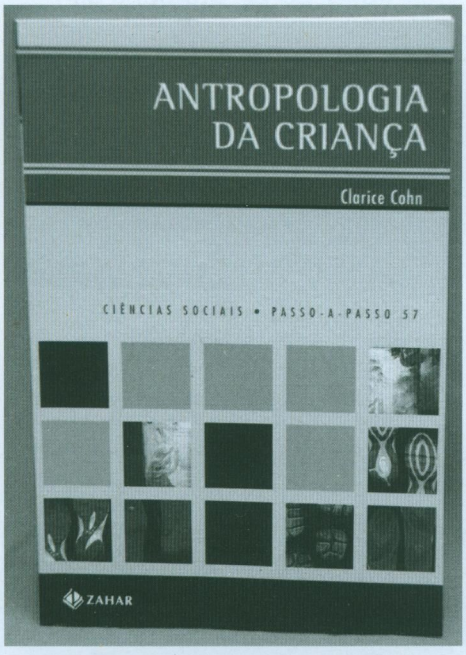
As ciências sociais, tradicionalmente, buscam entender o que se vive no sistema capitalista. Sugerimos que os pesquisadores em Folclore procurem ler a introdução, O grupo Empírico, a Etnografia (ramo da Antropologia que trata da origem e filiação de raças e culturas; estado e descrição da cultura de um determinado povo). Urge, os devidos cuidados ao utilizar o termo "povo", muito utilizado no cotidiano.

ANTROPOLOGIA DA CRIANÇA

A Editora carioca Zahar lançou a 2ª edição do livro de Clarice Cohn, da série Ciências Sociais (2009), no formato 12x18, da coleção Passo-a-Passo, em 58 p.

Como um ramo do conhecimento, a Antropologia começa a fixar-se em fins do século 19 e iní- cio do imediato, como a ciência social racial responsável pelo estudo de ou- tras sociedades e culturas.

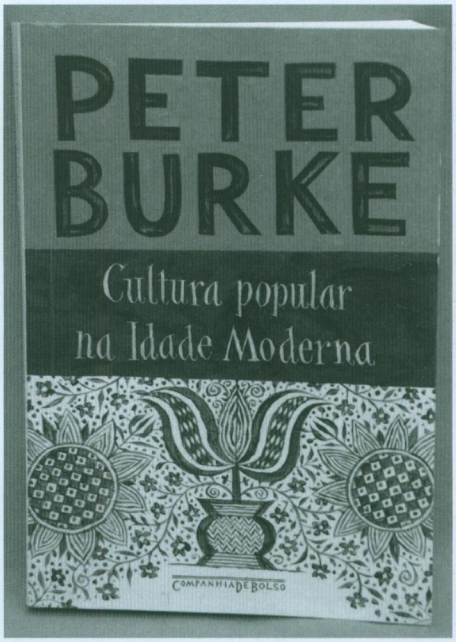
A definição tornava-se cada vez mais precisa, à medida que o tempo passava. E os antropólogos acrescentaram ao ramo de conhecimentos o estudo da própria sociedade, cada vez mais se dedicando aos fenômenos sociais que nos estão perto. É lógico que outras disciplinas estão interessadas nos estudos da gurizada: a pedagogia, a psicanálise e a psicologia. No entanto, a antropologia se dedica a entender, desde o nascimento, os seus objetos de estudo (sobre quem e com quem fala). A antropologia da criança deve ser desde o momento em que analisa o que é ser guri em outras culturas e sociedades até a que refere das que vivem em centros urbanos grandes. A antropologia da criança ampliou os seus horizontes de estudo, como ciência social, com certas peculiaridades. Estudar antropologia é procurar entender um fenômeno em seu contexto sócio-cultural em detalhes, tanto quanto possível. Os antropólogos têm insistido, desde cedo, em abordar as culturas e as sociedades como sistemas.



Qualquer categoria simbólica e social ou fenômeno a ser estudado precisa ser entendida no interior do sistema, no contexto em que é desenvolvido. Daí deve-se entender o que é criança e como a comunidade em que está inserida a vê-la. Nesse ponto a contribuição pode ser dada pela antropologia, fornecendo um modelo analítico. Além disso, a antropologia contribui com uma metodologia de coleta de dados, utilizando a etnografia que permite a observação direta de seus afazeres, e uma compreensão de seu ponto de vista sobre o meio em que estão inseridas, isto é, o pequeno mundinho.

A Etnografia é um método em que o pesquisador interage com a criança no local em que está inserida, observando e compartilhando que é a observação participante. É a observação direta do que as crianças fazem, ouvindo-as. Elas são agentes, sujeito social. Outros tópicos são tratados, referências, fontes, leituras indicadas e conclusão.

CULTURA POPULAR NA IDADE MODERNA



Peter Burke (nome conhecido internacionalmente) se destaca nesta publicação da paulistana Companhia de Bolso, traduzida por Denise Bottmann. A fantástica obra, com 465 páginas (em grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009), é bem interessante. Ela abrange o assunto na Europa, entre 1500-1800 e continua sendo extraordinária, também: Europa, História, Século 16, Século 17, Século 18, Civilização e Folclore, além do título propriamente dito.

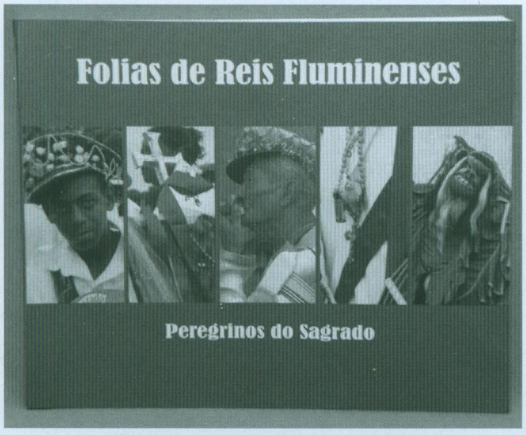
Após o prólogo e a introdução e edição, Burker divide o livro em três partes. Na primeira (Em busca da cultura popular): A descoberta do povo / Unidade e diversidade na cultura popular / Uma presa esquiva; na outra (Estrutura da cultura popular); (A transmissão da cultura popular) / Formas tradicionais / Heróis, vilões e bobos / O mundo do Carnaval, na terceira (Transformações na cultura popular); A vitória da Quaresma – a reforma da cultura popular / Cultura popular e transmissão social. Há ainda, dois apêndices: A descoberta do povo – antologias e estudos selecionados (1760 -1846) /

Publicações selecionadas ilustrando a reforma da cultura popular (1495 -1664). Sem contar o óbvio, notas, bibliografias, índice remissivo, sobre o autor (professor emérito na Universidade de Cambridge, nascido em 1937, autor de várias obras interessantes).

Para esse historiador "Cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes; é um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados. A cultura nessa acepção abre parte de todo um modo de vida, mas não é idêntico a ele".

Quando à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das classes subalternas, como chamou-as Gramsci (1891 – 1937), devendo ser compulsória aos que se interessam pelas raízes de nossa cultura.

FOLIAS DE REIS FLUMINENSE PEREGRINOS DO SAGRADO



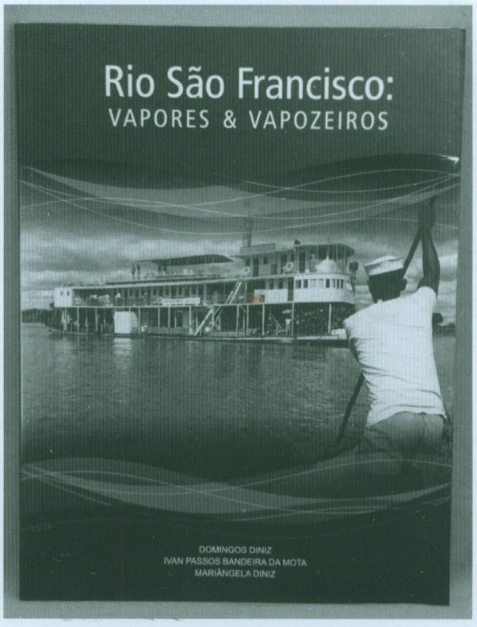
Essa extraordinária publicação é uma realização da Secretaria da Cultura do Governo do Rio de Janeiro, INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), Divisão de Folclore, com o apoio de DREAMFACTORY (Rio, São Paulo Lisboa e Madri), organizada por Delzimar do Nascimento Coutinho (nossa amiga) e Marcus Antonio Monteiro Nogueira, 1ª edição, Rio de Janeiro, INEPAC (2009), 157p., il, color; 21 x 26 cm.

O excelente presente foi dos amigos cariocas Delzimar Coutinho (amizade muito antiga), equipe do folclorista Affonso Maria Furtado da Silva (membro efetivo do Conselho de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura do estado fluminense).

Sumário da obra: Introdução. Histórico das Folias de Reis. Função. Jornada. Participantes. Bandeira. Indumentária. Chula. Instrumentos. Festa de Remate ou Arremate. Profecias. Encontros de Folias de Reis da Região metropolitana – 2008: Folias de Reis Participantes do Encontro. Breve histórico das Folias de Reis participantes do Encontro. Aspectos das folias de Reis Fluminenses (fotos): Tradição Devoção Bandeiras de Reis. Foliões de Reis. Palhaços de Reis. Instrumentos musicais. Arcos da Lapa. A confraternização. Certeza da continuidade. Festas de Remate ou Arremate. Créditos do Encontro de Folias de Reis 2008. Bibliografia.

É obra recomendada, na só pelo volumoso material informativo. É fato que todos sabem que as Folias chegavam com os nossos colonizadores, recebendo influências da terra que as receberam com carinho.

Rio São Francisco: Vapores & Vapozeiros



Os renomados pesquisadores mineiros Domingos Diniz (a verdadeira enciclopédia dos estudos do Folclore mineiro), Ivan Bandeira da Mata, e Mariângela Diniz, são os autores da obra.

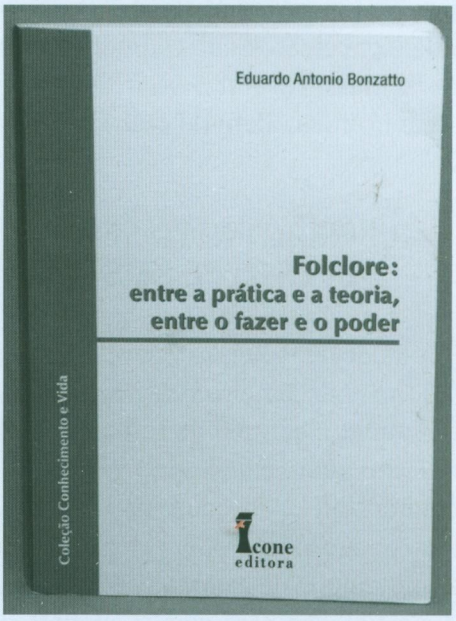
O livro no formato 21 x 28 é produto do "Projeto: Álbum de fotos Vapores de São Francisco e depoimentos dos vapozeiros", editado em Pirapora (MG), ilustrado 355 p., contando com o apoio cultural do Governo de Minas Gerais (Cultura), CEMIG, e Ministério da Cultura. Edição de 2009.

Sumário: Apresentação Importante Instrumento de Pes-

quisa, Prefácio, Álbum de Fotos dos Vapores. Parte I: O São Francisco; O rio das águas sagradas; Os índios; Os ciclos da Cana do Gado e do Ouro; e o São Francisco; O sertão semifeudal dos coronéis; As barcas; os remeiros; As barcas de frete, os remeiros; Arte e ofícios populares, As carrancas, Os carranqueiros, O Vaqueiro, Os tropeiros, Os pescadores, As vazantes e vazunteiros, Os muitos mistérios do rio, Mitos, O caboclo-d'água, O minhocão, O famaliá, O Romãozinho, O violeiro do rio abaixo, A mãe – d'água, A Serpente de asas longas e de corpo emplumado, As lendas, Queremos. Parte II: Breves dados da história da navegação, O vapor do rio São Francisco, 45 vapores navegaram no médio e submédio São Francisco de 1871 a nossos dias; Memorial descritivo dos vapores; Saldanha Marinho; Presidente Dantas; Matta Machado; Djalma Dutra; Cordeiro de Miranda; Siqueira Campos; Comendador Peixoto; Francisco Bispo; Governador Valadares; Barão de Cotegipe; Joaquim Távora; Delsue Moscoso; Paracatu; Fernandes da Cunha; Fernão Dias; Bahia; Affonso Arinos; Curvello; Antônio Nascimento; São Salvador; Engenheiro Halfed; Raul Soares; Jansen Melo; São Francisco; Wenceslau Braz; Santa Clara; Iguassu; Julio Vitor; Otávio Carneiro; Juracy Magalhães; Sertanejo; Coronel Ramos; Mauá; Baependi; Benjamim Guimarães; Réquiem para a Fronave; Rio; Vapores; Turismo. Parte III: Quando a literatura viaja nos vapores ou o imaginário e a realidade. Os vapores e a coluna Prestes. O escritor Afonso Arinos (1868-1916) e uma morte de sonho no vapor. Nas doces águas de um rio. Viagem. Ultima viagem. Os vapores. Os vapores na poesia popular. ABC do Antônio Moniz. Parte IV: E os vapores navegam nas asas da arte popular. Caio Ramos Ferreira. Coelhão (Antônio Carlos Coelho de Assis). Dondinho. José Paixão. Josinaldo Barbosa. Maurício de Oliveira, Silvio de Almeida Lisboa, Sizaltino Brito Monteiro, Walter Mendonça Gomes, Uma família de artistas. Parte V: Quando os vapozeiros navegam nas águas fundas da memória. Agenor Pereira dos Santos. Antônio Porfírio Carvalho. Antônio Tadeu de Oliveira Medrado. Benedito Ferreira dos Santos (Costinha) Berto José de Castro. Cassiano José de Castro. Cícero Lino Pereira. Daura Pereira Bessa. Deoclécio José dos Santos. Elisio Nunes da Silva. Eunice Proença do Nascimento. Francisco Amâncio Neto. Francisco Martins Mourão. Geraldo Vieira. Jason Batista Ferreira. João Francisco de Souza (João de Folias) Joaquim de Souza Pinto. José Borges. José Gomes de Sá (Floresta). José Lino Ribeiro. José Mariano Cunha. Manoel Francisco Borges (Borginho). Orleans Veríssimo dos Santos. Pedro Passos Feitosa. Raimundo Lagoeiro. Sindolfo Palha. Entrevista com o comandante José Celso da Cunha. Manoel Rego Neves. Glossário. Bibliografia consultada. Os autores.

Após a leitura do fantástico livro, apreciamos o fecundo trabalho de seus autores. Sobre o assunto, até os dias que correm, é o livro mais completo acerco do assunto que conhecemos.

FOLCLORE: ENTRE A PRÁTICA E TEORIA, ENTRE O FAZER E O PODER



A presente obra está inserida na "Coleção Conhecimento e Vida", no formato 17 x 12 cm, Cone Editora, São Paulo, 2010. São 199 p. na primeira edição. A coordenação é de Diamantino Fernandes Trindade. O autor afirmar ter sido aluno do professor José Sant'anna e dedica a obra "à sua memória". Desconhecemos o autor, nem algumas pessoas do nosso círculo de relacionamentos não se lembram desse nome. Isso não quer dizer nada de negativa, muito pelo contrario. Ele é professor universitário, especialista em Historia Social e lembrou da "Capital Nacional do Folclore".

Na introdução, mostra o motivo que deu origem à obra. Ele ignora a categoria "povo". Na opinião dele "esse universo foi construído para homogeneizar as relações e experiências que são sempre únicas, conferindo aos grupos, acordos e vínculos expressos, tanto pelo efêmero

quanto pelo permanente, numa equação que jamais se repete".

Para Bonzatto, o povo, o popular e o vulgo, inexistem. É como se fosse juntar a diversidade em uma embalagem bela, que nada informa, a não ser o vazio. Pelo contrário, são tão dinâmicas, tão fluidas, essas experiências que não se pode sistematiza-las. O Folclore surgiu anexo à categoria "povo" para fechar aquelas experiências com um rótulo pejorativo (subalternidade e desprezo), mesmo com as máscaras da curiosidade e de protecionismo, e, mais recentemente, aceitando a cultura popular, como sinônimo de Folclore, demonstrando desconhecimento.

A obra dividida em duas partes: Lore e Folk na primeira: Catirina, Maracatus, Iemanjá, Feijoada, Literatura de Cordel, As bruxas da Lagoa da Conceição, Saci, Capoeira, Umbanda e outros temas. Na outra: Noites amazônicas, Folclore e Política, além de outros.

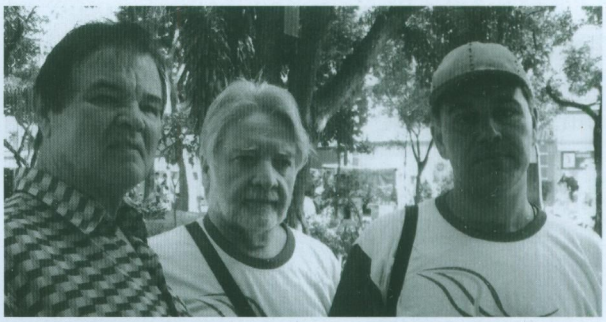
RIBEIRÃO PRETO SEDIA EVENTO DE REIS

A cidade de Ribeirão Preto, no último domingo do mês de Janeiro deste ano patrocinou o 19º Encontro Nacional de Folias de Reis. No próximo ano será realizado o vigésimo. Sim, exatamente vinte, consecutivos. Está tradicionalizado, o que nos credencia a condição de afirmar, sem medo de errar, que continuará para alegria e satisfação para que os adeptos da manifestação cultivam, aplaudem e respeitam-na.

Um município que é dirigido por uma pessoa culta, simples (comunica-se com qualquer pessoa, independente do nível socioeconômico-cultural), interessada pelas manifestações folclóricas (o que é raro entre os políticos), sem contar outros atributos, é uma jóia rara; trata-se da sensacional Darcy Vera, pessoa ímpar na nossa visão.

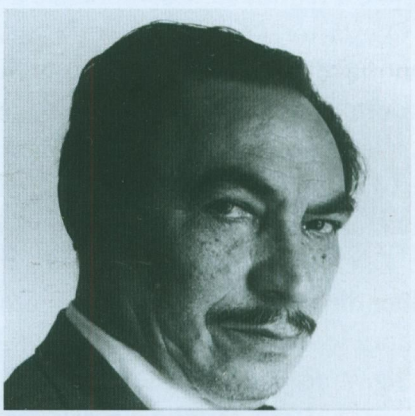
Graças à posição geográfica: 21º 11' latitude sul, 47º 49' longitude W, Ribeirão Preto, fundada em 1856, é uma das principais metrópoles do interior paulista. Centro universitário, dos melhores centros de comércio, indústria e agricultura ultra avançada.

O interessante, nos eventos folclóricos é, também, o encontro de pesquisadores. Entre outros, a foto registra três amigos de ideal pelo Folclore no centro Affonso Maria Furtado Silva vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore e parente próximo do economista Celso Monteiro Furtado (de Jucelino Kubichek, Jânio Quadros e João Goulart); Ulisses Passareli, folclorista de São João Del'Rei e cirurgião dentista, à direita; e à esquerda esquerda o folclorista José Carlos Rossato, professor universitário, residente em Votuporanga e pesquisador de campo em Olímpia. É o criador do Neologismo votuolimpiense, que ostenta com alegria e satisfação.



Por falta de espaço, não será possível relatar alguns aspectos do 19º Encontro Nacional de Folias de Reis. Deixamos nossas escusas e propomos publicar na próxima edição o material levantado naquela oportunidade.

TEMA DA PALESTRA DO FOLCLORISTA MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NO "SEMINÁRIO DE REVISÃO CRÍTICA DO FOLCLORE NO AMAZONAS", PROMOVIDO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E ESTUDOS AMAZÔNICOS



O passado e o moderno na área de estudos do Folclore e a repercussão das tentativas do palestrante para recuperar o acervo cultural amazonense

No princípio das coisas só havia o interesse humano de fazer, ou por automatismo psíquico ou por interesse individual, não rentável e às vezes nem autorizado. O portador do folclore não tinha

a consciência plena e absoluta de que estava contribuindo para a expansão cultural do seu terrunho, deixando-se acreditar no axioma clássico de que se divertia a longo prazo, e que essa diversão, por mais cara que lhe saísse, era apenas motivo de prazer para uns raros representantes da cultura de consumo imediato e provisório, sem nenhum valor básico para qualquer tipo de disciplina. Assim se viu a literatura oral popular para a literatura artística, a medicina alternativa para a medicina científica, a música popular para a música erudita, o teatro de feira para a grande ópera, o ciclo de parêmias para a filosofia acadêmica, o nu para o vestido. Estamos seriando uma viagem do passado para o presente, do homem rural para o homem urbano, da criação espontânea para a sofisticada elaboração de gabinete. E não se pense que estamos visionando uma Europa culta em que, ainda no XIX século, o homem se alugava a si mesmo, ou crianças eram vendidas ou alugadas para trabalhos de lavoura, etc. A maior parte das românticas elaborações populares que conhecemos, desde os romances de cordel às cantigas de roda, do teatro volante ao teatro coberto, vem de uma sofrida mentalidade desprotegida da armadura social que a impelia a promover-se elaborando estórias de pastoras que encontravam príncipes dispostos a elevá-las do plebeísmo para o fausto; de gigantes castigados por pequenos heróis imbeles; de paladinos saindo em defesa dos miseráveis, etc. A Idade Média, com a sua atmosfera de credibilidade e de culto ao servilismo, despejou na teoria dos anos seguintes, por todo o mundo, uma vasta concepção do profano como fator substituto do real, um teologismo mais divagante do que as teorias sacrílegas dos "bárbaros" que começaram a destruição da Grécia e de Roma.

Toda essa carga de influências culturais veio com o homem rural europeu para o Amazonas. Não é para rir, mas a tragédia do nosso povo indígena tem início com a viagem de Francisco Orellana, e o que é pior, o indígena vai ter conhecimento de que é um ensalmo que vai salvar um espanhol ferido. Além do mais, o ensalmo era destinado a matar formigas... Comparando as duas culturas, quem levava a palma? Um pajé que assistisse àquela cena ficaria admirado de que sua ciência curativa houvesse correspondente na chantagem manipulada por sacerdote cristão. Começa, com o descobrimento do rio das Amazonas, a grande mudança social da região, embora esse processo fosse demorar mais de meio século. De qualquer lado que encaremos o problema das nossas origens culturais, surge uma pergunta insidiosa: quem superou a quem? No meado do século passado o cientista Henry Bates afiava a sua concepção de cultura pelos status culturais do europeu, condenando o português por deixar-se influenciar pelos costumes indígenas. No entanto, saudosamente lembrava a casinha onde morou em Ega – Tefé. Não vamos fazer desfilar aqui os generosos personagens que nos visitaram durante cem anos de curiosidade científica. Foram poucos deles que nos deixaram material folclórico de primeira mão. Mas continuo repetindo: em termos, muita coisa do que temos hoje dinamizado foi produto de duas culturais, psicologicamente idênticas: a do indígena e a do europeu lusitano. Quando me refiro a psicologicamente idênticas, não estou esquecendo que ambos povos eram contaminados de uma credibilidade infantil, por isso o herdeiro das duas tradições, o caboco, ainda se refere a cobras de quarenta metros de longo, como se visualizasse aqueles dragões saídos das fantásticas histórias medievais. Mas volto a refrasear: o caboco não mente, ele apenas amplia o conceito de grandeza das coisas, isto é, caricatura. A caricatura é a deformação do traço original, sem que deixe de parecer-se ao protótipo. É o espanto que aumenta as proporções do objeto. A lenda e o mito teriam de ser bastante dimensionados a fim de participarem da atmosfera de limitação do arbítrio do indivíduo. A coerência, no caso sujeito, não advogaria a favor da destinação do mito e da lenda, que é, precisamente, conter o arbítrio humano nos limites do espanto. Foi com esse recurso que os navegadores primitivos boicotaram a navegação do mar Mediterrâneo, primeiro, depois do Atlântico: inventaram o Polvo gigantesco, a Serpente monstruosa, a ave Rock (esta árabe dos contos de fadas), e mais aquela te-

oria que perdeu a muitos cientistas da época: a idéia de que o mar acabava na circunferência do horizonte visual e que, quem se aventurasse mais adiante cairia no vácuo. O tempo que decorre entre a viagem de Orellana e a ocupação portuguesa da Amazônia Ocidental torna-se um vazio indecifrável. Nada se sabe do que ocorreu naquele interstício negativo da História, pois a região ficou abandonada até que Pedro Teixeira motivasse uma nova corrida, dessa vez não por acaso, aos limites longínquos da nova colônia. Se os indígenas, os mesmos e mais outros, não houve condições de aprenderem lições de comportamento europeu, em compensação mostraram aos invasores que não lhes eram indiferentes o cultivo da música, da dança, da escultura, dos jogos lúdicos, do teatro, da literatura oral, da medicina curativa, de um vago sentimento deísta, da escolaridade experimental, do sentimento gregário, de química rudimentar, de obstetrícia coerente, etc. Naturalmente o tempo, o espaço e a ação, os três termos lógicos da História, funcionaram de maneira a conjugar, por convergência, as duas culturas, de que brotou o terceiro ramo, a mestiça, que é a nossa, a do caboco rural e citadino. Estou envolvendo o caboquismo aqui, e a caboquitude, confiante em que todo amazonense se orgulhe de sê-lo. E porque se orgulha de sê-lo? Porque não se esquece da farinha, do tacacá, da tapioca, das frutas regionais, do boi-bumbá, dos mergulhos nos igarapés, dos tapiris de palha, dos verbetes indígenas incrustados na linguagem oral e escrita, das superstições, da comida regional, do artesanato primário, do universo de comportamentos humanos que justificam a nossa identidade em relação a outras culturas. Mancomunado com a grandeza florística da região, o seu habitante se sente um microcosmo, daí que o confronto com a realidade seja uma constante invariável em seu saldo de experiências diárias. Não seria lógico que um ser animal vivendo a expensas da selva não se sentisse inspirado nela, não tirasse dela as lições e os estímulos para sua sobrevivência. Nós outros herdamos as experiências motivadas das primitivas gerações, por esta razão estamos aqui reunidos em conclave, com a finalidade de cultuarmos alguns dos preceitos que vieram juntos, por congeminação, do fundo dos séculos para a atualidade. Eu gostaria de poder encaminhar aqui algumas das mais pitorescas manifestações populares exclusivamente de origem indígena e mestiça, mas o tempo mo impede. Fixei meu nenhenhem em dois laboratórios de incidência social, ambos originários da velha Europa, ambos de convergência portuguesa, e uma pelo menos do agrado do amazonense: o "boi-bumbá" e o "brigue" (marujada). A muita gente ocorre o pensamento de que no Amazonas não há folclore, pelo fato de serem muitas das representações populares de origem forânea. Realmente parece inaudito, mas devemos estar sempre lembrados de que folclore não é segredo, por isso sofre do mal da contaminação, da difusão, do empréstimo, da reformulação, da desmontagem e recriação (como é o caso do "Boi Laranja" transformado em "Cordão dos Urubus"). As causas dessa tramitação são sempre um tanto difíceis de apontadas quando não se tem experiência com a teoria do Folclore ciência. Não é qualquer cidadão do povo, nem mesmo os brincantes, que sabe o que é Folclore e porque está fazendo folclore. Pelo menos, historicamente, é minha a experiência. Antes de assumir a presidência da Comissão Amazonense de Folclore, em Manaus não se falava de Folclore e a polícia perseguia de maneira cruel aos portadores da cultura popular. Eu tomei uma atitude frontal, tive uma entrevista com o Chefe de Polícia, expus a situação melindrosa em que se achavam os grupos, proibidos de circulação nas ruas, por causa dos atritos provocados pela embiricica. De fato, a polícia usava de sua autoridade, procurando evitar mortes (que houvé) nos encontros fatais, principalmente entre os maiores rivais que eram os bumbás "Mina de Ouro" e "Corre Campo". Daí, parti para o mais difícil, que era apaziguar os ânimos. Convoquei a boiada para uma "conversa". Foi naquela tarde, no salão da Sociedade dos Professores, com um auditório imenso, que eu proferi a minha primeira aula de Folclore, fazendo ver aos brincantes que eles estavam conduzindo a cultura popular pelo avesso. Que apesar de certos jornais, do tipo de "O Jornal", não se darem ao trabalho de orientar a polícia e os brincantes, eram eles, brincantes, que estavam promovendo a cultura. Elevei aquela gente humilde acima da prosápia de certos jornalistas analfabetos, um dos quais disse na polícia, para quem quisesse ouvir, que "cultura de negro era fazer faxina de WC no xadrez". Acabei com as brigas, reconciliei os amos e donos de bois, e todos os grupos folclóricos passaram dali por diante a serem respeitados como legítimos criadores e portadores da cultura, a quem

era preciso e necessário respeitar. Não foi "O Jornal" que imaginou os Festivais Folclóricos, foi a Comissão Amazonense de Folclore, dirigida naquele tempo por mim e o inesquecível desembargador André Vidal de Araújo, a quem presto aqui as minhas homenagens. O primeiro festival foi realizado na avenida de Ajuricaba. Os grupos mais bem ensaiados recebiam uma taça como lembrança. Não corria dinheiro vivo. Nós não recebíamos subvenção alguma, de quem quer seja. Vínhamos às vezes a uma ou duas horas da madrugada, a pé, para casa, pois os bondes só circulavam até meia noite. Era vontade de melhorar a visão sentimental da cultura amazonense. Entretanto que a primeira "novidade" em matéria de exibição de grupos folclóricos foi realizada na "Festa da Mocidade", uma auditoria criada pelo jornalista Josué Cláudio de Sousa. Foi a minha primeira experiência sustentada contra a ignorância, tratando-se de convencer a gregos e troianos, de que "Pastorinha" não é a mesma coisa que "Pastoral". O Dr. Josué Cláudio de Sousa, proprietário da Rádio Difusora, anunciou prêmios para as melhores Pastorinhas que se exibissem, e convocou-me, sendo eu o autor do projeto, para peneirar o número delas. Demos o prêmio a uma Pastorinha, eliminando certa Pastoral que apareceu como a cizânia no meio do trigo. No dia seguinte me apareceu um padre holandês da paróquia de São Raimundo Nonato, para protestar contra o meu veredicto e saber a razão de haver sido escolhida uma Pastorinha invés da sua Pastoral escrita por gente de reconhecida competência em matéria de língua portuguesa. Minha resposta serve de ensino para quem desejar saber o que é realmente Folclore: "Seu padre, sua Pastoral escrita pelo seu amigo Samuel Benigno, ou por ele corrigida, só poderá ser aceita numa competição de literatura escrita, ou mesmo oral, mas de cunho artístico. Não numa competição em que o popular oral tem mais valor porque folclórico. Isto em primeiro lugar: em segundo, o festival foi de Pastorinhas, não de Pastorais". O padre, ingenuamente: _ "E não são a mesma coisa?" _ Eu, placidamente: não, senhor padre, a primeira, de acordo com a sua história, é popular e popularizada, o que representa uma das exigências do Folclore ciência; a segunda é de cunho erudito e não é popularizada, embora conste que seja popular pela participação de elementos do povo". Evidentemente o padre não compreendeu nada, mas pelo menos deixou-me em paz.

Este exemplo que dei foi para chegarmos sem muitas dilações aos programas do boi-bumbá e do brigue. Há muita gente por aí cantando e pulando, e até escrevendo, sob a presunção de estar fazendo folclore. O folclore legítimo é anônimo, não se faz, ele faz-se. É assaz raro que uma peça erudita venha a manter-se na admiração e usança continuada do povo. Há exemplos, também raros, em literatura escrita, em música, etc. O verdadeiro folclore exige tradição, autenticidade, divulgação contínua e popular e popularização. O crítico do problema está justamente nos dois termos: popular e popularização. Sobre o primeiro já falamos; sobre o segundo é conveniente abusar da expressão "inconsciente popular coletivo", sem o quê não se chegaria a uma solução adequada. O inconsciente popular coletivo é a massa de inquilinos que desfruta da posse do conhecimento de uma dada noção do cognoscível, seja ele material ou espiritual, de acordo com a classificação do próprio Folclore. Nessa massa popular não se faz diferença entre pobres e ricos, entre sábios e apedeutas, entre cristãos e ateus etc. Portanto, dado experimento popular (ou mesmo erudito) pode vir a ser num futuro remoto uma solução demopsicológica, contando para isso a simpatia do povo acima aludido. Vamos oferecer dois exemplos para facilitar a distinção: disse um cidadão do interior, na dança Desfeiteira:

"Segredo que passa a dois
não é segredo nenhum
quando chega pelo três
é assunto de putirum".

O outro:

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dos tais é o reino dos Céus".

Indubitavelmente em ambos os casos houve um autor dessas sentenças, porém um deles restou no anonimato e o outro é conhecido pelo menos dos leitores da bíblia. Entretanto só a segunda sentença é repetida pelo povo, porque a primeira é mais individual, posto que o declamador não soubesse quem foi, conforme me garantiu. Poetas, filósofos cabocos existem muitos por esses interiores e sempre que acontece eu recolho piedosamente suas produções.

Passemos, de um salto, à outra parte do problema que nos propomos clarificar, não re-

solver. O meu interesse pelo tema vem de que, ultimamente, no projeto instituído pela Secretaria de Cultura sobre a busca de identidade, um dos assuntos mais ventilados foi o bumbá amazonense. Faço questão de sublinhar "amazonense", muito embora os nossos vizinhos, Estados do Pará, Acre, Rondônia, Roraima, não estejam de fora da tradição. O que ocorreu na "busca de identidade" é que uma porção de participantes resolveu criar um problema de história, e desnecessariamente, para a História. Nem mesmo os autores cunharam soluções sobre meras conjeturas. Foram diretos, todos eles, na afirmação suspeita de que o nosso "bumbá" foi trazido pelo nordestino. Não ocorreu a eles que antes do nordestino entrar com seu contingente de cultura popular na Amazônia, já cá estava o português amigo de tradições festeiras. Seria mais aproveitável se os autores especulassem sobre a questão social que envolve a permanência do fato folclórico numa sociedade de consumo a longo prazo. Alguns chegaram ao compromisso de marcar idade para o advento do grupo, dando uns 1917, outros o início do século. Mas, evidentemente, todos se servem da válvula de escape, que é o nordestino. O melhor de tudo é que no Nordeste o "bumba meu boi" não é figura de proa nas tradições populares, como no Amazonas, Pará e Maranhão, ou no sul com o Boi de Mamão. Além de quê, o "boi" do Maranhão não é idêntico ao do Amazonas. Se ocorresse um pouco de conhecimento de história aos autores dos projetos mencionados, eles veriam que no enredo, nos implementos, no texto, nas personagens, o programa do "bumbá" alude a uma época distante do nosso século talvez um ou dois séculos antes. Faço aqui uma ressalva em guisa de penitência: não culpo a esses autores o fato de não saberem como se vestiam os brincantes do boi, e quais as suas legítimas toadas, porque, a partir da introdução da TV e da Zona Franca, os costumes mudaram, e no dizer dos esnobes, "modernizaram-se".

Há coisa de cinqüenta anos eu encontrei no arquivo (porão) da Prefeitura Municipal, um livro de assentamos municipais com o título à tinta "Termos Diversos". Ignoro se ele ainda existe, porque, segundo e conforme todo mundo sabe, um furacão passou pela burocracia, levando nos torvelinhos quase toda a história escrita do Município. Como eu estava cumprindo uma tarefa por prazer, pesquisando a história das ruas de Manaus, dei-me ao trabalho de ler todo o calhamaço já estragado pela umidade e pelas polilhas, e fiquei plenamente pago de haver adquirido uma gripe que quase me leva para o beleléu. O documento rezava o seguinte, textualmente:

"o ferro. Levará uma tourinha completa eseos com.tos, e istriones e haerá, E mais duas figuras de Sgorge, e N. S. "dos nauegantes é suas marinhagens com o navio, enpavezado reprendo, (o) naufrajio da naó So. Antonio tudo muito bem acabado e seo conforme. E no coto a mascara do Tentador e do Anjo s. gabriel. O mestre dou.dor apresentara suasadivas na figura conocopia, do tentador. Tanoeiro vra com seu ancorote e havara mourarias e roqueiras, e tamem sera obrigado o rigusijo da dança de espadas, e asi as oitras corporações toda com seus mesteirireios cobertos de suas roupas e alfaias bem assi os músicos e horteleiros, açougueiro, etc. tudo muito conforme ao gosto de s.m."

Lido como está parece linguagem criptogâmica, porém era assim que os senhores letrados da época punham no papel seus textos oficiais, aquilo que nós herdamos: uma burocracia ataviada de tautologismos e emperrada. Trata-se da organização da procissão de Corpus Christi, que as Câmaras eram obrigadas a fazer e a presidir, sob pena de multa pesada para a vila ou cidade que negligenciasse o ritual. Naquele então as procissões eram suntuosas, com a participação obrigatória de todas as corporações de mesteireiros denominadas guildas e aqueles que não acompanhavam o séqüito punham nas janelas as colchas coloridas, os bordados, os tapetes, material muitas vezes trabalhado somente para aquela hora de devoção. Eu acredito que o Cristianismo antigo era mais bonito e mais receptivo do que o atual, mesmo porque a Igreja Cristã, que tolerava cantigas profanas (as cantigas meretrícias) no seu interior, hoje desaprova ou comina de absurdo até os nomes modernos dados aos neófitos. Por exemplo, no meu tempo de menino, as famílias caprichavam em adornar as janelas com as colchas, os mantos, os brocados, as rendas, e as mais pobres com palmas ou galhos verdes, testemunhando a sua adesão voluntária e a sua vocação mística. Tudo isso desapareceu, motivado por circunstâncias de que é responsável a própria Igreja Ora, toda religião só tem permanência

e concorrência por causa do ritual exterior, que persuade e deslumbra o crente. No caso acima seria impossível deixar de admitir que a Câmara da Vila de Barcelos, no meado de XVIII século, não estivesse recomendando a presença das tourinhas e dos botes, isto é, dos bumbás modernos e dos brigues ou marujadas.

É visível para qualquer um que a recomendação expressa diz respeito a esses dois grupos representativos do folclore amazonense, além de que a nota ainda fala em carpinteiros, tanoeiros, mourarias, e outras gentes, com muita exigência na organização. E inclui na embiricica as danças indígenas com suas gaitas e pífaros. Devem ser os japurutus. Nesta altura oriento o interessado para as páginas 153-57 do meu livro Cultos de santos & festas profano-religiosas, o programa oficial da procissão de Corpus Christi.

Quanto a uma espécie inusitada de diversão de rapazes, a presença do boi de pasta ou de qualquer outra matéria, surge, por exemplo, na França com o boeuf gras e la vacqueta. Outro "boi" muito falado é o "candil", conhecido desde o México à América do Sul, mas sua única singularidade é portar duas luzes nos chifres. Na América do Sul o exemplar mais antigo que se conhece e a vaca loca, de origem espanhola, presume-se. Não seria preciso quebrar a cabeça para adivinhar como o fato folclórico se encontra aqui e ali, distanciado quilômetros de uma provável origem nativa. O Folclore é andeiro e tem a vantagem de ser socialmente um magneto. Por paralelismo ou por convergência ele acaba enraizando-se numa sociedade receptiva. O pau de fita é um exemplo: de dança propiciatória com presumida origem no México pré-colonial, passou a universalizar-se. Em todas as civilizações modernas o pau de fita, que no Amazonas se chama tipiti, é encontrado, inclusive no Japão.

Não seria numa simples palestra como esta que iríamos dizer tudo a respeito de duas danças dramáticas muito admiradas, e como o tempo não me sobra, deixo de fazer alusão à marujada, que possui também ela uma história pregressa interessante.

Quase dois séculos depois um inglês, acima referido, Henry Walter Battes assinala a presença de cordão de bichos em Tefé, citando um touro e um corifeu que cantava ao som do violão o enredo. É uma pena que o inglês escrupuloso não houvesse demorado a atenção na representação, porque ela é, sem tirar nem pôr, uma tourinha.

Poderia parecer estranho que não aparecessem referências escritas e até gravuras sobre a presença do bumbá, em obras de viajantes estrangeiros. Mas há, e um deles aponta o ano 1859. Outro fala no bumbá de Pinhel, no Pará. O médico viajante Roberto Avé-Lallemant, fala melhor do bumbá amazonense, em 1859.

Com mais algumas frases e passaremos a discutir o programa do bumbá Quero referir-me, de passagem, à alusão feita a "mourarias". Refere-se o escriba a episódio conhecido em Manaus por "Cavalhadas" e no Nordeste por "Mouros e Cristãos". Tenho a impressão que foram das poucas tradições difundidas pelos portugueses, que alcançaram nosso século, até mais ou menos 1910. Eram as cavalhadas realizadas no largo do Pavão, conforme expliquei no meu livro Roteiro do Folclore Amazônico, primeiro tomo.

Mas voltemos aos "bumbás", um tema que está incrustado na cultura amazônica e

que foi difundido de tal maneira que alcançou a profundidade dos seringais mais distantes do Estado e ultrapassou as fronteiras de Tabatinga, desbordando para a Colômbia e Peru, a oeste, e ao sul para a Bolívia. Em 1946 eu fui encontrar em Guajará-Mirim (duas cidades, brasileira e boliviana), os bumbás "Mimoso" e "Chiquillo" explorando o mesmo enredo, com as mesmas personagens, e um mais recentemente nos nossos dias, um grande jornal brasileiro noticiava que um Pai Adão de regresso à África, havia feito lá a brincadeira. Creio poder dispensar comentários sobre a razão maior dessa preferência, ponderando ser o "boi" o animal de maior estima e presença na civilização humana, mesmo antes do cavalo, que não teve nenhuma chance de fazer-se epônimo. As hecatombes gregas permitem avaliar até que ponto o animal era respeitado e divinizado, e como deus, sacrificado e ressuscitado.

Muitos dos iniciantes na história do Folclore amazonense, ainda se referem aos autos populares de Gil Vicente como espelho da problemática histórica.

Antes seria melhor, penso eu, dizer que o poeta português serviu-se da já conhecida tourinha ou do touro candil, para seu poema dramático, visto que seu cometimento é mais da ordem do "semelhante a" do que da ordem do "pioneirismo". Muito antes de Gil Vicente interessar-se pelo folclore do boi, a Ibéria e a França já cultivavam, na Idade Média, as tarrascas, a fantasia dos gigantes, dos gnomos, dos touros, das mouriscadas que divertiam a populaça e eram autorizados pela Igreja Católica e pela Inquisição. Queremos crer não haja mérito algum em retomar do populário uma criação anônima, mesmo porque uma impressionante tradição como a "boufonia", de reflexo grego, não podia deixar de escapar à universalidade. Os caminhos do folclore, na Idade Média, não eram tão ásperos que dificultassem a difusão e expansão do holocausto grego do boi. Quase que estamos no limite da tolerância, quando examinamos o enredo do nosso bumbá e o sacrifício taurino. Quase que as mesmas personagens. E se naquele ato expiatório o vitimário nega haver morto o animal e culpa o machado, que é julgado e atirado ao mar em solenidade pagã, não lhe falta a identidade dramática, não lhe faltam os cantos, não lhe faltam certas personagens do tipo do médico, do feiticeiro, do sacrificador, do juiz, etc. Não estamos, em nenhuma hipótese, encaminhando soluções evolucionistas. O folclore se nutre de partículas imantadas daqui e dali, vai crescendo com uma idéia e outra, se transforma, se dissolve, formando um conglomerado de fatos impostos pelo inconsciente coletivo. Não é obra de Gil Vicente, não é de origem africana, não é de fonte grega, não cuida em ser erudito nem possuir autor. Posso ajuizar da velhice do boi-bumbá pela vestimenta antiga dos vaqueiros e rapazes, amos e demais partícipes, pela presença de índios travestidos, coisa pitoresca, pelas velhas toadas. É pelas velhas toadas e pela toalete dos brincantes de ontem que se deve avaliar a contextura primeva do drama teatral, do mistério grego, do mimo ibérico, da farsa dinâmica, como quer que se a chame, pois ele contém um pouco de tudo, não deixando de incluir o sublime, a maravilha, a morte e o renascimento da coisa criada, tudo quanto o inconsciente popular coletivo ajustou em períodos que talvez sejam mais longos do que os quinhentos anos do Brasil. Neste ponto podemos formar doutrina, pois antes do descobrimento do Brasil já as tourinhas, o touro candil, a vaca loca, o boeuf gras, la vacqueta, corriam fama na Europa. O conceito que faço do "bumbá" moderno é o mais triste possível. Se bem que não ignore que o folclore sofra com o andar dos tempos – e o tempo é o seu maior sustentador, não ignoro também que a mudança pode ocorrer de maneira mais violenta que natural, mais dilacerante do que compensativa, mais destruidora

do que necessária. O exemplo está em nós. O "bumbá" amazonense não é mais aquele que víamos aparecer nos antigos Festivais Folclóricos, não nos modernos. Perdeu tudo, até a sua expressão rural de oitocentos anos atrás, quando a Idade Média o exornou daquelas ingênuas preocupações de identidade populística, aceitando-o, como manifestação de regozijo na liturgia das procissões de Corpus Christi.

Tenho dito e confirmado ser na essência, o bumbá uma expressão social vigente em certa época e indeterminado lugar, a que foram anexados certos episódios conhecidos pelo nome original de "malocas" porque assinalam a presença de um corpus humano atuante e de prestígio naquele século dezoito. Não é sem razão que aquela "maloca de índios" aparece como uma manifestação de atualismo do antigo Diretório de Índios. Você tem para considerar as pessoas do Diretor, do Amo, dos Rapazes e dos Vaqueiros, faltando o Feitor, que só aparece no "Cordão dos Urubus", cordão que eu já informei ser uma parte dissidente do "Boi Laranja". Ora, a uma pessoa familiarizada com a história do Amazonas salta logo à convicção de que estamos diante de uma organização rural do tipo "fazenda de gado", de um século que não é o nosso, onde a corporação trabalhista exigia a presença de um amo, de rapazes e de vaqueiros. E se você for mais atilado, vai encontrar nas toadas respostas para a sugestão acima, toadas que pelo tom dolente remetem o ouvinte para situações que sobem da prepotência do amo e do feitor, à humildade de rapazes e vaqueiros. Nos seringais do Amazonas ainda existia na hierarquia social a qualidade de "rapaz", oposta à de assalariado. O rapaz é um xerimbabo que vive à custa do amo, sem salário. Uma espécie de alugado por toda a vida e não importa que seja adulto. Não é a idade que o faz vítima da coexistência social e sim a função, o status. O amo pode seviciá-lo como acontece no episódio da morte simulada do boi. A banda de índios, chamada "maloca" é, como se disse, uma sobrevivência dos costumes de outrora, quando índios e negros não se olhavam com bons olhos e aqueles eram considerados, pela animosidade costumeira, os mais credenciados perseguidores dos escravos africanos. No enredo do bumbá essas duas bandas ocupam pólos opostos e não era de esperar outra atitude. Informemos agora o que vem a ser a banda de "histriões" conhecida pelo casal de negros "Pai Francisco (Nego Chico) e Mãe Catirina". No auto pastoril de Gil Vicente a personagem graciosa (bufa) aparece com o nome Mateus.

Também nessa altura é necessário convir que um aspecto da vida social anterior ao final do século dezenove foi introduzida como elemento contrapontístico, para quebrar a monotonia dos azares da boiada. Essa dupla de comediantes maltrapilhos já era conhecida nos bumbás antigos, não brasileiros, como "paiaços". Alguém poderia acreditar se tratasse de um recurso obtido por influência de Gil Vicente, porém ele é, afinal, o nó do discurso pantomímico que gera em cadeia as situações cômicas. Uma necessidade ao jeito da catarses aristotélica. O romantismo está presente com a sua corte de definições da natureza humana propensa ao maravilhoso, e não é de admirar. A morte e a ressurreição do animal querido, que ocorre nas "comédias de pássaros" faz parte de uma necessidade do homem, de acreditar no milagre, de opor-se à fatalidade da morte, e ao critério clássico de que todo ícone tem a sua ressurreição garantida após o terminal. Naturalmente os bumbás modernos omitiram a presença de outras figuras não menos atuantes como as carpideiras (lavadeiras), os urubus, as burrinhas, o feitor, o estandarte, as matracas (tabuinhas com que se acompanhavam as toadas), a lamparina nos chifres do "boi", só ocorrendo que alguns deles renasceram a burrinha, porque em determinado trecho do enredo se fala em montar a cavalo e ir em busca do Diretor dos índios. O enxerto, a julgar pela coordenação motivada pela existência o Diretório de índios do século dezoito, não me parece fora de propósito. A consabida divergência entre indíge-

nas e escravos africanos, de que resultavam mortes, obriga-nos a acreditar numa situação real que houvesse ferido a susceptibilidade dos organizadores do texto oral. Ora, a história refere que pelo menos duas dessas trágicas situações houve no Amazonas, sem contar certamente com outras havidas pelo Brasil a fora. O fato de uma situação social influenciar a grupos não eruditos, não é nova e nem nunca o será. O próprio texto do drama rural acolhe essa premissa; o grupo marujada já incluiu nos seus cantos, depois daqueles raides aéreos, de Sacadura e Ribeiro de Barros, a presença de aviões. O grupo folclórico parece prevenir-se contra a defasagem, acompanhando a rotina do progresso. Teria acontecido o mesmo com uma simples brincadeira de rapazes, denominada tourina? Nós não o afirmamos. Perguntamos ao tempo como se deram as perdas e aquisições, por uma necessidade psicológica de resistir ao tempo e uma mudança que o sentimento popular exige na sua época. Que bom ver um navio a vela, de árvore robusta, mantendo aviões em sua coberta. É o mesmo que ver num presépio de subúrbio umas casinhas de papelão e ao lado uma vaquinha três vezes maior. O grotesco se opondo ao natural, segundo o estilo de Victor Hugo. Ou o lírico fazendo resistência ao trágico, como nos poemas de Guerra Junqueiro. O sentimento que se goza não é o da perfeição estética, é o da perfeição eidética. Por isso, o maravilhoso que existe na ressurreição do "boi" não mexe com a capacidade cientifica e estética do erudito e ele não deve aproximar-se para inventariar defeitos nesse e naquele entrecho oral e/ou escrito do populário. Conta-e de Garret, que andou metendo o nariz nos relatos populares que escreveu, literatizando-os a seu modo e alvitre, com o que a sua obra, magnífica como literatura pessoal artística, perdeu todo o valor como documentário folclórico. O texto folclórico deve de ser recolhido com todos os seus erros de gramática e as suas idiossincrasias, a fim de prevalecer como documento de uma época. Se eu mudasse, por esnobismo, a palavra "rapazes" do texto oral do bumbá, para "empregados da fazenda", poderia ser mais compreensível para um leigo, mas roubaria do texto o sabor de uma sociologia cujo caráter e natureza não são mais disponíveis a qualquer um. E você pode constatar essa verdade vendo a semostração de um grupo folclórico atual. A visão escópica do fato folclórico dinâmico, ao ser recolhida, impressiona imediatamente o estado sensível do elemento popular, e o leva a dizer, com muita razão, aquela frase secular que marca a irreversibilidade do presente: "no meu tempo não era assim". Essa sentença já fora cunhada há séculos pelo tribuno romano Cícero, quando bradou: 'Ó tempora! Ó mores!". Fique certa, nada obstante, a juventude, de que o que se vai oferecendo aos olhos perquiridores não é, em absoluto, uma conquista do fato em si, coisa que seria natural, e sim uma atoarda violenta de estímulos interesseiros, de programada do mercado que abusa de tudo, até da ignorância dos testarrudos, para criar um "folclore artificial", em que o luxo espaventoso e a luxúria de "toadas" anacrônicas aparecem nitidamente como ornamentos de uma geração folclórica desmantelada à custa de dinheiro e de politicagem. A juventude pode escrever que nesse meu elogio do "bumbá" amazonense existe mais um tom de amarga censura, do que de louvor às exibições diárias nas tevês, de um folclore engarrafado para consumo diário do público.

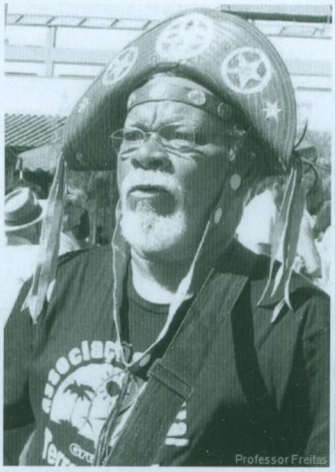
Oro sobre o cadáver do Folclore amazonense, predição que eu fiz há mais de dez anos, quando a Comissão Amazonense de Folclore deixou de participar daquela festa por mim inaugurada, pois a intromissão indébita do governo e de certas mentalidades jornalísticas, apressou a criação e recriação de motivos novos com vistas ao dinheiro oferecido nababescamente com intenções eleitoreiras.

Dito e confirmado em Manaus, maio de 1998.

Mário Ypiranga Monteiro
Presidente de Honra da Comissão
Amazonense de Folclore

O folclorista amazonense Mário Ypiranga Monteiro, aos 80 anos.

FRANCISCO SILVA DE FREITAS



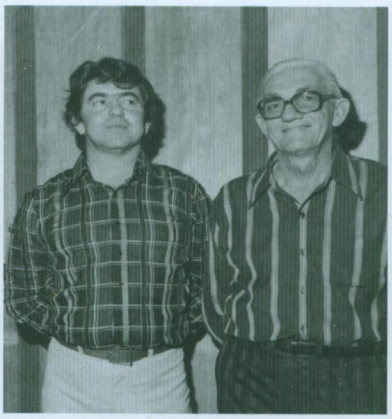
No dia 30 de outubro de 2010, houve o lamentável desaparecimento, em Fortaleza/CE, do Prof. Francisco Silva de Freitas, criador e coordenador do Grupo Parafolclórico "Terra da Luz". Cearense de Fortaleza capital Alencarina da Nossa Senhora de Assunção, nasceu em 17/02/1947.

Casou-se duas vezes, a primeira com Dona Estela Freitas, com quem teve três filhos (Freitas Jr., Paulo Henrique e Ronald), e a segunda, com Dona Angela Lúcia, com quem viveu até seus últimos dias, com quem teve um filho, Pedro Gabriel com que viveu até seus últimos dias. Amizade de longa data o ligava ao Prof. Sant'anna, que conheceu em Barretos, na década de 70, o grupo de danças do SESI de Fortaleza, que Freitas coordenava antes de criar o Terra da Luz, na década de 80. Em 2001, o grupo, muito querido dos olimpienses, foi cartaz do Festival do Folclore em sua 37ª edição. Embora o grupo fosse parafolclórico, o Prof. Freitas _ grande conhecedor da cultura popular brasileira _ não descurava do conteúdo folclórico nas manifestações que reelaborava, mantendo-lhes a fidelidade possível. Cantava com o grupo, dançava, era o apresentador. Bem humorado, alegre, espirituoso, entusiasta do folclore brasileiro, ele deixou Dona Ângela, também integrante do "Terra da Luz", e muitos seguidores que certamente darão continuidade a seu trabalho _ o melhor do modo de homenageá-lo, continuadamente.

MESTRE ZACARIAS

No dia 16 de março de 2011, faleceu na cidade de Guarujá (SP), o Mestre Zacarias de Matos, que trouxe seu Reisado de Sergipe, para Guarujá, em 1970, dando origem ao Grupo Reisado Sergipano e Bumba-meu-boi, em 1970. Participou com o grupo de inúmeros festivais, tendo sido também cartaz da nossa festa maior na 22ª etapa do evento. A Profª Maria aparecida de Araújo Manzolli, Coordenadora Geral do Setor de Folclore de Olímpia, em entrevista ao Blog do Concon, ressalta que o grupo, "tem contribuído para o sucesso e continuidade de nossos objetivos, que é a preservação da cultura popular brasileira". Mestre Zacarias recebeu, em 2008, o Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura.

JOÃO GIANOTTO



Outro grande desfalque para nossa festa maior também ocorreu em 27 de agosto de 2010, com o falecimento do Sr. João Gianotto (na foto, à direita, ao lado do Prof. José Sant'anna). Ele foi Presidente da Comissão Executiva do Festival do Folclore durante doze anos. Nascido em Olímpia, em 23 de janeiro de 1922, era agricultor, comerciante, casado com Dona Hermínia Néspolo Gianotto. Simpático, solícito, sempre muito disposto, ele auxiliou o Prof. José Sant'anna, com quem tinha grande amizade, desde os primeiros festivais, e ainda colaborava com a organização da nossa festa maior. Foi fundador do 1º Grupo de Violeiros de Olímpia, denominado "São João Batista." Deixou cinco filhos, Eloy Domingos, Maria Edwirges, João Norberto, José Luiz e Rubens Antonio.

DECRETO N.º 4.741, DE 02 DE JULHO DE 2010

Constitui a Comissão Executiva do 46.º Festival do Folclore a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna" (07 a 15 de agosto de 2010).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e na forma dos Art. 5º, letra "c" e 6º do Decreto Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941,

D E C R E T A:

Art. 1.º Fica constituída a Comissão Executiva do 46.º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 07 a 15 de agosto do de 2010, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Paulo Duarte Ferreira
Vice-presidente: Sonia Aparecida Najem Gallette
1.º Secretário : Dalva Marques Ferreira
2.º Secretário: Zuleica Carneiro Zangirolami
1.º Tesoureiro: Guiomar Midori Sato
2.º Tesoureiro: Rosi Aparecida Esteves More da Silva

Subcomissão Financeira:
Angelina Gaetano de Alencar
Antonio Alves da Silva Filho
Fabio Eugenio Calvo Vidal
Flavio Augusto da Silva Santos
Guiomar Midori Sato
João Carlos Amaro de Souza
Jorge Luiz de Freitas Carvalho
José Procópio Ribeiro
Paulo Cesar Pedroso
Paulo Duarte Ferreira
Rosi Aparecida Esteves da Silva

Subcomissão de Hospedagem e Alimentação:
Aparecida Zamperlini Zuliani
Eliana Antonia Bertoncelo Monteiro
Eudirce Benatti
Fátima Bernardes
Luiz Fernando Cintra
Moacyr Andrade
Nelciley Alves Tosta
Sergio Abe

Subcomissão de Decoração:
Leda Maria de Lima Ribeiro
Milene Gonçalves
Reoniquevones Brunhara Puttini

Subcomissão de Seleção de Interessados para Autorização de Uso do bem público em referência:
André Luiz Nakamura
Cássia Recco
Fábio Eugenio Calvo Vidal
Flávio Augusto dos Santos
Flavio Roberto Bachega
Jorge Luiz de Freitas Carvalho
Murilo Esteves da Silva
Paulo Cesar Pedroso

Subcomissão de Organização Cultural:
Antonio Clemêncio da Silva
Eliana Antonio Duarte Bertoncello Monteiro
Maria Aparecida de Araújo Manzolli
Maria Marlene Storto
Marise Aparecida Andreo E. F. Carvalho

Subcomissão de Desfiles:
André Luiz Nakamura
Dalva Marques Ferreira
Gilson Carlos Miranda
Neusa Aparecida Pereira do Santos
Roberto Arruda

Subcomissão de Apoio:
Cleber José Cizoto
Gilberto Tonelli Cunha
João Paulo Poliselo
Silvia Elisabeth Forti Storti
Luiz Gustavo Pimenta
Luiz Carlos Benites Biagi

Subcomissão de Manutenção e Limpeza da Praça de Atividades Folclóricas:
Aloizio Aparecido Louzada
Aníbal Tomazine
João Norberto Gianotto
Marcelo Renato Silva
Mário Covello
Roque Gil Neto

Subcomissão de Recepção:
Elisa Maria Spegiorim Gianotto
João Norberto Gianotto
Luiz Gustavo Cândido Travagin
Maria Filomena Q. Fernandes

Subcomissão do Estacionamento:
Antonio Alves da Silva Filho
João Carlos Amaro de Souza
Jorge Luiz de Freitas Carvalho

Subcomissão de Barracas:
André Luiz Nakamura
Cássia Recco
Fabio Eugenio Calvo Vidal
Flavio Augusto da Silva Santos
Flavio Roberto Bachega
Guiomar Midori Sato
Murilo Esteves da Silva
Paulo Cesar Pedrozo
Sidnei Carlos Schalc

Art. 2.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Registre-se e publique-se.
Prefeitura Municipal de Olímpia, em 02 de julho de 2010.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI
Prefeito Municipal

Registrado e publicado no setor competente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 02 de julho de 2010.

CLÉBER LUIS BRAGA
Diretor de Departamento – Expediente

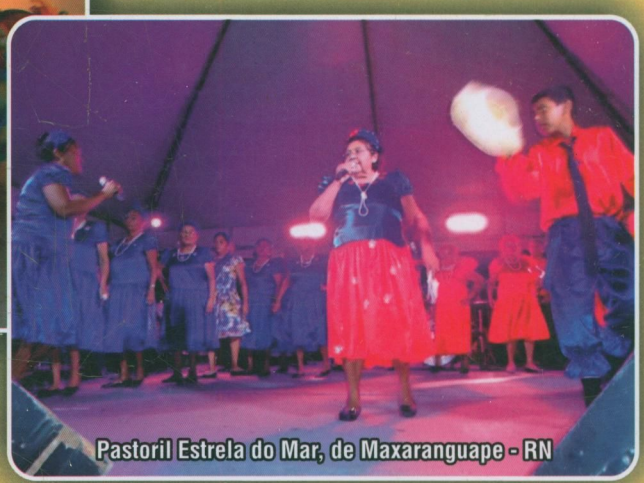
Boi Calemba Pintadinho, de São Gonçalo do Amarante - RN

Cabocolinhos, de Ceará Mirim - RN

Congos de Guerra, de Ceará Mirim - RN

Rei de Congo, de Major Sales - RN

Caboclos, de Major Sales - RN



Pastoril Estrela do Mar, de Maxaranguape - RN

Realização:

Secretaria Municipal de Cultura, Esportes Turismo e Lazer

PREFEITURA
Olímpia cada dia melhor pra você

Apoio:

Guarani
www.aguarani.com.br

Colchões Americanflex

SESCSP
www.sescsp.org.br
0800-118220

ProAC
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNO SÃO PAU

Projeto realizado com o apoio do Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura - Programa de Ação Cultural de 20